Antonio Cabral

Eça de Queiroz

LIVRARIAS
AILLAUD e BERTRAND
LISBOA

LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO — TELEFONE, 25988

ANTONIO CABRAL

EÇA DE QUEIROZ

A sua vida e a sua obra.
Cartas e documentos inéditos.

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS - LISBOA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
1916

PQ
9261
E3Z634
1916

922227

Todos os exemplares devem ser rubricados pelo auctor.

A. Cabral.

Tipografia "A Editora L.da,, — Conde Barão, 50 — Lisboa

A' memoria querida de meu irmão

Joaquim Cabral.

A meu irmão

Alexandre Cabral,

o meu melhor amigo.

Para desfazer equivocos como esse, assaz deploraveis, foi escripto este livro. A despeito da minha esquivez em tudo que denuncía presumpção, permitta-se-me crer que n'elle deixo aos que admiram Eça de Queiroz muitos elementos esclarecedores. Os que amam a obra do illustre romancista que escreveu *O crime do padre Amaro* e *O primo Bazilio*, toparão aqui a biographia exacta, embora tracejada sem brilho, do grande escriptor naturalista.

*

* *

Em Eça de Queiroz não havia — como elle diz do imaginario Fradique Mendes — «nem um sabio, nem um philosopho». A sua «suprema qualidade intellectual» era, como a do mesmo Fradique, «uma percepção extraordinaria da Realidade». Acima de tudo, Eça foi um requintado artista. A sua obra o affirma. Obra esplendida, encantadora no seu conjuncto, que seduz e delicía todos os que a lêem. Obra em que a ironia repuxa, leve e mordente, subtil e penetrante, a scintillar sempre n'umas lucilações tão vivas, que não ha pagina de livro seu, quasi não ha periodo por sua mão escripto, que não rebrilhe e rutile com extranho fulgor. A essa obra magnifica e aprimorada consagro a segunda parte do meu livro.

E o estylo? Trabalhava-o Eça com amor e carinho, com o esmero e o engenho d'um apurado e fino joalheiro. Por isso lhe sahia pérorolado de bellezas. Dir-se-hia que, antes de começar a escrever, o romancista calçava sempre o nobre cothurno atheniense, envergava a lustrada chlamyde dos artistas e coroava-se de myrto e de rosas — tal como as bacchantes que, outr'ora, se envolviam airosamente nas longas dobras do *peplum,* acolchetado no hombro, e ennastravam nos formosos cabellos grinaldas multicôres, para, assim enfeitadas, empunhando thyrsos a que se enroscavam hastes d'hera e pampanos, celebrarem com elegancia e graça as suas festas no Parnaso. E para Eça de Queiroz escrever e burilar periodos musicaes era, em verdade, uma primorosa e delicada festa.

Emquanto conheceu mal o seu paiz, em que abundam maravilhas de belleza, feriu-o cruelmente com alfinetadas de violenta e implacavel critica. Mas não lhe tardou a emenda do irremissivel erro. Ao fim da longa curva que seguiu na sua evolução literaria, a transformação por que passou o espirito do escriptor eximio era completa e elle pôde então ver os encantamentos da sua terra, cujas serras alcantilosas, a verdejar dos valles aos pincaros, algumas vezes o agasalharam á sombra de densos arvoredos, perfumados pelo aroma agreste

e picante das moitas floridas. N'essa hora de visão clara, Eça de Queiroz compoz e dedicou-lhes harmoniosos hymnos bucolicos a que deu toda a alma e em que nos parece ouvir o murmurio meigo dos regatos correndo, o chilrear alegre da passarada cantando, o sussurro confuso das ramarias beijadas pela viração, e tambem, de quando em quando, o som lugente dos sinos tocando, em campanarios distantes, á hora triste das doces Ave-Marias. E tanto amou as serras da sua terra, que a ellas quiz acolher-se, para n'esse refugio de paz viver o resto da vida, n'uma suavidade biblica, junto das arvores amigas, vendo os rebanhos pastar e os verdes milharaes crescer.

Não lhe permittiu Deus essa alegria. Eça de Queiroz morreu em terras estrangeiras, na grande cidade longinqua e não nas serras amadas. Finou-se com os olhos fitos em Portugal, na patria querida — «patria para sempre passada, memoria quasi perdida!» — em cujos annaes literarios deixou gravado o seu nome com caracteres tão firmes, tão vivos e de tal relêvo, que jámais do bronze da Historia o tempo os apagará.

Lisboa, janeiro de 1916.

PRIMEIRA PARTE

A Vida

CAPITULO I

Onde nasceu Eça de Queiroz?

> ... eu sou apenas um pobre homem da Povoa de Varzim.
>
> EÇA DE QUEIROZ. *Notas contemporaneas.* (Brasil e Portugal.)

Ensinam velhos papyros, maculados pelo pó de muitos seculos, que foram sete as cidades da Grecia antiga que disputaram a gloria refulgente e pugnaram pela honra suprema de se poderem condecorar com o titulo nobilissimo de berço de Homero. Smyrna, Chios, Colophonte, Phocea... sei lá! luctaram encarniçadamente em prol do direito que julgavam ter de se dizerem patria do quasi divino auctor da *Iliada.*

Nas brumas espessas d'um passado remoto, perde-se o rumor d'essas contendas epicas das sete cidades da Hellade heroica: a avaliar, porém, por aquillo que li não sei onde, os foros de Smyrna levam reconhecida vantagem aos das suas teimosas rivaes. Pelo que parece, a terra feliz que viu nascer Homero foi a pitoresca cidade de brancos eirados e ricos bazares, que se mira orgulhosa n'aquelle amplo golpho do mar Egeu a que deu o seu nome. Foi ali, em qualquer d'aquellas ruas estreitas e sujas, que se escalonam pelas encostas do monte Pagus, tendo em volta, nos valles circumdantes, uma fresca moldura

de searas, pomares, vinhedos e oliveiraes, que abundantemente produzem uvas loiras, figos saborosos, fructos opimos, e onde se fartam os rebanhos numerosos que dão ao grande centro de commercio levantino a lã velludinea e as macias pelles de cordeiros mais alvos do que a neve alpina — foi ali, na cidade das rosas aromaticas e das sedas cariciosas, que o grande Homero nasceu. E, no emtanto, segundo pelo miudo consta de pulverulentos cartapacios, apesar da supposta melhoria de direitos que Smyrna sempre allegou e julgou possuir, Chios, Colophonte, Kymé, Neontichos, Phocea, continuaram esforçando-se por ardidamente reivindicar a fama de contarem Homero entre os seus filhos mais dilectos.

Como tantas vezes a historia se repete! Batalha identica, embora em mais acanhadas proporções, nos nossos tempos e em terras nossas, se pelejou entre a Povoa de Varzim e Villa de Conde, as duas villas graciosas que vizinham em praias do Norte e se espelham, envaidecidas das suas bellezas, nas aguas marulhantes do nosso Atlantico. Ambas pretenderam ser a patria de Eça de Queiroz. Ambas talvez ainda hoje, de quando em quando, se entreolhem com o passageiro rancor que desune e separa duas rivaes sem razão encolerisadas.

O caso retumbante consta de varios jornaes do anno de 1906, que eu cuidadosamente reli, e d'um interessante opusculo, publicado n'esse mesmo anno pela illustre Commissão organisadora da homenagem que a Povoa de Varzim prestou a Eça de Queiroz, adornando com uma artistica lapide de bronze a casa em que o romancista nasceu. Foi assim: Quando faltavam poucos dias para a collocação da lapide n'um predio situado em uma das praças publicas da Povoa, rebentou, de surpreza, o clamor

estridulo que em Villa do Conde se alevantava, em contestação dos direitos da sua vizinha a chamar Eça de Queiroz seu filho. «Não! — bradavam os

Matriz-Collegiada de Villa do Conde, onde foi baptisado Eça de Queiroz

villacondenses — O romancista egregio não nasceu na Povoa. Foi aqui, n'esta nossa terra querida, que elle veio ao mundo, como prova o registo do baptismo, celebrado na freguezia da villa. Se elle aqui foi

baptisado, é evidente que aqui nasceu, pois que a lei da diocese só permitte que sejam baptisados em qualquer parochia os individuos n'ella nascidos.» E apontavam triumphantemente para o livro parochial, que garantia e afiançava, com innegavel rigor e absoluta verdade, que José Maria, filho de José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, neto paterno de Joaquim José de Queiroz e de sua mulher D. Theodora Joaquina d'Almeida Queiroz, nascido aos 25 de novembro de 1845, fôra solemnemente baptisado no primeiro de dezembro d'esse anno na Matriz-Collegiada de Villa do Conde, com imposição dos Santos Oleos, pelo reverendo Pedro Antonio da Silva Coelho, a quem o prior e arcipreste do districto, Domingos da Soledade Sillos, homem sabedor e consciencioso, prégador distincto e cavalleiro da Ordem de Christo, dera jurisdicção, sendo padrinho do neophito o Senhor dos Afflictos, com cujo resplendor o baptisante o tocou, e madrinha Anna Joaquina Leal de Barros, casada com Antonio Fernandes do Carmo, não tendo o pae da creancinha assignado o assento de baptismo por estar ausente em Ponte do Lima e de lá ter escripto ao prior de Villa do Conde uma carta, datada de 18 de novembro, que ficou junta ao referido assento, em que expressamente recommendava que d'este constasse o que n'elle effectivamente foi escripto (1).

Ao saber isto, a Povoa de Varzim vacillou, confusa... Como podia haver ousio para se lhe roubar tamanha gloria?! Indignada, correu a ler o registo esmagador, e depois, já mais tranquilla, retorquiu á

---

(1) É este o texto quasi completo da certidão de baptismo de Eça de Queiroz, de que possuo cópia. Por justa susceptibilidade faço algumas leves suppressões, e pelo mesmo motivo deixo de publicar aqui a carta do pae do romancista, a que o assento de baptismo faz referencia e cuja cópia tenho em meu poder.

sua cruel vizinha que d'esse documento não constava que fôsse Villa do Conde a terra em que Eça nascêra. Com effeito, no assento baptismal não estava mencionado o local do nascimento: apenas n'elle se lia que o prosador coruscante «... nasceu aos 25 de novembro de 1845 e no 1.º de dezembro foi solemnemente baptisado n'esta Matriz-Collegiada de Villa do Conde...». Depois d'isto, a Povoa de Varzim, febrilmente, amontoou provas sobre provas e com ellas alcançou demonstrar á sua antagonista e ao mundo que Eça de Queiroz nasceu a dentro dos seus muros, em uma casa da Praça do Almada.

Alem da tradição oral e da tradição escripta, que deram sempre á Povoa o titulo glorioso de patria do patriarcha do romance realista em Portugal, exhibiu ella um telegramma, em que Ramalho Ortigão, o irmão de letras de Eça, o seu amigo de mais de trinta annos, á pergunta que da Povoa de Varzim lhe fazia um dos membros da Commissão a que já me referi, respondia:

«Calhariz, 12 de outubro. Apresso resposta. Quei-«roz, baptisado Villa do Conde, nasceu na Povoa.

«*Ramalho Ortigão.*»

E no mesmo dia 12, o auctor brilhante de *A Hollanda* escrevia a carta que segue:

«Ex.mo Sr.

«Tenho a honra de accusar a recepção do convite-«circular que V. Ex.ª se dignou de me dirigir para «que tome pessoalmente parte na homenagem que «no proximo dia 14 do corrente mez a Camara Mu-«nicipal da Povoa de Varzim, a que V. Ex.ª tão digna-

«mente preside, deliberou prestar á honrada memoria «do insigne escriptor Eça de Queiroz, culminante «gloria das lettras portuguezas e meu inolvidavel «amigo.

«Tendo regressado ha poucos dias ao cumpri«mento das minhas obrigações em Lisboa, muito la«mento que n'esta occasião se me torne impossivel «acquiescer á honrosa convocação de V. Ex.ª

«Cumpre-me, porém, significar que, na minha «qualidade de humilde cidadão portuguez, profunda«mente me commove e me enternece o bello gesto da «municipalidade da Povoa de Varzim na glorificação «do seu conterraneo Eça de Queiroz.

«Se o applauso do mundo é o supremo galardão a «que podem aspirar na terra os grandes artistas, o «modesto registo do seu nome entre os penates do«mesticos, nos fastos dos pequenos logares em que «nasceram, será decerto o tributo mais doce, o mais «intimo, o mais amoravel e querido, para aquella «porção d'alma que d'elles mysteriosamente se possa «ter evolado e fundido nas harmonias da natureza «que nos envolve, no ar, na luz, no canto das aves, «no zumbido das abelhas, no sussurrar dos pinhaes, «no luzir das estrellas e no gemer do mar.

«Lisboa, 12 de outubro 906.

«De V. Ex.ª, etc.

«*Ramalho Ortigão.*»

Não se contentou, a Povoa, com este testemunho, aliás valiosissimo: pediu ao meu querido amigo Luiz de Magalhães — o piedoso revisor dos livros posthumos de Eça de Queiroz, que lhe dissesse o que sabia ácerca da naturalidade do romancista. O

filho de José Estevam respondeu em carta de 12 d'outubro de 1906, d'onde copio os primeiros periodos:

«Meu caro amigo:

«Pergunta-me o que sei sobre a naturalidade de «Eça de Queiroz. Julgo que não é verosimil que um «homem qualquer, toda a sua familia e as pessoas «da sua maior intimidade estejam em erro sobre a «terra em que elle tenha nascido. E Eça de Queiroz «sempre se disse *poveiro*: e *poveiro* o affirmaram «familia e amigos pelo conhecimento seguro que «tinham do facto do seu nascimento.

«Vejo agora... que um curioso descobriu o as«sento baptismal do nosso grande romancista nos «registros parochiaes de Villa do Conde. Dada a «quasi contiguidade das duas povoações — o facto «não admira. E, se no assento está declarada Villa «do Conde como a terra da naturalidade de Eça de «Queiroz, póde ser isso explicado por um engano, «não raro em casos taes.»

«.....»

Bastava isto, que era muito. Mas a Povoa não se declarava ainda satisfeita: queria esmagar a sua rival com o peso violento de provas indiscutiveis. E, assim, recorreu á *Relação e indice alphabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1865 para 1866*, etc., onde se lê, na lista dos alumnos do quinto anno de Direito, a paginas 55 e sob o numero 41, o seguinte:

«José M. d'Eça de Queiroz, filho de José Maria «d'Almeida Teixeira de Queiroz, natural da Povoa «de Varzim...»

Informação identica se lê na referida *Relação,* referente ao anno de 1861, em que Eça de Queiroz se matriculou no primeiro anno juridico, e nas que se seguem até 1865.

Ainda não contente, a Povoa pediu ao sr. dr. Mendes dos Remedios, ao tempo lente da Faculdade de Theologia e director da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, que lhe dissesse o que constava dos archivos academicos ácerca do logar do nascimento de Eça de Queiroz. Respondeu assim o illustre cathedratico:

«Meu Ex.mo amigo:

«Fui hontem ao Archivo da Universidade n'uma «aberta dos trabalhos da Bibliotheca e na gratissima «missão que me incumbiu — verificar o que diziam, «sobre a naturalidade do Eça, os documentos lá exis«tentes. Respiguei tudo, li tudo. E com excepção «da certidão do baptismo, que não indica o logar «do nascimento e diz sómente que foi baptisado «na «Matriz Collegiada de Villa do Conde», todos «os outros, em numero de oito, registram «Povoa «de Varzim» como logar do nascimento do glo«rioso romancista. Quer vêr? Aqui tem por sua or«dem, como se encontram, com outros, reunidos em «volume:

«1.º Requerimento pedindo prorogação para apre«sentação da certidão do exame de instrucção pri«maria que fizera na cidade do Porto; 2.º Certidão «do exame de Philosophia Racional e Moral e Prin«cipios de Direito Natural feito a 5 de outubro de «1858 e de Historia, Chronologia, etc., feito em 5 de «julho de 1859; 3.º Certidão do exame de Principios «de Physica, Chimica, etc., feito a 23 de julho de 1861; «4.º Certidão do exame de traducção de francez feito

«a 4 de outubro de 1858; (1) 5.º Certidão do exame «de Mathematica elementar, etc., feito a 13 de julho «de 1861; 6.º Certidão do exame de Oratoria, etc., «feito a 13 de julho de 1859; 7.º Certidão do exame «de Latinidade feito a 2 de outubro de 1858; 8.º Cer- «tidão do exame de Instrucção primaria feito a 17 de «julho de 1858.

«Bem. Oito. E em todos Povoa de Varzim *for «ever!...*

«Do seu grande amigo e etc.,

«*Mendes dos Remedios.*»

Era isto sufficiente? Ainda não! A Povoa, para de todo desbaratar a sua cruel inimiga, entendeu

---

(1) No artigo *O «Francezismo* com que fecha o livro de Eça de Queiroz, *Ultimas paginas*, lê-se a seguinte nota autobiographica:

«Quando cheguei na diligencia a Coimbra, para fazer o exame de «Logica, Rhetorica e Francez, o presidente da meza, professor do «Lyceu, velho amavel e miudinho, de batina muito aceada, perguntou «logo ás pessoas carinhosas que se interessavam por mim:

«— Sabe elle o seu francez?

«E quando lhe foi garantido que eu recitava Racine tão bem como o «velho Talma, o excellente velho atirou as mãos ao ar, n'um immenso «allivio.

«— Então está tudo optimo! Temos homem!

«E foi tudo optimo, recitei o meu Racine, tão nobremente como se «Luiz XIV fôsse lente, apanhei o meu *nemine*, e á tarde, uma tarde «quente d'agosto, comi com delicia a minha travessa d'arroz dôce na «estalagem do *Paço do Conde*.»

N'estas recordações da mocidade, Eça de Queiroz cae em algumas inexactidões.

Como se vê pelos documentos citados acima pelo sr. dr. Mendes dos Remedios, o illustre escriptor não fez o seu exame de Rhetorica no mesmo anno em que fez o de Philosophia e o de Francez. Estes dois foram feitos, com o de Latinidade, em outubro de 1858, e o de Rhetorica realizou-se, com o de Historia, em julho — e não agosto — de 1859.

dever ainda produzir o depoimento dos progenitores d'Eça de Queiroz. Foi seu pae o dr. José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, nascido no Brazil, que redigiu a *Chronica Litteraria da Academia Dramatica*, em Coimbra, com Teixeira de Vasconcellos e José Freire de Serpa; compoz, nos seus tempos de estudante, versos sonoros, subsistindo — no dizer de Camillo Castello-Branco — «entre as suas producções d'essa epoca um poema de extenso folego scotteano, intitulado *O Castello do Lago*.» Formou-se em 1841 e veio depois a ser juiz do Supremo Tribunal de Justiça, deputado em varias legislaturas, par do reino electivo pelo districto de Aveiro, fallecendo a 30 de janeiro de 1901. A mãe do romancista foi D. Carolina Augusta Pereira d'Eça.

O pae, o velho magistrado que eu ainda conheci, acurvado sob o peso dos annos e com os cabellos brancos do giar de muitos janeiros, escreveu:

«Ex.mo Snr.

«Cascaes, 31-8

«Apenas posso informal-o de que meu filho nasceu «n'uma casa, onde em 1845 morava o meu fallecido «parente Francisco Augusto Pereira Soromenho, em«pregado, que então era, na fiscalisação do pescado. «Ignoro o nome da rua.

«Assigno-me

«De V. Ex.a

«ven.or e criado

«*José Maria d'A. T. de Queiroz.*»

E a mãe do estylista eximio, por quem elle era fanatico, matou a questão assim:

«Ex.mo Snr.

«Venho assegurar que meu filho José Maria d'Eça «de Queiroz nasceu na Povoa de Varzim. Aproveito «esta occasião para agradecer a V. Ex.ª e a todas as «pessoas que tomaram parte na homenagem feita a «meu filho, pelo que estou muito grata e immensa-«mente reconhecida.

«Sou, etc.

«De V. Ex.ª, etc.

«6-11-906

«Carolina Augusta Pereira d'Eça de Queiroz.»

E era por tudo isto que o proprio romancista — como póde ler-se no artigo *Brazil e Portugal*, publicado nas *Notas contemporaneas*, paginas 57 e seguintes da segunda edição — de si dizia, em resposta endereçada de Bristol, em 14 de dezembro de 1880, ao fallecido escriptor Manoel Pinheiro Chagas:

«Você, bem sei, acha isto rizivel. Mas que diabo! «Você é um poeta, um orador, um luctador — e eu «sou apenas um pobre homem da Povoa de Varzim.»

A Povoa, depois de ter assim provado a sua gloria, triumphou, victoriosa. Eça de Queiroz era bem seu filho!

* * *

Sim. Eça de Queiroz nasceu na Povoa de Varzim, a 25 de novembro de 1845. Já vi escripto que elle nascêra em Ovar e tambem houve quem lhe desse Aveiro como terra de naturalidade, lendo-se até este

erro em uma encyclopedia franceza! (1). Puro engano, devido, provavelmente, a ser natural de Quintans, povoação situada n'este ultimo concelho, o avô do romancista Joaquim José de Queiroz, que mandou construir em Verdemilho, aldeia tambem pertencente ao concelho de Aveiro, uma casa nobre, cujos restos ainda hoje ali existem. É muito a proposito vem aqui referir que a *Revista historica de Portugal* (1846), a pag. 50, attribue a este antepassado de Eça de Queiroz uma acção importante na revolta de Aveiro, em 1828. Conheço um precioso exemplar d'essa *Revista*, enriquecido com notas manuscriptas do general visconde de Leiria, que interveio notavelmente n'essa revolta. Em uma d'essas notas assevera o general que o papel de Joaquim de Queiroz no referido movimento não foi de tanto valor como aquelle que no livro lhe é attribuido: estava, sim, ligado com os officiaes militares que se revoltaram, mas limitou-se a auxilial-os e nada mais.

O escriptor insigne nasceu na Povoa de Varzim. Foi ali, na grande e pitoresca villa de pescadores, tão risonha, alegre e alva, por fóra, quanto é suja e mal cheirosa nas ruas do bairro em que habitam os possantes e rudes trabalhadores do mar, que Eça de Queiroz foi dado á luz, na casa da Praça do Almada que hoje uma lapide de bronze assignala. Estou a ver a linda villa, cuja praia de banhos no verão ali chama e reune uma variada multidão ruidosa, que ás salsas aguas do oceano vae pedir força, conforto e saude. Casas brancas, ridentes, agrupam-se á borda do mar, cujas ondas se ennovelam e correm

---

(1) O proprio romancista commetteu esse mesmo erro em uma carta sem data, que dirigiu a Oliveira Martins e vae publicada na terceira parte d'este livro.

umas após outras, na ancia de se espreguiçarem na areia loira da praia. Os barcos de pesca, resvalando pelas arribas, empurrados pelos braços musculosos dos pescadores, singram depois, de vela ao vento, e lá vão, aguas alem, em demanda do peixe saboroso e tantas vezes da morte dos tripulantes... Uma população curiosa moureja e transita pelas ruas da povoação, em muitas das quaes a limpeza e o aceio deixam tanto a desejar. Em volta da formosa villa maritima, no estio cheia do rumor dos seus cafés, dos seus estabelecimentos, dos seus largos e das suas praças pujantes de banhistas, a verdura das collinas e dos campos alastra, a servir de fundo áquelle maravilhoso quadro de bellezas. E em frente alarga-se o mar immenso. Quando o sol se reflecte no dorso arqueado das vagas encrespadas, incendeiam-se faiscas deslumbradoras, que dão a lembrar que o Atlantico se volveu n'um profundo oceano de fogo... Outras vezes, as aguas arrogantes enroscam-se e embatem-se, furiosas e desesperadas, encastellam-se espumejantes, bramam e rugem como feras enraivecidas, fustigando a costa com violencia extrema, e então o espectaculo que o mar ali offerece é imponente, majestoso e sublime.

É linda, é encantadora, a Povoa de Varzim!

Foi ali, n'aquella povoação risonha, tão caracteristica, tão engalanada de graças, tão aformoseada pela Natureza prodiga, que Eça de Queiroz nasceu. Ninguem hoje póde roubar á afamada praia do Norte essa immarcescivel e immorredoura gloria. Comtudo, ás provas do processo que perante o publico foi instruido, e que este e a posteridade hão de julgar, quero eu tambem juntar aqui o meu depoimento. É simples e singelo, mas considero-o elucidativo e esclarecedor, pelas informações que pela primeira vez veem a publico ácerca do nascimento de Eça de

Queiroz, que é devido a um vulgar episodio amoroso, singelo romance em que seus paes figuraram. Quem sabe se d'ahi viria a sua aptidão para escrever os romances em que tanto se notabilisou?...

Apaixonado como sou por tudo o que respeita e se refere aos nossos escriptores illustres, procuro, sempre que posso, ler os papeis que lhes pertenceram, examinar com ternura os objectos que elles amaram, folhear os livros de que elles se serviram, visitar os sitios em que elles viveram. Ha mezes, tive a fortuna de compulsar um livro que foi de Camillo Castello-Branco e este genial escriptor illustrou com notas preciosas, como era sempre de velho costume seu escrever á margem de todos os papeis, obras literarias ou documentos que ia lendo. N'esse livro o auctor encheu paginas de critica referentes a Eça de Queiroz. Ao lado de umas d'essas laudas, Camillo, que nada ignorava, escreveu indicações interessantissimas ácerca do auctor do *Primo Bazilio*. É muito cedo ainda para publicar na integra algumas d'essas curiosas informações, que se prendem com casos intimos de familia. Não serei eu que o faça, apesar de terem vindo a publico muitos pormenores indiscretos em jornaes de epoca pouco remota. Quem fôr curioso e quizer conhecer minuciosamente tudo isto, a que de leve me refiro, leia as diversas cartas e correspondencias que da Povoa de Varzim e de Villa do Conde foram dirigidas ao *Jornal de Noticias*, do Porto, e este publicou na primeira quinzena de outubro do anno de 1906. O que posso, por agora, asseverar é que da frisante nota escripta por Camillo, que eu li e copiei, se deduz claramente que Eça de Queiroz não é natural de Villa do Conde: foi levado para lá, quando nasceu, e ali foi creado por uma ama, conservando-se na encantadora villa, que o grandioso mosteiro de

Santa Clara domina, até aos seis ou sete annos, indo então para a companhia dos paes. Afóra o que engeito, por natural melindre, é esta a summula da valiosissima apostilla de Camillo.

Ainda hoje, segundo me informam, se indica ao forasteiro, na gentil villa que as aguas do Ave emballam, a casa em que Eça nasceu. É falsa informação, que póde não ser propositada, mas sim de boa fé. Essa casa de Villa do Conde é aquella em que o escriptor notabilissimo foi amamentado e creado pela costureira Anna Joaquina Leal de Barros, casada com o alfaiate, e depois official de diligencias, Antonio Fernandes do Carmo. A casa em que elle nasceu é a da Praça do Almada, na Povoa de Varzim, onde, em 1845, residia Francisco Augusto Pereira Soromenho, parente do pae d'Eça de Queiroz, que, a esse tempo, era delegado do Procurador Regio em Ponte do Lima, onde tomára posse do seu cargo em 9 de julho de 1844 (*Gazeta dos tribunaes*, numero 2283, de 16 de março de 1857) (1).

Esta casa foi em 1906 ornada com uma bella lapide, obra de Teixeira Lopes, offerecida gentilmente por um grupo de povoenses residentes no Brazil. N'ella se lêem estes dizeres: — «A Eça de Queiroz — 1845 — 1900 — Homenagem de portuguezes residentes no Brazil.» A inauguração realizou-se no dia 14 d'outubro d'aquelle anno. N'esse dia, a

---

(1) Disse-se que o pae do romancista era juiz na comarca de Villa do Conde, em 1845. É erro. O juiz de Villa do Conde, como se póde ver na *Gazeta dos tribunaes*, n.º 2278, de 4 de março de 1857, era então o dr. Antonio Vaz Lobo d'Abreu, e o delegado do Procurador Regio era o dr. Joaquim Travassos Valdez, morando ambos na rua do Barroso — hoje rua Anthero de Quental — proximo do local onde residia a ama que creou Eça de Queiroz. Os dois magistrados eram das relações do pae do escriptor.

Povoa de Varzim engalanou-se e vestiu-se de festa. Um imponente e vistoso cortejo, em que figuravam as auctoridades civis e militares, a imprensa, a camara municipal, funccionalismo, convidados, percorreu as principaes ruas da villa, ao som das bandas de musica, sendo a lapide descerrada pelo meu amigo e antigo collega na camara dos deputados da Nação, dr. Antonio Silveira, a esse tempo presidente da camara municipal da Povoa. Pronunciaram-se varios discursos, a imprensa jornalistica publicou numeros especiaes e á noite a villa fulgia e rebrilhava com as illuminações deslumbrantes que a enchiam de luz e de alegria.

Aos festejos com que então a Povoa de Varzim se honrou, honrando a memoria de Eça de Queiroz, foi, de Cascaes, assistir, como representante da familia, o snr. José Maria Eça de Queiroz, filho do escriptor primoroso e então alumno do Curso Superior de Letras.

Creio que depois de tudo o que ahi fica singelamente exposto, se reconciliaram as duas villas rivaes e vizinhas, ambas encantadoras e cheias de graça, um momento desavindas em disputa accêsa — honrosa para ambas — sôbre os direitos ao titulo magnifico de berço do grande escriptor naturalista. Se não reataram as relações d'amizade, afrouxadas por este incidente, devem congraçar-se agora, porque se em uma d'ellas Eça veio ao mundo, onde tão bellamente deixou assignalada a sua passagem de escriptor de raça, na outra creou-se, passou os annos da primeira infancia, e lá aprendeu a balbuciar a lingua portugueza, a que depois deu fórmas novas, musicaes, graciosissimas, enriquecendo a literatura da sua patria com paginas magistraes, de inegualavel valor.

A Povoa de Varzim e Villa do Conde podem am-

bas orgulhar-se pela honra que as condecora. Uma viu nascer e a outra viu crear Eça de Queiroz. Ambas lhe queriam como se quer a um filho glorioso. Com certeza elle muito amava as lindas villas do Norte, e póde jurar-se afoitamente, sem perigo de o fazer em falso, que no seu coração cheio de ternura havia affecto bastante para repartir pelas duas.

CAPITULO II

Eça de Queiroz em Coimbra

A questão Coimbrã

> Em Coimbra, na ardente e phantastica Coimbra do meu tempo...
>
> EÇA DE QUEIROZ. *Cartas familiares e bilhetes de Paris.* (Capitulo IX).

> ... essa Coimbra, de tão lavados e doces ares...
>
> EÇA DE QUEIROZ. *Anthero de Quental — In memoriam.* (Um genio que era um santo).

Sempre que tenho de referir-me a Coimbra, quer falando, quer, como agora, escrevendo, confrange-se-me o coração e humedecem-se-me os olhos, de pura saudade da vida feliz que lá passei. E' que n'este apressado resvalar para a morte, lembram-me, a cada passo, os dias despreoccupados do meu tempo de estudante, os annos risonhos da mocidade longinqua, doirados a plena luz pelo sol alto das illusões. Recordo tudo o que amenisou e encheu de alegria o meu descuidado viver de rapaz e vejo então, n'esta hora tardia da existencia, banhada pelo triste luar da minha pena, alcandorada no seu outeiro de encantos, a linda cidade da linda Ignez, onde leves foram as dôres que me affligiram e vivos os prazeres que me afagaram.

Vejo, como se ainda lá estivera, o velho burgo de aspecto medieval, de ruas estreitas e ladeirentas, de casas apinhoadas no declive do monte, coroado pelo alcaçar da sciencia, e em volta aquellas collinas floridas, aquelles prados verdejantes, aquelles brancos casaes sorridentes, aquellas insuas e aquelles pomares de doces fructos, e o Mondego espelhado a murmurar e a fugir por entre os espessos sinceiraes que lhe franjam as margens. Vejo as *fogueiras* do S. João e as danças animadas em que as capas negras dos estudantes se acasalavam com os chales multicolores das tricanas travêssas, que de madrugada, já sol nado, levando no peito ramos de cravos vermelhos, iam em ranchos alegres, cantando canções d'amor, beber a agua limpida e pura da fonte do Castanheiro. Vejo o Penedo da Saudade — e de saudade me esmorece a alma quando na minha imaginação se desenha a incomparavel paisagem que de lá se avista — e os olivedos do valle e mais longe, abrindo rasgões no azul, os escuros pinheiros das encostas, que lhes dão uma tão suave e doce melancolia.

Ainda agora me parece estar ouvindo as guitarradas suspirosas, o languido gemer do fado nas cordas soluçantes e as cantigas á desgarrada, sôltas de gargantas sonoras, que em noites inolvidaveis espalhavam tanto rumor e tantos jubilos pela encantadora cidade da minha juventude. Estalam ainda aos meus ouvidos os risos francos, as gargalhadas estridentes, os gritos, os brados, as imprecações, o ruido d'uma academia turbulenta e irrequieta como um grande mar de vagas agitadas marulhando-se, espumejantes, umas de encontro ás outras.

E aquellas frescas e orvalhadas manhãs de maio, da côr das rosas e do oiro, tão puras e tão luminosas como as não ha n'outra terra, perfumadas pelo

delicioso aroma dos laranjaes e da madresilva? E as noites primaveris, de lua cheia, em que eu ouvia os rouxinoes emboscados nas moitas escuras e nas cerradas ramarias encher de gorgeios e de cantares os densos arvoredos do Jardim Botanico? E os passeios ao Choupal, ou em barco, rio acima, até á Lapa dos Esteios, á curva da Portella, mais longe ainda? E as airosas raparigas, de saia arregaçada, mergulhando no Mondego de aguas claras a bilha de barro menos vermelho que os seus labios entreabertos em meigos sorrisos? E aquellas casas e quintas historicas, onde correram lagrimas e sangue, e aquelles mosteiros dos arredores, onde outr'ora a Rainha Santa e as monjas de perfil torturado rezavam, pedindo a Deus que cobrisse de gloria e honra os heroicos batalhadores cobertos de ferro, que por longes terras andavam ás lançadas aos castelhanos e aos sarracenos? E aquelles melancolicos horisontes e aquelle sol fulgente e aquelle ceu azul a arquear-se por sobre as bellezas d'um quadro de tanto colorido e de tamanho encanto? Ah! que é recordando tudo isto que eu sinto os olhos vidrados de lagrimas e na alma entristecida vibrar mais forte e mais funda a mais dolorida saudade...

Querida Coimbra! Vi Napoles, Florença, Roma; ouvi gorgolejar as aguas do Adriatico nos canaes romanticos da doce Veneza das gondolas; visitei muitas vezes a Suissa, a Allemanha, a Austria, a Hungria; fui á Hollanda, á Inglaterra, á França, á Hespanha, á Belgica; desci o Rheno e admirei as suas margens, ora macias, ora rudes, e sempre tão pitorescas, coroadas por castellos roqueiros, povoados de tradições e de lendas; percorri a Floresta Negra e admirei os seus valles profundos e o aprazivel pendor das suas viçosas encostas. Conheço quinze capitaes da Europa e um sem numero de ci-

dades bellas, grandiosas, gentilissimas: nenhuma tem, para mim, a poesia e a graça da querida Coimbra da minha mocidade. Aquellas possuem mais ricos palacios, mais amplas e longas avenidas, praças magnificentes e monumentos sumptuosos; mas os seus rios são encanados, é artificial a paisagem que as cêrca, foi lá opprimida e estrangulada sem dó a Natureza. Em Coimbra não: tudo é natural, gracioso, sinceramente bello, e ha tal suavidade e doçura tanta n'aquelle ceu, n'aquelles campos, no seu rio, no verdor dos seus arvoredos, na frescura dos salgueiraes, no recorte d'aquelles esfumados outeiros, na cidade aninhada em meio de tantas bellezas, que os meus olhos, quando ali pousam, enlevados, não se cançam de admirar maravilhas e o meu coração, quando d'ali se aparta, magoado, para lá foge logo nas azas da mais viva saudade.

Se foi lá que eu pude gozar os unicos annos verdadeiramente alegres da minha vida!...

*
* *

Quando, em outubro de 1873, fui para Coimbra, estudar os primeiros preparatorios, mais de uma geração academica tinha passado sobre a formatura de Eça de Queiroz. Já ali se não lembrava alguem do tristonho rapaz que por lá andára, desconhecido, e que viria a ser depois romancista e escriptor célebre. Devo dizer tambem que não cuidava eu então, creança ainda, de pedir noticias suas: procurei-as mais tarde, com extremado interesse, e vou transmittil-as agora aos meus leitores.

Sahido de Villa do Conde, em 1851 ou 1852, para a companhia de seus paes, tendo apenas seis ou sete annos, Eça de Queiroz, com pouco mais de doze

annos e meio de edade, fez no Porto — onde o pae era juiz no segundo districto criminal, desde 17 de maio de 1856 (1) — o seu exame de instrucção primaria, no dia 17 de julho de 1858, e estudou depois, n'um collegio, os preparatorios, fazendo em Coimbra os respectivos exames. Elle o diz, como já consta d'uma nota do capitulo anterior, no artigo *O «Francezismo»*, publicado no seu livro posthumo *Ultimas paginas:*

«Quando cheguei na diligencia a Coimbra, para fa-«zer o exame de Logica, Rhetorica e Francez, o pre-«sidente da meza, professor do Lyceu, velho amavel «e miudinho, de batina muito aceada, perguntou logo «ás pessoas carinhosas que se interessavam por mim:

«— Sabe elle o seu francez?

«E quando lhe foi garantido que eu recitava Ra-«cine tão bem como o velho Talma, o excellente ve-«lho atirou as mãos ao ar, n'um immenso allivio.

«— Então está tudo optimo. Temos homem!

«E foi tudo optimo, recitei o meu Racine, tão no-«bremente como se Luiz XIV fôsse lente, apanhei o «meu *nemine*, e á tarde, uma tarde quente d'Agosto, «comi com delicia a minha travessa d'arroz dôce na «estalagem do *Paço do Conde.*»

Em outubro de 1861, quando ia completar dezaseis annos, entrou o futuro romancista na Universidade, matriculando-se, com o numero 124 — o penultimo do curso — no primeiro anno juridico (2). Foi morar

---

(1) Veja-se a *Gazeta dos tribunaes*, numero 2283, de 16 de março de 1857.

(2) No segundo anno de Direito José Maria d'Eça de Queiroz foi o numero 97 do seu curso; no terceiro anno, o numero 99; no quarto anno, o numero 86 e no quinto anno o numero 41.

na rua do Loureiro, numero 12, em casa do dr. José Doria. Era uma casa particular, que recebia alguns estudantes de certa distincção e em cujo quintal frondejava a chamada *arvore dos Dorias*, magnifico exemplar de enramada copa, que se avistava de grande distancia, em meio da empinada ladeira da cidade, e actualmente já não existe (1). Ali residiu Eça de Queiroz durante o seu primeiro e o seu segundo anno da Universidade, sahindo, no fim d'este, de casa do dr. José Doria e indo morar na rua do Salvador, numero 16, onde se conservou até á conclusão da sua formatura, tendo por companheiro o seu condiscipulo Francisco Antonio de Carvalho Lamas, que depois foi primeiro official do governo civil do Porto.

Nas *Prosas barbaras*, no interessante capitulo que tem por titulo *Uma carta* — dirigida ao seu intimo amigo, de toda a vida, Carlos Mayer — refere-se, o escriptor illustre, em traços breves, ao seu quarto de estudante. Escreve elle:

«O meu quarto, no Salvador, era mais austero. «Na parede, havia pintada a carvão uma grande «cruz. Em redor, estavam escriptos versiculos da Bi«blia e disticos da *Imitação* .....

«Reunia-se alli um concilio formidavel.»

---

(1) No romance de Eça de Queiroz, *O primo Bazilio*, quando, no capitulo XI, o conselheiro Accacio faz a descripção de Coimbra, lá vem a recordação da *arvore dos Dorias*, a cuja sombra o romancista se acolheu, durante dois annos lectivos em que junto d'ella morou. Leiam-se estas palavras do referido capitulo:

«Para além logo uma copada arvore vos attrahe as vistas: é a celebrada *arvore dos Dorias*, que dilata seus seculares ramos no jardim «d'um dos membros d'esta respeitavel familia.»

Da mobilia do quarto póde fazer-se ideia pelo que Eça escreveu no seu artigo *Um genio que era um santo*, inserto no livro *Anthero de Quental — In memoriam*, dedicado ao poeta das *Odes modernas*:

«Era o hereditario quarto da velha Coimbra, com «as portas rudemente besuntadas de azul, o tecto alto «de madeira fusca, e a cal das paredes riscada por «todas as cabeças de lumes-promptos que em cin-«coenta annos ali se tinham raspado, com preguiça, «para acender a torcida de azeite, á hora triste em «que toca a «cabra». A um canto um leito de ferro, «n'um alinho rigido. Deante da janella a banca de «Coimbra dos meus tempos, taboa de pinho sobre «quatro pés toscos, onde uma Biblia, um Virgilio, o «caderno de papel, o maço dos cigarros, poisavam «n'uma ordem curta e arida.»

Convivendo principalmente com rapazes da aristocracia, como me disse um illustre professor do Curso Superior de Letras, seu contemporaneo em Coimbra, Eça de Queiroz, apesar do seu espirito agudo e vivaz, foi, como estudante, quer nas aulas, quer fóra d'ellas, uma figura apagada e sem relêvo, ao tempo em que os dois academicos da sua geração, Anthero de Quental e o sr. Theophilo Braga, já eram literariamente conhecidos, tendo o primeiro dado á publicidade, em 1861, os *Sonetos* e, em 1863, a *Beatrice*, e o segundo, no anno de 1864, o seu poema *Visão dos tempos*. Pelas ruas, andava Eça quasi sempre só, com a capa muito enrolada em volta do pescoço e a melena escorrida bem adherente á testa descorada. Os que com elle conviviam consideravam-n'o communicativo, conceituoso, observador intelligente e perspicaz, tendo bons ditos e fina ironia, que não vulgarizava, mas os que o não conhe-

ciam com intimidade e o viam apparecer no pateo da Universidade, silencioso, timido, quasi encolhido, não se exhibindo em conversas ruidosas de grupos alegres, tinham-n'o em conta de camarada trivial e mediocre. Na rua do Borralho, na casa em que, com outros estudantes, morava o actual cathedratico da faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, sr. dr. Philomeno da Camara, reuniam-se frequentemente Anthero de Quental, o sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello-Branco, Lobo de Moura, o sr. Manoel d'Arriaga e outros: discutiam, com ardor juvenil e superabundancia de vozes e gestos, religiões, philosophias, historia, literatura, esthetica; mas n'essas reuniões e discussões inflammadas não tomava parte Eça de Queiroz, que não pertencia ao grupo dos intellectuaes d'então, mas foi sempre applicado e estudioso, como me dizem informações directas de dois condiscipulos seus, conjugadas com as d'outro antigo academico da sua geração, hoje magistrado illustre aposentado, e segundo o que elle proprio dá a perceber em varias passagens dos seus escriptos. Leia-se, por exemplo, o que Eça escreve no principio do seu artigo *Um genio que era um santo,* já atraz citado:

«Em Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou «Maio, atravessando lentamente com as minhas *se-«bentas* na algibeira o Largo da Feira, avistei sôbre «as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas «pela lua, que n'esses tempos ainda era romantica, «um homem, de pé, que improvizava.»

E ainda no artigo *O «Francezismo»,* que tambem já citei:

«... apenas entrei na Universidade, fui abrindo o «meu rego de bacharel atravez de livros francezes.»

E mais adeante:

«Ora naturalmente até aqui, simples estudante, «eu do vasto mundo só vira, só me interessava, por «aquelle detalhe que mais se relaciona com o estu- «dante — o compendio. E só encontrava, só respirava «o francez. Mas depressa, comprehendendo que por «aquelle methodo de decorar todas as noites, á luz «do azeite, um papel lithographado que se chama a «*sebenta*, eu nunca chegaria a poder distinguir, juri- «dicamente, o justo do injusto, decidi aproveitar «os meus annos moços para me relacionar com o «mundo.»

Apesar de não ter collaborado nos jornaes academicos do seu tempo, *Phosphoro*, *Attila*, *Tira-teimas*, *Crysalida* e outros, as tendencias e inclinações do futuro romancista, que já nos seus annos de estudante, mesmo nas aulas, lia sempre romances e livros varios, eram mais para a literatura do que para a jurisprudencia. Para prova, veja-se este trecho do alludido artigo *O «Francezismo»*:

«Em todo o tempo que vagueei pelas margens do «Mondego, creio que não abri um livro portuguez, a «não ser, em vesperas d'acto, e com infinita repu- «gnancia, a *Novissima Reforma Judiciaria*. Mas «conhecia, como todos os meus amigos, cada roman- «cista, cada poeta francez, não só na sua obra, mas «na sua vida — nos seus amores, nos seus *tics*, e no «seu estado de fortuna.»

Comtudo, Eça de Queiroz foi sempre um *musico afinado*, como se dizia em calão academico do meu tempo de Coimbra, limitando-se a reproduzir a *sebenta*, quando era chamado á lição pelo professor,

e obtendo justa approvação *nemine discrepante,* no fim dos annos escolares. Nunca deu lição d'*urso,* isto é, de estudante classificado. Um dia em que o dr. José Doria e pessoas da familia de Eça de Queiroz assistiam á aula de José Dias Ferreira, este chamou o futuro escriptor á lição, que elle disse muito correctamente. O curso julgou que essa lição fôra pedida ao professor, e as circumstancias abonavam tal juizo. Apesar d'isso, Eça, que aspirava a ser classificado, não o foi, apesar de alguns condiscipulos entenderem que elle merecia uma distincção. Nos annos seguintes, estudava só para cumprir.

Pertenceu elle a uma notavel geração academica, em que havia rapazes de raro valor, cheios de fogo e de talento, destacando-se entre todos, como primacial figura, Anthero de Quental. A respeito d'este e da sua geração de estudante, escreveu Eça, no artigo *Um genio que era um santo,* transcripto nas *Notas contemporaneas,* as palavras que seguem:

«N'esse tempo elle era em Coimbra, e nos domi-
«nios da intelligencia, o Principe da Mocidade. E com
«razão — porque ninguem resumia com mais brilho
«os defeitos e as qualidades d'aquella geração, rebelde
«a todo o ensino tradicional, e que penetrava no mundo
«do Pensamento com audacia, inventividade, fume-
«gante imaginação, amorosa fé, impaciencia de todo
«o methodo, e uma energia arquejante que a cada
«encruzilhada cançava.»

E depois, em seguida a um furibundo libello contra a Universidade, estes periodos:

«No meio de tal Universidade, geração como a
«nossa só podia ter uma attitude — a de permanente
«rebellião. Com effeito, em quatro annos, fizemos, se

«bem me recordo, tres revoluções, com todos os seus «lances classicos, Manifestos ao Paiz, pedradas e «vozearias, uma pistola ferrugenta debaixo de cada «capa, e as imagens dos Reitores queimadas entre «danças selvaticas. A Universidade era com effeito «uma grande escola de revolução: — e pela experien-«cia da sua tyrannia aprendiamos a detestar todos «os tyrannos, a irmanar com todos os escravos. O «nosso enthusiasmo pela Polonia nascia de nos sen-«tirmos opprimidos como ella por um Czar de borla «e capello, que se chamava Bazilio. Aquelles de nós «que hoje leiam uma Historia da Vida e da Sociedade «em Roma, nos fins do seculo XVIII, quando toda a «cultura livre era vedada, e a banalidade tinha a es-«tima do governo por ser uma condição de docilidade, «e os melhores bens se obtinham pela intriga e o «favoritismo, e se educava o homem para a baixeza, «e a independencia se arrancava como herva vene-«nosa, e a policia intervinha até na maneira de atar «a gravata, e não se permittia aos cidadãos andar «fóra de casa depois das *Avé-Marias*, — julga ver a «escura imagem da vida universitaria ha trinta an-«nos, quando se impunha ao estudante, com a batina «de padre, a regra canonica do *Gesú*. E era por nos «sentirmos envolvidos n'uma oppressão theocratica, «que alem de pendermos para o Jacobinismo, tendia-«mos, por puro acinte de rebeldia, para o Atheismo. De «sorte que a Universidade, ultra-conservadora e ul-«tra-catholica, era não só uma escola de revolução «politica, mas uma escola de impiedade moral.

«Anthero resumiu, com desusado brilho, o typo «do academico revolucionario e racionalista: e d'ahi «começou a sua popularidade — e a sua lenda. Não «recordo, nem sei se é historica, essa temeraria noite «em que elle, durante uma trovoada e de relogio na «mão, intimou Deus a que o partisse com um raio,

«dentro de sete minutos, *no caso de existir*. Descon-«fio do altivo episodio. Anthero não tinha relogio; a «sua exegese era já muito fina para assim confun-«dir as maneiras de Jehova com as de Jupiter: — e, «se lançou o desafio satanico, foi rindo alegremente, «do excesso da sua phantasia. Mas é certo que elle «se affirmou sempre como o Grã-Capitão das nossas «revoltas, desde aquella que derrubou o bom tyranno «Bazilio, até á que nos levou para o Porto, uma noi-«te, entre archotes, ganindo a Marselheza. Todos os «Manifestos ao Paiz», que a tradição nos impunha «no começo d'estas sedições, sahiam da penna de An-«thero: — porque já elle era, alem da melhor ideia da «Academia, o seu melhor verbo.»

No seu livro, *Cartas familiares e bilhetes de Paris*, referindo-se aos seus tempos de Coimbra e á sua geração academica, tambem Eça de Queiroz escreveu no *Bilhete III* do capitulo IV:

«Em Coimbra eu assisti aos delirios mais varia-«dos — e de todos partilhei. Fizemos tres revoluções; «derrubámos Reitores excellentes, só pelo prazer de «derrubar e exercer a força demagogica; proclamá-«mos uma manhã a libertação da Polonia, mandando «um cartel de desafio ao czar; penetrámos, em com-«missão n'um cemiterio para intimar a Morte a que «nos revelasse o seu segredo; destruimos uma noite, «atravez da cidade, todos os mastros e arcos de buxo «e mólhos de bandeiras e obeliscos de lona, erguidos «para celebrar não sei que gloria nacional, porque el-«les contrariavam as leis da nossa Esthetica; aban-«donámos a Universidade, n'um clamoroso exodo, «para ir fundar nos arredores do Porto uma civilisa-«ção mais ou menos em harmonia com o nosso hor-«ror aos compendios; atacámos e dispersámos pro-

«cissões por as não considerar sufficientemente es-
«piritualistas; organisámos uma associação secreta
«para renovar a guerra dos Titães e destronar Je-
«hova... Fomos medonhos — e quasi todos os annos
«nos batemos com as tropas que o governo mandava
«para nos manter dentro da decencia e do raciocí-
«nio.»

Ainda nos *Contos*, ao referir-se áquelle loiro José Mathias, de «bigode crespo de paladino», Eça de Queiroz dedica á sua geração de Coimbra estas breves palavras:

«Além d'isso, na nossa ardente geração, elle foi o
«unico intellectual que não rugiu com as miserias da
«Polonia; que leu sem pallidez ou pranto as *Contem-*
«*plações*; que permaneceu insensivel ante a ferida de
«Garibaldi!»

Famosa foi, sem duvida, a geração academica de 1861 a 1866, a que Eça de Queiroz dedica fogosos periodos de tão ardoroso enthusiasmo. A essa geração pertenceram, alem do romancista illustre, homens notaveis, como Anthero de Quental, poeta e philosopho; Alberto Sampaio, escriptor distincto; Germano Vieira de Meirelles, jornalista esclarecido; Rodrigo Velloso, tambem jornalista e advogado; Guimarães Fonseca, literato de grande brilho; Antonio d'Azevedo Castello-Branco, poeta e estadista; Vieira de Castro, orador fluente e eloquentissimo; João Candido de Moraes, o bondoso e intelligentissimo engenheiro açoreano, que foi parlamentar de relevo e tão bem falava que lhe chamavam o *Canario das ilhas*; e Fernando Rocha, Santos Valente, Cerqueira Lobo, José Falcão, Lobo de Moura, e muitos outros que depois foram homens de vulto na politica, na litera-

tura, no parlamento, na magistratura, na imprensa, na advocacia e no exercito. Ousada e bulhenta, revoltada e folgazã, sempre irrequieta, sempre amotinada, essa geração deixou nome nos annaes da academia conimbricense.

*
* *

A *tres revoluções* se refere varias vezes o auctor das *Notas contemporaneas* nos trechos que atraz ficam transcriptos. Que movimentos sediciosos foram esses? Que insurreições, que motins, que tremendos reboliços promoveu a academia de Coimbra, durante os annos em que a ella pertenceu o que viria depois a ser um dos mais illustres escriptores de Portugal?

Vão os leitores dilucidar-se, se quizerem percorrer as paginas que seguem.

No anno lectivo de 1861 a 1862, quando Eça de Queiroz se matriculára no primeiro anno juridico, cursaram de novo a Universidade varios estudantes que a rigidez e a severidade do austero reitor de então, conselheiro Bazilio Alberto de Sousa Pinto, lente de prima jubilado da faculdade de Direito, haviam feito riscar temporariamente, impedindo-os de frequentar as aulas. O prelado universitario, homem alto e sècco, de perfil energico e decidido, que eu ainda conheci em Coimbra — já então agraciado com o titulo de visconde de S. Jeronymo — percorrendo, a cavallo, as ruas e os arredores da cidade, exigia e determinava, em edital afixado na Universidade, o cumprimento exacto e rigoroso dos estatutos pombalinos, impondo á academia uma ferrea disciplina. Os estudantes, sujeitos á fiscalização aturada dos verdeaes, eram obrigados a entrar nas aulas com

cabeção ecclesiastico, batina abotoada, meia preta e sapatos como usam os padres, sendo apenas dispensadas as fivelas. A loba desabotoada ou a bota de elastico eram consideradas transgressões subversivas. Troças aos caloiros — prohibidas. Prohibidas tambem as estrondosas manifestações de alegria das vesperas de feriado. A' menor falta, o reitor fazia internar os estudantes na cadeia academica. A academia respirava uma atmosphera densa e crassa...

O proprio corpo docente vivia desassocegado. Conta-se que o lente da faculdade de Direito, sr. dr. Ayres de Gouveia, que então ainda não era bispo de Bethesaida, nem arcebispo de Calcedonia, nem sequer simples sacerdote, mas sim um luzido janota, de bem tratado bigode e rosa fresca a florear-lhe sempre a banda do casaco, fôra, um dia, chamado pelo reitor, que lhe exigiu o córte do bigode, por considerar um censuravel escandalo não andar um lente de cara toda rapada.

— Prelado, — diz-se que lhe respondera o sr. Ayres de Gouveia — na minha cara só eu govérno!...

E sahiu, deixando o chefe supremo da Universidade espantado com a audacia de tão desrespeitosa resposta.

Tal situação, devéras tensa e violenta, não podia prolongar-se e durar, sem protesto colerico e reacção impetuosa da academia irritadissima, incitada e impellida a excessos, ao que parece, por um ou outro professor a quem a aspereza do seu prelado desagradava e feria. Alguns estudantes mais valentes, reagindo á severidade do rispido reitor, juntavam-se em grupos e perseguiam, a horas mortas, os caloiros tresnoitados. Outros, tambem por noite velha, praticavam toda a casta de desacatos, contra os quaes nada podia a policia universitaria, constituida

pelos inoffensivos archeiros, que se encolhiam, timidos e apavorados! Era um terror por toda aquella Coimbra...

Assim se chegou ás vesperas da distribuição de premios aos estudantes laureados, que se realizava, todos os annos, a 8 de dezembro, dia da festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Universidade.

Um estudante adventicio, Alfredo Mantua, rapaz de grande merecimento, que não chegou a formar-se e que um dia, dando lição na cadeira de *Direito ecclesiastico*, fez affirmações de tanta heterodoxia que os alumnos theologos sahiram da aula, doridos e escandalisados — propoz então a alguns amigos, como infallivel meio de fazer cahir o reitor do seu pedestal de tyranno, que a academia lhe voltasse as costas e sahisse da Sala dos Capellos no momento em que elle iniciasse a allocução que lhe competia e que era de uso fazer na solemnidade da distribuição dos premios. Foi aceito, como era de esperar, o arrebatado e sedicioso alvitre. Adeante se verá como foi posto em pratica.

Para dar combate ao despotismo de Bazilio Alberto, diligenciando a sua queda, e tambem para levantar a academia do seu extremo abatimento, alguns estudantes tinham organizado uma associação secreta, de que foram principaes fundadores o alumno do segundo anno juridico José Bento da Cunha Sampaio, que, finda a formatura, advogou com proficiencia em Guimarães; seu irmão, que depois veio a ser o illustre escriptor Alberto da Cunha Sampaio; João de Sousa Vilhena, que ha annos falleceu, sendo juiz de uma das varas civeis de Lisboa; Frederico Philemon da Silva Avelino, que morreu juiz de Direito, julgo que em Ponte do Lima; Francisco d'Assis Caldeira Queiroz, tambem depois juiz

de Direito; Frederico d'Abreu Gouveia, que eu conheci exercendo as funcções de director geral dos negocios de Justiça e José Peres Ramires, que eu tambem conheci, muito surdo, juiz de Direito na comarca de Cantanhede. O meu illustre amigo e collega, sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello-Branco, que então cursava o segundo anno juridico e me deu, para este capitulo do meu livro, valiosissimas informações, foi dos primeiros socios. Depois, o numero d'estes avultou e cresceu, contando-se entre elles Anthero de Quental — que na sociedade teve influencia e preponderancia decisivas, o que deu motivo a que inexactamente se dissesse, e se acreditasse, que fôra por elle organizada —; o futuro romancista Julio Lourenço Pinto; D. Thomaz de Noronha, depois visconde de Alemquer; José Falcão, mais tarde lente de Mathematica na Universidade; o sr. dr. Eduardo Segurado; Florido Telles de Menezes e Vasconcellos, que foi advogado e professor de *Economia politica*, na Academia Polytechnica do Porto; o sr. conselheiro Augusto Cardoso Pinto Osorio, juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça; o medico Antonio Mendes Lages, que é hoje padre jesuita e que no theatro Academico commandava uma horda berradora de caloiros beirões, quando os estudantes se manifestavam furiosamente contra a Russia, empenhada então em esmagar a Polonia rebellada; Antonio Fialho Machado, depois deputado da Nação, que no mesmo Theatro, com voz de trovão atroador, levantava os vivas, no palco, depois de recitar aquella ode revolucionaria de Anthero, que começa:

Aguia da França! que te vejo agora
Como ave da noite, triste e escura!
Ha pouco ainda a olhar o sol — n'esta hora
Meia offuscada ao resplendor da altura!

E mais adeante:

> Contra a Russia — a heresia das nações —
> Um grande e forte apostolo de ferro!
> Que vá direito dentro aos corações
> Com rijo abalo esmigalhar o erro!

A esta associação secreta, que ao começar o anno lectivo de 1862 já tinha mais de duzentos socios, deram alguns estudantes, que n'ella não estavam filiados, o nome de *Sociedade do raio*, inventando que Anthero de Quental e outros associados, em dia de medonha trovoadà, do alto do Penedo da Saudade intimaram a Divindade, em brados clamorosos e atroadores, a provar a sua existencia, castigando o atheismo dos berradores com a expedição fulminante d'um raio... que os partisse! Balela extreme!... Se bem que alguem, da familia do dr. José Peres Ramires, me disse que este referia o facto como verdadeiro, mas succedido no quarto de Anthero e não no Penedo da Saudade: e accrescentava que o raio cahira em sitio proximo, o que muito impressionára o poeta...

A apresentação ou filiação dos socios fazia-se á hora fatidica da meia noite, em local remoto, sombrio e ermo, desconhecido dos neophitos, perante estudantes encapuzados nos gòrros. Essas reuniões tetricas realizavam-se umas vezes junto dos muros do triste cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes, outras vezes entre os tufos d'arvores do Choupal, outras no Valle do Inferno, na estrada de Santa Clara. Os proselytos inscreviam-se n'um livro, liam perante tres embuçados um termo de compromisso com solemne juramento, recebiam e davam estreitos apertos de mão e ficavam formando parte da associação terrivel, que se dividia em secções e era superiormente dirigida por um conselho supremo, a que

presidiam, alternando-se, José Sampaio, Caldeira Queiroz e Peres Ramires. (1)

Eça de Queiroz, que, todavia, segundo li, assignou o manifesto da academia, offendida e magoada pelo rigido reitor Bazilio Alberto, não pertenceu á *Sociedade do raio,* cujo principio data de abril de 1861. Era um timido. Alem d'isso, os dirigentes para ella não convidaram estudantes do primeiro e do quinto anno, e o futuro escriptor era novato. Os primeirannistas, noviços, inexperientes, e os quintannistas, que em breve deixariam a vida academica, não convinham para membros da tremenda sociedade. Só d'ella eram socios os estudantes que mais em relêvo e em evidencia se achavam pelo seu valor intellectual ou pela sua força physica e não estavam em comêço ou no fim da sua carreira literaria. Tal era a ousada associação secreta que tinha deliberado depôr o inflexivel reitor Bazilio Alberto.

Fez ella terriveis coisas. Um exemplo: em outubro de 1862 — a 21 ou 22 —, quando o principe Humberto de Italia, que depois foi o rei infeliz covardemente assassinado em Monza, visitou Coimbra, alguns dos membros da *Sociedade do raio* aproveitaram a occasião para manifestar as suas ideias avançadas. Foi nomeada uma commissão para saudar o principe, composta, na sua maior parte, por alumnos que Bazilio Alberto tinha feito riscar da Universidade e que, como adventicios, voltavam á frequencia das aulas, sendo incumbido Anthero de Quental, que, aliás, não tinha sido riscado, de redigir e ler — como leu, estando presente o reitor — a mensagem de saudação, de que foi entregue a Sua

---

(1) Veja-se em *O Conimbricense*, numero 2189, de 18 de julho de 1868, o folhetim de Joaquim Martins de Carvalho que tem por titulo: *As sociedades secretas em Coimbra.*

Alteza uma cópia, escripta em italiano. N'esse documento, em que havia palavras d'amor e de ternura para a Italia livre e para Garibaldi, recentemente ferido em combate, na sua tentativa de unificação do seu paiz, com secreto acoroçoamento de Cavour, lia-se o seguinte periodo, demasiadamente significativo: — «Não é ao representante da casa de Saboya que vimos prestar homenagem: é ao Filho do Primeiro Soldado da Independencia italiana; d'esse de quem os reis da Europa aprendem como n'este seculo ainda se póde ser popular sendo-se rei: de quem a Italia espera resurreição completa; de quem espera a Egreja christã uma nova época de verdadeira grandeza e liberdade verdadeira.» A' noite, houve récita no Theatro Academico, lendo Fialho Machado aquella poesia de Anthero de Quental, cujos primeiros versos são:

> Italia e Portugal! Que duas patrias,
> Ambas tão bellas, tão formosas ambas!
> Uma a patria do berço; outra a das almas:
> Uma a das artes; outra a dos combates!

Correu depois em Coimbra que o principe Humberto julgára que a poesia era feita em latim!...

Na subsequente distribuição de premios, a 8 de dezembro de 1862, o plano lembrado por Alfredo Mantua executou-se. Os mais alentados e valentes estudantes, membros da *Sociedade do raio*, os mais conhecidos pela sua ousadia e pelo seu destemor, occuparam, na Sala dos Capellos, a frente do auditorio, junto á teia, e, mal o reitor pronunciou as primeiras palavras do discurso que era da praxe proferir n'aquella festa universitaria, deram-se as mãos, formando cadeia, e voltaram-se, sahindo de roldão e arrastando assim todos os academicos presentes, muitos dos quaes não estavam no segredo

da violenta manifestação. O reitor, cujo animo esforçado não se apoucava nem intimidava facilmente, assistiu, sereno e afoito, á sahida dos estudantes, recebeu o ultraje sem se diminuir na sua dignidade, e, aquietado o tumulto e socegada a inquietação dos lentes e doutores, pronunciou placidamente a sua oração, falou em termos alevantados, mas vigorosos, referindo-se ao que acabava de passar-se como quem já esperava tal acto revolucionario e descomedido.

Evacuada a Sala dos Capellos pela academia em massa, cá fóra, os estudantes, em vez de se dirigirem em silencio imponente para as respectivas moradas, como fôra combinado ao delinear-se o programma da impetuosa manifestação, romperam, desvairados, em vivas e morras, em gritos estridulosos, em acclamações vibrantes. Muitos academicos ficaram, desde logo, persuadidos de que aquelles desmandos deploraveis seriam obstaculo serio e estorvo invencivel á immediata exoneração do reitor, muito provavel, quasi certa, se a desconsideração gravissima de que elle fôra alvo não exorbitasse da combinação assente, desfechando em chinfrim indecoroso, em verdadeiro tumulto de arruaceiros. Não se enganaram, esses. O governo do duque de Loulé, querendo fazer respeitar o principio da auctoridade, manteve o conselheiro Bazilio Alberto no seu posto, para o qual tinha sido nomeado por decreto de 7 de abril de 1859, tendo sido n'elle reconduzido por decreto de 7 de abril de 1862.

Foi então que alguns membros mais destemidos da *Sociedade do raio* formaram o plano audacioso de raptar de noite o reitor e de o manter alguns dias preso em casa desconhecida, dispensando-lhe todas as attenções, cercando-o de todos os cuidados e restituindo-o depois á liberdade e á familia, com re-

commendação de que tratasse tão bem a academia como elle proprio fôra tratado. Este plano atrevido nunca passou de esboço ou projecto sem consistencia e sem auctorisação do conselho director da terrivel associação secreta.

Passados mezes, em julho, quando já tinha findado esse anno lectivo, tão agitado e tão fertil em acontecimentos de gravidade, Bazilio Alberto, já então agraciado com o titulo de visconde de S. Jeronymo, pediu a demissão do cargo de reitor da Universidade de Coimbra — que serviu *muito a meu contento*, reza o decreto de 22 de julho de 1863, que lh'a concedeu. Foi nomeado, para o substituir, o dr. Vicente Ferrer, mais benevolo e complacente, a quem mais tarde, por decreto de 17 de novembro de 1870, foi tambem dado o titulo de visconde de Freixo, mercê a que renunciou, sendo-lhe aceita a renuncia por decreto de 1 de março de 1871, como tudo se póde ver nos respectivos numeros do *Diario do Governo*.

A *Sociedade do raio*, dada ao reitor a exoneração que elle solicitára, dissolveu-se, visto que a razão principal, ou talvez unica, da sua existencia, era a permanencia do odiado Bazilio Alberto no alto logar de prelado universitario. As varias secções reuniram-se, para resolver se os socios se deveriam filiar na maçonaria, que os partidos historico e regenerador então exploravam, sob a direcção, em Coimbra, respectivamente, do dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, que eu ainda conheci lente da faculdade de Medicina, e do dr. Antonio da Silva Gayo, tambem lente de Medicina, romancista e dramaturgo notavel. Na secção a que assistiu a illustre personalidade que me forneceu, para este capitulo, algumas informações interessantissimas, o sr. dr. Manoel d'Arriaga combateu ardidamente a filiação dos socios na

maçonaria, achando indigno que a academia trocasse a negra batina pelo avental do trolha. Apesar d'isso, alguns estudantes, que já sonhavam talvez com pingues e rendosos empregos publicos, fizeram-se maçons, procurando promover a reforma do ensino e a substituição do regimen disciplinar da Universidade. Poucos foram. A maioria riu da inoffensiva maçonaria d'aquella epoca e dos taes pruridos de *reforma.*

Eis o que foi, tracejada em escôrço, a primeira das tres revoluções a que Eça de Queiroz se refere nos trechos anteriormente copiados.

*
* *

Outra revolução foi aquella que a historia academica chamou a *Rolinada,* denominação que derivou de um dos appellidos do duque de Loulé, chefe do governo de então, que se chamava Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto.

Foi assim.

Era da praxe, sempre que a Rainha de Portugal dava á Corôa um herdeiro, a academia de Coimbra pedir a El-Rei perdão d'acto e obtel-o. Em 28 de setembro de 1863, quando os estudantes gozavam as delicias das férias grandes, nasceu o Principe Real D. Carlos, que depois veio a ser o malogrado rei assassinado á traição no Terreiro do Paço, na tarde de 1 de fevereiro de 1908. Quando se approximava o fim do anno escolar de 1863 a 1864 — era então Eça de Queiroz terceirannista — a academia recordou-se do perdão d'acto tradicional e pensou em o solicitar. Para isso, reuniu em assembleia geral, a 18 d'abril de 1864, e deliberou representar ao governo, pedindo para ser dispensada da prova final

dos actos. Apenas uma voz se ergueu, n'essa reunião magna, para contrariar tal pedido: a do quintannista de Direito José Braz de Mendonça Furtado, que eu tive por mestre no meu quarto anno da Universidade, na cadeira de *Direito commercial*. Depois dos discursos do costume, foi nomeada uma commissão que a assembleia incumbiu de elaborar a necessaria representação, sendo um dos seus membros o meu antigo professor, sr. dr. Manoel d'Oliveira Chaves e Castro, então alumno do quarto anno juridico.

Em portaria de 25 d'abril do referido anno de 1864, o governo indeferiu o pedido dos estudantes em termos asperos e desabridos, o que deu causa a que a academia se considerasse gravemente offendida. Excitaram-se os espiritos, o alvoroto redundou em desbragado tumulto e o duque de Loulé — suprema afronta!... — foi queimado em estatua... de palha, á Porta Ferrea, para onde o mono fôra conduzido em ruidosa procissão organizada no largo da Feira. Para impedir os disturbios e os motins, fez-se mister guarnecer a cidade com força armada mais numerosa do que a existente n'esse tempo em Coimbra. O governador civil, dr. Caetano de Seixas e Vasconcellos, depois ajudante do procurador geral da Corôa, requisitou, e foi-lhe fornecido, um troço de duzentas praças de infantaria 5, que, a 29 d'abril, chegaram do Porto. A academia, exaltada, pediu logo a retirada da força militar, cuja permanencia em Coimbra reputou offensiva dos seus brios. Pedido indeferido. O aparato da tropa em armas, commandada pelo depois general Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, que então era o governador militar de Coimbra, e um incidente havido entre este e o padre Alfredo Brandão, que frequentava, com Eça de Queiroz, o terceiro anno de Direito e foi, muitos

annos mais tarde, prior da freguezia de Arroyos, em Lisboa, e meu collega na camara dos Deputados, levaram os estudantes ao auge do furor.

Reunida, a academia, em assembleia geral, como foi sempre de uso succeder em lances de gravidade, declarou-se ella coacta e inhibida de ler e estudar em tranquilla paz as suas *sebentas*. Anthero de Quental, então no seu quinto anno juridico, falando, disse que aquelles camaradas, cujo espirito não fosse amante da independencia individual, ficassem em Coimbra e frequentassem a Universidade sob a pressão das bayonetas: os outros, os homens livres, deviam sahir, para se irem acoitar dentro dos muros do Porto — berço da liberdade em Portugal! Anthero, cheio de prestigio, tinha influencia decisiva na academia: resolveu ella, pois, immediatamente — e houve quem dissesse que foi estouvada resolução de cabulas... — abandonar Coimbra, a exemplo do que succedera na famosa *Thomarada*, dez annos antes, em março de 1854, durante o carnaval, quando, em seguida a tumultos graves, entre estudantes e *futricas*, aquelles sahiram da cidade dos doutores, vindo até Thomar, onde um delegado do governo presidido pelo marechal Saldanha com elles parlamentou, convencendo-os a regressar á Lusa Athenas, onde entraram triumphalmente.

Como quer que fôsse, a 30 d'abril de 1864 partiram os academicos, em grande numero, para o Porto, onde houve assembleia geral no Theatro Baquet, que um incendio terrivel destruiu em 21 de março de 1888. N'essa reunião solemne, a que presidiu o estudante de Direito, já bacharel formado em Theologia, Augusto das Neves Carneiro, que eu conheci a exercer o cargo de director geral da secretaria do Supremo Tribunal de Justiça, falaram os estudantes Chaves e Castro, Oliveira Valle, o

açoreano Fernando Rocha, Elmano da Cunha, e tambem o advogado do Porto, dr. Vasques de Mesquita, que havia pouco tempo se formára. Falou tambem, com enthusiasmo e ardor, Vieira de Castro, o verbo mais eloquente da academia, que annos antes tinha sido riscado da Universidade, por ter protestado energicamente, na Sala dos Capellos, contra a exclusão de Barjona de Freitas do professorado da faculdade de Direito, obrigando esta a reconsiderar, admittindo-o. Ao fim da sua pena, que durou dois annos escolares, regressou á frequencia do quinto anno juridico, no anno lectivo de 1859 a 1860. Quando o austero reitor Bazilio Alberto determinou que os estudantes usariam sapato, e meia até ao joelho, Vieira de Castro, insubmisso, entrou um dia na aula com a calça quasi a pousar sobre lustrosa bota de verniz reluzente. Que ousadia!... O guarda-mór reprehendeu severamente o alumno que assim ás claras se insurgia contra as ordens do prelado. A resposta immediata foi a palavra expressiva que, segundo reza, mais do que a historia, a lenda, o general Cambronne proferiu em meio dos ultimos quadrados da guarda imperial, nos desolados plainos de Waterloo, que eu já por duas vezes visitei. Instaurou-se processo academico e Vieira de Castro, considerado como reincidente e, de certo, como incorrigivel, foi expulso da Universidade perpetuamente! Dura pena para tão minguado delicto! Foi pedido o indulto do ardente orador, mas o governo presidido por Joaquim Antonio d'Aguiar que tinha Fontes por collega na pasta do Reino, negou-o, e Vieira de Castro só voltou á Universidade quando lh'o permittiu a amnistia geral concedida por motivo da acclamação d'El-Rei D. Luiz I.

No seu discurso do Theatro Baquet, que proferiu coberto de pó da jornada, pois que, tendo ficado em

Coimbra partira mais tarde do que os outros estudantes, o inflammado orador, com o mais grave e serio aspecto, comparou os fugitivos da cidade do Mondego... aos espartanos das Thermopilas! Ao findar a assembleia da academia, terminados os ardentes discursos, fechada a torneira da eloquencia, o padre Antonio José Boavida, que eu conheci deão da Sé de Lisboa e director do Collegio das Missões, de Sernache do Bomjardim, propoz, muito sisudo, que no dia seguinte todos os academicos fossem assistir, na capella da Lapa, a uma missa por alma de D. Pedro IV. Não sei se a proposta foi approvada. Conjecturo que foi. Outra lembrança houve, de todo desassisada: como, a esse tempo, no Minho houvesse tumultos, promovidos principalmente pelo dr. Passos, medico em Braga, alguns estudantes pretenderam que a academia partisse para a cidade dos arcebispos, pondo-se ali ás ordens d'aquelle caudilho! A extranha proposta foi discutida, mas a loucura não vingou.

O Porto, onde era governador civil Miguel do Canto e Castro, conservou-se absolutamente alheio e apartado do movimento revolucionario da academia conimbricense, que teve echo e discussão no parlamento. Apenas os alumnos da Escola Medica e da Academia Polytechnica nomearam uma commissão — a que pertenceu Alexandre da Conceição, que muitos annos depois se defrontou com Camillo em ruidosa polemica literaria — para auxiliar os seus camaradas de Coimbra. Estes, vendo-se desapoiados e sem soccorro, a instancias de varias pessoas, entre as quaes o dr. Antonio da Silva Gaye e o conselheiro José Ernesto de Carvalho Rego, vice-reitor da Universidade, deliberaram voltar aos seus estudos. O triste regresso á cidade dos bachareis, a 7 de maio de 1864, dava a lembrar, segundo ouvi, a retirada,

depois da derrota, d'um roto exercito em debandada. A 9 de maio os estudantes reentravam nas aulas. Foram riscados alguns, entre os quaes Vieira de Castro, mas a pena não chegou a ser cumprida, porque logo os cobriu o indulto constante do decreto de 13 de maio.

Assim findou a celebre *Rolinada*, durante a qual o duque de Loulé foi inquisitorialmente queimado... em estatua.

*
* *

A terceira revolução a que Eça de Queiroz faz referencia nos excerptos dos seus livros, de que atraz deixo transcripção, foi puramente de literatura. E essa revolução é que foi fecunda em resultados; essa é que foi de importancia, de valor e de vulto. Ficou conhecida na republica das letras pelo nome de *Questão Coimbrã* e estalou ruidosamente quando Eça de Queiroz frequentava o quinto anno de Direito. Correram ondas de tinta!...

Alludindo a essa tremenda polemica, escreveu Eça no artigo que já citei — *Um genio que era um santo*, os periodos que seguem:

«E emfim foi elle *(Anthero de Quental)* ainda que «se rebellou contra outro e bem extranho despotismo, «o da Litteratura Official, na tão famosa e tão verbosa «questão Coimbrã. Já não é facil, depois de tantos «seculos, relembrar os motivos dogmaticos porque «se esgadanharam as duas Litteraturas rivaes, de «Coimbra e de Lisboa... O velho Castilho, contra «quem se ergueram então tantas lanças e tantos fo«lhetos, não se petrificara realmente n'uma forma «litteraria que posesse estorvo á delgada corrente do

«espirito novo. Fôra, é verdade, Trovador e Bardo; «mas renovára o naturalismo classico com as suas «traducções de Virgilio; e passára para a nossa lin«gua Molière, um dos mais nobres avós da familia «psychologica. Todas estas almas diversas (é certo), «as moldava dentro d'uma vernaculidade arcadica «que as deformava; mas a sua arte de escrever era «polida, e houve dignidade e belleza no seu prolon«gado amor das Lettras e das Humanidades. (Seriam «hoje uteis, entre nós, um ou dois Castilhos). Em «todo o caso, relativamente a Anthero de Quental e «a Theophilo Braga, o vetusto Arcade mostrou into«lerancia e malignidade, deprimindo e escarnecendo «dois escriptores moços, portadores d'uma ideia e «d'uma expressão proprias, só porque elles se pro«duziam sem primeiramente, de cabeça curva, terem «pedido o sello e o visto para os seus livros á Mesa «Censoria, instalada sob a sêcca olaia do sêcco can«tor da *Primavera*.

«O protesto de Anthero foi portanto moral, não lit«terario. A sua faiscante carta *Bom-senso e bom-gosto* «continuava, nos dominios do pensamento, a guerra «por elle encetada contra todos os tyrannetes, e pe«dagogos, e reitores obsôletos, e *gendarmes* espiri«tuaes, com quem topava ao penetrar, homem livre, «no mundo que queria livre. Para Theophilo Braga, «essa lucta Coimbrã foi essencialmente uma reivin«dicação do Espirito Critico; para os outros pamphle«tarios, todos litteratos ou alitteratados, uma affir«mação de Rhetorica: — para Anthero, de todo alheio «ao litteratismo, um desforço da Consciencia e da «Liberdade. Por isso o seu ataque sobretudo nos im«pressionou, não só pelo brilho superior da sua ironia, «mas pela sua tendencia moral, e pela quantidade de «revolução que continha aquella altiva troça ao des«pota do purismo e do lexicon. Castilho, armado da

«sua férula, e tendo a pretenção de dar com ella «palmatoadas nas almas, apparecia aos nossos olhos, «creadores de Phantasmas, como um verdadeiro «monstro: Anthero, crivando de settas de ouro os «flancos vernaculos do monstro foi para nós como «um Sagitario Libertador.»

E mais adeante, referindo-se ainda a Anthero de Quental:

«Durante a grande questão Coimbrã, quando mais «ressoante rolava a briga contra a Troia litteraria «de Castilho, elle, o nosso invencivel Achiles um dia «desapparece... Era um abandono? pactuara o heroe «secretamente com Priamo? Assim o pensarão os «Achaios fanaticos. Não! abalara para a Figueira, «com saudades da solidão e do mar. Que importancia «podia ter essa rixa de litteraturas e vaidades para «quem, desde os dezoito annos e dos primeiros ver«sos, viera sempre desdenhando alegremente a su«perstição da gloria e das lettras?»

A *questão Coimbrã*, de que, em muito, resultou nova orientação na literatura portugueza, teve precedentes, que eu me ufano e desvaneço de trazer pela primeira vez a publico. Eis os factos que podem afoitamente considerar-se origem, nascença e causa da celebre contenda:

Em dezembro de 1864, estando já formados Anthero de Quental e Alberto Sampaio, resolveu o primeiro publicar as *Odes modernas* e o segundo um romance que nunca veio á luz e cujo titulo desconheço. Cada um d'elles envergou a sua sobrecasaca preta de bacharel, poz na cabeça o seu chapeu alto, lustroso e fino, e assim endomingados surgiram em Lisboa, á busca de um editor. Anthero, cujo pae, e

tambem o tio, dr. Filippe de Quental, que ainda conheci em Coimbra, lente de Medicina, mantinham estreitas relações com Antonio Feliciano de Castilho, de quem o proprio poeta dos *Sonetos* tinha sido discipulo no collegio do Portico, procurou o que então era considerado e tido como o *sacerdos magnus* da poesia, com o fim de lhe ler as suas *Odes* e de lhe pedir, depois, ácerca d'ellas, um juizo imparcial, talvez severo. Aceitou o mestre a incumbencia, recebendo o manuscripto para o ler e discretamente avaliar.

Passado tempo, Anthero foi, uma noite, a casa de Castilho. Varios poetas rodeavam o auctor da *Noite do castello*, como luzidos fidalgos d'uma côrte brilhante e faustosa rodeiam o seu rei e senhor. Perante esses, Castilho ennastrou com taes gabos e encomios as *Odes modernas*, tantos e tão hyperbolicos louvores lhes teceu, que o auctor, reputando esses elogios uma ignobil lisonja, vendo em palavras de tão alta glorificação uma afrontosa falta de sinceridade, declarou, irritado, que não vinha ali para ouvir e colher lôas, mas para que lhe fossem corrigidos os erros dos versos e indicados os defeitos do livro. Retirou-se depois, chispando iras e tomado de tal furor que pretendeu destruir o seu manuscripto, e certamente o inutilisaria se d'esse acto desapiedado e insensato não fôsse impedido pelo seu amigo e companheiro Alberto Sampaio. Para a irritação de Anthero de Quental certamente concorria a crença em que elle estava, segundo o que então era correntio nos centros literarios, de que o velho Castilho, depois de ter derramado sobre os escriptores novatos, que o consultavam ácerca das suas estreias, as mais florentes amabilidades, regalava em seguida a sua côrte de poetas com as galhofas da mais contundente maledicencia.

Foram, os dois, d'ali, ter com Alexandre Herculano, a quem pediram a graça de ouvir ler alguns trechos das poesias e do romance, exprimindo-lhes depois o seu sentir. Attendeu-os o cinzelador das pagmas do *Eurico* e da *Voz do propheta* com extrema benevolencia; discutiu com o poeta as intenções revolucionarias de algumas das suas odes, que, em verdade, parece terem sido escriptas com o sangue escorrido das guilhotinas; elogiou com calor a ode á Egreja, *Flebunt euntes*, que o auctor pediu licença para lhe offerecer na primeira edição. O romance de Alberto Sampaio considerou-o Herculano estreia de bom agoiro, promettedora e esperançosa, comquanto lhe fizesse não sei que judiciosas observações. Comtudo, os dois desconhecidos literatos não encontraram em Lisboa editor que se abalançasse a publicar-lhes os versos e o romance, a que um e outro tinham dado o melhor do seu espirito. Embarcaram, pois, algum tanto desadentados, para o Porto, onde procuraram o erudito escriptor José Gomes Monteiro, insipido auctor dos *Echos da lyra teutonica*, a fim de conseguirem que a livraria Moré, de que elle era gerente, lhes editasse as obras. Gomes Monteiro, ao ouvir ler as *Odes* de Anthero, quedou-se tão surprehendido e espantado como se no seu tranquillo gabinete de estudioso houvesse dado ingresso, de sedas eriçadas, a grunhir e a roncar, o fero javali de Erimantho!... E, como fôsse impossivel achar editor no Porto, como impossivel fôra encontral-o em Lisboa, partiram, o poeta e o romancista, para Coimbra, levando apenas as boas recordações das loiras costellêtas da *Aguia d'Ouro*, em tudo dignas de banquetes olympicos, e de tão delicioso cheiro que levaram Camillo a celebral-o em palavras magnificas. Só em julho de 1865 Anthero de Quental publicou, á sua custa,

em Coimbra, as *Odes modernas*, pouco antes de dizer para sempre adeus á terra dos seus encantos, onde vivêra ainda mais de um anno depois de concluir o seu curso.

Algum tempo depois, Manoel Pinheiro Chagas deu a publico o seu *Poema da mocidade*, que fechava com uma carta datada de «Lisboa, no retiro da minha mata, 27 de setembro de 1865», dirigida por Antonio Feliciano de Castilho ao editor do livro, Antonio Maria Pereira. O auctor dos *Ciumes do bardo*, n'essa carta, ouriçou os elogios ao poema com os seguintes periodos, que exasperaram Anthero de Quental, já estimulado, e muito irritaram os seus amigos:

« — Theophilo Braga — dirão — Anthero do Quen-
«tal, Vieira de Castro, talentos distinctos, e de já não
«pequena clientella todos elles, têem sido, e conti-
«nuam a ser, acremente objurgados por este aqui-
«latador inexoravel.» —

. . . . . .

«Uma de duas: ou cada um d'estes tres mancebos
«é perfeito, ou não:

«Se é perfeito, ninguem tema por elles: são tres
«aguias que nasceram adultas: que no seu vôo em-
«poigarão os raios: e que até dormindo estarão se-
«guras, pois quanto mais os tufões forcejarem pelas
«derrubar dos pincaros do loireiral, mais lhes aferra-
«rão as garras ao ramo em que poisaram; sacudil-as
«não será senão embalal-as em quanto sonham na
«immensidade, no sol, e na gloria.

«Se porém não nasceram com o inaudito privile-
«gio de perfeitos (e tenho por certo que nenhum d'el-
«les o imagina); se a sua mesma juvenilidade, que
«mais notaveis os torna ainda, lhes não deu por ora
«tempo de amadurecerem; se têem, como homens em

«principio, verduras e demasias de que os tempos os «hão de ir livrando.....; se d'aqui a dez outonos ou «dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum d'elles «ha-de ser tão milagrosamente ditoso que approve «em cheio e á carga cerrada tudo quanto hoje faz, e «concorde em tudo quanto hoje pensa — que lhes faz «a critica senão antecipar-lhes de certo modo a expe-«riencia? Conspirar com elles mesmos para a boa «fama, que nunca se conquistou sem sacrificios?

.....

«Deixando de parte, por agora, Braga e Quental, «de quem, pelas alturas em que voam, confesso, hu-«milde e envergonhado, que muito pouco enxergo, «nem atino para onde vão, nem avento o que será «d'elles afinal, por Vieira de Castro digo eu o que o «proprio Pinheiro Chagas nunca se lembrou de con-«testar-lhe: que é um talento verdadeiro, grandioso, «exorbitante, e d'um futuro que me parece cubiçavel.»

A carta de Castilho ao editor Pereira fechava com o seguinte P. S.:

«Queira v. s.ª dizer de antemão aos que discorda-«rem das minhas opiniões, e o houverem de dizer «pela imprensa, que o Virgilio me não dá licença para «lhes responder. O que pensava e sentia expendi-o; «lá brigar não brigo, que tenho mais que fazer.»

A justiça leva-me a dizer que a offensa — se offensa houve nas palavras que ahi deixo transcriptas — estava a uma grande distancia d'um ultraje de gravidade. Os antecedentes de que aos meus leitores dei conta, esses é que se não tinham apagado na memoria de Anthero de Quental, e d'ahi o seu irreverente proposito de investir com o mestre. Lembrava-se tambem Anthero de que em maio de 1862,

tendo Castilho ido a Coimbra, annunciou-se um sarau no Theatro Academico, na noite de 8, resolvendo os estudantes que n'essa epoca mais conviviam com as Musas não se apresentar no palco. A pedido de Castilho, o dr. Filippe de Quental tanto instou com o sobrinho para que collaborasse no sarau que este, embora contrariado, accedeu. Castilho recitou poesias suas, umas originaes, outras traduzidas, e varios academicos declamaram tambem lyricas amorosas. D. Amelia Janny, a distincta poetisa conimbricence fallecida em março de 1914, fez tambem a recitação d'uma poesia sua. De repente, surge no palco Anthero de Quental, aureolado pela revolta cabelleira fulva, e lê umas estrophes em oitavas hendecasylabicas, que eram a introducção de um vasto poema que a doença fatal e implacavel, que depois o arrastou ao suicidio, o levou a inutilisar, bem como outras composições suas. O enthusiasmo sempre crescente dos ouvintes explodiu, por fim, em retumbantes applausos, e Castilho, admirado, depois de abraçar Anthero, disse ao tio, dr. Filippe de Quental, textualmente o seguinte:

— Seu sobrinho é um poeta de genio!

Recordando estas palavras de Castilho e cotejando-as com o que este a seu respeito escreveu na carta publicada no fim do *Poema da mocidade,* Anthero sentiu, certamente, renascer e augmentar a sua irritação contra o mestre.

Vieira de Castro, a quem a tragedia em que pereceu a esposa, na primavera de 1870, em breve levaria á condemnação e á morte em terras africanas, não se deu por ferido e deixou passar sem réplica as palavras em que fôra visado pelo chefe reconhecido e reverenciado da escola romantica, o velho Castilho, que, não sei por que bullas, na sua carta ao editor do *Poema da mocidade,* o emparceirou com Anthero

de Quental e o sr. Theophilo Braga, dois escriptores d'outra escola, com os quaes o notavel orador não andava irmanado em camaradagem literaria. Não se quedou, porem, silencioso o poeta das *Odes modernas*, revoltado contra a auctoridade do venerando patriarcha das letras portuguezas.

Anthero de Quental respondeu azedamente ao seu censor — que elle consideraya despotico chanceller da literatura — no folheto *Bom senso e bom gosto*. Castilho, como tinha promettido no *post-scriptum* da sua carta ao editor Pereira, não deu resposta ao ardido campeão que assim se sublevava em rebellião declarada contra o marechal da literatura n'essa epoca. Houve, porem, muito quem tomasse o partido do vernaculissimo traductor de Molière: uma cerrada chuva de folhetos alagou os canteiros escassamente floridos das nossas letras. O sr. Julio de Castilho, hoje visconde de Castilho, que ainda não ha muito tempo me deu duas horas de lidimo prazer espiritual, conversando comigo na sua casa do Lumiar, sahiu á estacada, em defeza de seu pae, com o opusculo que se intitula *O senhor Antonio Feliciano de Castilho e o senhor Anthero do Quental*. Camillo Castello-Branco alistou-se logo entre os campeões da escola romantica, publicando o seu pequeno livro *Vaidades irritadas e irritantes*. Teixeira de Vasconcellos, Manoel Pinheiro Chagas, Manoel Roussado, Eduardo Vidal, Osorio de Vasconcellos, José de Castilho, Brito Aranha, o sr. Carlos Borges, e ainda outros, terçaram as armas em favor de Castilho.

Anthero de Quental voltou á carga com o seu novo folheto *A dignidade das lettras e as litteraturas officiaes*, e com o sr. Theophilo Braga, que, depois d'aquelle, tambem replicou ao mestre com outro intitulado *As theocracias litterarias*, teve ao seu

lado Cunha Belem — que usava o pseudonymo de Amaro Mendes Gaveta — Elmano da Cunha, Augusto Malheiro Dias, Ruy de Porto-Carrero, sendo de insignificantissimo valor o opusculo d'este ultimo. Passaram muito de quarenta os folhetos que se publicaram, podendo ver-se os titulos respectivos no *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, vol. VIII, pag. 404 e seguintes.

Interveio tambem na renhida e acre contenda entre a velha escola romantica e a nova escola literaria, que surgia, ousada e irreverenciosa, Ramalho Ortigão, que n'esse tempo era redactor do *Jornal do Porto* e publicou o seu folheto *Litteratura d'hoje*, no qual, sem se manifestar por Castilho ou por Anthero, antes fustigando um e outro, foi asperrimo em alguns periodos dirigidos ao segundo. Leia-se, por exemplo, este, de paginas 36, em que, depois de observar que Anthero de Quental insultou o velho Castilho, dando-lhe a denominação de *futil*, a de *deshonesto* e a de *tonto*, Ramalho Ortigão escreve:

«Se o sr. Quental já d'antemão sabia, como affirma «abrindo ahi margem a novo insulto, que o sr. Cas«tilho é velho e cego, levará a bem dizer-se-lhe que «maculou o sr. Quental os seus vinte e cinco annos «com a mais torpe das nodoas que um mancebo póde «lançar no seu caracter: a covardia.»

Nos fins de janeiro de 1866, Anthero de Quental partiu de Coimbra para o Porto, com o intuito de vingar esta afronta pungente a murro sêcco (1).

---

(1) Leia-se a correspondencia de Coimbra, com data de 3 de fevereiro, publicada no jornal do Porto, *O Nacional*, de 6 do mesmo mez.

mas dando accôrdo a persuasivas ponderações de Camillo Castello-Branco, resolveu desafiar Ramalho Ortigão.

Os trechos que seguem, copiados d'uma carta que, n'essa occasião, Anthero dirigiu ao sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello-Branco, e este gentilmente consentiu que eu copiasse, elucidam plenamente os que pretenderem conhecer nas suas minudencias a pendencia entre os dois escriptores. Escrevia o auctor da *Beatrice:*

«O caso era comico e não tragico. Todavia o mau «fado quiz que me não podesse esquivar, e o que é «mais, aconselhou-me que te arrastasse comigo ao «abismo do ridiculo. E' como segue: Ramalho Orti«gão escreveu umas insolencias bastante indignas a «meu respeito n'um folheto a proposito da sempiterna «questão Castilho. Eu vim ao Porto para lhe dar por«rada. Encontrei, porem, o Camillo o qual me disse «que adivinhava o motivo da viagem e que, antes «das vias de facto, elle iria falar com o homem para «elle dar satisfação. Aceitei. A explicação, porém, do «dito homem pareceu-me insuficiente, e dispunha-me «a correr as eventualidades da bofetada, quando me «veio dizer o Camillo que o homem se louvára em «C. J. Vieira e Anthero Albano com plenos po«deres de dicidir a cousa e que fizesse eu o mesmo «em dois amigos meus, na certeza de que uns e ou«tros seriam considerados padrinhos n'um duello, no «caso de se não entenderem a bem.

«Lembrei-me logo de ti, e mandei aquella parte. «Respondeste com a impossibilidade physica, e fiquei «desesperado, porque via a situação estupida alem do «permittido. Felizmente intendi-me com o Manuel «Duarte e um rapaz chamado F. Cardoso, aos quaes «cometti o meu pleito.»

Mais adeante, lêem-se no interessante documento inédito estas palavras, que transcrevo unicamente para que os meus leitores apreciem o estado d'alma, já, n'esse tempo, tão melindroso, do desventurado poeta:

«Cada vez sinto mais o falso da minha posição «n'esta terra lusitana. Não me intendo com homens «e cousas: apenas com o ceu e com os montes; mas «isto não é sufficiente.»

Pela imprensa, ao que parece, teve a policia conhecimento do duello imminente e tentou impedil-o. D'ahi resultou que os padrinhos decidiram que Ramalho Ortigão escrevesse umas certas explicações que satisfizessem o seu antagonista. Este, porem, achou-as insufficientes e os dois bateram-se ao sabre, mal pensando então que viriam a reconciliar-se, mais tarde, e a tornar-se bons amigos. D'esse combate encontrei noticia no jornal portuense *O Nacional*, no seu numero de 8 de fevereiro de 1866, sob o titulo *O ultimo argumento:*

.....

«O sr. Quental desembainhou a espada, mett-«teu-se no comboio e veio ao Porto... decidir a questão.

«Escolheu padrinhos e mandou um cartão de de-«safio ao sr. Ramalho!

«O duello ha quinze dias annunciado e muitas ve-«zes transferido, segundo *a ordem* dos espectaculos «theatraes, teve logar ás 10 horas da manhã de hon-«tem, ahi para a Arca d'Agua.

«Escrupulosamente observadas as prescripções do «codigo francez, cruzaram-se as espadas, e minutos «depois, o sangue que n'um braço do sr. Ramalho

«abriu a espada do adversario foi o remate da ques-
«tão e o seu mais irrespondivel argumento!

. . . . . .

«O sr. Quental ha de arrepender-se um dia do
«triste papel que ha doze ou quinze dias represen-
«tava no Porto.

«Faltava esta pagina de sangue á nossa littera-
«tura!»

Ainda no mesmo jornal, do dia 10 de fevereiro do referido anno, se lia o que segue, com o titulo *Mais dous:*

«Publicaram-se mais dous folhetos sobre a ques-
«tão litteraria.

«Um d'elles attaca a prosapia litteraria do sr. An-
«thero do Quental como o attacou, entre outros, o do
«sr. Camillo Castello Branco, que o pontifice da es-
«cola coimbrã escolheu para seu padrinho no duello
«com o sr. Ramalho, que, como ao proprio sr. Quen-
«tal disse o nosso primeiro romancista, não o feriu
«mais.»

Vê-se, pois, que o duello entre Ramalho Ortigão e Anthero de Quental, em que o primeiro ficou ferido n'um pulso, se realisou no dia 7 de fevereiro de 1866, na Arca d'Agua, suburbios do Porto. Pelo que sei e pelo que informam as palavras da carta inédita de Anthero, que atraz deixo transcriptas, não é exacto que o genial escriptor Camillo Castello-Branco tenha sido um dos padrinhos do poeta, como este o foi depois, em outubro de 1879, de Camillo, em uma pendencia de desenlace pacifico, entre o grande romancista e o fallecido par do reino Cypriano Jardim, mais tarde visconde de Monte-São, suscitada por um artigo de critica ao livro *Historia e sentimentalismo.*

As testemunhas de Anthero, no seu duello com Ramalho Ortigão, foram o extincto poeta Manoel Duarte d'Almeida, que então estudava no Porto, e um rapaz natural, como elle, de Villa Real, tambem estudante, de nome Francisco Cardoso Pinto. O sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello-Branco, o mais intimo amigo do auctor das *Odes modernas*, aquelle que em Coimbra com elle mais tinha vivido em estreita communhão espiritual, não póde ir ao Porto apadrinhal-o, porque a doença o prendia ao leito. Os padrinhos de Ramalho Ortigão foram Anthero Albano da Silveira Pinto e o advogado Custodio José Vieira, que, segundo averiguei depois de publicado o meu livro *Camillo de perfil*, já em 1855 tinha sido testemunha do auctor do *Amor de perdição*, quando este se bateu em duello com o celebre janota portuense Ricardo Browne. Manoel Duarte d'Almeida e Francisco Cardoso, por serem ambos muito moços e a tal se opporem os codigos dos duellos, não foram acceitos até ao fim da pendencia como testemunhas de Anthero, tendo este, depois, a assistir-lhe no campo como patrono, um dos padrinhos de Ramalho.

A não ser o recontro entre Anthero de Quental e Ramalho Ortigão e uma scena de pugilato em que o sr. Julio de Castilho maltratou o sr. Theophilo Braga, liquidando-se logo pacificamente o conflicto no governo civil de Lisboa, para onde os dois foram presos, e d'onde immediatamente sahiram, sôltos pelo commissario de policia José Vaz de Mascarenhas, não me consta que da *questão Coimbrã* resultasse mais pancadaria ou o brilhar de espadas nuas á luz do nosso radioso sol peninsular. Bom foi assim.

Algum tempo depois do sangrento desafio da Arca d'Agua, indo o sr. conselheiro Antonio d'Azevedo ao Porto, encontrou Camillo Castello-Branco irritado

e indignadissimo por suppor erradamente que Anthero de Quental era um destro jogador de todas as armas, um esgrimista eximio e habil, que occultára a sua pericia de espadachim para ter decidida e formal vantagem sobre o inexperto adversario. O illustre auctor da *Lyra meridional* convenceu seu tio de que era falso o juizo que formára e contoulhe, a rir, que por um *pinto* comprára uma velha espada, já desobrigada de aventuras, que poderia ter sido uma durindana gloriosa, mas que o tempo e a ferrugem haviam reduzido a um inoffensivo chanfalho, que elle e Anthero, em Coimbra, sem mestre de esgrima, brandiam á tôa, em horas de brincadeira, floreteando a esborcinada catana em sarilhos desordenados. (1) Acalmou-se o agastamento de Camillo, que muito se magoára com a beliscadura do pulso de Ramalho Ortigão, mas talvez a falsa persuasão em que estava de que o poeta era um agil e desembaraçado esgrimista o levasse a entrar na contenda literaria, em que Anthero de Quental se empenhára, e a defender Castilho no opusculo *Vaidades irritadas e irritantes*. No anno seguinte, Camillo escrevia o seu romance *A doida do Candal*, que dedicou «á honrada memoria de José

---

(1) Vem de molde transcrever aqui os seguintes periodos que Eça de Queiroz escreveu no seu artigo *Um genio que era um santo*, inserto no livro *Anthero de Quental — In memoriam :*

«Anthero foi, na sua mocidade, um magnifico varão. Airoso e leve, «marchava leguas, em rijas caminhadas que se alongavam até á mata «do Bussaco: com a mão sêcca e fina, de velha raça, levantava pesos «que me faziam gemer a mim, ranger todo, só de o contemplar na fa«çanha: jogando o sabre para se adestrar, tinha impetos de Roldão, «os amigos rolavam pelas escadas, ante o seu immenso sabre de pau, «como mouros desbaratados: — e em brigas que fossem justas o seu «murro era triumphal.»

Julio de Oliveira Pinto», morto em duello por Miguel de Sá Nogueira, a 29 de março de 1867. Na «advertencia» d'esse romance escreveu o Mestre:

«Em 1866, na bellicosa cidade do Porto, de-
«frontavam-se de espada nua dois escriptores por-
«tuguezes de muitas excellencias litterarias e pun-
«dunor.

«Correu algum sangue. Deu-se por entretida a
«curiosidade publica e satisfeita a honra convencio-
«nal dos combatentes.

«Alguns dias volvidos, ia eu de passeio na estrada
«de Braga e levava comigo a honradora companhia
«d'um cavalheiro que lustra entre os mais grados
«das provincias do norte.

«No sitio da «Mãe de Agua» apontei na direcção
«d'um plaino encuberto pelos pinhaes e disse ao meu
«companheiro:

«— Foi por alli que ha dias a «Critica portugueza»
«esgrimiu com o «Ideal allemão».

«— Ah! — disse o meu amigo soffreando as rédeas
«do cavallo — foi alli a brincadeira?

«— Brincadeira!... então vossa excellencia in-
«tende que nos duellos quem não morre brinca...

«— *Quem não morre,* diz vossê... Pois morre al-
«guem no duello em Portugal?»

.....

Depois do duello de Anthero de Quental com Ramalho Ortigão, a *questão Coimbrã* durou ainda algum tempo. Um verdadeiro granizo de folhetos, opusculos e folhetins cahiu sobre o escalvado campo das letras portuguezas. Mas, a pouco e pouco, o rumor da lucta foi-se apagando até que de todo morreu... Ficaram, porem, os resultados da encarniçada briga, que foi, sem a menor duvida, uma das

causas da renovação literaria no nosso paiz e da evolução para o realismo, que teve em Eça de Queiroz — um romantico! — o seu mais brilhante cultor. Por isso affirmo, sem receio de errar, que das tres revoluções do seu tempo de estudante em Coimbra, ás quaes tantas vezes se refere, esta foi a mais fertil em consequencias e effeitos.

Da sua geração academica, auctora d'essas tres revoluções de que me fiz aqui desageitado chronista, d'essa tão audaz e tão revolucionaria geração, devia Eça escrever, mais tarde, estas desoladoras palavras, que se lêem no seu artigo intitulado *Ramalho Ortigão*, publicado na *Renascença*, em 1878, e depois reproduzido nas *Notas Contemporaneas:*

«Ha quasi doze annos appareceu, vinda parte de «Coimbra, parte de aqui, parte de acolá, uma extraor«dinaria geração, educada já fóra do catholicismo e «do romantismo, ou tendo-se emancipado d'elles, re«clamando-se exclusivamente da Revolução e para a «Revolução. Que tem feito ella? A não ser Theophilo «Braga, constantemente, Oliveira Martins, nos inter«vallos das emprezas industriaes, e Guerra Junquei«ro, o grande poeta moderno da Peninsula — quem «trabalha? Onde estão os livros? Esta geração tem «o aspecto de ter *falhado.*»

E ainda no curioso capitulo das *Prosas barbaras,* intitulado *Uma carta*, que já citei, escreveu Eça de Queiroz:

«Nós, meu amigo, somos uma geração desilludida «por tres revoluções, amollecida por uma invenção «horrivel — a musica, tomada da duvida religiosa, «geração que vê esvaecer-se Christo, a quem tanto «tempo amou, e não vê chegar a liberdade, por quem

«ha bastante tempo espera. Quaes podem ser as obras «d'esta geração? Creações febris, convulsões cere«braes, idealistas e doentias, todo um pesadello mo«ral.»

*

* *

N'aquella atmosphera ardente, que tanto influiu no seu espirito, em meio d'aquella geração buliçosa, viva, irrequieta, Eça de Queiroz, retrahido por temperamento, não se destacou, nem foi notado como figura de realce. Estudava a sua *sebenta*, lia as obras dos romancistas e poetas eminentes da França, e tambem Shakspeare, Dante, Goethe, Cervantes e Poë; palestrava sobre literatura com os seus companheiros de casa, como um d'elles me referiu, discutia serenamente e passeava pelos arredores encantadores da linda Coimbra «de tão lavados e doces ares». Nas tres revoluções de que ahi deixo historia, não tomou parte activa. Foi simples e ignorado comparsa. Pelo contrario, no Theatro Academico era figura principal nas representações de comedias e dramas. Elle o diz no seu artigo *Um genio que era um santo*, incluido no livro dedicado á memoria de Anthero de Quental:

«De resto, eu era meramente um actor do Theatro «Academico *(pae nobre)*, e rondava em torno d'estas «revoluções, d'estas campanhas, d'estas Philoso«phias, d'estas heroicidades ou pseudo-heroicidades, «como aquelle lendario moço de confeiteiro que as«sistiu á tomada da Bastilha, com o seu cesto de «pasteis enfiado no braço, e quando a derradeira «porta da fortaleza feudal cedeu, e a velha França «findou, deu um geito ao cesto leve, e seguiu, asso«biando a *Royale*, a distribuir os seus pasteis.»

Assim era. Para aligeirar as horas pesadas dos seus enfadonhos dias de estudante, Eça de Queiroz fez-se actor curioso, e, no decorrer do terceiro, quarto e quinto anno do seu curso, declamou composições dramaticas no Theatro Academico, n'aquelle famoso theatro a que me prendem as recordações mais vivas, sobretudo aquellas que veem do tempo em que ali representei, no quinto anno de Direito, com o meu curso, a tradicional peça de despedida, que eu engendrei e compuz... em versos de pé quebrado. De indole socegada, pacata, quiçá um pouco retrahida e acanhada, mimosa como a da sensitiva, o barulho excessivo, o ruido e a desordem affligiam Eça de Queiroz. Os movimentos revolucionarios, as discussões azedas, rumorosas e violentas, não estavam de accordo com a sua timidez e com o seu pouco desembaraço. As suas predilecções de literato e as inclinações do temperamento chamavam-n'o mais para o theatro, para a declamação, para a scena, onde, ante um publico limitado e instruido, melhor se podia expandir a sua alma de verdadeiro artista. E assim se explica limpidamente a abstenção do futuro romancista na baralhada das tres revoluções do seu tempo de estudante e a preferencia por elle dada á attrahente arte dramatica. Em varias paginas por elle escriptas se encontram referencias interessantes á sua vocação de actor e ás inebriantes glorias do palco, que lhe foi boa e aproveitavel escola e pouco a pouco o poz, como elle proprio informa, «em contacto com a litteratura».

Ahi vão alguns exemplos.

Escreve Eça no artigo *O «Francezismo»*, publicado nas *Ultimas paginas:*

«Comecei por me fazer actor no Theatro Acade-
«mico. Era *pae nobre*. E, durante tres annos, como

«*pae nobre*, ora grave, opulento, de suissas grisalhas, «ora aldeão tremulo, apoiado ao meu cajado, eu re-«presentei entre as palmas ardentes dos Academicos, «toda a sorte de papeis de comedias, de dramas — «tudo traduzido do francez. Por vezes, tentavamos «produzir alguma coisa de mais original, de menos «visto que a *Dama das Camelias*, ou o *Chapeu de «palha d'Italia*: reunimo-nos, com papel e tinta; e «entre aquelles moços, nascidos em pequenas villo-«rias da provincia, novos, frescos, em todo o brilho «da imaginação, uma só ideia surgiu: *traduzir al-«guma coisa do francez*. Um dia porem Theophilo «Braga, farto da França, escreveu um drama, conciso «e violento, que se chamava *Garção*. Era a historia «e a desgraça do poeta Garção. Eu representei o «Garção, com calções e cabelleira, e fui sublime; «mas o Garção foi acolhido com indifferença e sec-«cura. (1) E um só grito resoou nos bastidores:

«— Ora ahi teem... Um fracasso! Pudera! Peças «portuguezas!

«Immediatamente nos refugiámos no francez e «em Scribe.

«O Theatro, pouco a pouco, puzera-me em contacto «com a litteratura.»

Nas *Prosas barbaras*, no artigo que já citei *Uma carta (a Carlos Mayer)*, o notavel romancista refere-se ainda ás suas noites de actor:

«Lembras-te dos ensaios dos *Amigos Intimos*?

---

(1) O sr. Theophilo Braga, no seu livro *As modernas ideias na litteratura portugueza*, volume II, dá noticia de que o drama que escreveu se intitulava *Resignação* e foi publicado depois nas *Torrentes* com o titulo *Poeta por desgraça*. Subiu á scena no Theatro Academico na noite de 29 de abril de 1865, quando Eça de Queiroz frequentava o quarto anno juridico.

«Havia uma palavra que eu não conseguia pronun-«ciar bem: era — *solidariedade*. Na noite da repre-«sentação, tomei o partido de a cantar, separando as «syllabas como notas de musica. (1) Era na *casa dos «adereços* do theatro, que nós discutiamos com T. a «superioridade da arte grega. A pregar uma cortina, «arredando bastidores, proclamavamos o *Moysés* e «o *Pensieroso* com grave detrimento da Venus de «Milo — a grande Aphrodite. Depois das represen-«tações, havia ceias semelhantes ás bodas de Gama-«cho! Uma noite saímos todos, de mantas, com corôas «de loiro, symbolisando a geração dos Petrarcas, e «cantando um côro lacrimoso.

«Tinha havido na rua de ... uma reunião, e as «familias, ao saír, dispersavam com gritos de aves «assustadas, ao vêr aquella multidão de phantasmas «corados, que recitavam um soneto amoroso, offe-«recido a Deus em nome dos discipulos de Petrarca.

«Aquella epocha foi uma pequena *Restauração*, «tanta era a vida, a seiva espiritual, a vaga convul-«são melodiosa da alma. Adoravamos o theatro. O «theatro era a paixão, a lucta, a dôr, o coração ar-«rancado, e gemendo, sangrando, rolando sobre uma «scena resplandecente. O nosso theatro era Shaks-«peare e Hugo, e os comicos hespanhoes, sombrios «e magnificos, do seculo XVI.»

---

(1) Em carta de 21 de fevereiro de 1915, escripta nas Caldas da Rainha, dizia-me o sr. dr. Joaquim Pedro Parente, funccionario aposentado da camara dos Deputados, fallecido em novembro de 1915, a quem eu tinha pedido informações sobre a vida de Eça de Queiroz, em Coimbra:

«Fui contemporaneo, e não condiscipulo, do saudoso Eça de Quei-«roz. Eramos amigos sem intima convivencia. Representámos no thea-«tro academico quando o notavel actor Santos (Pitôrra) ahi levou á «scena a comedia *Os amigos intimos*.»

Nas *Cartas de Inglaterra*, capitulo VII, escreve Eça:

«A questão da Polonia! oh saudosos dias passa-«dos! Foi esse um dos meus primeiros enthusias-«mos! N'esse tempo, ser polaco era synonimo de ser «heroe: e a fórma mais usual da paixão, n'uma alma «de vinte annos, não consistia no desejo de se subir «ao balcão de Julieta, mas de partir e ir tomar as «armas pela Polonia. Em Coimbra, sempre que nos «reuniamos mais de quatro amigos, faziamos logo «esse projecto, gritando: — *Viva a Polonia!* Os jor-«naes transbordavam de poemas á Polonia e de in-«jurias ao Urso do Norte! Empenhavam-se batinas «e compendios para soccorrer a Polonia, em subs-«cripções enthusiasticas. Em beneficio da Polonia «eu representei muito melodrama em que ora, vir-«gem trahida e vestida de branco, soluçava com as «minhas tranças soltas — ora, traidor soltando gar-«galhadas cynicas, cravava um ferro no peito de «Condé!»

E ainda nas *Cartas familiares e bilhetes de Paris*, no *Bilhete* III do capitulo IV, se encontram estas recordações de figuras de theatro:

«Quando eu era estudante, tambem Coimbra foi «visitada por bellos genios, sob o sol exaltador de «maio, estando já desabrochada a flor do Ponto. Veio «um prestidigitador; veio um rabequista; veio a di-«vina Gabriella, que já me não recordo se dançava «na corda, se representava melodramas, mas que «era divina. Convidámos o rabequista a cear, na ta-«verna do Cavalheiro, essa sardinha e esse bife «sombrio, que desde os tempos de El-Rei D. Diniz, a «academia de Coimbra offerece ás almas onde des-

«cobre verdadeira grandeza. N'essa ceia, justamente, «o Collares esteve, como nunca, fresco e saboroso «— e mais tarde, alta noite, na Couraça dos Aposto- «los, sob o luar enfiado de maio, espancámos o ra- «bequista. A' divina Gabriella dedicámos sonetos ex- «celsos, de subtil conceito e coruscante rima. Depois «um bello moço passou, cravou em Gabriella um «olhar fatal e negro e Gabriella seguiu o bello moço «para uma casinha branca que ficava entre as acca- «cias de Santa Clara, onde a vida lhe correu, submissa «e doce, concertando a roupa branca do moço bello «que passára. Assim Coimbra, no meu tempo, tratava «os genios que a visitavam, exactamente como Jeru- «salem tratava os prophetas que a ella vinham — e «que logo eram submettidos pela sua força, ou cor- «rompidos e presos pelo encanto da sua graça.»

Como se vê, as suas glorias de actor-curioso do Theatro Academico, as noites alegres do palco, deixaram no espirito de Eça de Queiroz doces reminiscencias, que elle espalhou por diversas paginas de livros seus, a começar no seu primeiro romance *O crime do padre Amaro*, onde, no capitulo x, apresenta aos leitores o secretario geral do districto de Leiria, o sr. Gouvêa Ledesma, «antigo jornalista», d'esta fórma:

«Era um moço bacharel que passava por ter ta- «lento. Representára de galan no theatro academico «em Coimbra, com muito applauso; e tomára a esse «tempo o habito de passear á tarde na Sophia, com «o ar fatal com que no palco arrepellava os cabellos, «ou levava, nos transes d'amor, o lenço aos olhos.»

Tambem em outras paginas se encontram lembranças da taberna das tias Camellas, na rua do Borralho, que Eça frequentava e onde eu ainda co-

nheci uma das tres legendarias velhinhas, que todas tres se chamavam Marias. A ultima, a que ainda chegou ao meu tempo, já muito curvada pela fadiga de fritar peixe durante longas dezenas d'annos, morreu em 1880. (1)

Essa tasca, de ramo de louro á porta, cujo saboroso peixe frito — principalmente as sardinhas, o savel e as enguias — teve a larga fama que ainda chegou á minha epoca de estudante, era uma loja afumeada que entestava com a rua e dentro da qual os estudantes se sentavam em bancos de tres pés e eram servidos em tóscas mesas de pau tão negro como as suas negras capas. O peixe frito amontoava-se, appetitoso, em amplos alguidares de barro. O vinho que lá se bebia era bom. Optimo o pão de milho. Por tres vintens ceava-se á farta, e ainda ás vezes sobravam azeitonas e peixe! Os academicos pagavam as despezas que faziam quando a sua magra bolsa lh'o permittia. Lá recitou o famigerado actor Rossi o tragico monologo do *Hamlet;* lá exhibiu o feiticeiro Hermann as suas prendas e habilidades de prestidigitador. Esta celebre bodega das tias Camellas, que a esta hora de certo desafinam no còro das onze mil virgens, na phrase de Camillo; esta especie de furna escura, onde, segundo o que o grande romancista affirma no prefacio da *Lyra meridional*, se faziam «religioens novas», deixou vincadas impressões indeleveis na memoria de Eça de Queiroz, que no ultimo anno da sua formatura lá ceava todas as noites em companhia do illustre poeta sr. João Penha, em cuja casa ia dormir, como este me assegura em graciosa carta que possuo e cuidadosamente conservo.

---

(1) Veja-se o *Diario de Portugal* de 8 de fevereiro de 1880.

Leiam-se os trechos que vou copiar, sahidos da penna luzente de Eça de Queiroz. No artigo referente a Anthero de Quental, *Um genio que era um santo,* escreveu elle:

«Mas o Ideal nunca o dispensavamos, e nem as «sardinhas assadas das tias Camellas nos saberiam «bem se não lhes juntassemos, como sal divino, mi«galhas de Methaphysica e de Esthetica. A pandega «mesmo era idealista. Ao segundo ou terceiro decili«tro de carrascão rompiam os versos. O ar de Coim«bra, de noite, andava todo fremente de versos.»

Referindo-se á força e ao vigor de Anthero, escreveu Eça, mais adeante:

«No Garrano, nas Camellas, um prato com tres «duzias de sardinhas e uma canada do «tinto» não o «assustavam, nem lhe pesavam. Pelo contrario! De«pois, em face da lua, na Ponte ou pelo Choupal, as «suas cabriolas pelos ceus da Methaphysica eram «mais fulgentes e destras.»

No capitulo I do seu maravilhoso livro *A correspondencia de Fradique Mendes,* biographando o imaginario Carlos Fradique, narra o fulgente escriptor:

«Durante tres annos Carlos tocou guitarra pelo «*Penedo da Saudade,* encharcou-se de carrascão na «tasca das Camellas, publicou na *Ideia* sonetos asce«ticos, e amou desesperadamente a filha d'um ferra«dor de Lorvão.»

E depois, no capitulo II, estes periodos em que Eça deixou falar o coração e a saudade:

«Então, alegremente, recordando Coimbra. Fradi-«que perguntou-me pelo Pedro Penedo, pelo Paes, «por outros lentes ainda do antigo typo fradesco e «bruto; depois pelas tias Camellas, essas encantado-«ras velhas, que escrupulosamente, atravez de lasci-«vas gerações d'estudantes, tinham permanecido vir-«gens, para poderem no ceu, ao lado de Santa Cecilia, «passar toda uma eternidade a tocar harpa... Era «uma das suas memorias melhores de Coimbra essa «taverna das tias Camellas, e as ceias desabaladas «que custavam setenta reis, comidas ruidosamente «na penumbra fumarenta das pipas, com o prato de «sardinhas em cima dos joelhos, por entre temerosas «contendas de Methaphysica e d'Arte. E que sardi-«nhas! Que arte divina em frigir o peixe! Muitas «vezes em Paris se lembrára das risadas, das illusões «e dos piteus d'então!...»

No seu romance *A reliquia*, logo no primeiro capitulo, lá está ainda a recordação das boas tias Camellas, quando Theodorico Raposo diz: — «embebedei-me com ruido nas Camellas...» Mal imaginavam ellas, quando serviam ao mal conhecido estudante Eça de Queiroz o prato de sardinhas loiras e o copo de vinho espumante, que elle viria a ser um escriptor brilhantissimo, a cuja penna a lobrega taberna em que ellas fritavam peixe daria interessante assumpto.

*

* *

No dia 22 de junho de 1866, Eça de Queiroz, com vinte e um annos incompletos, fez o seu acto de formatura em Direito, sendo approvado, como nos annos anteriores, *nemine discrepante*.

O sr. Theophilo Braga, com uma ligeireza só com-

paravel á sua falta, por vezes, de discernimento historico e á leviandade de critica que em alguns dos seus escriptos se nota, a paginas 313 do tomo II do seu livro *As modernas ideias na litteratura portugueza* (edição de 1892) assegura positivamente o seguinte:

«Em 1866 Eça de Queiroz tirou as cartas de for-«matura e veiu para Lisboa, incapaz de seguir o fa-«dario da magistratura judiciaria e incapaz de besti-«ficar a intelligencia na rotina quotidiana do fôro. A «litteratura foi para elle um consolo, e talvez que em «si mesmo a julgasse uma rehabilitação do R que «um Bernardo de Albuquerque lhe deitára no acto «do quinto anno.»

Tambem em um folheto publicado em 1901 em Lisboa e impresso na typographia Lusitana, editora, de Arthur Brandão, na rua do Norte, 52, que é a reprodução da conferencia que o sr. Theophilo Braga realizou na sessão solemne de homenagem a Eça de Queiroz, effectuada pela mocidade das escolas superiores em 3 de março de 1901, o illustre conferente affirma categoricamente que ao brilhante romancista foi lançado um R no seu acto de formatura. Lê-se a paginas 8 d'esse folheto o que segue:

«Da parte do lente dava-se o rancor, o odio con-«centrado contra os estudantes que saíam fóra da «sebenta; e esse rancor chegou ao delirio, quando «tendo sido approvados tantos typos boçaes de ba-«chareis, plenamente, houve quem lançasse o seu R. «no anno da formatura em Eça de Queiroz, em An-«selmo de Andrade, em Anthero de Quental! Este «accidente não deixou de ter certa influencia na car-«reira de Eça de Queiroz: abandonou toda a ideia de

«seguir a magistratura judiciaria, para que se tinha «dirigido cursando a faculdade de direito, e com o «intuito de sahir de Portugal preferiu a carreira «consular. Foi n'essa epoca de Coimbra, que o seu «espirito, de uma impressionabilidade exquisita, ad-«quiriu essa prega de ironia profunda, de soberano «desdem por todos os prestigios que se apresentavam «diante do seu monoculo, que é um symbolo da sua «visão moral.»

Não sei, nem me dei á tarefa de indagar, porque me não interessava, se Anthero de Quental e o sr. Anselmo d'Andrade soffreram no acto da formatura, como assevera o sr. Theophilo Braga, a afronta e o vexame d'um R. Supponho que não. Pelo que respeita, porem, a Eça de Queiroz, o sr. Theophilo Braga deu aos leitores do seu livro atraz citado e aos ouvintes da sua conferencia de março de 1901 uma errada informação, como se prova pelos documentos inéditos que vou transcrever aqui. O primeiro é a certidão extrahida do livro do registo dos actos da faculdade de Direito na Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1865 a 1866, a qual, com outros documentos, existe no archivo do ministerio dos Negocios Estrangeiros, junta ao requerimento que Eça de Queiroz fez para ser admittido ao concurso de consul. O outro é a cópia, que eu possuo, feita directamente, do assento respectivo no citado livro da Universidade de Coimbra. Eis o theor da certidão:

«Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, Commen-«dador das Ordens de Christo, de Nossa Senhora da «Conceição de Villa Viçosa e da Imperial da Rosa no «Brazil, official da Torre Espada e S. Mauricio e «S. Lazaro na Italia, Secretario e Mestre de Ceremo-«nias da Universidade de Coimbra, etc. Certifico que

«a fol. 207 v.º do Livro dos Exames, Actos e Graus «da Faculdade de Direito do anno lectivo de 1865 a «1866 consta que o supplicante José Maria d'Eça de «Queiroz, filho de José Maria d'Almeida Teixeira de «Queiroz, natural de Povoa de Varzim, Districto do «Porto, fizera exame das Disciplinas do Quinto Anno «de Direito, na forma dos Estatutos, em vinte e dous de «Junho de mil oito centos sessenta e seis, e fôra appro- «vado Nemine Discrepante. Por certeza se passou a «presente. Secretaria da Universidade em 3 d'agosto «de 1870. (a) *Manoel Joaquim Fernandes Thomaz*».

Condiz esta certidão perfeitamente com a cópia do assento do acto da formatura de Eça de Queiroz, feita directamente do competente livro, archivado na secretaria da Universidade de Coimbra. Esse assento reza assim:

«N.º 41

«Acto e exame de José Maria d'Eça de Queiroz, «filho de José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, «natural de Povoa de Varzim, districto do Porto.

«Aos 22 de Junho de 1866 na sala publica, sendo «presidente o Doutor *(espaço em branco)* e examina- «dores os Doutores Lentes Arguentes, fez José Maria «d'Eça de Queiroz o seu exame das disciplinas do «Quinto anno de Direito que frequentou no presente.

«E fazendo-se tudo na fórma dos estatutos, distri- «buidos e regulados os votos sobre o seu mereci- «mento, saiu approvado nemine discrepante, do que «se fez este assento.

«(a) *Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel*, «presidente.

«(a) *Joaquim Maria Rodrigues de Brito*, arguente.

«Tirou carta em 23 de Julho de 1866.»

Estes documentos authenticos, que ahi deixo fielmente transcriptos, provam á evidencia que Eça de Queiroz foi approvado *nemine discrepante*, e não *simpliciter*, no seu acto de formatura. Pena é que ácerca d'este facto da biographia do romancista o sr. Theophilo Braga induza em deploravel erro os seus leitores, como a outros erros historicos de maior monta, espalhados pelos seus livros, os tem impellido. Não acredito que o sr. Braga tenha sido movido a presentear indevidamente com um R Eça de Queiroz, por este contar, a paginas 126 do volume I (edição de 1888) do seu romance *Os Maias*, que o João da Ega, imaginario personagem em que se diz que o auctor se retratou, levára o seu ultimo R no seu ultimo anno. Seria fazer grave injuria ao criterio e á intelligencia do sr. Theophilo Braga suppol-o capaz de firmar em base tão sem valor um facto de tal importancia na vida de Eça de Queiroz, que, no dizer, aliás sem fundamento, do mesmo sr. Braga, levou o fulgurante escriptor a desistir da carreira de magistrado. Tambem não quero crer que a bem conhecida má vontade do sr. Theophilo Braga á Universidade de Coimbra, que o não admittiu no seu seio como professor, o levasse, com o intuito de a deprimir, a escrever aquella informação inexacta, que é muito da minha obrigação e do meu dever deixar aqui corrigida. Lance-se aquillo á conta de lapso do erudito escriptor, desculpavel em quem tanto escreve, como lapso foi tambem dizer o sr. Theophilo Braga, na sua conferencia de março de 1901, que Eça de Queiroz já usava monoculo em Coimbra, quando é certo — como se póde verificar pelo retrato do romancista, publicado no *Diario illustrado* de 22 d'outubro de 1874, e pelo que informa o sr. Jayme Batalha Reis no principio do capitulo II da «Introducção» das

Prosas barbaras — que elle, ainda muito tempo depois de sahir da Universidade, usava lunetas.

Do erro do facto resultou o erro da consequencia e nasceu a falsa conclusão a que o sr. Theophilo Braga chegou, asseverando que Eça de Queiroz deixou de seguir a magistratura judicial por lhe terem lançado um R no acto do quinto anno de Direito. Tal R nunca sahiu da urna pousada sobre a mesa dos lentes que julgaram Eça no seu ultimo exame, e não sei d'onde veio para entrar na imaginação do auctor da *Historia da Universidade!* Se o brilhante romancista deixou de seguir a carreira de magistrado foi por outras razões, de que no capitulo seguinte darei conta.

«Com a minha carta de bacharel n'um canudo, trepei emfim um dia para o alto da Diligencia, dizendo adeus ás veigas do Mondego.» — escreveu Eça de Queiroz no seu artigo *O «Francezismo»*, que já tantas vezes citei. Mas não foi um adeus para sempre que elle disse á linda Coimbra da sua mocidade. Em 1880, quando a academia do meu tempo festejou o tricentenario de Camões, Eça de Queiroz, que, ao que supponho, não tinha voltado á cidade do Mondego depois da sua formatura, foi lá passar dois ou tres dias, hospedando-se na casa em que, na rua das Fangas, habitavam o meu amigo dr. Sergio de Castro e Carlos Lobo d'Avila.

Installaram-n'o elles em um quarto sobranceiro áquelle panorama encantador que se estende e alarga desde a verde encosta de Santa Clara, onde o velho mosteiro se prolonga, mirando o rio e a cidade, até á Lapa dos Esteios, e vae terminar um pouco acima, na curva graciosa em que parece que o Mondego morre e finda n'um quieto lago. Eça, recolhido no seu quarto, passava horas esquecidas, embevecido n'aquella paisagem elysia, curtindo ali, solitario, as

suas agudas saudades. Um dia, ao jantar, um dos donos da casa perguntou-lhe:

— Que quer você que se lhe dê *da vida de Coimbra*? Uma ceia no Paço do Conde? Um sarau de poetas?...

— Um sarau de poetas?... — interrogou Eça —. Ainda cá está o João de Deus? Não me entendo com versos que não sejam do João...

— Impossivel! Já cá não está. Depois de passar em Coimbra annos e annos, formou-se finalmente! Peça outra coisa.

— Uma guitarrada, meninos! Então, uma guitarrada!...

Chamaram-se os guitarristas de fama do meu tempo: o José Julio, o Jayme d'Abreu, ambos já hoje fallecidos, coitados! Gemeram as guitarras, soltando suspiros d'harmonia. Improvisaram-se versos:

Fala-se em lucta p'la vida...
Theorias fal-as quem quer!
Na vida, o homem só lucta
P'lo coração da mulher.

E Eça, encolhido n'uma cadeira de verga, d'olhos fitos nos tocadores, deliciava-se com o triste soluçar das guitarras, que lhe faziam lembrar outras que elle tinha ouvido, muitos annos antes, em noites de lua cheia, por aquellas ruas estreitas do velho burgo da sciencia... «E o dia na quinta finda... emquanto na guitarra ao lado geme algum dos fados de Portugal, longo em saudades e em ais, e a lua, ao fundo da varanda, uma lua vermelha e cheia, surde, como a escutar, por detraz dos negros montes.» — escreveu elle depois no seu livro *A correspondencia de Fradique Mendes*, em carta a *madame* de Jouarre. Recordações da meiga e doce guitarra! Lembran-

ças das guitarradas dos seus bons tempos de estudante!...

Depois d'aquelle anno de 1880, Eça de Queiroz, que eu saiba, nunca mais voltou a Coimbra, áquella cidade feiticeira que lhe deixou no coração tantas saudades, tantas, que chegaram para elle as espargir ternamente por muitas paginas dos seus romances *Os Maias*, *A reliquia*, *A cidade e as serras*, e pelos capitulos da sua bella obra *A correspondencia de Fradique Mendes* e de outros livros seus. Saudades como as minhas... Com a differença — ai de mim!... — que eu não sei, como elle sabia, transmittil-as aos queridos leitores.

Nota. Já depois de impresso quasi todo este capitulo, falleceu na Timpeira, proximo de Villa Real, o conselheiro Antonio d'Azevedo Castello-Branco. Aqui deixo á sua memoria a homenagem do meu respeito.

Tambem falleceu em Hespanha o dr. Antonio Mendes Lages, a quem me refiro a pag. 49.

CAPITULO III

Pela vida alem...

As conferencias do Casino

— A vida é um bem inestimavel!

EÇA DE QUEIROZ. *O primo Bazilio.* (Palavras do Conselheiro Accacio, capitulo XVIII.)

— E aqui tens tu a vida, meu Ega!

EÇA DE QUEIROZ. *Os Maias.* (Vol. II, capitulo X).

A vida de Eça de Queiroz decorreu placidamente, serenamente, sem sobresaltos de paixões ou arriscados transes de loucas aventuras. Foi uma existencia socegada e calma, em que se não realçaram aquelles recortes de episodios imprevistos e anormaes, de accidentes bruscos de infelicidade, que tornam interessante uma biographia. N'ella não houve como, em exemplo, na de Camillo Castello-Branco, uma desordenada mocidade de estouvado, de guerrilheiro, de duellista, de amoroso; não houve dias de tristeza passados no carcere; não houve uma desventurosa velhice, escurentada pela cegueira horrivel; não houve, emfim, o doloroso e lamentavel remate do suicidio...

A vida de Eça de Queiroz deslizou tranquillamente, entre o nascimento e a morte, como em campina avelludada de macia relva passa de leve um rio de

claras aguas, que não tem, a estrangular-lhe a corrente e a agitar-lhe o veio, rochas denegridas ou obstaculos resistentes. Por isso a historia do seu perpassar na terra, assignalado por uma bella obra de escriptor, é singela e simples, inteiramente desprovida de peripecias emmaranhadas, de episodios extravagantes, que tivessem causado ruido ou feito echo e rumor.

Vão os leitores ter noticia da vida do romancista, se quizerem pacientemente seguir, com indulgencia e bondade, o que lhes vou contar. E não é por mero gostinho de bisbilhotice que me decido a escrever as paginas subsecutivas: é porque entendo que o largo e amplo conhecimento da vida d'um escriptor é indispensavel para bem se lhe poder apreciar a obra e criticar com justeza o systema literario e o processo de escrever. Não influiria, porventura, na acção demolidora de Eça de Queiroz o meio revolucionario em que elle viveu em Coimbra? O convivio com a sua geração academica, ardente e iconoclasta, acaso não lhe affeiçoou o espirito á rebellião e não o levou a investir, pela ironia e pelo motejo, com a sociedade do seu tempo? Pois, então, é preciso saber-se o que elle fez em Coimbra — e eis porque da sua vida academica deixo minuciosa chronica no anterior capitulo. É necessario agora conhecerem-se-lhe as estações da existencia, depois que elle, a impár de saudades, se viu obrigado a voltar costas á linda cidade do Mondego. Vamos, pois, o leitor e eu, seguil-o, por assim dizer, passo a passo.

Com a sua carta de bacharel n'um canudo, sahiu Eça de Queiroz de Coimbra, no verão de 1866, e veio por ahi abaixo, na diligencia, até Lisboa, onde seu pae exercia a magistratura. «Emfim cheguei á capital de Portugal» — conta elle no artigo *O «Francezismo»*, publicado nas *Ultimas paginas*, e accres-

centa: «Começou então a minha carreira social em Lisboa.» E por ahi andou alguns mezes, escrevendo os seus primeiros folhetins, na *Gazeta de Portugal*, frequentando os theatros, o Gremio, a Casa Havaneza, o Café Martinho, o Passeio Publico, o Chiado e a Baixa. No proposito de seguir a advocacia, inscreveu-se como advogado no Supremo Tribunal de Justiça, em 10 d'outubro de 1866, como consta dos registos da respectiva secretaria, e parece que praticou algum tempo no escriptorio d'um causidico de nomeada; mas as inclinações irresistiveis do seu espirito fervente levaram-n'o a antepôr ás paginas soporiferas de Ortalan, de Duranton e dos commentadores dos codigos, as paginas vivas de Flaubert, Proudhon e Baudelaire: antes queria as glorias fulgentes da literatura do que as celebridades pesadas do fôro. Foi tambem seu intento seguir a carreira de seu pae, a magistratura judicial, em que este muito se distinguiu como recto e austero julgador: em vez, porem, de ser um juiz obscuro e desconhecido, arrastando vagarosamente a vida de comarca em comarca, preferiu sobresahir como escriptor notavel e admirado. O seu intenso e forte amor á arte impelliu-o a pôr de lado os autos pesados e espessos, os processos maçadores, e a dar primazia aos livros de literatura. Bem fez!

Com o cerebro cheio de ideias novas, vindas da França, Eça de Queiroz, vagueando pela capital, em todos os centros de conversa discutia a politica franceza, arremessando-se em violenta opposição ao imperador Napoleão III e á côrte brilhante e frivola das Tulherias. Foi terrivel!... Mas isto não era vida, e um dia, em fins do anno de 1866, abalou de Lisboa e partiu para Evora. Foi, a convite d'uma empreza, que, segundo ouvi dizer, lhe dava cem mil réis por mez, fundar o *Districto de Evora*, bi-semanario cujo

primeiro numero se publicou no dia 6 de janeiro de 1867 — um domingo. A *Folha do Sul*, que a esse tempo sahia á luz em Evora, no seu numero de 9 de janeiro d'aquelle anno, dando noticia do apparecimento do *Districto de Evora*, escrevia:

«Consta geralmente que é redactor do *Districto* «*de Evora* o sr. Eça de Queiroz, que ha algum tempo «collaborou na *Gazeta de Portugal*.»

Elle só, com uma actividade extraordinaria, sem o auxilio d'outrem, redigia o jornal todo! Os artigos de fundo, os folhetins — que se intitulavam *Leituras modernas*, entre os quaes um conto, *O réu Thadeu*, que ficou incompleto —, as polemicas vivas que sustentava com a *Folha do Sul*, tudo era obra sua! Até engendrava correspondencias de Lisboa, umas politicas, outras literarias, que assignava com as iniciaes A. Z. No romance *O crime do padre Amaro*, applicou Eça, no capitulo X, a um seu personagem de Leiria, o Agostinho Pinheiro, redactor da *Voz do Districto*, este traço de autobiographia:

«Agostinho fazia o artigo de fundo, as locaes, a «*Correspondencia* de Lisboa...»

Apesar de ter em Evora a companhia de seu tio, dr. Joaquim Augusto d'Almeida Teixeira de Queiroz, que ali desempenhava as funcções de juiz de direito; apesar de receber a visita de seu pae, que em junho de 1867 lá foi e se demorou alguns dias, como tudo isto se póde ver na secção de noticias do *Districto de Evora*, Eça de Queiroz aborrecia-se, bocejava de enfado na velha cidade alemtejana. Farto d'aquelle viver monotono, em principios d'agosto regressava a Lisboa. No dia 2 d'agosto d'aquelle anno, dava a

Revolução de Setembro a seguinte informação, sob o titulo *Trespasse de jornal opposicionista:*

«A empresa que sustentava o *Districto de Evora*, «jornal da opposição, trespassou-o ao sr. Bravo, ty-«pographo. O sr. Eça de Queiroz deixou pois de fazer «parte da redacção do jornal, cujas columnas elle se «encarregou de *adjectivar*.

«Tudo isto mostra que a opposição vae... *de vento «em pôpa.*»

A *Folha do Sul*, a 6 d'agosto, transcrevia nas suas columnas a delaração seguinte:

«José Maria d'Eça de Queiroz declara que desde o «dia 1.º de agosto deixou de ser o redactor e director «politico do jornal *Districto de Evora*, e, desligado da «empresa fundadora, dá como terminada a sua res-«ponsabilidade material, moral, politica e litteraria.»

De novo em Lisboa, Eça de Queiroz, continuando a escrever os seus folhetins na *Gazeta de Portugal* — publicados depois da sua morte sob o titulo *Prosas barbaras* —, resolveu abrir banca de advogado. E abriu. Onde? A minha paciencia de investigador descobriu no *Diario de Noticias* de sexta-feira, 20 de dezembro de 1867, estas linhas esclarecedoras:

«O distincto academico o sr. Eça de Queiroz vae «estabelecer-se com escriptorio de advogado na praça «de D. Pedro, n.º 26, 4.º andar. O sr. Eça de Queiroz «é um moço de muita intelligencia e illustração: tem «collaborado na *Gazeta de Portugal*, e redigiu ulti-«mamente um periodico em Evora.»

Um escriptorio de advogado novato, bisonho,

inexperiente, alcandorado n'um quarto andar do Rocio!... Os clientes não deveriam ser muitos. Póde affirmar-se com afoiteza que a fama do novel jurisperito não era tão possante que alcançasse guindal-os áquellas estonteadoras alturas... Comtudo, alguns lá subiam... ou Eça de Queiroz descia até elles.

A sua primeira causa deu-lhe um profundo desgosto! Um marinheiro ciumento e brutal, cego pela ira e pelos zelos, assassinára a pobre amante. A intuição artistica de Eça viu no facto vulgar e corriqueiro um drama horrivel, com pungentes laivos de tragedia: fôra o amor indomito e feroz que armára o braço do homicida; a paixão fremente e louca tornára-o irresponsavel. Tinha a defeza de girar em volta d'este fulcro, e, para isso, indispensavel era que o réu, no dia do julgamento, confessasse francamente, singelamente, em frente dos jurados, o seu crime. Eça de Queiroz, aconselhando-o, tinha-o levado ao convencimento de que era necessario fazer essa custosa confissão. O resto era com elle e com a sua eloquencia: era a esta que pertencia persuadir o jury, commovel-o, arrancar-lhe a absolvição do assassino. Mas...

Ó desengano!... Ó trabalho perdido a engenhar a defeza, a architectal-a cuidadosamente, a estudal-a, bordando periodos, preparando apostrophes destinadas a desfazer corações em lagrimas!... O réu, interrogado pelo juiz, na audiencia geral, negou a pés juntos, com teimosia e firmeza, o negro crime que lhe imputavam!

— O bruto!... — dizia depois Eça de Queiroz, enfurecido. — Estragou-me tudo, mentindo!...

E lá se perdeu uma defeza brilhante, meditada com verdadeiro carinho de artista. Quem sabe se esta inesperada decepção, soffrida ao tentar os pri-

meiros passos na advocacia, concorreria, em muito, para que Eça de Queiroz, desilludido, abandonasse pouco depois essa carreira, para a qual se não sentia inclinado pelo forte impulso da vocação? Talvez...

A esse tempo — ou pouco depois — convivia muito o escriptor com um grupo de rapazes estouvados e travêssos que encaravam a vida apenas pela face da folgança, do prazer e do riso. Eram elles, entre outros, D. Luiz de Castro Pamplona, conde de Rezende; seu irmão D. Manoel de Castro Pamplona, que depois da morte d'aquelle, em 1875, tambem foi conde de Rezende; João de Souza Canavarro, que exerceu as funcções de consul de Portugal em Honolulu; o engenheiro de minas Lourenço Malheiro, que falleceu em 1890; José Maria d'Almeida Garrett, que depois tristemente se celebrizou na tragedia em que, no dia 9 de maio de 1870, perdeu a vida a esposa de Vieira de Castro. Esse grupo, quando reunia, combinava estroinices de toda a casta e tambem imprudencias funestas que deram brado. (1)

---

(1) No *Diario de Noticias* de 27 d'agosto de 1865, sob o titulo *Um rapto* lia-se o seguinte:

«Foi raptada violentamente na estrada de Barcellos pelo sr. José «Maria d'Almeida Garrett, coadjuvado pelos srs. D. Luiz de Castro «Pamplona, filho do sr. conde de Rezende, Lourenço Augusto Pereira «Malheiro e Manuel José Teixeira, uma menina que em companhia de «sua mãe e do seu raptador passeiava n'aquella estrada. Felizmente os «raptadores foram presos em flagrante delicto, e a infeliz menina já «está ao abrigo d'aquelles que lhe pretendiam roubar a mais preciosa «joia. Assim o relata o *Bracarense*.

Tambem no *Diario de Noticias* de 29 de julho de 1870 se lê a informação que segue:

«Diz o *Nacional*, do Porto, que o sr. José Maria de Almeida Gar-

Tambem em fins de 1867 ou principios de 1868 se formou o celebre *Cenaculo*, em casa do sr. Jayme Batalha Reis, na esquina da travessa do Guarda-Mór — hoje rua do Gremio Lusitano — para a rua dos Calafates, actualmente rua do Diario de Noticias. Era uma reunião de rapazes, uma especie de bohemia literaria, em que se discutia arte, philosophia, letras, politica, religião, tudo acompanhado de um berreiro ensurdecedor que fazia o desespero da visinhança. Podia chamar-se-lhe uma cópia ou imitação da *Pleiada*, aquella reunião de sete poetas dos antigos tempos anteriores a Christo, mais tarde tambem imitada em França pelo celebre poeta Ronsard, favorito de Carlos IX, e os seus amigos. Egualmente em França, muito depois, Victor Hugo, com Alfredo de Vigny, Alfredo de Musset, Sainte-Beuve e outros, formou o famoso *Cenaculo*, que foi o mais notavel de todos os grupos literarios contemporaneos. Edmundo de Goncourt, no seu *celleiro*, como elle chamava á casa que habitava em Paris, tambem reunia o seu *Cenaculo*, em que entravam Affonso Daudet, Guy de Maupassant, Octavio Mirbeau, etc., que foram os fundadores da *Academia dos Goncourt*. Não era,

---

«rett, tão tristemente celebre pelo drama funesto que ha poucos mezes «commoveu toda Lisboa, não poude ser admittido no convento da «Trapa; que se acha em Paris e acaba de alistar-se como enfermeiro «no exercito francez.»

Talvez lembrando-se d'essa circumstancia, Eça de Queiroz, no seu romance *Os Maias* — volume II, capitulo X — faz dizer a Carlos da Maia estas palavras:

«— E aqui tens tu a vida, meu Ega! N'este quarto, durante noites, «soffri a certeza de que tudo no mundo acabára para mim. Pensei em «me matar. Pensei em ir para a Trappa. E tudo isto friamente, com «uma conclusão logica. Por fim dez annos passaram e aqui estou «outra vez...»

pois, original a formação do *Cenaculo* de Lisboa. Já Salomão, o maximo dos sabios, dizia que a luz do sol nada de novo illumina. *Nihil sub sole novi*...

O *Cenaculo* era constituido, primitivamente por Eça de Queiroz, Salomão Saragga, o sr. Jayme Batalha Reis e tambem Santos Valente, Marianno Machado de Faria e Maia e José Eduardo Lobo de Moura, que tinha sido condiscipulo de Eça de Queiroz no curso da Universidade, era notavel pelo imprevisto dos seus ditos e falleceu sendo juiz presidente da Relação dos Açores. Tambem de quando em quando compareciam nas barulhentas sessões Augusto Fuschini, José Tedeschi, Frederico Philemon da Silva Avelino, e os srs. Alberto Telles e *maestro* Augusto Machado. Anthero de Quental, que tinha vindo da ilha de S. Miguel para Lisboa em novembro de 1868, foi um dia apresentado no *Cenaculo*, passando logo a ser uma das suas principaes figuras. Tão intimamente se ligou com o sr. Jayme Batalha Reis, que foi depois viver com este na sobreloja d'uma casa de S. Pedro d'Alcantara, em frente da alameda. Ali começou Oliveira Martins a frequentar o *Cenaculo* e tambem, mais tarde, Ramalho Ortigão, já então de pazes feitas com Anthero de Quental, seu adversario, tres annos antes, no celebre duello da Arca d'Agua.

Eis o que era — e quem o constituia — o famigerado *Cenaculo*, a que Eça de Queiroz, um dos seus membros mais illustres, se refere saudosamente em varias passagens de escriptos seus.

Escreve elle no artigo ácerca de Anthero de Quental, *Um genio que era um santo:*

«Emfim Anthero volta a Lisboa, encontra o Cena-
«culo. Encontra o nosso querido e absurdo Cenaculo
«instalado na travessa do Guarda-Mór, rente a um
«quarto onde habitavam dois conegos, e sobre uma

Alguns membros do "Cenaculo"

Da esquerda para a direita: Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Anthero de Quental, Ramalho Ortigão e o sr. Guerra Junqueiro.

«loja em que se agazalhavam, como no curral de Be-
«lem, uma vacca e um burrinho. Entre essas teste-
«munhas do Evangelho e esses dignitarios da Egreja,
«rugia e flammejava a nossa escandalosa fornalha
«de Revolução, de Metaphysica, de Satanismo, de
«Anarchia, de Bohemia feroz. J. Batalha Reis era o
«dono do aposento temeroso, e Via-Lactea, gallego
«illustre, o seu servo. Via-Lactea dormia pendurado,
«como um paio, da chaminé da cozinha. As suas oc-
«cupações não consistiam em escovar ou varrer. A
«Via-Lactea fôra confiada a missão transcendente de
«espreitar a passagem da Ideia ao longo do rio do Es-
«pirito, para nos avisar, e nós corrermos e a pren-
«dermos na rède rutilante do Verbo. Durante dois
«annos, cada dia, a horas de sol e a horas de treva,
«empurrámos nós com fragor a porta da cozinha, e
«berrámos com ancia: «Via-Lactea! Via-Lactea! viste
«emfim a Ideia Pura boiando na corrente Espiri-
«tual?...» E durante dois annos Via-Lactea, de den-
«tro da chaminé ou de sobre a tampa d'um caixote,
«immutavelmente rosnou com uma dignidade triste:
«*Num bi nada.*» Ahi Anthero appareceu n'uma fria
«manhã — e foi acclamado. N'aquella viella de Lisboa
«resuscitou então, por um momento, «a encantada e
«quasi phantastica Coimbra» de que elle sempre con-
«servára uma saudade romantica. Anthero, porem,
«que desembarcára em Lisboa, como um Apostolo do
«Socialismo, a trazer a Palavra aos gentilicos, em
«breve nos converteu a uma vida mais alta e fecunda.
«Nós foramos até ahi no Cenaculo uns quatro ou
«cinco demonios, cheios de incoherencia e de turbu-
«lencia, fazendo um tal alarido lyrico-philosophico que
«por vezes, de noite, os dois conegos estremunhados
«rompiam a berrar, o burro por baixo zurrava, de-
«soladamente, e no ceu, sobre os telhados fronteiros,
«a lua parava, enfiada. Mas toda a nossa alma se ia

«n'esse alarido, e o vento vão da Bohemia a levava, «para onde leva as almas descuidadas e as folhas de «louro seccas... Sob a influencia de Anthero logo «dois de nós, que andavamos a compor uma opera-«bufa, contendo um novo systema do Universo, aban-«donámos essa obra de escandaloso delirio — e come-«çámos á noite a estudar Proudhon, nos tres tomos «da *Justiça e a Revolução na Egreja*, quietos á banca, «com os pés em capachos, como bons estudantes. Via-«Lactea começou a varrer.»

A correspondencia de Fradique Mendes, logo na primeira pagina, lá tem uma referencia de Eça de Queiroz ao *Cenaculo:*

«Era o tempo em que eu e os meus camaradas de «Cenaculo, deslumbrados pelo Lyrismo Epico da *Lé-«gende des Siècles*, «o livro que um grande vento «nos trouxera de Guernesey» — decidiramos abomi-«nar e combater a rijos brados o Lyrismo Intimo, que, «enclausurado nas duas pollegadas do coração, não «comprehendendo d'entre todos os rumores do Uni-«verso senão os rumores das saias d'Elvira, tornava «a Poesia, sobretudo, em Portugal, uma monotona e «interminavel confidencia de glorias e martyrios de «amor.»

A pagina 10 da primeira edição de *A cidade e as serras,* nova allusão ao *Cenaculo:*

«Este conceito de Jacintho impressionára os nos-«sos camaradas de Cenaculo, que tendo surgido para «a vida intellectual, de 1866 a 1875, entre a batalha «de Sadowa e a batalha de Sedan... estavam larga-

«mente preparados a acreditar que a felicidade dos «individuos, como a das nações, se realisa pelo illi- «mitado desenvolvimento da Mechanica e da Erudi- «ção.»

*

Em *Os Maias,* volume I — pag. 143, da primeira edição — lá está o João da Ega a dizer a Carlos da Maia:

«—E' necessario reorganizar essa vida. Precisa- «mos arranjar um cenaculo, uma bohemiasinha «dourada, umas *soirées* de inverno, com arte, com «litteratura.»

*

* *

Foi d'ahi, d'esse *Cenaculo* ruidoso e vozeador, que Eça de Queiroz partiu, no anno de 1869, em longa viagem pelo Oriente. O seu sonho d'artista realizado! Satisfeito, emfim, o desejo vehemente de conhecer a Terra Santa, que tão profunda impressão deixaria vincada, para toda a vida, na imaginação e no espirito ardente do moço escriptor! Por companheiro de viagem levava elle o conde de Rezende, de quem viria, dezasete annos depois, a ser cunhado. Era este um gentil rapaz de rara distincção, par do reino, fidalgo da mais pura estirpe, instruido, olhado com admiração e inveja pelos que o viam destemido, o consideravam indifferente ao perigo e lhe conheciam as afamadas aventuras e as rapaziadas que fizeram epoca. Já uma vez contei uma d'estas n'um ignorado jornal que dirigi, *O Liberal,* duas vezes atacado e destruido pela demagogia triumphante.

Foi no Porto. O conde de Rezende e José Maria d'Almeida Garrett viram, uma noite, n'uma taberna da antiga e historica viella da Neta — d'onde José Passos, em 1846, ditou leis ao norte do paiz — abancados a uma comprida mesa, coberta com uma toalha gordurenta e de alvura mais que suspeita, alguns gallegos, que socegadamente ceavam, comendo em grossas tigelas o seu caldo fumegante. Muito proximo, na rua Formosa, á porta do rico palacio do conde do Bolhão, reluzia, envernizada, a carruagem que devia conduzir ao theatro a familia do titular opulento. O conde de Rezende e Almeida Garrett dirigiram-se logo a um estabelecimento vizinho, compraram um longo cordel, a que prenderam um anzol, e emquanto um d'elles atava a extremidade da guita á roda do luxuoso carro do conde do Bolhão, o outro entrava na tasca, a pretexto de pedir uma informação vulgar, e pregava disfarçadamente, mas com rapidez, o anzol na toalha pingada de vinho. Momentos depois, os cavallos do conde do Bolhão arrancavam e a carruagem rodava, esticando a corda, arrastando a toalha e fazendo ir pelo ar as malgas de caldo dos gallegos, que rebramiam, desmanchados em iras de furiosos!... Parece que o conde de Rezende pagou, acto continuo, toda a louça partida e indemnizou com generosidade os gallegos escaldados, que a colera ia volvendo em loucos perdidos.

Era este o alegre companheiro de Eça de Queiroz na sua viagem ao Oriente.

Partiram, os dois, para Hespanha e de lá, por Cadiz, para Malta e para o Egypto. Depois de terem visitado o Cairo, as pyramides de Gizeh e o velho paiz dos Pharaós, assistiram, em 17 de novembro de 1869, á inauguração do canal de Suez e ás festas deslumbrantes que solemnizaram essa victoria do

progresso. (1) No seu artigo *De Port-Said a Suez*, com que abrem as *Notas contemporaneas*, escreve Eça de Queiroz:

«... as festas de Suez estão para mim entre duas «grandes recordações — o Cairo e Jerusalem: estão «abafadas, escurecidas por estas duas luminosas e «poderosas impressões: estão como póde estar um «desenho linear a lapis, entre uma tela resplande-«cente de Decamps, o pintor do Alcorão, e uma tela «mortuaria de Delaroche, o pintor do Evangelho.»

De Suez partiram os dois viajantes para as costas da Arabia. — «Nós fomos para as costas da Arabia, para os lados do deserto do Sinai ver o oasis de Moysés.», escreveu Eça n'aquelle mesmo artigo — e lá foram depois em demanda da Palestina e da Jerusalem deicida, que viu sem horror a dolorosa Paixão de Christo. Em 1 de dezembro de 1869 estavam os dois na velha Sião, installados no *Mediterranean Hotel*, como se póde ver na data da breve introducção do escripto de Eça de Queiroz, *A morte de Jesús*, com que fecham as *Prosas barbaras*.

No tomo VI das *Farpas*, de outubro de 1871, escre-

---

(1) No capitulo III do seu livro *A correspondencia de Fradique Mendes*, Eça de Queiroz escreve: — Em 1871 percorri o Egypto. É lapso do illustre escriptor. Foi em 1869 que elle visitou o Egypto e depois a Palestina. Em 1871, até junho, esteve em Leiria, onde, desde o anno anterior, exercia as funcções de administrador do concelho. Em 12 de junho, já exonerado do seu cargo, realizou no *Casino lisbonense* a sua conferencia. Em novembro do mesmo anno de 1871, escreveu e publicou elle, com a sua assignatura, no tomo VII das *Farpas*, a interessante carta em que se refere ao seu concurso a um logar de consul. Vê-se, pois, que foi por erro de memoria que Eça deu á sua viagem ao Egypto a data de 1871.

vendo ácerca da Hespanha, Eça de Queiroz dá conta da sua viagem ao Oriente d'este modo:

«Porque emfim, se um de nós se perfilasse deante «de S. M. Amadeu e lhe fallasse d'esta arte:

«— Real senhor: o vosso humilde servidor já foi «a Hispanha, d'ahi a Malta, depois ao Egypto, d'ahi «á Arabia, depois á Palestina, a Jerusalem, atraves-«sou os montes da Judéa, peregrinou até ao Jordão, «subiu á Syria, visitou o Libano...

«... S. M. Amadeu não podia deixar de descer os «degraus do throno, e gritar commovido:

«— Viajante d'essa ordem, reina sobre os hispa-«nhoes!»

A emoção que no animo de Eça de Queiroz deixou esta viagem ao Oriente, conhecem-n'a bem os que tiverem lido a sua obra. Os aspectos novos e deslumbradores d'aquellas terras longinquas, as suas grandiosas ruinas, a sua architectura imponente; a evocação das velhas civilizações e das grandes epocas remotas; as festas d'aquelles povos e os seus costumes; as raças, as religiões; as paisagens deliciosas do Egypto e asperas da Palestina; os dias passados á borda do Nilo, cujas aguas bemditas veem da Ethyopia e da Nubia; as noites sem bafagem, dormidas á beira da corrente sagrada do Jordão, onde os pastores beduinos vão dessedentar os seus rebanhos; as areias ardentes do deserto e as ondas biblicas do Mar-Morto; as arvores gigantescas do Libano — tudo isto deu á curiosidade de Eça de Queiroz um tal encanto e ao seu espirito sensivel um tão intenso prazer, que na sua obra se reflectem claramente as impressões inolvidaveis que n'essa magnifica viagem colheu. No seu romance *A reliquia,* no seu interessantissimo livro *A correspon-*

dencia de Fradique Mendes, nos *Contos*, nas *Prosas barbaras*, nas *Notas contemporaneas*, nas *Farpas*, as recordações da sua bella digressão pelo Oriente brilham e refulgem com admiravel nitidez. É um regalo percorrer essas paginas de tanta arte; é uma delicia ler aquelle sonho que o Raposão sonhou, em que é reproduzida a Paixão de Jesus, na *Reliquia* — unica parte verdadeiramente valiosa d'essa novella de Eça de Queiroz.

Nos principios da primavera de 1870 regressou Eça do Oriente. O sr. Jayme Batalha Reis, na sua «Introducção» das *Prosas barbaras*, afiança que foi na primavera de 1869. É equivoco. Em 17 de novembro de 1869 assistia o auctor dos *Contos* á inauguração do canal de Suez e em dezembro d'esse mesmo anno percorria com viva curiosidade as ruas apertadas e sinuosas de Jerusalem, que o monte das Oliveiras domina. Foi em 1870 que Eça de Queiroz voltou a Lisboa, onde, á similhança do que succedia em Ravenna, ao Dante, que as mães, aterradas, mostravam aos filhos, dizendo: — «Aquelle é o homem que visitou o Inferno!», o novel escriptor era apontado nas ruas pelos burguezes pacatos, que segredavam uns aos outros, com admiração e respeito: — «Eis o homem que vem da Terra Santa!»

Na capital, Eça encontrou ainda reunido o *Cenaculo*, em cujo seio entrára Anthero de Quental, que em 1869 — e não em 1868, como elle diz na sua autobiographia — partira a percorrer terras da America. Tambem Eça de Queiroz veio achar, a mais, no *Cenaculo*, Ramalho Ortigão, que em 1869 sahiu do Porto para Lisboa, por ter sido nomeado official da secretaria da Academia Real das Sciencias, e com este se ligou então estreitamente, tendo-o por collaborador, logo no verão de 1870, no *Mysterio da Es-*

trada de Cintra, e no anno seguinte nas *Farpas*. «Foi na sua volta do Oriente que Queiroz se encontrou comigo em Lisboa.» — conta o auctor de *A Hollanda*, no folhetim do *Diario illustrado* de 22 de outubro de 1874, que, depois de ter acompanhado n'esse jornal o retrato de Eça de Queiroz a que já no capitulo anterior me referi, foi transcripto no volume XXIII das *Farpas*.

*

* *

N'esse mesmo anno de 1870 foi Eça de Queiroz nomeado administrador do concelho de Leiria. Aqui tenho eu o *Diario do Governo* numero 164, de 26 de julho d'esse anno, em que se lê o seguinte despacho de 21 do referido mez de julho, que textualmente copio:

«Bacharel José Maria d'Eça Queiroz nomeado, por «proposta, para administrador do concelho de Lei«ria».

Era então chefe do ministerio o duque de Saldanha, que dois mezes antes, a 19 de maio, tinha revolucionariamente derrubado o gabinete presidido pelo duque de Loulé, de quem era collega, na pasta da justiça, o notabilissimo estadista José Luciano de Castro, que foi meu eminente chefe politico e meu amigo. O ministro do reino, com Saldanha, era José Dias Ferreira e o governador civil do districto de Leiria era Luiz Teixeira Sampaio, que, ao que informava o *Diario de noticias* de 3 de agosto de 1870, veio a Lisboa, n'esta data, certamente conferenciar com o governo. Em 30 de julho tomou Eça de Queiroz posse, em Leiria, do seu cargo, indo hospedar-se modes-

tamente em casa d'umas senhoras conhecidas por senhoras Jordões. Assim fez elle, depois, o seu padre Amaro hospede da S. Joanneira.

Dias antes de partir para o seu posto administrativo — refere o *Diario de noticias* da epoca — divagando pelo Passeio Publico, em companhia de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Julio Cesar Machado e Ramalho Ortigão, lembrou-se Eça, e lembraram-se os seus tres amigos, de reunir em um jantar de subscripção os membros da classe dos escriptores publicos, para assim se estreitarem relações entre todos. Communicada a ideia a outros collegas, foi esta aceita e o jantar realisou-se no *Hotel universal*, a 28 de julho de 1870, presidindo Antonio Rodrigues Sampaio. Foi ahi que se lançaram as bases da fundação d'uma *Sociedade de homens de letras*. Eça de Queiroz não assistiu ao banquete, de que fôra um dos iniciadores, por ter partido para o concelho que ia administrar.

Referindo-se á sua vida triste de Leiria, escreveu elle depois no tomo VII das *Farpas*, de novembro de 1871, em carta dirigida ao «querido leitor» e firmada com a sua assignatura:

«Um ceo nublado, hostil, entristecia e pesava: eu «morava n'uma rua estreita como uma fenda e triste «como o destino de um monge: de um lado tinha as «velhas paredes da Misericordia onde as corujas «piavam, do outro as torres da Sé onde os sinos fa«ziam a cada momento rolar pelo ar os seus prantos «sonoros! E havia na minha janella, n'um caixote de «pau, um arbusto de alecrim, que erguia constante«mente para o ceo os seus miudos bracinhos de ver«dura secca — nunca pude saber porquê, porque em«fim na sua qualidade de planta devia ser materialista «e atheu!»

Leiria, com a sua moldura de verduras, encostada á rija escarpa coroada pelo nobre castello de D. Diniz, de cujas ameias, outr'ora, esculcas vigilantes espreitavam a planicie, não viessem mouros ardidos, ou castelhanos ousados, atacar de surpreza guerreiros de Portugal — é uma cidade ridente, cercada pela paisagem encantadora que o Liz e o Lena, reluzindo ao sol, serpeando caprichosamente, alegram e abraçam n'um amplexo amoroso. Mas a vida ali, fastidiosa e monotona como a de todas as pequenas terras de provincia, não seduzia o animo inquieto de Eça de Queiroz. Aborrecia-se. Com os negocios da administração do concelho não se preoccupava em demasia. Assignava a papelada em que era necessaria a sua firma, dava expediente, bocejando, aos serviços do seu cargo, ouvia as queixas que lhe faziam, como quem cumpre uma dura penitencia, e ia logo encerrar-se no seu gabinete, folheando livros, tomando apontamentos, consultando Horacio e outros auctores latinos a que chamava carinhosamente «os seus mestres». A administração do concelho, para elle, era *o vacuo,* como costumava dizer.

Um pouco altivo e ainda com as tendencias aristocraticas manifestadas em Coimbra, nos seus tempos de estudante, pouco expansivo e em politica declaradamente *miguelista*, dava-se apenas com a melhor sociedade de Leiria, que sempre o acolheu bem, apreciando a viveza, a originalidade das suas ideias e a graça aguda e fina dos seus ditos. Uma vez ou outra, sahia da cidade, em passeio venatorio, e no verão distrahia-se na praia de Vieira, proxima da foz do rio Liz, onde, á hora do banho, entretinha as senhoras, conversando, emquanto as ondas, umas atraz d'outras, se ennovelavam na areia e o mar immenso — vastissimo terreno perdido para a agri-

cultura, como dizia aquelle lavrador zeloso pelo progresso do cultivo — se estendia até á linha recurva do horisonte.

Eça de Queiroz tambem teve em Leiria as suas leves aventuras d'amor... E como não seria assim se nas veias lhe estuava e fervia o sangue juvenil dos vinte e cinco annos? Vou citar, ao acaso, um d'esses lances. Uma noite, n'um baile de carnaval para que fôra convidado, envergou o seu bello fato de Tyrolez e appareceu, deslumbrante, no salão da dança; não sei, porem, se por equivoco — por facil distracção talvez... — foi surprehendido, d'ahi a pouco, n'um quarto da casa, no momento em que, n'um impeto de apaixonado, abraçava amorosamente a dama dos seus suspiros. Não foi de paz o que se seguiu... Basta dizer que Eça de Queiroz, expulso d'aquelle logar de delicias, como Adão o fôra do Eden, fugiu para casa, despiu o disfarce rasgado e encafuou-se na cama, enviando logo uma carta urgente ao amigo com quem mais convivia, em que rogava que viesse falar-lhe sem demora.

— Que foi?... Que succedeu?... — exclamou este, inquieto, quando entrou.

— *Consummatum est!*... — respondeu Eça, desalentado e abatido.— Sou um Cupido desazado... e com as setas partidas!

Quem tiver lido *Os Maias,* encontrará lembranças d'este episodio veridico no capitulo VIII do volume I, onde o romancista, com deliciosa graça, dá conta da expulsão do João da Ega, esplendidamente vestido de Mephistopheles, do baile de mascaras em casa dos Cohens, onde tambem havia uma dama vestida de Tyroleza. Confronte-se...

Foi em Leiria que no verão de 1870, de julho a setembro, Eça de Queiroz escreveu a parte que lhe pertence no *Mysterio da estrada de Cintra.* Foi lá

tambem que no anno seguinte, já de todo convertido ao realismo, elle esboçou *O crime do padre Amaro,* o seu primeiro romance, cuja acção se passa em Leiria e cujos personagens, na sua maioria, são photographias exactissimas e flagrantes de pessoas e typos d'aquella cidade, hoje quasi todos fallecidos.

Já Eça de Queiroz administrava o concelho de Leiria, quando requereu para ser admittido ao concurso que em 21 de junho de 1870 havia sido aberto para os que pretendessem exercer o cargo de consul de primeira classe. Referindo-se a esse concurso, escreve Eça de Queiroz no volume VII das *Farpas,* de novembro de 1871, que já atraz citei:

«Deves saber, querido, *(leitor)* que ha um anno eu «tive a lembrança de me habilitar por um concurso «a ser consul, *teu* consul de primeira classe: porque «emfim *tu* és a patria. Ah! é-se humilde, mas lá vem «uma hora orgulhosa e altiva — em que se pensa «vagamente em dar á patria a vitalidade de uma «vontade honesta e os serviços reflectidos de uma «razão lucida. Os livros santos, a historia, o ro«mance estão cheios d'este bello dever humano. «Pela patria, Judith, a tragica viuva, fez a Holopher«nes aquella surpresa que sabem! Pela patria, Mu«cio Scevola tisnou a mão n'um brazeiro sabino! «Pela patria, Viriato (sabem, o nosso Viriato) fez «nas serranias do Herminio essas façanhas legen«darias de que agora me não recordo bem: emfim «eu resolvi abandonar as livres phantasias e ir para «alguma estreita e sonora rua de uma velha cidade «commercial, esquecido dos homens e conhecido dos «*cambios,* velar pelo commercio do meu paiz! Digo «isto, mas dispenso os bilhetes de visita do corpo «commercial!

«Fui, pois, a esse concurso! Ah! lembro-me bem, «estudei-o n'um inverno em Leiria. Um ceo nublado, «hostil, entristecia e pesava..... Foi alli, no torpor «d'aquellas tristezas, que eu reli o meu direito pu«blico, o meu direito internacional privado, o meu «direito maritimo, a minha economia politica, o teu «codigo commercial, oh patria!... e posso affirmar«lhes que não é positivamente de interessantes e «lacrimosos amores, de fundas e commoventes pas«sagens — que tratam aquelles honestos compen«dios.

«Ha no entanto um periodo que me lembra com «uma melancolia feliz: oito dias que eu passei estu«dando com o meu amigo Batalha Reis. O mundo «vae talvez ficar pallido de surpresa diante d'esta «fraternidade antiga, que parece em verso de um «drama de Corneille. Sim, mundo, nós concorriamos «ambos e estudavamos ambos! Era em casa de Ba«talha Reis, em S. Pedro de Alcantara, defronte da «alameda: e quando a larga janella do quarto estava «aberta, e nós sentados á mesa diante de Ortolan, «Leclerq, Silvestre Ribeiro, Vrunsk, — via-se ape«nas um quadrado de folhagem, que se amarellava «suavemente nas primeiras fraquezas outonaes de «seiva, e no fundo, atravez do entrelaçamento da «folhagem, o doce azul apparecia, meigo, com to«ques de indigo e delicadezas de setim. Anthero de «Quental era então companheiro de casa de Batalha «Reis: tinha chegado havia pouco da America do «Norte, das pallidas paisagens septentrionaes da «bahia de Halifax, e andava traduzindo Goethe. «Batalha Reis e eu, porém, tinhamos-lhe prohibido «com palavras terriveis, entrar no quarto onde nós «estudavamos direito maritimo e tantos outros di«reitos que não especialiso — para não fatigar al«guma senhora que tenha a delicada caridade de ir

«illuminando com a clara festa dos seus olhos esta «historia infeliz! Quando Anthero de Quental en- «trava por acaso com o seu Goethe na mão, adeus, «oh fecundos, austeros direitos! As vivas discussões «batiam as azas! e terminavamos sempre por ir «cear — sem convidar Ortolan!»

Ha aqui um lapso do illustre escriptor. Elle não podia ter-se habilitado para o seu concurso «n'um inverno em Leiria», pela clara e evidente razão de que, tendo tomado posse do seu cargo de administrador do concelho em 30 de julho de 1870, e tendo prestado as provas d'esse concurso, como vae ver-se, entre 24 de setembro e 1 d'outubro d'esse mesmo anno, ainda não passára inverno algum na gentil cidade do Liz. Foi, pois, n'um outomno, certamente invernoso e tristonho, alagado de chuvas e varrido de ventos, que elle estudou, em Leiria, as materias sôbre que poderia versar o concurso, vindo depois a Lisboa concluir os seus estudos, em oito dias, com o sr. Jayme Batalha Reis, na casa que este habitava, com Anthero de Quental, em S. Pedro d'Alcantara. As proprias palavras de Eça de Queiroz, no trecho acima transcripto, quando se referem á «folhagem, que se amarellava suavemente nas primeiras fraquezas outonaes da seiva», confirmam a minha affirmação.

Admittido ao concurso, como se vê pelo *Diario do Governo* de 24 de setembro de 1870, n'um dos dias immediatos a este prestou Eça, com os outros concorrentes, as suas provas no ministerio dos Negocios Estrangeiros. Por mera curiosidade vou aqui transcrever dos respectivos documentos, que examinei cuidadosamente no archivo d'aquelle ministerio, os pontos que o brilhante escriptor desenvolveu. São estes:

Exercicio theorico

Direito de visita. Limites do direito de visita em quanto ao tempo e logar.

Exercicio pratico

Uma menor portugueza residente no imperio do Brazil foi pedida em casamento ao pae, subdito portuguez, que negou o seu consentimento. O noivo requereu conforme a lei brazileira o supprimento do juiz territorial. Este ordenou o deposito. Segundo a lei portugueza a incapacidade da menor só pode ser supprida pelo poder paternal ou na sua falta pela tutella. Redigir um officio ao juiz territorial reclamando contra o seu procedimento.

No dia 1 d'outubro do alludido anno, ás 8 horas da noite, reuniu o jury encarregado de apreciar as provas dos seis concorrentes. Eram membros d'esse jury: Martens Ferrão, procurador geral da Corôa; Vicente Ferreira Novaes, juiz da Relação de Lisboa; Luiz Antonio Nogueira, secretario geral do ministerio do Reino; Antonio Gonçalves de Freitas, director geral das Contribuições Directas e Duarte Gustavo Nogueira Soares, director geral dos Consulados e dos Negocios Commerciaes. Á meia noite e meia hora davam elles por terminados os seus trabalhos de consciencioso exame das provas prestadas pelos concorrentes, classificando em primeiro logar Eça de Queiroz com *4 muito bom e 1 bom*. Foi uma classificação distinctissima, em que os meritos do notavel escriptor foram provados amplamente e apreciados com verdadeira justiça. No emtanto, achando-se vago o consulado de Portugal na Bahia, pela demis-

são dada ao respectivo consul, Augusto Peixoto, em 29 de agosto de 1870, Eça de Queiroz não foi o nomeado para o logar do consul demittido, mas sim o seu collega de concurso, Manoel Saldanha da Gama, cuja classificação, sendo boa, não era tão elevada como a d'elle. Leia-se, ao proposito, o que Eça escreveu no volume VII das *Farpas,* já citado:

«O concurso fôra um dia, ás dez horas, n'uma «fresca manhã... Eu conto estas coisas como o Mar«quez Fabricio conta na *Legende des Siècles* a to«mada de Creta; mas é porque se eu te fizesse a his«toria d'este concurso sem o envolver em alguma «paisagem, morrias de abstracção e de tedio!

«Fiz esse estimavel concurso, e parece que o grosso «caderno de papel official que escrevi não foi jul«gado inteiramente inepto. Havia um logar vago na «Bahia.

«A Bahia, dizem, é uma cidade alegre, com aspe«ctos de agua venezianos, mas ha muitas osgas. Eu «não acho a osga extremamente diplomatica, nem «faço d'ella a minha convivencia querida: mas em«fim o infante D. Fernando morreu pela sua patria, «no captiveiro — e eu não podia eximir-me a soffrer «por ella uma certa porção d'osgas!

«No entanto não fui despachado — o que achei «justo e galante.

«*Justo* porque o cavalheiro escolhido, que tinha «uma classificação quasi igual á minha, ainda que «inferior, tinha longos serviços no ultramar, estabe«lecimentos na Bahia, etc., estava em condições pre«feriveis e inatacaveis.

«*Galante,* porque — segundo me foi revelado — «eu não fôra despachado porque se quizera fazer a «vontade a uma dama illustre, despachando o meu «companheiro. Como comprehendem, fiquei contente,

«como na effusão de uma victoria! ergui na minha «alma o escarlate pavilhão da alegria. Eu conhecia «um pouco, como todo o mundo, essa dama: nada «ha mais graciosamente fino, nem mais gentilmente «nervoso: ella não tem a belleza terrivel das Junos «antigas, nem o *mignon* descorado das figurinhas «chloroticas de Gavarni. Ella é toda moderna; e «é o typo flexivel das bellezas inquietas e magne«ticas.

«Eu como sabem não sou o velho trovador Loren«sal! Mas é-me sempre grato ter occasião de fazer «sorrir de alegria, um pequenino rosto por quem até «o impassivel sol é curioso! Ella tambem não exigia. «como Herodiade, que lhe servissem n'um prato a «minha cabeça: ella queria apenas que o meu col«lega passasse os mares! Eu nunca teria perdoado «ao sr. ministro (não me lembra já qual era) (1) se «s. ex.ª em attenção aos meus incertos meritos ti«vesse feito franzir as sobrancelhas finas e *cendrées* «d'aquella gentil pessoa! E a unica coisa que me «magoou foi ter só um consulado para lhe sacrifi«car: ah! se ao menos eu tivesse tambem um logar «de membro da junta de parochia, ah!... porque «estes dois logares, com algum alecrim em roda e «algumas violetas no meio, já faziam um bonito mimo, «para depôr aos seus pés!»

Em seguida, n'essa sua carta das *Farpas* de novembro de 1871, Eça de Queiroz, a quem constára que tinha impedido a sua nomeação de consul de Portugal na Bahia a circumstancia de ser conside-

---

(1) Em 1870 e em 1871 foi ministro dos Negocios Estrangeiros o marquez d'Avila e de Bolama. Supponho que foi esse estadista quem nomeou Manoel Saldanha da Gama consul na Bahia.

rado pelo governo um revolucionario terrivel, agitador perigoso, orador de *clubs*, onde fizera uma conferencia democratica, refuta com energia e calor as imputações injustas que lhe eram feitas. Não! elle não era um agitador, elle não era um revolucionario, um orador de *clubs* avançados, um jacobino. E na sua conferencia...

Mas que negregada conferencia fôra essa? Que tinha elle dito e que assustadoras doutrinas tinha desenvolvido n'essa exposição de tanta monta e de consequencias tão funestas?...

Vamos ver.

*

* *

No largo da Abegoaria, a dois passos do Chiado, ali, no predio em que se acha hoje installado o estabelecimento de mobilias e estofos dos srs. Barbosa & Costa, existia, em 1871, o celebre *Casino lisbonense*, antigo *Café concerto*, que tinha sido inaugurado em 26 de dezembro de 1857. No seu amplo salão de festas, que uma galeria superior ainda hoje guarnece e onde permaneceu o relogio e os dois grandes e formosos lustres de ha quarenta e cinco annos, organizava o proprietario e director do *Casino* vistosos bailes de mascaras, que terminavam sempre, se não começavam tambem, por *can-cans* impudicos, verdadeiramente desenfreados. De tempos a tempos, o publico ouvia ali cançonetas de despejado mote, cantadas por mulheres despeitoradas em decotes inverosimeis. Havia, alem d'isso, espectaculos variados, concertos vocaes e instrumentaes, café e bebidas, jogos e diversos divertimentos proprios d'um estabelecimento que passava por ser, não sei se com excessiva injustiça, uma perigosa cafurna de escandalo e de maus costumes...

No artigo de Eça de Queiroz *O «Francezismo»*, que já tantas vezes citei, encontra-se a seguinte referencia ao *Casino lisbonense*, onde, como vae ver-se, elle realizou a sua conferencia:

«Emfim cheguei á capital de Portugal, — e lem-«bro-me que a primeira cousa que me impressionou «foi vêr a uma esquina um grande cartaz, annun-«ciando a representação de *Cançonetas francezas*, «no Casino, a brilhante Melle Blanche, e a incompa-«ravel *Blanchisseuse*. Era outra vez a França, sem-«pre a França. Eu deixara-a dominando em Coimbra, «sob a fórma philosophica: vinha encontral-a con-«quistando Lisboa, de perna no ar, sob a fórma de «*can-can*...»

Anthero de Quental e o sr. Jayme Batalha Reis, que, depois de terem deixado a sua casa de S. Pedro d'Alcantara e uma outra, em que pouco tempo habitaram, moravam, em 1871, na rua dos Prazeres, entre a rua de S. Bento e a antiga praça do Principe Real, reuniam ahi o *Cenaculo*, onde as discussões sobre politica nacional e internacional, sciencia, artes e philosophia, continuavam a attingir, por vezes, proporções quasi epicas!... Defronte d'elles residia Augusto Soromenho, que foi professor do Curso Superior de Letras e publicista distincto. Frequentava este, com assiduidade, a casa dos seus vizinhos, onde tambem iam os conhecidos membros do *Cenaculo*. Foi então planeado entre todos iniciar-se uma serie de conferencias publicas, em que se discutissem liberrimamente, interessando na discussão o espirito popular, todos os problemas e todas as questões que a esse tempo excitavam e commoviam o paiz e o mundo. Eça de Queiroz refere-se ao caso no artigo *Um genio que era um santo*:

«E do Cenaculo, de onde, antes da vinda de An-«thero (que foi como a vinda do Rei Arthur á con-«fusa terra de Galles), nada poderia ter nascido alem «de chalaça, versos satanicos, noitadas curtidas a vi-«nho de Torres, e farrapos de Philosophia facil, nas-«ceram, *mirabile dictu*, as Conferencias do Casino, «aurora d'um mundo novo, mundo puro e novo que «depois, oh dor! creio que envelheceu e apodre-«ceu...»

Começando a executar o plano delineado, redigiu Anthero de Quental um programma, que teve a data de 16 de maio de 1871 e foi publicado com as assignaturas de Anthero, Adolpho Coelho, Augusto Soromenho, Augusto Fuschini, Germano Vieira de Meirelles, Guilherme d'Azevedo, Jayme Batalha Reis, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Manoel d'Arriaga, Salomão Saragga e Theophilo Braga. Pelo que dizia o programma, as conferencias visavam a:

«Abrir uma tribuna, onde tenham voz as idéas e «os trabalhos que caracterisam este momento do se-«culo, preoccupando-nos sobretudo com a transfor-«mação social, moral e politica dos povos;

«Ligar Portugal com o movimento moderno, fa-«zendo-o assim nutrir-se dos elementos vitaes, de «que vive a humanidade civilisada;

«Procurar adquirir a consciencia dos factos que «nos rodeiam, na Europa;

«Agitar na opinião publica as grandes questões «da Philosophia e da Sciencia moderna;

«Estudar as condições da transformação politica, «economica e religiosa da sociedade portugueza.»

N'esse mesmo mez de maio, em que foi publicado este programma das conferencias democraticas, ini-

ciou Eça de Queiroz, com Ramalho Ortigão, a publicação da «chronica mensal da politica, das letras e dos costumes», *As Farpas,* em que collaborou durante um anno e meio, até partir para Cuba, em novembro de 1872. Tambem n'essa epoca — segundo informa o *Diario de noticias* de 20 de janeiro de 1871 — estava Eça de Queiroz escrevendo, ou já tinha escripto, o romance intitulado *Historia d'um lindo corpo,* que o sr. Jayme Batalha Reis, na «Introducção» das *Prosas barbaras,* assevera ser a primeira tentativa de literatura realista do notavel escriptor, que foi beber até certo ponto a ideia do seu trabalho literario, que não chegou a ser publicado, no *Affaire Clémenceau,* de Alexandre Dumas, filho, influindo já, em grande parte, na execução do romance, os processos de Gustavo Flaubert na *Madame Bovary* e na *Educação sentimental.*

Depois de bem conhecido pelo publico o programma das conferencias democraticas, foi resolvido pelos seus promotores que estas se realizassem no *Casino lisbonense,* todas as segundas-feiras, ás nove horas da noite, mediante cem reis de entrada, por cada pessoa, revertendo essa quantia, na integra, para o proprietario do *Casino,* afim de cobrir as despezas da illuminação e para lucro proprio. O primeiro orador foi Anthero de Quental, que em 22 de maio de 1871, no pavimento inferior do edificio, inaugurou as conferencias, expondo o pensamento e o espirito que a ellas haveria de presidir. Assegurou que os conferentes não iriam ali impôr, mas sim expôr, o resultado consciencioso do meditado e serio exame das graves questões politicas e sociaes da epoca. Estabeleceu a differença entre revolução e evolução, declarando que, para resolver os problemas vitaes que á humanidade interessavam preferia

o estudo e a discussão aos meios violentos. Assim se justificavam as conferencias democraticas n'essa noite inauguradas. Foi, como se vê, uma especie de introito.

A segunda conferencia, por ser acanhada a sala do rez-do-chão, foi feita no salão de baile do *Casino*, onde os ouvintes aspiravam com delicia os aromas finos que as dançarinas do *can-can* tinham deixado no ambiente perfumado. Excepcionalmente, essa prelecção realizou-se n'um sabbado, 27 de maio, e não na segunda feira, 29. Foi ainda Anthero de Quental o conferente e dissertou ácerca das *Causas da decadencia da Peninsula nos ultimos tres seculos*. Segundo a opinião do orador, com a qual nem toda a assistencia concordou, essas causas eram: o catholicismo, o absolutismo e as conquistas. Assistiram cêrca de quatrocentas pessoas. Seguiu-se, a 5 de junho, a conferencia de Augusto Soromenho, que foi a terceira e versou sobre *A literatura portugueza*. Criticou asperamente os classicos. Referindo-se a outros escriptores de menos valia, passou em silencio o nome glorioso do visconde de Almeida Garrett, o que não deixou de causar extranheza. Tratou da poesia, do romance, do drama e do jornalismo. Queixou-se da falta absoluta de critica entre nós, da exagerada benevolencia da imprensa, e, cahindo a fundo e de viseira calada sobre esta, disse que ella, em Portugal, não tinha instrucção, nem dignidade, nem independencia.

Coube a Eça de Queiroz, já então exonerado de administrador do concelho de Leiria, por decreto de 6 de junho de 1871 — que nunca foi publicado no *Diario do Governo!* — a quarta conferencia, que se effectuou a 12 de junho. Variam as indicações sòbre qual foi o thema d'essa conferencia. *A Gazeta do povo*, de 10 de junho, noticiava:

«Na segunda-feira ha prelecção no Casino Lisbo-«nense. É prelector o sr. Eça de Queiroz, que esco-«lheu para assumpto a «Moderna litteratura».

No dia seguinte, o mesmo jornal — seria a pedido de Eça? — como que emendando o que escrevêra na vespera, informava:

«Amanhã verifica-se a terceira conferencia no «Casino Lisbonense. O sr. Eça de Queiroz que é o «prelector não fallará a respeito da moderna littera-«tura mas ácerca da «nova litteratura».

Alberto de Queiroz, irmão do conferente, em um folhetim publicado na *Revolução de setembro* de 15 de junho, asseverou que a conferencia de seu irmão versou sobre *moderna litteratura*. Eça de Queiroz apaga, porem, todas as duvidas, affirmando no tomo II das *Farpas*, de junho de 1871, que a sua conferencia foi sobre a *affirmação do realismo, como nova expressão da arte*.

Eis a summula da conferencia do escriptor realista, segundo o que pude extractar de diversos jornaes da epoca:

«Começou Eça de Queiroz por expôr a lei da arte moderna e da literatura nova. Ia — disse elle — apresentar as ideias da revolução do facto permanente nos factos sociaes, onde ella apparece, estudando-os e tendo uma politica, uma economia, uma esthetica, isto é, um systema, um mecanismo, uma fórma. Disse o que essa revolução entende por principio esthetico, ou o que deve ser na sociedade moderna, e talvez na futura, o drama, o romance, a poesia. Mostrará pontos de vista, dará exemplos, indicará factos sereneamente, sem provocação nem espirito acintoso.

«A arte apparece ligada a todos os movimentos sociaes, determinada por causas permanentes e causas accidentaes ou historicas; as permanentes derivam do solo, do clima, da raça, e ao influxo d'ellas o artista tem de obedecer fatalmente; as accidentaes são filhas d'uma certa ordem de ideias que formam os diversos periodos historicos, que determinam os costumes e que tambem sujeitam o artista ao seu despotismo. Exemplificou com a arte christã, que obedecendo a principios geraes não tem uniformidade entre as diversas nações. A Madona do pintor italiano é suave, harmonica, de contornos puros; a Virgem do pintor hespanhol é sombria, violenta, macerada, sinistra. Exceptuou Murillo e a escola posterior. Outro exemplo: a Hespanha da edade media produz o romance de cavallaria; a do seculo XVII faz a caricatura d'esse romance; mas na violencia d'ambos se manifesta a causa permanente da individualidade hespanhola. O artista não póde eximir-se á influencia do meio em que vive, aos costumes do tempo, estado dos espiritos, movimento geral. Em cada epoca historica, portanto, a arte partilha d'uma ideia. O ideal da Grecia antiga era tornar o homem bello no ponto de vista physico, procurando só o homem exterior e desprezando o homem moral, cujo aperfeiçoamento tem de ser a suprema aspiração da arte moderna.

«Mostrou como a arte tira da sociedade a sua fórma, os seus intuitos. Exemplificou com a arte ascetica, em que o homem abdica tudo nas mãos de Deus, em desprezo de quanto tem em si de nobre e grandioso. Falou largamente do abstracto. Affirmou a existencia da perpetua harmonia entre a arte e o ideal social. As causas permanentes actuam poderosamente. O artista portuguez ou hespanhol ha de denunciar sempre o genio da sua patria. As causas

historicas ou accidentaes não são assim. Quando a ideia não está definida não póde ella dominar o artista; n'esse caso o dever d'elle é ir buscar o bello, o grande, á penumbra do desconhecido. Que vemos no seculo XVIII? Falta de unidade na arte. Mas qual é a arte do seculo XIX? Não a tem. No maior desenvolvimento da producção artistica tudo é imitado, copiado. Hugo concebe o gothico; Ponsard tem a maneira grega; a architectura é um misto de todas as feições artisticas, esta sociedade parece não ter ideia, não poder ter arte propria: a arte decae no drama, na poesia e na pintura; e não é por falta de gosto, que está mais educado do que nunca, nem por mingua de estudo, porque se sabe mais que nunca, nem por escassez de publico, nem por ausencia de talento; ha todos os elementos para produzir uma grande arte: qual é então a causa? É a falta de unidade, é estar a arte em opposição com o espirito do tempo. O espirito do tempo é a revolução, que anda por baixo de tudo, convulsionando e abalando, sem que nenhuma coisa nem alguem possa eximir-se a ella. As nossas consciencias estão-se formando por ella. Ella é a alma do seculo XIX.

«Mas a arte representa e sustenta a reacção; a revolução está em tudo excepto na arte: não tem um artista, um poeta. Exemplificou com a literatura de então da França, onde a revolução fôra obra da literatura desde Rabelais até Beaumarchais, entre os quaes está um exercito de escriptores, que em batalha cerrada combateram o mysticismo e o ascetismo, conduzindo a revolução de 1789, tendo a literatura depois renegado a sua propria obra. Condemnou a preoccupação da imitação da arte antiga que invade todos os espiritos, depois da revolução, e que amesquinha o theatro, o romance, a poesia, a

politica. No periodo mais sanguinario da revolução franceza representavam-se as peças bucolicas de Florian. O tom frio, rhetorico, emphatico, domina tudo: até se reflecte na *Marselheza*. O imperio favorece a reacção. Com a restauração a arte perde de todo a tradição revolucionaria e começa a operar-se a contra-revolução na politica, que se faz conservadora; na philosophia, que se torna espiritualista; no socialismo, que se afeiçoa poetico e não pratico e verdadeiro; na economia politica, que defende o monopolio; e principalmente na literatura. Analysou o grande movimento revolucionario da literatura em 1830. Por toda a parte a revolução esmagada. Depois apparece o romantismo: o seu primeiro personagem é Chateaubriand, que, querendo renovar o mysticismo christão, lhe dá o golpe de morte. Fazendo largamente a analyse e a condemnação do romantismo, disse que este dá a palavra ao espirito plebeu. É a paixão, a expansão profunda. O estylo romantico chega a tornar-se apopletico; por fim quebra os moldes da literatura franceza e vae buscar materias a todas as nações. Esgota tudo, porque se despede da realidade do mundo presente. Os escriptores fogem espavoridos do seu tempo, refugiando-se cada qual onde mais lhe apraz: Musset refugia-se no *cognac*, e por fim elle e outros escondem-se no suicidio. Estabelece-se a perpetua isolação entre o artista e a sociedade, o desrespeito do trabalho, da moral, da familia, da sciencia: vem a peor das coisas — a arte pela arte, sem o intuito da influencia benefica que possa causar e só com o da impressão que possa produzir.

«O segundo imperio dá-nos os scepticos corrompidos, materialistas; sobe á politica bohemia e explora o povo. O egoismo, o amor ao dinheiro, são a palavra d'ordem em todos os ramos da actividade, o luxo

afoga a dignidade, não ha moral nem consciencia, a policia domina tudo, nasce o mundo odioso das *cocottes* e dos *petits-crevés* — mundo que ha pouco fugiu em presença dos prussianos e foi contemplar, como um espectaculo de prazer, a destruição de Strasburgo. Apparece a literatura devassa do *boulevard,* que se synthetisa na ostentação da impudica Rigolhoche.

«Entremostra-se, porem, o renascimento do espirito publico. Peletan e Rochefort fazem a critica dos costumes. Começa-se a reagir contra o falso, pintando a realidade. Fazendo a mais completa e a mais radical affirmação do realismo que se tinha, até então, feito em Portugal, o conferente, n'esta parte do seu discurso, que foi a mais importante e vital, mostrou como o realismo, no modo como elle o comprehendia, não era simplesmente um processo de fórma, mas sim uma base philosophica para todas as concepções do espirito, uma lei, uma carta de guia, um roteiro do pensamento humano na eterna região artistica do bello, do bom e do justo. O realismo é a arte do presente: poderia dizer a do futuro. Disse que com o despertar do espirito publico em França, coincidira a apparição do realismo. Este não é, como alguns falsamente suppõem, um simples modo de expôr, minudente, chato, trivial, photographico. Isso é o falseamento do realismo, o abastardamento d'elle: é a fórma pela essencia, é o processo pela doutrina. O realismo é outra coisa: é a proscripção do convencional, do falso, do ôco, do emphatico, do lacrimoso, do piegas. E' a abolição da rhetorica considerada como arte de promover a commoção pela inchação do periodo, pela epilepsia da palavra, pela congestão dos tropos. E' em vez da lei grammatical do *bello,* tomada como caminho do *justo,* segundo a tendencia da literatura velha, a lei moral e scientifica do *justo* recebida como unica aspiração

do *bello*. O romantismo era a apotheose do sentimento, o realismo deve ser a anatomia do coração.

«Para exemplificar a doutrina do realismo, citou Eça de Queiroz o romance *Madame Bovary*, o celebre livro de Gustavo Flaubert, no qual o adulterio, tantas vezes cantado pelos romanticos como um infortunio poetico que commove perniciosamente a susceptibilidade das almas candidas, nos apparece pela primeira vez debaixo da sua fórma anatomica, nú, retalhado e descosido fibra a fibra por um escalpello implacavel. O effeito é surprehendente. O amor illegitimo e venal com o seu pavoroso cortejo de allucinações, de remorsos, de terrores, de aviltamentos, de vergonhas, e de ruinas, surge, aos nossos olhos, gotejante de miseria e de podridão, pavoroso como um espectro deante do qual instinctivamente se recua com repulsão e horror. Explica assim o que foi o processo do livro *Madame Bovary* e a significação que teve no movimento de reacção contra o romantismo. *Madame Bovary* é a apparição do realismo.

«O realismo é a critica do homem, é a arte que nos pinta a nossos proprios olhos para nos conhecermos, a ver se somos verdadeiros ou falsos, para condemnar o que a sociedade tem de mau. O seu processo é a analyse, o seu fito a verdade absoluta. Apresentou a theoria do realismo, devendo ser as suas condições: 1.ª — tomar a sua materia na vida contemporanea, sendo perfeitamente do seu tempo; 2.ª — proceder pela experiencia, pela physiologia, sciencia dos temperamentos e dos caracteres; 3.ª — ter o ideal moderno que rege as sociedades, isto é, justiça e verdade. Em contrario da primeira condição, na nossa literatura tudo é antigo. A nossa arte é de todos os tempos menos do nosso. Veja-se o *Eurico, o Monge de Cister, o Arco de Sant'Anna.*

«A arte deve corrigir e ensinar e não ser só destinada a causar impressões passageiras, a dar-se unicamente ao prazer dos sentidos. Deve visar a um fim moral. Se a arte não tem moral perde a sociedade. Deve-se tentar a regeneração dos costumes pela arte. Quando a sciencia nos disser: a ideia é verdadeira; a consciencia nos segredar: a ideia é justa; e a arte nos bradar: a ideia é bella — teremos tudo. Citou como exemplo das falsidades na arte o quadro do pintor David, representando em Napoleão I, na passagem dos Alpes, um vulto homerico como que topetando com a fronte as nuvens e pondo o tacão da bota na mais elevada crista do pincaro mais elevado, quando a verdade é que elle os atravessou acachapado e escondido entre o ultimo dos seus soldados. Para apoiar a sua doutrina fez a descripção scintillante, ironica e minuciosa de tres quadros de Courbet — *A volta da conferencia, O enterro* e *Os britadores de pedra* — telas immortaes inspiradas pela ideia mãe da arte nova: a justiça.

«Concluindo, disse que a arte presente atraiçòa a revolução, corrompe os costumes e ha de morrer pela reacção da consciencia. O meio de a salvar é fundar o realismo, que expõe o verdadeiro, elevado ás condições do bello e aspirando ao bem pela condemnação do vicio e pelo engrandecimento do trabalho e da virtude».

Os jornaes da epoca informam que Eça de Queiroz durante as duas horas que durou o seu discurso, falou com a mais singular limpidez, com elegancia, espontaneidade e vigor, perante um auditorio numeroso, entre o qual brilhavam bastantes senhoras. Pena foi que, por vezes, se desprendesse algum tanto do que usa chamar-se pureza de linguagem. O aspecto do conferente traduzia já a indicação das suas

ideias revolucionarias. Emquanto que os romanticos usavam os longos cabellos corredios, o bigode descahido e a pèra aguçada, o fato escuro, a dizer com o rosto melancolico, Eça de Queiroz, o representante do realismo na sala das conferencias democraticas, envergava uma irreprehensivel sobrecasaca abotoada, collete branco, *plastron* de setim, sapatos de verniz, luvas còr de chumbo e collarinho alto. Fiel ás suas ideias e á sua propaganda, Eça vestiu-se de harmonia com os principios que expòz. Foi applaudidissimo.

Disse-me o unico orador das conferencias do *Casino* que ainda hoje vive, que Eça de Queiroz, na sua conferencia, recitou o que lêra em Proudhon: fez ousadamente a descripção minuciosa de tres quadros de Courbet, e nunca puzera os seus olhos em uma tela d'esse pintor! A meu ver, a reproducção, feita por Eça, das ideias expendidas por Proudhon no seu livro *Du principe de l'art et de sa destination sociale,* e a descripção, sem os conhecer, dos quadros de Courbet, do pintor que durante a Communa de Paris, em 1871, se tornou celebre, sendo, talvez, o principal responsavel pela destruição da Columna Vendôme, denotam apenas a imprudencia e o facil atrevimento de quem era ainda pouco adeantado em annos.

A quinta conferencia — que foi a ultima — fel-a o sr. Adolpho Coelho, na noite de 19 de junho. Analysou a *Questão do ensino* e dividiu a sua exposição em duas partes, sendo a primeira theorica e a segunda pratica. N'esta, energica e vehemente, combateu com violencia as immoralidades, defeitos e absurdos que elle descobriu no systema de ensino, regulador, entre nós, da instrucção secundaria e superior. Atacou impetuosamente os Lyceus, a Universidade de Coimbra e o Curso Superior de Letras. Taxou de ine-

pto e ignorante o professorado portuguez, especialmente o da Universidade. Censurou, por serem acanhadas, todas as reformas de ensino e julgou um desperdicio injustificavel o dinheiro dispendido com a instrucção publica, visto que esta nenhum alcance tinha para a prosperidade da nação. Tão agressivo foi, o sr. Adolpho Coelho, que o commissario de policia, Antonio Paulo Rangel, entendeu ser imperioso e impreterivel dever seu communicar ao governador civil de Lisboa, em harmonia com as instrucções que recebêra, a summula do discurso de que fôra ouvinte. Essa communicação subiu do chefe do districto ao ministro do Reino, marquez d'Avila e de Bolama, que, tendo consultado o procurador geral da Corôa, Martens Ferrão, e aconselhando este a prohibição das conferencias democraticas, publicou a portaria de 26 de junho de 1871, prohibindo essas prelecções publicas, por n'ellas se exporem doutrinas e proposições que atacavam a religião e as instituições politicas do Estado.

Essa portaria foi expedida justamente na segunda-feira em que, á noite, no *Casino lisbonense*, Salomão Saragga devia realizar a sua conferencia sôbre *Os historiadores criticos de Jesus*. Quando, ás oito horas e meia da noite, se achavam reunidas á porta do *Casino* mais de duzentas pessoas, que pretendiam ouvir o discurso do conferente israelita, soube-se que a casa fôra fechada por ordem da auctoridade, tendo a policia notificado ao sr. Zagallo, director d'aquelle estabelecimento de espectaculos publicos, que, por ordem do governo, estavam terminadas as conferencias democraticas.

Ardeu Troia!...

Os promotores das conferencias publicaram logo um *Protesto* contra o acto do ministro do Reino, assignado pelo sr. Adolpho Coelho, por Anthero de

Quental, pelo sr. Jayme Batalha Reis e por Salomão Saragga e Eça de Queiroz. A esse *Protesto* adheriram quarenta e nove pessoas, entre as quaes Alberto de Queiroz, irmão de Eça, Costa Goodolphim, José Fontana e Raphael Bordallo Pinheiro. Salomão Saragga publicou na imprensa uma carta, datada de 27 de junho, em que declarava que, tendo escolhido para assumpto da sua conferencia *Os historiadores criticos de Jesus*, por ser aquelle a que mais particularmente tinha applicado os seus estudos, houvera pessoas, que se diziam suas amigas, que tinham tentado demovel-o de tratar esse thema; não o tendo convencido, passaram a usar de ameaças, e um jornal referira-se a más disposições dos judeus de Lisboa a seu respeito; continuava, porem, com tenção de fazer a conferencia, quando essa e as que iam seguir-se foram prohibidas: não conseguiriam reduzil-o ao silencio, porque lhe restavam ainda o jornal e o livro.

A imprensa occupou-se do acto do governo, que, como em todas as questões politicas succede, uns jornaes asperamente atacaram e outros com vigor defenderam. A 3 de julho, publicou Manoel Pinheiro Chagas no *Diario de noticias* um folhetim que levou Anthero de Quental e o sr. Jayme Batalha Reis a pedirem-lhe explicações, por intermedio de Eça de Queiroz e de Salomão Saragga, declarando Chagas que aquelles de modo algum podiam considerar-se attingidos pelas palavras que escrevêra.

Anthero de Quental publicou e fez vender nas ruas de Lisboa uma *Carta ao ex.mo snr. Antonio José d'Avila, marquez d'Avila, presidente do Conselho de ministros*, em que o velho estadista era rudemente tratado. Como referencia a este escripto de Anthero, escreveu Eça de Queiroz no artigo que tantas vezes tenho citado *Um genio que era um santo:*

«Quando, depois do encerramento tão bruto das «conferencias do Casino, elle esmagou o considera-«vel Marquez de Avila, sob aquella *Carta* de tão ale-«gre, picante e patricio desdem, soube, por um ami-«go, que o pobre Marquez se magoara até se lhe «humedecerem os olhos, com uma acerada allusão á «origem do seu nome de *Avila*. Anthero angustiado, «com os olhos tambem humidos, correu á *Revolução «de Setembro* a gritar «errei! errei!», e a imprimir «uma retratação apiedada que consolasse o velho...»

Percorri e rebusquei numeros e numeros da *Revolução de setembro* e não pude encontrar esta retratação de Anthero de Quental, a que Eça se refere. Tambem não alcancei ver a *Carta* que o sr. Jayme Batalha Reis dirigiu ao chefe do governo. Li, porem, nos registos parlamentares o que em Côrtes se passou com relação ao energico acto do marquez d'Avila e de Bolama. Em sessão da camara dos deputados de 2 d'agosto d'esse anno de 1871, o deputado Luiz de Campos, lendo um requerimento assignado por Anthero de Quental e pelo sr. Jayme Batalha Reis, em que se pedia uma accusação ao ministro do Reino, pela publicação da portaria que prohibira as conferencias democraticas, censurou o presidente do conselho por ter expedido tal documento; na sessão seguinte, o sr. conde de Villa Real, ainda hoje, felizmente, vivo e são, apresentou uma nota de interpellação ao referido estadista, ácêrca da mesma portaria; e, na discussão da resposta ao discurso da Corôa, foi largo o debate sobre o acto de força do governo. Até Alexandre Herculano, o veneravel patriarcha das letras portuguezas, — provocado a tal por José Fontana, o propagandista democratico que foi empregado da livraria Bertrand — fulminou, do alto do seu solio, a suppressão das

conferencias do *Casino*, como póde verificar quem ler o tomo I dos seus *Opusculos*.

Foi de ensurdecer o barulho que se fez em volta da prohibição das celebres conferencias! Comtudo, o marquez d'Avila e de Bolama, ferrenho e inflexivel, querendo respeitada a disciplina social e mantido sem quebra o principio da auctoridade, levou a sua por deante e as conferencias terminaram de vez. Terminaram as conferencias, sim, mas as consequencias, d'ellas derivadas, começaram... O que os conferentes disseram no *Casino* foi semente lançada á terra. A influencia que essas prelecções tiveram na politica e na literatura de Portugal foi de grande poder. Na literatura, já a *questão Coimbrã* tivera possante influxo: vieram reforçal-o as ruidosas conferencias do Casino. Para bem?... Para mal?...

Que o digam os criticos conscienciosos e imparciaes da obra de Eça de Queiroz; que o confessem principalmente os leitores e commentadores dos livros escriptos por aquelles que, sem terem o alto valor do notavel romancista, lhe foram sensivelmente na esteira e na peugada, exagerando os defeitos da escola realista, n'esta epoca triste da nossa deploravel decadencia literaria...

*

* *

A' sua conferencia de 12 de junho de 1871 attribuiu Eça de Queiroz, no tomo VII das *Farpas*, de novembro d'esse mesmo anno, grande influencia no mallogro da sua nomeação para o cargo de consul de Portugal na Bahia. Escreveu elle ahi:

«Alguem me disse por essa occasião com ar mys-
«terioso: «a sua conferencia!...»

«Mas eu não acreditava. Porque emfim eu na «minha conferencia condemnára a arte pela arte, o «romantismo, a arte sensual e idealista, — e apre«sentára a idéa de uma restauração litteraria, pela «arte moral, pelo realismo, pela arte experimental «e racional. «O que! pensava eu, será por isto que «os senhores ministros me julgam um inimigo da «ordem? Julgarão elles que o fim do *realismo* é de«clarar em greve os fabricantes de Oeiras? Pensa«rão elles por accaso que a occupação logicamente «favorita de um critico de arte é queimar a casa da «camara? Estarão elles na idéa que foi Boileau que «matou Henrique IV? Supporão elles que o fim ex«clusivo da internacional é extinguir o romantismo? «Viverão elles na crença que os esforços dos 17.000:000 «de operarios filiados na Internacional, convergem «para este fim: serem desagradaveis a Lamartine? «Oh miseros!»

«Porque emfim — se eu não posso ser consul por «ter feito uma conferencia — se essa conferencia foi «a condemnação do romantismo, segue-se que eu «não posso ser consul por ter condemnado o roman«tismo!! Ora realmente, eu não sabia que para ser «consul — era necessario ser romantico! Eu não vira «entre as habilitações que o programma requeria «esta: «Certidão do regedor de que o concorrente «recita todas as noites, ao luar, o *Noivado do Sepul«chro,* do chorado Soares de Passos». Eu não sabia «d'isto! Porque então tambem declaro á secretaria «dos estrangeiros: perdeu os dois consules que me«lhor lhe poderiam convir, Antony e Werther. Ah! «agora vejo, infeliz realismo, que me obstrues uma «carreira! Ai! para ir ser consul para Pernambuco, «quem tivera o coração de Romeo.

«Mas então deviam-me ter prevenido! Sim, por«que eu então não concorria! Não, minha patria.

«não, ser obrigado para ter a honra de te servir, a «recitar e a amar as odes do sr. Vidal, não, minha «patria, não! Agradeço-te, mas desisto. Olha, vê se «*Lelia, por George Sand*, acceita o consulado de «Vigo!»

Pouco tempo antes houvera mudança ministerial. Pela queda do gabinete presidido pelo marquez d'Avila e de Bolama, em setembro de 1871, foi chamado ao poder o partido regenerador. Fontes dirigia o gabinete e João d'Andrade Corvo sobraçava a pasta dos Negocios Estrangeiros. Foi este ministro que, por decreto de 16 de março de 1872, nomeou Eça de Queiroz consul de primeira classe nas Antilhas Hespanholas.

A esse tempo, o *Cenaculo* debandára, tendo sido as conferencias do *Casino* como que o seu triste canto de cysne. Anthero de Quental entregou-se, com José Fontana, ao movimento socialista; Oliveira Martins partira em 1871 para Hespanha, onde estava empregado n'um estabelecimento industrial — as minas de Santa Euphemia, na provincia de Cordova; Lobo de Moura encetou a carreira administrativa; Salomão Saragga casou; o sr. Jayme Batalha Reis entrou no professorado. Soou tambem para Eça de Queiroz a hora de deixar os seus amigos. A 9 de novembro de 1872 — é d'esse mez o volume das *Farpas* em que Ramalho Ortigão se despede commovidamente do seu collaborador e amigo — partiu para Cuba, como se póde ver na secção de noticias da *Revolução de setembro,* chegando a Havana no dia 20 de dezembro d'esse anno e tomando posse do seu novo cargo no mesmo dia em que abicou á capital da *Perola das Antilhas.* O primeiro officio que elle dirigiu ao ministerio dos Negocios Estrangeiros, depois d'aquelle em que tinha communicado a sua pos-

se, é datado de 15 de janeiro de 1873. Occupando-se dos negocios consulares até maio, obteve n'este mez uma licença larga, que gozou desde 30 de maio até 15 de novembro. Viajou então pelo Novo Mundo, para conhecer bem novos costumes e novas gentes, e, se aquelles lhe prenderam a attenção, estas não lhe conquistaram a sympathia. Referindo-se de leve ás suas viagens fóra da Europa, escreveu Eça de Queiroz no artigo *Um genio que era um santo:*

«Por meu turno partira, a percorrer os mundos «d'este mundo, dos velhissimos aos novissimos, da «magoada Jerusalem á estridente Chicago.»

E ainda no principio do capitulo IV da *Correspondencia de Fradique Mendes:*

«Durante annos não tornei a encontrar Fradique «Mendes, que concentrára as suas jornadas dentro «da Europa Occidental — emquanto eu errava pela «America, pelas Antilhas, pelas republicas do golfo «do Mexico. E quando a minha vida emfim se aquie«tou n'um velho condado rural da Inglaterra, Fra«dique, retomado por essa «bisbilhotice ethnogra«phica» a que elle allude n'uma carta a Oliveira Mar«tins, começava a sua longa viagem ao Brazil, aos «Pampas, ao Chili e á Patagonia.»

Que differença, para o espirito de Eça de Queiroz, entre a Terra Santa, dos Evangelhos, e a America, dos millionarios! Como na sua obra se vê claramente a impressão profunda, enraizada para toda a vida, que lhe causaram o Egypto, a Palestina, todos os velhos logares sagrados do Oriente, e — vá a palavra — o desgosto que lhe deu o conhecimento do caracter dos norte-americanos e o pouco interesse

com que viu e percorreu as terras novas da America! Emquanto a sua alma d'artista recebia no Oriente emoções que a fizeram vibrar, no Novo Mundo só colhia aversões e repugnancias que a obrigaram a confranger-se. E foi talvez por isso que nada produziu, nada escreveu, durante o tempo em que foi consul de Portugal na Havana — cêrca de dois annos! Em compensação, alcançou do governo a extincção do commercio de escravos chins, e esse acto, se faz honra á sua memoria, pela bondade que revela, foi de grave prejuizo para a sua bolsa, porque diminuiu em muito os emolumentos do consulado.

Transferido, por decreto de 29 de novembro de 1874, para Newcastle, a encarvoiçada capital do condado de Northumberland, a sua vida emfim ali se aquietou — para empregar palavras suas. Aquietou-se, mas não melhorou. Livre dos calores tropicaes e abafantes de Cuba, viu-se envolvido pelas nevoas frias e humidas do Mar do Norte. Deu-se então ao estudo da lingua e da literatura inglezas, e, apesar de absorvido por esse fatigantissimo trabalho, ainda ali escreveu, de setembro de 1876 a setembro de 1877, *O primo Bazilio*. O decreto de 30 de julho de 1878 collocou Eça de Queiroz no consulado de Bristol, mais perto de Londres, mas longe ainda da França, que era o seu encantado sonho. Morava em Clifton, burgo que é um verdadeiro arrabalde de Bristol, nas margens do rio Avon. A casa do escriptor, enredada em trepadeiras, perfumada pelas flôres que lhe formavam aromatica moldura, entestava com um tufo de floresta a que os poetas deram o nome poetico de «bosque dos rouxinoes». Ali remodelou e recompoz, de outubro de 1878 a outubro de 1879, *O crime do padre Amaro;* ali escreveu elle *A capital* — que mais tarde fundiu com *Os Maias*, formando um

só romance. *A reliquia* tambem, em grande parte, foi escripta em Bristol, sendo depois concluida em Portugal, durante a licença que gozou em 1884. De lá dirigiu Eça á imprensa do Brazil as suas *Cartas de Inglaterra*, onde com clareza se reflecte o seu minguado e escasso amor pelo brumoso paiz em que habitava. Foi grande, como se vê, a actividade literaria do romancista, durante os annos que passou em Bristol. Reconhecendo os meritos do brilhante escriptor e fazendo-lhes inteira justiça, a Academia Real das Sciencias de Lisboa elegeu-o então, em 26 d'abril de 1883, socio correspondente.

Voltando ao paiz, com licença, Eça de Queiroz contrahiu matrimonio, no Porto, no palacio de Santo Ovidio, hoje demolido, com a senhora D. Emilia de Castro Pamplona, da illustre familia dos condes de Rezende. Aqui dou, na integra, como interessante documento inédito, o assento do casamento do notavel romancista, que textualmente copiei de folhas vinte do livro do registo parochial dos casamentos da freguezia de S. Martinho de Cedofeita, da cidade do Porto, do anno de 1886. Reza assim:

«Numero 19. Aos dez dias do mez de Fevereiro do «anno de mil oitocentos oitenta e seis, n'esta fregue-«zia de S. Martinho de Cedofeita da cidade e diocese «do Porto, no Oratorio particular da Excellentissima «nubente sito na Quinta de Santo Ouvidio, na presença «do Doutor José Rodrigues Cosgaya, auctorisado por «mim, compareceram os nubentes José Maria d'Eça «de Queiroz e Dona Emilia de Castro Pamplona os «quaes sabe serem os proprios com licença para se-«rem recebidos no oratorio particular da nubente, «na sua caza do Campo da Regeneração, com dis-«pensa da publica-forma dos documentos da diocese «alheia, d'alguns proclames e com todos os mais pa-

«peis do estylo correntes e sem impedimento algum «canonico ou civil para o casamento: elle de edade «de quarenta annos, solteiro, Consul, natural (1) e «baptisado na freguezia e concelho de Villa do Conde «diocese de Braga, morador na Praça do Rocio da «cidade de Lisboa, filho legitimado de José Maria «d'Almeida Teixeira de Queiroz, natural do Rio de «Janeiro e de Dona Carolina Augusta Pereira d'Eça, «natural da Villa e freguezia de Monsão, diocese de «Braga, e ella de edade de vinte e oito annos, sol«teira, proprietaria, natural e baptisada n'esta fre«guezia de Cedofeita, moradora na Quinta de Santo «Ouvidio no Campo da Regeneração d'esta fregue«zia: filha legitima de Dom Antonio Benedicto Ma«ria da Conceição do Santissimo Sacramento e Cas«tro e de Dona Maria Balbina Pamplona Carneiro «Rangel e Souza, naturaes de Lisboa, os quaes nu«bentes se receberam por marido e mulher, e os «uniu em Matrimonio, e seguidamente lhes deu as «bençãos nupciaes, procedendo em todo este acto «conforme o Rito da Santa Madre Egreja Catholica, «Apostolica, Romana. Foram testemunhas presen«tes, que sabe serem os proprios O Conde de Re«zende Dom Manoel de Castro Pamplona, morador «na Quinta de Santo Ouvidio, e Condessa do Còvo «Dona Sophia Adelaide Ferreira Alves de Castro «Lemos, cazada com o Conde do Còvo, moradora na «rua de Gonçalo Christovão d'esta cidade; e assisti«ram ao acto a Condessa de Rezende Maria e o Se«nhor=Ramalho Ortigão.=

«E para constar se lavrou em duplicado este as«sento, que, depois de ser lido e conferido perante

---

(1) Pelo que expuz no capitulo I d'este livro, vê-se que Eça de Queiroz era natural da Povoa de Varzim e não de Villa do Conde, como n'este documento se affirma.

«os conjuges e testemunhas, com todos assigno. Era «ut supra.

«José Maria d'Eça de Queiroz
«Emilia de Castro Pamplona
«Conde de Rezende
«Condessa do Còvo
«Condessa de Rezende D. Maria
«Ramalho Ortigão
«Dr. José Rodrigues Cosgaya
«(a) Conego João Antonio Pinto Guimarães.»

Em Bristol, onde regressou depois de casado, tendo partido do Porto, por Madrid, no mesmo dia do casamento, Eça de Queiroz tinha os olhos sempre voltados para Paris. Anceava por installar-se na capital brilhante d'essa França que elle tanto amava e á qual, desde muito novo, sempre tivera ligado o espirito e preso o coração. Em agosto de 1888, constando-lhe que ia vagar o consulado de Portugal em Paris e Havre, pela transferencia do consul, visconde de Faria, escreveu, de Londres, a Oliveira Martins, a 15 d'aquelle mez, uma carta, em que rogava ao seu velho amigo do *Cenaculo* que pedisse e patrocinasse a sua transferencia para ali — caso se realizasse a sahida do seu collega. D'essa carta inédita copío os seguintes periodos:

. . . . . .

«Ora Paris, como sabes tambem, tem sido o meu «sonho. Os motivos que me fazem desejar Paris são «tão comprehensiveis que nem a elles alludo. Os «motivos que o Governo teria em me mandar para «Paris — são tambem obvios. O pouco que eu valho «poderia ser d'alguma utilidade para o paiz estando «em Paris: em Bristol é que lhe não são d'utilidade «nenhuma — por que carimbar manifestos de carvão

«tanto o pode fazer um *garçon de bureau* como eu.
«Em Paris as minhas immediatas relações de litte-
«ratura e d'imprensa não serião talvez de pequena
«valia.

«Mas, entre os meus motivos, para desejar Paris,
«avulta agora um. Tu perguntavas-me...» *(Segue o que vae transcripto em nota á carta de 6 de julho de 1888, dirigida por Eça de Queiroz a Oliveira Martins. Veja-se essa nota na terceira parte d'este livro.)*

Poucos dias depois, por decreto de 28 d'agosto de 1888, Eça de Queiroz era transferido de Bristol para o consulado de Portugal em Paris.

Emfim!

Paris! Ia viver em Paris, ia sentir latejar o coração da França, d'essa França admiravel, e por elle tão admirada, d'onde recebêra, nos livros, a instrucção; nas obras d'arte, o deleite do seu espirito; nas modas, o enfeite do seu corpo de apurado janota; na politica, a sua inclinação para a lucta contra o poder; nos cultores da literatura, os modelos para a sua obra de escriptor e de romancista. Recebêra tambem, vindas de França, muitas illusões, que em breve, e para sempre, ia perder...

Em Eça de Queiroz deu-se este phenomeno interessante: emquanto na sua mocidade, antes de sahir de Portugal, se entregava á admiração e se dava ao amor de tudo o que era estrangeiro, principalmente de tudo o que era francez, depois que começou a viajar, a conhecer nações afastadas e regiões longinquas, e depois a viver em França, por uma gradual transmudação de ideias que operou uma singular metamorphose do seu espirito, passou a amar o seu paiz, onde ardentemente desejava viver os seus ultimos annos, e a ver com olhos de ver as nossas

bellas paisagens, os nossos horizontes largos e encantadores, recortados em serras e montanhas pitorescas, este clima adoravel, este delicioso ceu sempre azul, a gloria resplandecente das nossas aventuras d'outras eras, as tantas qualidades apreciaveis e valiosas da nossa raça, por infelicidade cada vez mais decadente. Leia-se com attenção o artigo *O «Francezismo»*, publicado nas *Ultimas paginas*, siga-se depois a evolução literaria de Eça de Queiroz e reconhecer-se-ha quanto é exacta e rigorosa esta minha observação.

Em Paris completou o brilhante escriptor a sua obra. Ali escreveu *A correspondencia de Fradique Mendes*, que publicou na *Revista de Portugal*, em 1889 e 1890, o romance *A illustre casa de Ramires*, impresso, quasi na integra, na *Revista moderna*, em 1897, e depois em livro, em 1900 — no anno em que morreu —, *A cidade e as serras*, que elle já não pôde ver, porque foi acabada de imprimir no anno seguinte ao da sua morte. Em Paris escreveu ainda Eça alguns dos seus *Contos*, muitos dos artigos que foram reunidos nas *Notas contemporaneas*, nos *Echos de Paris*, nas *Ultimas paginas*, as *Cartas familiares e bilhetes de Paris*, no periodo que vae de 1893 a 1896; lá dirigiu tambem a *Revista de Portugal*, que tanto carinho e tanta attenção lhe mereceu. Alem disso, viu e estudou Paris.

Pelos caes da margem esquerda do Sena, em cujos parapeitos varios alfarrabistas todos os dias estendem desoladamente a sua quitanda, via-se com frequencia uma figura esgrouviada e pallida, curvada sôbre os livros, a pesquizar, a rebuscar, a folhear volumes com cuidadoso interesse. Era Eça de Queiroz. Pessoa que com elle conviveu em Paris disse-me que era raro o dia de visita do escriptor aos alfarrabistas em que não levasse para a rua de Berri,

onde então estava o consulado de Portugal, ou para a casa da avenida du Roule, numero 38, em Neuilly, onde as flôres — a sua paixão! — abundavam, um livro curioso, um velho pergaminho, um codice interessante. E era com uma curiosidade inquieta que depois mergulhava na leitura e na minuciosa analyse d'essas obras, sentado á sua mesa de trabalho, onde todos os dias, methodicamente, escrevia, fumando cigarros atraz de cigarros. Juntou assim uma livraria valiosissima, em que havia alguns livros raros — e tanto que nem sequer citados eram no *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva. Tambem cultivou a photographia e o desenho, em que era muito distincto.

E assim recolhido em sua casa, entre a familia, os livros e as suas flôres, n'uma simplicidade encantadora e tocante, viveu o illustre romancista na capital da França os seus ultimos annos.

*

* *

Foi em Paris, em Dezembro de 1892, — que enregelado inverno o d'esse anno! — que eu conheci Eça de Queiroz e pela primeira vez lhe falei. Procurei-o na sua casa de Neuilly, onde se entrava passando por um pequeno jardim, em que os ramos das arvores se cruzavam, beijando e afagando as janellas do singelo edificio. Lá dentro, na sala em que entrei e onde se via um quadro pintado e offerecido por El-Rei D. Carlos ao escriptor insigne, a nota elegante gritava por toda a parte: na disposição dos moveis, na collocação dos retratos, na escolha esmerada das flôres. Tudo denunciava, pela ordem e pelo bom gosto, que habitava ali um perfeito artista. Infelizmente, Eça de Queiroz tinha sahido. Fui então ao consulado

de Portugal, que a esse tempo era na rua de Balzac, triste rua a que me prende a dolorosa recordação da morte de meu irmão mais velho, que, tendo ido a Paris, muito doente, consultar o dr. Bouchard, lá morreu, no numero 8 d'aquella rua, em 14 de novembro de 1891. O consul estava no seu gabinete e recebeu-me com aquella amabilidade captivante que d'elle fazia um verdadeiro *gentleman*. Conversámos. Falámos da sua quinta e da sua casa de Villa Nova, na freguezia onde eu nasci, no baixo Douro, que elle tão bem descreveria, mais tarde, no seu livro *A cidade e as serras;* rimo-nos, ao recordar a figura provinciana, barbada e tòsca do seu rendeiro n'essa quinta, José Pinto de Sousa, que elle viria a retratar fielmente n'aquelle bello romance, como referirei mais adeante; e lembro-me de lhe ter feito notar, por entre sorrisos seus, o meu desgosto por elle não ter publicado havia tres ou quatro annos livro algum para encanto de quem o lesse.

Insinuante, affavel, delicadissimo, não era, comtudo, na conversa particular que Eça tinha mais brilho. No seu modo de falar sobresahia um não sei quê de artificial, de rebuscado — pelo menos no trato com pessoas que não eram da sua mais proxima intimidade — que se tornava notado desde os primeiros momentos. Mas que gentilissimo espirito e que encantador convivio o seu! Varias vezes, depois d'esse primeiro encontro em Paris, com elle me travei de conversa, em Lisboa, na rua dos Navegantes, em casa do insigne estadista José Luciano de Castro, que o tratava por tu, chamando-lhe familiarmente José Maria. Achei-o sempre interessante, sempre phrasista eximio, sempre admiravel na sua picante ironia.

Eça de Queiroz era alto e magro, de costas levemente arqueadas, de compleição debil e enfermiça.

Fronte eburnea, nariz recurvo, mento aguçado, olhar doce e brando, a dizer meiguice. Pondo todo o cuidado no trajar, foi na sua mocidade um requintado janota e toda a vida esmerado no vestuario. Contou-me um seu contemporaneo de Coimbra que só em roupa branca gastou elle, d'uma vez, bastos centos de mil reis! É bem conhecida a historia da enorme quantidade de gravatas que elle levava nas suas malas e que a alfandega de Nova-York pretendeu onerar com direitos, por não acreditar que um só homem podesse, sobre o seu collarinho, fazer o laço ou dar o nó de tantas tiras de seda!

Moralmente, dizem os seus amigos de relações mais estreitas que era modesto e bom, exprimindo sempre sentimentos delicadissimos. Sem exteriorisar em demasia as suas crenças, era, comtudo, religioso. Supersticioso como um hespanhol, em tudo via maus presagios, agoiros, enguiços. Estou em dizer que muito deveria desgostar-se com o seu appellido «Eça», por este lhe lembrar um cenotaphio e lhe cheirar bastantemente a defunto... Nunca entrava n'uma casa, ou galgava uma escada, ou transpunha uma porta, que não fôsse com o pé direito, e se, por ventura, ao cimo de vinte ou trinta degraus, ficava em duvida sôbre a prioridade d'esse pé na ascenção, descia rapidamente as escaleiras e repetia a subida, collocando então, com segurança e absoluta certeza de se não ter enganado, o pé direito no primeiro degrau! Na epoca em que morava, com seus paes, no quarto andar do predio numero 26 do Rocio, havia pessoas — disse-m'o uma d'ellas — que, sabendo-lhe da extravagancia, paravam a observar disfarçadamente as evoluções que elle fazia para poder poisar o pé direito na soleira da porta de entrada. No seu primeiro romance, *O crime do padre Amaro,* lá está a reminiscencia d'este seu velho costume. No principio do

capitulo IX, pagina 185 da edição de 1880, dando conta do regresso do padre Amaro á intimidade da S. Joanneira, a cuja casa ia sempre de visita, depois de jantar, Eça de Queiroz escreve: «Mesmo por superstição entrava sempre com o pé direito.» E no capitulo XVII, quando se refere á ida de Amelia para casa do sineiro, onde se encontrava com o padre Amaro: «Fazia-se então pequenina no seu mantelete, e abaixando o guarda sol sobre o rosto, entrava emfim na Sé, sempre com o pé direito.» Quando tirava os botões dos punhos, o romancista sempre collocava depois no punho direito da camisa lavada os botões que usára d'esse lado, reservando para o punho esquerdo os botões que tinham apertado punho identico da outra camisa. Em Coimbra, na casa do dr. José Doria — contou-m'o pessoa de familia d'este — tinha no seu quarto de estudante uma commoda, em que um dia se ouviu um estalido da madeira.

— São bruxas!... — disse-lhe, a brincar, um companheiro de casa.

Tanto bastou para que Eça nunca mais abrisse as gavetas do movel, dando-o pouco depois a outro estudante.

Em Leiria, Eça de Queiroz e a pessoa que refere este caso authentico em carta que possuo, sahindo ambos da cidade, uma bella manhã, para os lados da Baroza, em excursão venatoria, ao chegarem á calçada do Panta, encontraram uma pobre velha, cega d'um olho. O escriptor parou, mirando a velha, e propoz logo ao seu companheiro a desistencia da caçada e o regresso immediato á cidade. O azeite cahido ao soalho, e alastrando-se em nodoa, quasi lhe dava suores de agonia. Aterrava-o o uivar sinistro e lugubre dos cães. O piar das aves nocturnas, com que muito embirrava, punha-o de mau humor e em tremuras de sobresalto. No tomo VII das *Farpas*,

publicado em novembro de 1871, onde Eça de Queiroz se refere á casa em que morou, quando esteve em Leiria, lá vem a allusão ao piar das corujas emboscadas nas velhas paredes da Misericordia. E quem ler *O crime do padre Amaro* encontrará, na pagina 128 da edição já citada, e ainda em outras, allusão identica.

Era, como se vê, um timido, cheio de esquisitices e de irregularidades. Mas quem as não tem? Um notabilissimo homem de Estado conheci eu — José Luciano de Castro — cerebro desempeeirado, espirito esclarecido e limpido, que em terça feira não constituia ministerio, nem apresentava no parlamento uma proposta de lei, nem reunia, a não ser em casos excepcionaes e graves, o conselho de ministros. Que admira, pois, que no espirito de Eça de Queiroz houvesse tambem manchas de vesania, sombras, phobias, caprichos inexplicaveis? Não disse Baudelaire que «nós somos todos mais ou menos doidos»?

E, comtudo, grande espirito era o d'esse homem, cuja biographia deixo escripta, tendo-lhe pacientemente reconstituido anno a anno a vida — vida que elle soube viver, passando-a quasi toda a escrever obras encantadoras... que pena é, em que pese aos modernos literatiços, não terem sido escriptas em portuguez castiço e de boa lei.

CAPITULO IV

Os vencidos da vida

> — Falhámos a vida, menino!
>
> — Creio que sim... Mas todo o mundo mais ou menos a falha. Isto é, falha-se sempre na realidade aquella vida que se planeou com a imaginação. Diz-se: «vou ser assim, porque a belleza está em ser assim». E nunca se é assim, é-se invariavelmente *assado*, como dizia o pobre marquez. A's vezes melhor, mas sempre differente.
>
> EÇA DE QUEIROZ. *Os Maias.* (Vol. II, capitulo x).

Meu Deus, como isto é velho!... Como é antigo o costume de se reunirem alguns amigos, bons e alegres amigos, para formar sociedades de folgança, tendo o riso franco por divisa e o prazer legitimo como fim. Se até Sophocles, centenas d'annos antes de Christo, fundou a confraria dos *Amigos das Musas*, vejam lá!... Como isto é remoto! Como isto vem, quasi, dos tempos prehistoricos!

Qual é a origem dos *clubs* inglezes e dos *cercles* francezes? Meia duzia de amigos que, de tempos a tempos, se ajuntavam para comer e beber em qualquer local, recreando-se e rindo á doida. Depois, o velho costume foi-se apurando e os associados, com o andar da civilização, passaram das tavernas esfumaçadas e escuras para as salas doiradas e esplendidas de palacios sumptuosos. Assim se forma-

ram os *clubs* e os *cercles*. Assim se constituiram essas associações brilhantes, de que hoje faz parte, para se divertir e para folgar, a boa roda das mais grandiosas cidades do mundo.

Tem havido e ha sociedades de toda a ordem. Umas, terriveis e tragicas; outras, comicas e burlescas. Desde os legendarios *Cavalleiros da Tavola-Redonda*, amorosos e guerreiros, até á patusca ordem da *Palha*, a que se refere Camillo Castello-Branco em um dos seus escriptos de polemica; desde os galhardos *Cavalleiros do punhal*, tão dedicados á infeliz rainha Maria Antonieta e ao bondoso rei Luiz XVI, até á parrana sociedade lisboeta dos *Makavencos*, foliões e comedores — quantas associações se teem instituido, quantos *clubs*, quantos grupos, em que predomina a paixão feroz ou a alegria esfuziante, a devoção, o desvairamento e até o crime, ou o divertimento escolhido, a pandega vulgar e o desejo ardente e insubmisso de gozar a vida!

Pois não ha, julgo que em Paris, o *Club dos treze* e em Londres o dos suicidas, *Suicide's club*? Não ha nos centros mais civilizados do mundo sociedades extravagantes, estramboticas, de homens de temperamento singular, estroinas ou sorumbaticos, risonhos ou melancolicos, gostando de passar o tempo á sua guisa e juntando-se, reunindo-se, para melhor o viver e aproveitar? Sem duvida. E' habito antigo, que vem desde antes da era christã e ha de durar —não é preciso ser propheta para o dizer—emquanto durar a humanidade. Em França, a sociedade literaria conhecida pelo nome de *Diner Magny*, teve por associados illustres, todos alegres companheiros de mesa, George Sand, Berthelot, Edmundo e Julio de Goncourt, Ernesto Renan, Taine, Paulo de Saint-Victor. Figuras altissimas, cujas pennas gloriosas deixaram em paginas immorredouras fulgentes raios de luz.

Que admira, então, que em Lisboa, ha annos, como vou contar, se organizasse o grupo elegante dos *Vencidos da vida,* que tinha por considerado socio o grande escriptor Eça de Queiroz? Para que foi tanto barulho, tanto ruido, até uma pontinha de má vontade, em volta d'essa distincta sociedade *jantante,* em que o nosso meio acanhado e tacanho apenas quiz ver — injustamente, vamos!... — um agrupamento de *snobs,* digno de ser estudado pela penna ironica, dissecante e mordente do caustico auctor da *Feira das vaidades?*

Quebrada a tradição galante dos aureos tempos de elegancia e distincção, em que o marquez de Niza, Jeronymo Collaço, Cunha Sottomayor, D. José Coutinho, muitos outros, faziam embasbacar Lisboa com as suas extravagancias e originalidades de tanta graça, na capital decadente, deshabituada das estroinices e das aventuras de epocas já então consideradas longinquas, causou estranheza que estreitamente se unissem alguns homens de talento, para, em commum, renovarem costumes extinctos de gentileza e de alta vida mundana. E foi talvez com surpreza, e sem duvida com mal disfarçada hostilidade, que a mazorral e burgueza Lisboa, outr'ora tão fidalga e tão bizarra, viu constituir-se o grupo dos *Vencidos da vida,* bem disposto a restaurar, com garridice, velhas praticas de salão e a gozar amplamente a mocidade e a vida.

Foi em fins do anno de 1887 ou principios do de 1888 que se formou, de geração quasi espontanea, o concilio famoso dos *Vencidos da vida.* Como? Foi assim: um dia, findos os trabalhos parlamentares das duas Camaras, quatro ou cinco amigos, todos legisladores abalizados, sahiram do palacio das Côrtes, algum tanto enfadados com a estafa das sessões somnolentas, e decidiram ir d'ali ao Café Tavares, jantar.

A estes, associaram-se outros amigos, escriptores e poetas preclaros, tornando-se os jantares mais frequentes, até que passaram a ser semanaes, por combinação entre os que assim regalavam o estomago em agapes repetidos. Pouco depois, das mesas de rez-do-chão do Café Tavares, guindou-se o jubiloso rancho á mesa mais alta e mais nobre do Hotel Bragança. Durante as alegres refeições, os convivas falavam de tudo o que podesse servir de thema e de assumpto a uma conversa animada: casos da sociedade elegante, literatura, acontecimentos politicos, historia, costumes lisboetas, arte... e *j'en passe.* Silvavam os ditos e a graça abundava, sem que fôsse preciso admittir na palestra a impura maledicencia. Volvido algum tempo, entremearam-se os jantares no Bragança com outros em casa de alguns dos associados, e por fim — ó manes da patuscada!... — os *Vencidos da vida,* despindo a casaca elegante e envergando o jaquetão burguez, alargaram o seu campo de manobras gastronomicas e estomacaes... até ás *hortas!* Se aquelles conhecidos logares do Perna de Pau, do Collete Encarnado e das Féiteiras falassem!...

No grupo dos que assim jantavam alegremente, contavam-se onze figuras, algumas d'ellas verdadeiramente notaveis e todas mais ou menos distinctas no campo da literatura, da oratoria, da poesia e da politica. Eil-as, ennumerando primeiramente as que a morte já fez desapparecer: Bernardo de Pindella, depois conde de Arnoso, Carlos de Lima Mayer, Carlos Lobo d'Avila, Conde de Ficalho, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, e os srs. Antonio Candido, Conde de Sabugosa, Guerra Junqueiro e Luiz de Soveral, depois marquez. Ao lado dos politicos, havia os literatos; de par com os jornalistas, viam-se os *dandys.* Mais tarde, houve,

Os vencidos da vida

Da esquerda para a direita: Sentados — Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, conde de Ficalho e o sr. Antonio Candido.
De pé — Conde de Sabugosa, Carlos Mayer, Carlos Lobo d'Avila,
Oliveira Martins, o sr. Luiz de Soveral, o sr. Guerra Junqueiro e Bernardo de Pindella.

na tão falada sociedade de jantares... fóra dos domicilios, dois adventicios: o conselheiro Antonio de Serpa Pimentel e o conde de Casal Ribeiro, que, sendo convidados para jantar no Bragança, foram nomeados *Vencidos* honorarios e só de quando em quando faziam companhia aos onze effectivos. Quem baptisou o grupo com o nome pitoresco de *Vencidos da vida* foi Oliveira Martins, que, sempre acabrunhado pelas theorias de Schopenhauer, sentia então o seu pessimismo exacerbado, chegando a propor, um dia, que todos os onze amigos, em vez de jantarem n'um doce convivio, fossem fazer um retiro espiritual no austero convento da Serra da Arrabida, onde poetou frei Agostinho da Cruz! Estou em crer que a proposta do historiador insigne foi recebida com vigorosas imprecações, brados terriveis de anathema e alarido bravo de maldição!...

Quando na imprensa começaram a apparecer noticias reveladoras da existencia dos *Vencidos da vida*, a opinião lisboeta, muitas vezes rasteiramente hostil aos que se destacam e se assignalam por qualquer especie de valor, fez troça e galhofou, se é que não recebeu essas informações dos jornaes na ponta aguda das espadas. Os que não foram admittidos na pequena assembleia, despeitados, fingiram sorrisos de soberano desprezo. Se esses lá houvessem recebido acolhida, teriam sido, talvez, os seus mais enthusiasmados chronistas...

Toda a gente julgava que os *Vencidos* eram politicos. Para isso, muito concorriam as noticias que o jornal *O Tempo*, dirigido por Carlos Lobo d'Avila e considerado pelas outras gazetas orgão do grupo, dava das suas reuniões fraternas, dos seus jantares e das suas festas. Havia quem os tivesse como centro de opposição e como *frondeurs*. José Dias Fer-

reira, que os olhava com supremo desdem, ficou estarrecido de pasmo quando soube que o velho Antonio de Serpa, o illustre homem de Estado tão conhecido pelas suas distracções, fôra jantar com taes convivas! Talvez por serem considerados politicos, até no parlamento sorna e macambuzio tiveram solemne consagração. Marianno de Carvalho, então ministro da Fazenda, em um discurso que pronunciou na camara dos pares do reino, em 30 de junho de 1888, respondendo a um dos membros da famosa associação *jantante* e seu presidente, o conde de Ficalho, confessou-se ironicamente um vencido da vida. Poucos dias depois, no *Reporter* de 7 de julho, outro *Vencido,* Carlos Lobo d'Avila, fazendo a apreciação e a critica do romance *Os Maias,* de Eça de Queiroz, tambem *Vencido,* informava que o grupo desde o principio do inverno jantava alegremente, não tendo Eça assistido até então a algum jantar; e, referindo-se á passagem do discurso de Marianno de Carvalho, notava:

«Na semana que findou em sabado, 30 de junho, «os *Vencidos* tiveram as honras da discussão e até «um ministro da Corôa a elles se referiu na camara «dos pares.»

Afinal, os *Vencidos da vida* não eram politicos, mas pura e simplesmente rapazes joviaes, com talento e com espirito, *viveurs* que se aggregavam para folgar e rir, comendo e conversando ácêrca de tudo o que lhes despertasse ou prendesse a attenção. Entretinham-se, entre o fumegar rescendente dos cozinhados appetitosos e o espumar do *champagne* effervescente, a fazer phrases picantes e algumas interessantissimas, de boa e saborosa graça, sendo Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, o sr. Luiz Sove-

ral e Carlos Mayer — principalmente este ultimo, que foi o mais eximio conversador do seu tempo, — os que as produziam de mais relêvo.

O anno de mais intensidade digestiva dos *Vencidos da vida* foi, pelo que pude apurar, o de 1889. *O Tempo* deu chronica fidelissima e conservou registo fidedigno das muitas e variadas festas gastronomicas das onze desventurosas victimas da má sorte que tinham, comendo, e da triste vida que levavam, divertindo-se... Vão os meus leitores ver. E chorem depois, se quizerem, as derrotas dos infelizes *Vencidos,* que, em contradição com o symbolico nome que tinham adoptado, sahiam sempre victoriosos dos optimos petiscos que lhes serviam, deixando a mesa, seu campo de batalha, juncada de destroços e de cadaveres de inimigos — os frangos e os perus com que se defrontavam. Folheemos *O Tempo* e corramos a collecção d'esse jornal, do anno de 1889.

Em 16 de fevereiro, Bernardo de Pindella obsequiou com um jantar, na sua linda vivenda de S. Domingos, á Lapa, os seus confrades presentes em Lisboa. Eram, com o dono da casa, oito: conde de Ficalho, conde de Sabugosa, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Antonio Candido, Carlos Mayer e Carlos Lobo d'Avila. A 11 de março, jantavam os *Vencidos da vida* no Hotel Bragança, achando-se presentes os mesmos oito desditosos convivas, e a 20 tornavam a jantar ali, festejando, com grande alegria, o regresso a Lisboa do sr. Luiz de Soveral, então primeiro secretario da legação portugueza em Londres. A 26, ainda no Bragança, novo jantar da alegre sociedade, para solemnizar a chegada do socio illustre Eça de Queiroz, que tinha entrado em Lisboa, vindo de Paris, no dia 24 de março d'esse anno celebre de 1889. Guerra Junqueiro, o unico *Vencido* que faltou a esse

banquete notavel, mandou, pelo telegrapho, os seguintes alexandrinos, que *O Tempo* registrou no seu numero de 29:

Onze da noite. Chega o telegramma. Tudo
Já n'este Eden do Lima é silencioso e mudo,
Astros e bachareis, rosas e vereadores,
Na assembléa a espadilha e nos jardins as flôres.
E emquanto que vocês, hydropicos de Ayala,
No fim d'um Trimalcião hyper, de grande gala,
Discutem — oh! joviaes, cahoticos banzés! —
O infinito, o governo, a via lactea, os Zés
Luciano e Dias, o turbilhão de grandeza
Que vae por essa Europa e por essa Havaneza,
De Bismark a Burnay, de Mozer a Renan,
Eu, n'uma santa paz ideal de Lourinhã,
Vou deitar-me e sonhar de certo — oh sonho lindo!
Que já no meu quintal tenho o ervilhal florindo!...

A 29 de março, foi a festa maxima dos *Vencidos da vida*, d'esse anno. Não resisto ao impetuoso desejo que me espicaça de transcrever, na integra, a noticia que da brilhante occorrencia deu *O Tempo:*

«Hontem jantar offerecido aos *Vencidos da vida* «pelo seu querido collega de derrota dr. Carlos Mayer. «A não ser Guerra Junqueiro, que está no seu «eden «do Lima», como elle conta, o grupo achava-se com«pleto — conde de Ficalho, Oliveira Martins, Ber«nardo de Pindella, Eça de Queiroz, conde de Sabu«gosa, Antonio Candido, Ramalho Ortigão, Luiz de «Soveral e Carlos Lobo d'Avila.

«Foi este sem duvida o mais alegre e brilhante «jantar de *vencidos* n'este inverno. O *menu* primo«roso e classico, ressuscitava as nobres tradições da «cozinha portugueza. Esta vernaculidade do ban«quete communicou aos convivas todo o bom humor «da antiga indole nacional. Madame Mayer teve a

«alta amabilidade de permittir aos seus hospedes, «com um generoso encanto, todas as originalidades «commedidas, e phantasias discretas. Um orador e «um critico tocaram na rebeca um duetto estranho «em que os accordes graves do hymno da Carta «se misturavam ás melancholias da *Norma*. Dan-«çou-se uma *farandole* em que tomaram parte «graciosamente os filhos de Carlos Mayer. Dis-«putou-se ao bilhar uma partida estupenda de um «contra dez. De resto, durante o jantar tinha ha-«vido na sala proxima uma *guitarrada* em que fo-«ram chorados alguns dos mais sentidos *fados* de «Portugal.

«Esquecidos por um momento das responsabilida-«des da pesada missão que o Publico teima em lhes «attribuir, os *Vencidos* tiveram algumas horas «d'aquella alegria simples, que é no fundo a sua am-«bição suprema.

«Pelas onze horas da noite, querendo prestar «um tributo ao grande *vencido* honorario Verdi «(da legião extrangeira) partiram todos para S. Car-«los a dar os seus applausos ao ultimo acto do «*Othello*.»

Palavra d'honra!... eu dava mundos, se os tivesse, para ouvir o meu amigo e illustre patricio das queridas serras do Douro, conselheiro Antonio Candido, tirar da rabeca ingrata sons que, embora harmoniosos, deveriam sel-o menos do que a musica deliciosa da sua eloquencia! E Ramalho Ortigão, o grande critico das *Farpas*, não deveria ser menos para ouvir-se, empertigando a sua elevada estatura de athleta, a *Ramalhal figura*, como dizia Carlos Mayer, para dar mais vigor ao pulso e mais firmeza e precisão ao arco. Sei que os applausos estrondearam, energicos, em torno dos dois artistas. E na verdade

os srs. Antonio Candido e Ramalho Ortigão não se sahiram mal da empreza, fazendo vibrar com mestria e gemer com infinita doçura o rebelde instrumento de Stradivarius em que foram sublimes Nicolo Paganini e Pablo Sarasate.

A 10 d'abril, o jantar dos *Vencidos* foi n'um gabinete do Café Tavares, segundo noticiava o *Diario illustrado* de 12 d'esse mez. A 2 de maio, almoçavam elles em casa de Bernardo de Pindella e a 9 jantavam no Hotel Bragança, assistindo Antonio de Serpa. Noticiava-o *O Tempo* no dia seguinte:

«Hontem, no hotel Bragança, jantar dos *vencidos* «*da vida*. Assistiu, como convidado, o sr. Antonio de «Serpa. Estiveram tambem presentes os srs. conde «de Ficalho, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, «Eça de Queiroz, Carlos Mayer, conde de Sabugosa, «Antonio Candido, Luiz de Soveral e Carlos Lobo «d'Avila.»

Em 17 de maio, os condes de Valbom, para festejar o anniversario de seu filho, Carlos Lobo d'Avila, reuniram em sua casa algumas familias da sua intimidade. Não faltaram ao sarau os *Vencidos da vida*. Quando a *soirée* ia mais animada, a um signal dado, entraram elles todos, em bicha, no salão, e em meio do aposento esplendido, cheio de luz, de perfumes, de rendas e de flôres, cantaram em côro... a *Rosa Tyranna!*... Imagine-se o effeito!...

O' Rosa,
Tyranna!
Quem te deu a tyrannia?
Trólaró, laró laró!...

A letra ou os versos, compostos pelo sr. conde de Sabugosa e outros poetas, eram adequados a

cada um dos onze cantores, desde o sr. Antonio Candido,

> ... o bôca d'oiro,
> O' Rosa
> Tyranna!

até ao industrial Carlos Mayer, que dizia, cantarolando:

> Dou licor de tangerina,
> Trólaró, laró, laró!...

E, por traz dos leques, doces sorrisos nos vermelhos labios femininos, emquanto mãos alvas de neve palmeavam os afinados cantores... Sublime! «Scena era digna do pincel flamengo», como escreveu o poeta.

Uma das ultimas reuniões dos *Vencidos da vida*, n'esse anno de 1889, tão fertil e abundante, para elles, em festas e paparoca, foi a 21 de maio, em casa de Bernardo de Pindella. Recorto do *Tempo* a respectiva noticia:

«Hontem o nosso amigo Bernardo de Pindella deu, «na sua elegante vivenda, um jantar aos *Vencidos «da vida*. Esta festa tinha o particular interesse de «ser uma das ultimas em que todos os *vencidos* se «achavam reunidos, antes da natural dispersão oc«casionada pelo verão, e pela partida para o estran«geiro d'alguns dos mais sympathicos membros «d'este grupo jantante.

«O jantar foi extremamente animado e brilhante, «e de certo um dos mais alegres d'esta estação. «A' sobremesa o presidente dos *vencidos*, o conde «de Ficalho, mandou d'Evora, onde se acha, um «affectuoso e espirituoso telegramma. Á meia noite «ainda se conversava, se recitavam versos no ter-

«raço da casa, d'onde se descobre a admiravel pai-«sagem de Lisboa e do Tejo, na sua vaga e estrel-«lada claridade d'este começar do verão.

«O unico dos *vencidos* que os seus deveres reti-«nham longe d'esta festa, o conde de Sabugosa, foi «carinhosamente saudado com uma taça de *cham-«pagne*. Ao dispersarem, os *vencidos*, saudosos de «intima e interessante convivencia d'estes ultimos «mezes d'inverno, combinaram diversos *rendez-«vous*, uns no campo, outros em Paris, outros em «Londres. Possam estes planos realisar-se, e os com-«panheiros amaveis, que n'estes derradeiros tempos «teem sido um centro tão vivo de alegria e de con-«versa, reunir-se bem cedo, e continuar n'outras «capitaes a tradicção saudavel da velha bonhomia «portugueza.

«Ao magnifico jantar de Bernardo de Pindella, «todo ordenado segundo as fidalgas praxes da an-«tiga cosinha portugueza, assistiram: Oliveira Mar-«tins, Ramalho Ortigão, Carlos Mayer, Antonio Can-«dido, Guerra Junqueiro, Luiz de Soveral, Eça de «Queiroz, Carlos Lobo d'Avila.

«Aos *vencidos* que partem, dão os *vencidos* que «ficam o abraço mais fraternal, e d'elles esperam «por seu turno a recordação mais profunda e mais «viva.»

* * *

Eça de Queiroz foi um dos *Vencidos da vida* que mais realço, lustre e honra deu áquella sociedade de bons dentes e melhores estomagos.

O romancista insigne teve sempre inclinação para os areopagos, para os synedrios, para a camaradagem d'amigos. Já em Coimbra, no seu quarto de es-

tudante, na rua de S. Salvador, se reunia o que elle depois, em carta dirigida a Carlos Mayer, publicada nas *Prosas barbaras,* chamou «um concilio formidavel.» Iam lá varios estudantes, cujos nomes Eça occulta, designando-os apenas pelas iniciaes P. T. A. S. e M. Não voejarei por longe da verdade se disser que dois d'esses seriam Lobo de Moura e Alberto Sampaio. Depois, em Lisboa, Eça de Queiroz pertenceu ao *Cenaculo,* com Anthero de Quental, Oliveira Martins, Salomão Saragga e outros que já no anterior capitulo mencionei. Mais tarde, já consul, quando vinha a Portugal, sempre se associava a um grupo de amigos, em doce e alegre convivencia, dormindo de dia e levantando-se ás quatro e cinco horas da tarde, para passar as noites em claro, deitando-se quando o sol já ia alto. Veja-se, para prova, o que o delicado contista Alberto Braga escreveu nas *Novidades* de 25 de setembro de 1891, em uma sua *Chronica de cem linhas,* intitulada *O conde de Cartagena:*

«N'esse tempo, havia um grupo a que pertencia «Eça de Queiroz, consul em New-Castle mas com «licença em Lisboa, Coelho de Carvalho, nomeado «para o consulado de Shangae, João de Rezende, «sonhando já com as florestas africanas, D. José da «Camara, Alberto Braga e, algumas vezes, o grande «e desditoso Anthero de Quental, grupo que, todas «as noites, quer se tivesse estado n'um baile, quer «se tivesse assistido aos officios divinos na egreja «dos Inglezinhos, se reunia n'um dos gabinetes re«servados do restaurante do *Augusto.* Quem pri«meiro chegasse tinha obrigação de esperar pelos «commensaes. E o que uma vez faltasse, sem justi«ficar a sua ausencia, era, no dia seguinte recebido «com improperios.»

A este grupo juntavam-se, por vezes, Jeronymo Collaço, que na Universidade de Coimbra tinha sido condiscipulo de Eça de Queiroz, Bernardo de Pindella, Raphael Bordallo Pinheiro e um titular, conhecido pela alcunha de *Barata loira*, a quem o auctor de *Os Maias* — dizem — apprehendeu alguns traços, esfumando-os depois no desenho magistral da figura gordanchuda, risonha e nedia do Damaso Salcede. Esta bella sociedade dissolveu-se, vindo a formar-se mais tarde a dos *Vencidos da vida*, na qual, com grande desgosto seu, não teve acolhida Alberto Braga. Eça de Queiroz, porem, seguindo o seu velho habito de se ajuntar com amigos e camaradas, era um dos membros mais illustres e mais distinctos do novo grupo de literatos e elegantes.

Durante o anno de 1888, segundo o testemunho escripto de Carlos Lobo d'Avila, no artigo que já citei, publicado com a sua assignatura no *Reporter* de 7 de julho d'aquelle anno, Eça de Queiroz não assistiu a nenhum jantar dos *Vencidos*. Foi em 1889 que o estylista brilhantissimo, tendo chegado a Lisboa em 24 de março, pela primeira vez jantou, a 26, com os seus amigos do novo grupo, no Hotel Bragança.

Por esse tempo, a troça dos invejosos e dos que de tudo motejam e chacoteiam, começou de pegar com os *Vencidos da vida*. A imprensa crivava-os de ironias, a maledicencia alfinetava-os com mordentes ferroadas. Entre os jornaes que mais debicavam com os onze amigos, fustigando-os com zombarias e chascos, distinguia-se aceradamente o *Jornal da noite*, que na sua *Chronica alegre*, assignada por *Mussy*, pseudonymo de Caldas Cordeiro, não deixava de lhes perturbar a digestão dos jantares comidos no Bragança e no Tavares, satyrizando-os em periodos de impiedosa critica. Os *Pontos nos i i*,

bem conhecido periodico de caricaturas de Raphael Bordallo Pinheiro, desenhava-os em posições despertadoras de riso e cantava-os em verso:

> Mais triste que o som do bronze,
> Tangendo a mortos na ermida,
> Corre a vida áquelles onze,
> Onze *vencidos da vida!*...

Abundavam, como se vê, as aguilhoadas e as arranhaduras... *O Tempo*, orgão dos *Vencidos*, ia respondendo aos seus collegas na imprensa: Carlos Lobo d'Avila, que o dirigia politicamente, fazia por desviar de sôbre os costados dos seus amigos, e dos seus proprios, os aguaceiros de chalaça que de dias a dias os fustigavam. Mas a chuva era tanta!...

Um dia, a 28 de março de 1889, como na vespera *O Tempo* houvesse estampado nas suas columnas a noticia do jantar com que a sociedade festejára alegremente a chegada de Eça de Queiroz a Lisboa, o *Correio da manhã*, de Manoel Pinheiro Chagas, publicava um artigo, com o titulo *Os vencidos da vida*, em que, referindo-se áquella informação do seu confrade, extranhava que os onze amigos se tivessem chrismado com um nome tão improprio. Ennumerava-os depois, um a um, e mostrava que eram todos, ou quasi, todos *vencedores*. De Eça de Queiroz, escrevia:

«No consulado de Paris *venceu*, como vencera com «os romances. Fazemos votos para que lhe aconteça «o mesmo com a Revista.

«Em todo o caso chamarem-lhe *vencido* antes d'ella «apparecer, mau gosto e... mau signal.»

Era de mais! No dia seguinte, *O Tempo* respondia ao *Correio da manhã* em um artigo de fundo sem

assignatura, mas que pelo estylo, pela ironia, pelo boleio da phrase, pelo uso abundante do traço, ou hyphen, que Eça de Queiroz muito empregava no meio ou na parte final dos seus periodos, se vê que era producção da sua penna scintillante, merecendo, portanto, ser aqui reproduzido na integra esse bello trecho de prosa, que não deve ficar para sempre esquecido, tendo a envolvel-o a gelida mortalha d'um velho jornal. Devo accrescentar que *O Tempo* — circumstancia digna de nota — dava a esse artigo o seu logar d'honra e antepunha-lhe a seguinte declaração, que mais me vem arreigar a crença de que elle foi escripto por Eça: — «Retiramos hoje o artigo politico que devia ser publicado n'este logar, para inserirmos o importante artigo que segue. *Noblesse oblige*. Ou bem somos o orgão dos *Vencidos*, ou bem o não somos!»

Eis o artigo, que se intitula *Os vencidos da vida:*

«O amavel *Correio da Manhã*, fazendo hoje o «retrato social dos *Vencidos da vida*, um por um, «para lhes contestar este titulo acabrunhante, conti«nua e engrossa o ruido de publicidade que a im«prensa tem erguido ultimamente em torno d'este «grupo jantante, com consideravel desgosto dos ho«mens simples que o compõem. Póde parecer talvez «estranho que esta ressoante publicidade assim ma«goe os derrotados. Não permittem elles que hebdo«madariamente as gazetas annunciem a sua reunião «em torno da mesa festiva? E' verdade. Mas se o «fazem é para que a opinião se não possa de modo «algum equivocar sobre o motivo intimo que todas «as semanas os arranca dos seus buracos, para os «ajuntar n'um gabinete de restaurante, ao lusco«fusco, no isolamento sumptuoso de quatro cortinas «de reps.

«Homens que assim se reunem, poderiam logo, «n'este nosso bem-amado paiz, ser suspeitados de «constituir um syndicato, uma philarmonica, ou um «partido. Taes supposições seriam desagradaveis a «quem se honra de costumes commedidos: e o res«peito proprio obriga-os a especificar bem clara«mente, em locaes, que, se em certo dia se congre«gam, é apenas para destapar a terrina da sopa, e «trocar algumas considerações amargas sobre o «Collares. De resto, o sussurro attonito que de cada «vez levantam estas refeições periodicas não é obra «sua — mas da sociedade que com tanto interesse os «espreita. Elles comem — a sociedade, estupefacta, «murmura. O que é, portanto, estranho não é o «grupo dos *vencidos* — o que é estranho é uma socie«dade de tal modo constituida que no seu seio assume «as proporções d'um escandalo historico o delirio de «onze sujeitos que uma vez por semana se alimen«tam.

«O que de resto parece irritar o nosso caro *Cor«reio da Manhã* é que se chamem *vencidos* aquelles «que para todos os effeitos publicos parecem ser «realmente *vencedores*. Mas que o querido orgão, «nosso collega, reflicta que para um homem o ser «vencido ou derrotado na vida depende, não da rea«lidade apparente a que chegou — mas do ideal intimo «a que aspirava. Se um sujeito largou pela existen«cia fóra com o ideal supremo de ser official de «cabelleireiro, este benemerito é um *vencedor*, um «grande *vencedor*, desde que consegue ter nas mãos «uma gaforina e a thesoura para a tosquear, embora «atravesse pelo Chiado cabisbaixo e de botas cam«badas. Por outro lado, se um sujeito, ahi pelos «vinte annos, quando se escolhe uma carreira, deci«diu ser um millionario, um poeta sublime, um ge«neral invencivel, um dominador d'homens (ou de

«mulheres segundo as circumstancias), e se apesar «de todos os esforços e empurrões para deante, fica «a meio caminho do milhão, do poema ou do pena«cho — elle é para todos os effeitos um vencido, um «morto da vida, embora se pavoneie por essa Baixa «amortalhado n'uma sobrecasaca do Poole e conser«vando no chapeo o lustre da resignação.

«Dito isto, só podemos ajuntar que os *vencidos* of«ferecem o mais alto exemplo de moral e social de «que se póde orgulhar este paiz. Onze sujeitos que ha «mais d'um anno formam um grupo, sem nunca te«rem partido a cara uns aos outros; sem se dividi«rem em pequenos grupos de *direita* e *esquerda;* «sem terem durante todo este tempo nomeado entre «si um presidente e um secretario perpetuo; sem se «haverem dotado com uma denominação official de «*Reaes vencidos da vida* ou *vencidos da vida real ou nacional;* sem arranjar estatutos approvados no go«verno civil; sem emittirem acções; sem possuirem «hymno nem bandeira bordada por um grupo de se«nhoras «tão anonymas quanto dedicadas»; sem il«luminarem no primeiro de dezembro; sem serem «elogiados no *Diario de Noticias* — estes homens «constituem uma tal maravilha social que certamente «para o futuro, na ordem das cousas moraes, se fa«lará dos *onze do Braganza,* como na ordem das «cousas heroicas se falla dos *doze de Inglaterra.*

«Dissémos.»

Apesar de tão notavel artigo, onde o riso repuxa em todas as linhas, a critica não deu paz... aos *vencidos!* O *Correio da manhã* respondia a Eça de Queiroz em tres cerradas columnas de prosa, que podem ler-se no seu numero de 31 de março de 1889; o elegante prosador Eduardo de Barros Lobo — o *Beldemonio* das *Chronicas do Chiado,* da *Musa loi-*

ra, do *Arauto* — no numero II da sua pequena revista semanal *A má lingua*, torturava o alegre grupo dos... *moços da vida*, como elle dizia, com risadas de chacota; *A comedia portugueza*, semanario homoristico de caricaturas, encarvoiçava-os em burlescos traços de lapis. Era um não acabar de troça e de laracha!

Mais de um anno depois, em junho de 1890, ainda *Os gatos*, de Fialho d'Almeida, no seu numero IV, tratavam assim os *Vencidos da vida*, elevando-lhes o numero a dezoito:

«Duzia e meia de ratões que se ajuntaram para «envelhecer, supportando uma vez por semana, a «sensaboria dos vinhos do *Braganza*, e a chateza «deprimente dos *menus*. Á sobremesa, habitualmen«te, os vencidos da vida dizem mal, com mais ou «menos verve — o que é uma vingança licita, na «bocca d'individuos de quem se tem dito mal, sem «verve nenhuma.

«Um terço é celebre, o outro dá-se ares de o ser, «e emfim o ultimo faz um fundo de comparsaria pa«gante, destinado a fazer valer o talento *maquillé* «dos outros dois. Mal humorada sempre, a opinião «publica, ao ler no *Tempo* as descripções dos seus «banquetes, pergunta o que é que esse grupo pre«tende, e intenta, e mira longe. A resposta é sim«ples. Os vencidos da vida, quando juntos, o que «pretendem é jantar; depois de jantar, o que inten«tam é digerir; e digestão finda, se alguma coisa ao «longe miram, tanto póde ser um ideal como um *wa«ter-closet*. Não ha portanto razão p'ra sobresaltos. «Que os vencidos da vida jantem em paz. E se a «obscuridade os consola das amarguras soffridas na «vida publica, fiquemos n'isto — a historia nem sem«pre fixa os nomes dos que bebem champagne.»

E não ficou por aqui. Na noite de 22 de março de 1892, o sr. Abel Botelho, que em literatura usou o nome de Abel Accacio e que eu conheci redactor do *Correio da noite,* orgão do partido progressista, e pretendente ardentissimo, nunca attendido pelo chefe, apesar de instantes pedidos, a uma cadeira de deputado, como representante d'aquelle partido no parlamento — emfim, um vencido! —, fez subir á scena, no Theatro do Gymnasio uma comedia sua, intitulada *Os vencidos da vida*, em que aquelle *vencedor* d'hoje caricuturava, n'uma peça má, os *vencidos* d'então. Foi um escandalo...

A peça, falha absolutamente em valor e em condições theatraes, pateada com justiça pelo publico, teve apenas duas representações, sendo prohibida pela policia como decotada e immoral. A imprensa, quasi unanimemente, criticou-a com desusada severidade, como se póde ver, lendo o *Correio da manhã* e a *Tarde,* de 23 de março de 1892, o *Reporter* do dia seguinte, 24, no artigo de fundo, assignado por o sr. Rangel de Lima Junior, e outros jornaes da epoca. No *Antonio Maria,* numero de 26 de março, Raphael Bordallo Pinheiro, dando conta da representação da comedia *Os vencidos da vida*, desenhava uma folha de parra, a cobrir os personagens, e um caixão, em cuja tampa estava escripto o nome da peça pateada, a resvalar a uma cova aberta: ao lado, o sr. Abel Botelho, de luto pesado, choramingando, e por baixo a seguinte legenda: — «Ruborisada, a policia poz uma folha de vinha na peça do sr. Abel Botelho. Requinte de honestidade foi velar as escabrosidades da peça quando esta já tinha ido de caixão á cova.»

O sr. Abel Botelho, abespinhado com o retumbante fiasco da sua comedia, dirigiu uma carta ao *Reporter,* que foi publicada por este jornal a 24 de março, reproduzindo-a o *Correio da noite* d'esse mesmo dia,

e no alludido *Reporter*, numero de 5 d'abril, sob o titulo *Serenamente*..., referia-se elle á suspensão da sua peça. A commissão de censura theatral, chamada a intervir no ruidoso incidente, deu o seu parecer, em que chegou, por unanimidade e perfeito accordo dos seus cinco membros, ás seguintes conclusões, que podem ler-se no *Diario do Governo* de 8 de abril de 1892:

«1.ª — Que a peça *Os vencidos da vida* contem ca-«ricaturas e imitações pessoaes; offensas ao pudor «e á moral publica;

«2.ª — Que por todas estas rasões está legalmente «justificada a sua prohibição.»

Assignaram o parecer, que tem a data de 5 de abril d'aquelle anno, os srs. conselheiro José d'Azevedo Castello-Branco, Luiz Augusto Palmeirim, Zacharias de Aça, Alberto Pimentel e J. Fernandes Costa, que foi o relator.

Não ficou contente, o sr. Botelho. No *Reporter* de 24 de abril, sob o titulo *Diffamadores*, criticava elle o parecer da commissão de censura. O sr. conselheiro José d'Azevedo Castello-Branco, n'essa epoca director geral da Instrucção Publica, tendo presidido a essa commissão como representante do ministro do Reino, José Dias Ferreira, respondeu á critica em carta dirigida ás *Novidades* de 25 de abril, replicando-lhe o sr. Abel Botelho no *Reporter* de 27, sob o titulo *Sursum corda*... Então é que foram ellas!... O sr. José d'Azevedo triplicou violentissimamente, com penna aparada e ferina, nas *Novidades* de 28, e tão mal tratado era o sr. Botelho, que teve este de mandar duas testemunhas ao seu adversario na imprensa, não chegando, porem, a realizar-se duello porque os padrinhos pozeram termo á pendencia

sem necessidade de se cruzarem ferros ou dispararem tiros. E assim se fechou o episodio, não ficando o auctor da comedia *Os vencidos da vida* em boa e invejavel postura.

João Mussy — pseudonymo que já atraz fica desvendado — tambem escreveu uma comedia em tres actos, com o titulo *Os preciosos*, que tinha egualmente por assumpto os *Vencidos da vida* e foi entregue á empreza do Theatro de D. Maria, segundo noticiava o *Correio da noite* de 22 de março de 1892. Não sei se chegou a ser representada. Supponho que não.

Deram que falar os onze *Vencidos da vida!*... Que bulha, que reboliço, que raivasinhas e assanhamentos em volta d'elles! Porquê?...

*
* *

Pouco a pouco, os *Vencidos da vida* foram dispersando.

Eça de Queiroz voltou para o seu posto consular de Paris, onde o dever o chamava, mas na grande cidade da folia e do prazer não se esqueceu dos seus companheiros de mesa e de alegria. Na carta inédita que adeante publíco, na terceira parte d'este livro, dirigida pelo romancista illustre a Oliveira Martins, em 27 d'agosto de 1889, noticía elle a este *Vencido* que jantou com o sr. Luiz de Soveral, outro *Vencido*, e que o jantar que ambos saborearam, na *Maison d'or*, foi um jantar de *Vencidos*. Até em Paris dois *Vencidos da vida* se lembravam com saudade das suas refeições semanaes de Lisboa e dos amigos que, em alegre convivio, a ellas assistiam.

Agora um, logo outro, os membros da sociedade foram rareando, até que ella em 1893 se dissolveu.

O sr. Guerra Junqueiro foi o primeiro a separar-se dos seus amigos, em seguida a uma questão com Carlos Mayer, no Hotel Central. A discussão animou-se e os ditos esfuziaram. A intelligencia vivissima e a graça penetrante de Mayer levaram de vencida o *Vencido* sr. Junqueiro. Este não teve a melhor na contenda em que o humorismo espadanava e fervia como vinho espumoso em crystallina taça. Tempo depois, o conhecido poeta escreveu uns versos desprimorosos em que não guardava o respeito devido a El-Rei D. Carlos, que era tratado pelo nome de *caçador Simão,* o que deu causa a que os *Vencidos* que faziam serviço no Paço cortassem relações com o auctor da infeliz producção poetica. Assim sahiu o sr. Guerra Junqueiro do animado grupo que por tanto tempo entreteve as attenções da nossa frivola e futil Lisboa. D'est'arte começou a dispersão dos *Vencidos da vida.*

Por fim, a morte entrou-lhes nas fileiras. O primeiro a cahir, vencido, foi um dos mais notaveis dos *Vencidos*, o illustre historiador Oliveira Martins, fallecido em agosto de 1894. Um anno depois, em setembro de 1895, foi o mais novo, o *benjamim* do rancho, Carlos Lobo d'Avila. Seguiu-se-lhe Eça de Queiroz, em 1900, e depois o conde de Ficalho, em 1903, e Carlos Mayer, em fevereiro de 1910, o conde de Arnoso, em maio de 1911, e, por ultimo, Ramalho Ortigão, em setembro de 1915. Hoje, restam apenas, vivos e fortes, os srs. conde de Sabugosa, conselheiro Antonio Candido, marquez de Soveral e Guerra Junqueiro. Que saudades devem ter, estes quatro, dos seus sete amigos mortos e dos tempos felizes em que, todos onze, victoriosos e triumphantes, se diziam *Vencidos da vida!* Hoje...

Se alguns dos que ainda vivem quizessem escrever as suas impressões d'aquella epoca, já distante,

em que despreoccupadamente jantavam no Bragança, no Tavares e nas *hortas*, á sombra de frescos parreiraes, quantas vezes teriam de molhar a penna em lagrimas de magua e de tristura!... Leia-se, por exemplo, esta carta dolorosissima, escripta pelo conde de Arnoso, em resposta á solicitação que lhe fizera um redactor do *Brazil-Portugal*, que desejava publicar um artigo do nobre titular ácêrca dos *Vencidos da vida*. Foi ella publicada no numero 39 d'aquelle periodico, em 1 de setembro de 1900.

«Meu amigo.

«Pede-me um artigo para acompanhar, no *Brazil-*
«*Portugal*, o retrato do meu querido e grande amigo
«Eça de Queiroz, explicando e contando ao mesmo
«tempo o que tinham sido os «Vencidos da vida».
«Os «Vencidos da vida»! Onze amigos, hoje já tão
«dizimados pela morte, que de quando em quando
«pacatamente jantavam juntos para conversar, e
«que, ao mesmo tempo, tanto ruido em volta d'elles
«fizeram!

«Impossivel satisfazer ao seu desejo, que não póde
«alinhavar palavras quem, deante de tamanha des-
«ventura, não tem tido até hoje senão lagrimas para
«chorar. É que eu perdi no José Maria um irmão es-
«tremecidissimo. Quanto mais releio a ruma de en-
«cantadoras cartas que d'elle me ficaram, cartas
«onde a sua inexgottavel bondade faisca em cada li-
«nha, mais se me afigura sem limites o enorme va-
«zio que a sua morte deixou no meu retalhado cora-
«ção. Tão grande, que nem as saudades de mais de
«vinte annos de intima convivencia, relembradas
«uma a uma, seriam capazes de encher! Isto, se
«n'um egoismo de amizade desculpavel, não penso
«senão em mim. Se porém como portuguez e patriota
«considero a sua falta, então me parece que o velho

«e amado galeão das quinas, onde, desde seculos, «todos nós vimos embarcados, ficou, pelo seu des-«apparecimento, com a bórda ao lume d'agua! Ta-«manha, tão consideravel é a sua falta!

«Saiba desculpar quem é

De v. etc.

Conde de Arnoso.»

Poucos annos depois de ter escripto esta carta, o conde de Arnoso, o brilhante official-mór do Paço, o fiel e nobre amigo d'El-Rei D. Carlos, literato distincto, militar brioso, elegante, rico, estimado, verdadeiramente vencido então, cahia fulminado pela morte em annos pouco adeantados, quando tanto havia ainda a esperar das suas notaveis qualidades de energia, de talento e de caracter. Mais feliz do que elle, Eça de Queiroz morreu a tempo... E este não podia ser um vencido da vida, porque na vida foi sempre victorioso.

Mas quem não é vencido da vida? Quem ha ahi que na existencia conte e ennumere só triumphos? Cesar — para me referir sómente a luminares da humanidade, — sempre vencedor, foi afinal vencido pelo afiado punhal de Bruto. E Napoleão? As suas aguias altaneiras voaram constantemente de gloria em gloria, e comtudo o grande capitão viu-as succumbir, feridas de morte, n'uns campos tristes do Brabante. A vida do heroe de Austerlitz foi uma epopeia de victorias! Mas veio a derrota final... O vencedor de tantas batalhas volveu-se em authentico vencido. Felizes aquelles que, sorrindo e brincando, se declaram vencidos da vida e na vida não topam, a cada passo, a tristeza e a amargura de desastrosas derrotas!...

CAPITULO V

O vencedor da morte

> Acompanharam a sua passagem derradeira pelas ruas de Paris, sob um céo cinzento de neve, alguns dos mais gloriosos homens de França nas coisas do saber e da arte. Lindos rostos, já pisados pelo tempo, o choraram, na saudade das emoções passadas. E, em pobres moradas, em torno a lares sem lume, foi de certo tambem lamentado este sceptico de finas letras, que cuidava dos males humanos envolto em cabaias de sêda.
>
> EÇA DE QUEIROZ. *A correspondencia de Fradique Mendes.* (Capitulo VI).

Morrer é sempre triste. Mais triste se os que desapparecem para sempre da face da terra não deixam traço da sua passagem, vestigio, leve que seja, do seu fadigoso peregrinar pelo mundo. Com esses vae tudo á cova. Fica apenas a tenue lembrança da sua alma no espirito dos que os amaram, e até essa desapparece, foge e se esvae com o dobar do tempo, que tudo apaga. A vida d'esses anonymos e desconhecidos, que nada produziram, dá-me a lembrar a divisa d'aquelle quadrante solar que vi no pateo da Sorbonne, em Paris — *Sicut umbra dies nostri :* passou e sumiu-se como uma sombra fugidia... No dizer do torvo Hamlet da tragedia, todos «se tornaram poeira, e a poeira se volveu em terra, e a terra se

fez argila...» D'elles, nada mais ficou no mundo! E' triste morrer assim...

Morrer, porem, deixando uma obra gloriosa; morrer, legando aos vindouros a prova de que se preencheu bem a vida; morrer com a certeza de que pelas gerações alem se ha de perpetuar um nome e immortalizar uma grande memoria; morrer, sabendo que eternamente se viverá no espirito dos que viverem — é consolação que deve tornar a morte menos temida e o ultimo suspiro menos affligente.

«Morrer, dormir. Dormir! Sonhar, talvez...», dizia tambem o sombrio heroe de Shakspeare, a quem a duvida opprimia o coração atormentado e escurentava a alma, enchendo-lh'a de tristuras e de negrumes. Dormir, continuando o sonho de gloria que em vida se acalentou; dormir, com a segurança de que nem tudo se extinguiu com o desapparecimento do mortal envolucro d'uma phantasia que produziu, de uma intelligencia que creou e d'um pensamento que viveu — é como repousar á noite, depois d'um rude e aspero dia de trabalho; é somno de descanço, reparador e doce como o tranquillo adormecer depois da fadiga. Assim morreu Eça de Queiroz. Assim elle dorme, vivendo na mente de todos os que o conheceram, no coração de todos os que o amaram, na admiração de todos os que o leram, no entendimento de todos os que o hão de ler, emquanto se escrever e falar sobre a terra a lingua portugueza. Por isso elle é um vencedor da morte, um triumphador do esquecimento. A sua phisionomia sarcastica, aberta n'um ligeiro sorriso de ironia, revive na pedra trabalhada do seu monumento, e esse bloco d'arte attestará perpetuamente á posteridade que o scintillante escriptor é, no dizer de Camões, d'aquelles

.. em quem poder não teve a morte.

Ainda bem que nem tudo finda quando morre um homem que soube viver, um artista que soube produzir. Isto mesmo pensou e escreveu o proprio Eça de Queiroz, como antes d'elle houve quem o tivesse pensado e escripto. Estou firmemente convicto de que a certeza da sua gloria immorredoira lhe tornou placido e sereno o momento do trespasse, pois que serena e placidamente morreu a 16 de agosto do anno de 1900.

Tinha eu chegado no dia 6 d'esse mez a Bruxellas, onde fui — inteiramente á minha custa, diga-se de passagem, e não é mau dizel-o — representar o governo portuguez no Congresso Penitenciario que n'essa epoca ali se reuniu. Demorei-me uma semana, ou pouco mais, na encantadora capital da Belgica; segui de lá para Londres, onde estive cêrca de outra semana, e vim depois a Paris, dirigindo-me logo á rua Marguerite, em visita ao illustre estadista José Luciano de Castro, que, tendo padecido grave enfermidade, com os medicos parisienses se estava tratando. Soube então ali que tres ou quatro dias antes fallecêra Eça de Queiroz. Que agudo pezar me causou a dolorosa e inesperada noticia!

O romancista, que a tuberculose mesentherica havia muito minava, tendo chegado a Lisboa, em fins de maio, informação de que a sua doença se agravára, tinha partido em 28 de julho, á noite, já muito enfraquecido, em companhia de Ramalho Ortigão, para a Suissa, por Genebra, como se póde ver na carta de Paris publicada no *Diario de noticias* de 3 de agosto de 1900. Ia experimentar se á borda dos lagos da Helvecia, ou nas encostas risonhas d'aquellas montanhas de tanta belleza, os seus soffrimentos, que os medicos de Paris não julgavam graves, lhe dariam treguas ou folga. Desgraçadamente, a doença era de morte! Seguiram os dois

amigos de Genebra para Montreux—esse paraiso da terra!—e demoraram-se em Glion, onde eu, em 1905, me extasiei na admiração d'aquelle assombroso quadro de encantos que cercam o lago Léman. Informa Ramalho Ortigão (1) que o seu amigo de tantos annos, tendo chegado a Glion muito abatido, depois d'uma noite bem dormida começou logo a comer com appetite, a mostrar-se animado e bem disposto, lendo, fumando e conversando alegremente. Emquanto o auctor de *A Hollanda*, em 2 de agosto, seguia, por Berne e Interlaken, para a Engadine e depois para a Italia, o rutilante estylista que escreveu as paginas admiraveis d'esse formoso livro que se intitula *A cidade e as serras* quedava-se no logar que escolhêra para repouso de alguns dias, ficando em Glion, como extremado artista que era, em doce contemplação dos Alpes, das aguas lisas do lago, dos graciosos recortes das suas margens esmaltadas de vinhedos, das neves eternas que branquejam nos pincaros escarpados e nas altas agulhas do *Dente do Meio-Dia*.

Em despeito de tantas bellezas, Eça de Queiroz não se sentia bem, e uma semana antes de morrer voltou da Suissa para Paris. Ia de mal a peor. A terrivel doença que já lhe roubára os irmãos, proseguia na sua obra de destruição. O medico portuguez, sr. dr. Mello Vianna, baldadamente empregou esforços ingentes para o roubar á sepultura. Assestou contra a morte as poderosas baterias da sua sciencia e appellou tambem para a do eminente professor de medicina, dr. Landouzy. Tudo inutil! Conservando-se até aos ultimos momentos sem conhe-

---

(1) Leia-se a carta d'este illustre escriptor, publicada no *Jornal do commercio*, de Lisboa, de 30 de agosto de 1900.

cer a gravidade do seu mal, a ponto de, poucos dias antes de fallecer, julgando-se com forças para sahir de casa, pretender que lhe vestissem a sua sobrecasaca, em cuja lapela vermelhejava a roseta da Legião d'honra, Eça de Queiroz finou-se tranquillamente ás quatro horas e meia da tarde de 16 de agosto de 1900, depois de ter recebido, já moribundo, os sacramentos da Egreja. «Não acaba mais docemente um bello dia de verão» — como elle escreveu, referindo a morte de Fradique Mendes. N'essa manhã, ainda elle dizia ao seu amigo sr. Thomaz Rosa, depois conde de Sousa Rosa, então ministro de Portugal em Paris:

— Sinto-me, na verdade, bem doente, mas estou sendo intelligentemente tratado. O peor é esta fraqueza... Ha de levar tempo... ha de levar tempo...

Horas depois, levava-o para sempre a morte...

Mãos piedosas cobriram-lhe o caixão de flôres. As suas queridas companheiras de trabalho, as flôres, que elle apaixonadamente amava e tantas vezes o viram curvado sobre o papel, traçando paginas encantadoras, perfumaram-lhe as taboas do feretro e fizeram-lhe fiel companhia, quando, na sua face de cêra, os olhos para sempre cerrados já as não podiam ver para enternecidamente as admirar. O Rei de Portugal mandou depor sobre o ataúde do escriptor illustre uma corôa magnifica. Outro tanto fizeram o ministro portuguez, sr. Thomaz de Sousa Rosa, a familia e alguns amigos. E assim cercado de rosas e de saudades, foi o cadaver de Eça de Queiroz depositado na egreja de Saint Pierre de Neuilly, vendo-se no prestito funebre o grande estadista José Luciano de Castro, o sr. Thomaz Rosa, Ressano Garcia, o marquez da Graciosa, o visconde de Faria e muitos mais portuguezes, assim

como francezes illustres. *Le Figaro*, *Le temps*, *L'époque* e outros jornaes de Paris dedicaram a Eça de Queiroz palavras de justo elogio. Em Madrid, a *Correspondencia de España*, *El Heraldo*, *La epoca*, *El liberal*, *El imparcial*, *El pais*, seguiram o exemplo dos jornaes parisienses. A imprensa brazileira, com o *Jornal do commercio* e a *Gazeta de noticias* á frente, lamentou sentidamente o desapparecimento do escriptor portuguez que o Brazil mais admirava, e em Buenos Ayres *El pais* e *El diario* publicaram artigos de justo louvor e de alto encomio ao romancista eximio.

*

* *

Em Portugal apesar de Eça de Queiroz não gozar de larga popularidade, a impressão de dôr que produziu a sua morte foi geral e profundissima. Houve quem, não o conhecendo senão pelos seus livros, o chorasse como se houvesse perdido uma pessoa querida. A imprensa, em unanimidade digna de nota e de applauso, lastimou com sentida magua o finamento do delicado estylista, chegando alguns periodicos, como *O Dia*, onde então rebrilhava a penna inolvidavel do grande jornalista Antonio Ennes, a publicar artigos verdadeiramente notaveis.

No dia 25 de agosto, á noite, reuniram os representantes dos jornaes de Lisboa e de alguns da provincia, que elegeram uma commissão composta de cinco membros, á qual deram plenos poderes para tratar da trasladação dos restos mortaes de Eça de Queiroz para Lisboa. Tambem esta commissão ficou incumbida da organização do funeral e das altas homenagens que então deveriam prestar-se á memoria do finado escriptor, devendo entender-se, para

esse fim, com o governo, com a camara municipal e com as auctoridades.

A 11 de setembro, o cadaver de Eça de Queiroz seguia de Paris para o Havre em *wagon* armado em camara ardente, sendo recebido a bordo do transporte portuguez *Africa*, ancorado n'aquelle porto francez. A 16 d'esse mez, chegavam ás aguas mansas do Tejo os despojos mortaes do mallogrado romancista, e a 17, ás tres horas d'uma serena e doce tarde de fins de verão, como só ha em Portugal, o ataúde, envolto na linda bandeira azul e branca, era desembarcado e, sob um montão de flôres, seguia para o cemiterio do Alto de S. João, por entre as alas respeitosas do povo. Acompanhava-o um grande prestito, a cuja frente iam os representantes da Familia Real. Do arco da rua Augusta pendiam crepes e de muitas janellas, atulhadas de gente, piedosas mãos femininas fizeram chover sobre o carro que conduzia o feretro de Eça de Queiroz flôres viçosas e perfumadas, que elle tanto do coração adorava.

Foi sepultado no jazigo do seu cunhado, D. Alexandre de Castro Pamplona (Rezende), na rua numero 17 d'aquelle cemiterio. O caixão era enorme, a ponto de não ser possivel collocar-se logo na prateleira do tumulo. Para ali poder dar entrada, foi necessario, mais tarde, desaparafusar-lhe as argolas. Á beira da sepultura do auctor do *Primo Bazilio* pronunciaram-se discursos. Discursos!... Se n'esse momento grave e solemne Eça de Queiroz não tivesse para sempre fechados os ouvidos e mudos os labios, que tantas vezes a ironia encrespou, se elle podesse reviver e erguer-se em meio dos que lhe cercavam o esquife, estremeceria certamente de indignação e de horror, soltaria brados de intensa colera, por assim soarem junto da sua derradeira jazida... falas de conselheiro Accacio!

E lá ficou, bem depressa esquecido, no jazigo do Alto de S. João, o escriptor illustre que na sua despreoccupada mocidade, envolto em cabaia de sêda, como attesta uma photographia sua, foi o commentador alegre e mordaz dos ridiculos da sociedade portugueza. Felizes os que repousam!... *Beati quia quiescunt,* como disse Luthero, encarando as sepulturas do cemiterio de Worms.

*

* *

Esquecido?

Não! Houve alguem, em cujo coração d'oiro floriu sempre o dulcissimo sentimento da amizade, que não perdeu da lembrança a memoria de Eça de Queiroz. Houve alguem de cuja mente se não varreu a recordação do que fôra, em vida, seu intimo e estremecido amigo. Esse alguem foi o conde de Arnoso. Caracter de portuguez antigo, dedicado, leal, nobilissimo, fiel sempre aos seus affectos e ao carinho em que era liberal e prodigo, quer a sua devotada estima se alçasse ao throno e respeitosamente servisse o Rei de Portugal, quer docemente acariciasse aquelles a quem o apreço e a convivencia estreitamente o prendiam — Bernardo Pindella, como lhe chamavam antes de ser titular, não esqueceu, como tantos, o seu amigo de muitos annos. Sabendo que elle morrêra pobre, deixando esposa e quatro filhos em circumstancias que não eram de largueza nem de prosperidade, foi á camara dos pares do reino, onde tinha assento, e, falando ali pela primeira vez, em nome da amizade falou, apresentando o projecto de lei que vae honrar uma pagina d'este meu pobre livro. Eis o projecto, tal como o conde de Arnoso, em sessão da camara alta, de 15 de março de 1901, de-

pois d'um sentido discurso, o enviou para a mesa da presidencia:

«Artigo 1.º — E' concedida a pensão annual de «1.200$000 a D. Emilia de Castro Eça de Queiroz, «viuva do eminente escriptor José Maria Eça de «Queiroz, e a seus filhos Maria, José, Antonio e Alberto.

«Artigo 2.º — Esta pensão será vitalicia para a «viuva, e, por sua morte, manter-se-ha para os filhos «varões até á maioridade, ou á conclusão dos seus «cursos, e para a filha até ao casamento, sendo «isenta de pagamento de todos e quaesquer impostos «e paga em mensalidades, a partir da promulgação d'esta lei.

«Artigo 3.º — Fica revogada a legislação em contrario.

«Sala das sessões, em 15 de março de 1901.

«*Conde de Arnoso.*»

Hintze Ribeiro, que então era o presidente do conselho de ministros, fazendo, em seguida, uso da palavra, declarou que o governo dava ao projecto do digno par do reino não só decidida sympathia, mas até sincero applauso. E foi assim que em sessão de 26 de março d'esse anno a camara dos pares approvou o projecto de lei do conde de Arnoso, depois de breve discussão, em que entraram o conde de Magalhães, D. Luiz da Camara Leme, Hintze Ribeiro, o visconde de Chancelleiros e ainda outros.

Transitando o projecto para a camara dos deputados, foi ali aprovado em sessão de 21 de maio de 1901, depois de ligeiras considerações do sr. Oliveira Mattos e de Augusto Fuschini. Quer na camara dos proceres, quer na camara popular, os altos mereci-

mentos de Eça de Queiroz, como escriptor illustre, foram reconhecidos e louvados, sem restricções, por todos os que falaram, incluindo aquelles que não concordaram com a opportunidade do projecto, por d'elle advir para o thesouro publico algum augmento de despeza.

Convertido o projecto de lei do conde de Arnoso na lei de 12 de junho de 1901, publicada no *Diario do Governo* de 15 d'esse mez, passou a familia de Eça de Queiroz a receber a pensão que no parlamento portuguez lhe fôra votada. E foi-lhe paga regularmente até ao dia 30 de junho de 1912. Desde esse dia em deante, porem, passou a recebel-a a viuva do caricaturista Raphael Bordallo Pinheiro. Porquê?... Porque em sessão da camara dos deputados de 18 de junho de 1912 foi proposto nem sei por quem, e logo approvado, depois de alguns protestos — diga-se com louvor —, embora raros, que fôsse retirada a pensão que o Estado concedia á familia de Eça de Queiroz, porque dois filhos do escriptor eram adversos á republica. No senado, em sessão de 29 de junho, tambem com rarissimos protestos, repetiu-se o que succedêra na camara baixa, e, por lei de 30 de junho de 1912, que se póde ler no *Diario do Governo* de 8 de julho d'esse anno, a pensão, que por lei fôra dada a *toda* a familia de Eça de Queiroz, era supprimida, porque *dois* filhos seus se tinham manifestado contra o regimen republicano. A acção demolidora do antigo conferente democratico do *Casino* e collaborador das *Farpas* — esquecida! Esquecida tambem a sua obra de inconfundivel artista!

A Historia sem duvida fará, mais tarde, ao extranho proceder do parlamento portuguez do anno de 1912 a critica e os commentarios que certamente agora borbulham nos labios dos meus leitores...

*
* *

O conde de Arnoso, fallecido em 21 de maio de 1911, já não assistiu ao rasgamento e á annulação da lei que por sua nobre iniciativa tinha sido votada em 1901.

Ainda bem para elle!

Com a votação d'essa lei não tinham ficado plenamente satisfeitos os sentimentos de amizade, que esse grande coração dedicára ao illustre romancista, e de respeito que lhe merecia a sua memoria querida e venerada. Era necessario mais. Era indispensavel erigir n'um dos largos de Lisboa um monumento dedicado ao escriptor incisivo, relampadejante de ironia, que tinha sabido fustigar com linguagem causticante e mordente os vicios, as inconveniencias e as deformidades moraes da população burgueza, futil, pesada e somnolenta, da capital. Era preciso alçar-lhe o busto sobre um pedestal elevado, para que, pelas edades alem, umas atraz d'outras, as gerações dos descendentes d'aquella outra geração, cujas maneiras grotescas e costumes caricatos elle escalpellisára sem dó, com o fino bisturi da sua critica acerba, ficassem perpetuamente passando deante do seu terrivel monoculo, interrogativo e perscrutador. E lá está, no largo do Quintella, o bello monumento de Eça de Queiroz.

Mais venturoso, sempre, do que esse grande infortunado que se chamou Camillo Castello-Branco, a cuja memoria, até hoje, ainda não foram prestadas pela patria ingrata as justas homenagens devidas ao seu genio, o auctor da *Illustre casa de Ramires* teve, depois de morto, quem lhe fizesse valer o ligitimo direito a uma estatua perduravel. Foi o conde

de Arnoso, que, n'um impulso feliz e por tantos motivos louvavel, reuniu em volta de si alguns amigos do romancista, constituindo assim uma commissão que tomou o gostoso encargo de lhe alevantar um monumento. Esses amigos de Eça de Queiroz, seus companheiros dos dias alegres da vida sem cuidados, foram os srs. conde de Sabugosa, conselheiro Antonio Candido, Ramalho Ortigão, Luiz de Magalhães, Francisco de Barahona Fragoso, Carlos Mayer, conde de Ficalho e Eduardo Prado, dos quaes os dois ultimos, com os olhos cerrados pela morte, já não poderam assistir á glorificação do seu amigo.

Aberta a subscripção por Suas Magestades El-Rei D. Carlos, Rainha D. Amelia e Rainha D. Maria Pia, ajuntaram-se cêrca de cinco contos de reis, com os quaes se custearam as despezas da formosa estatua, devida á pericia e á arte do conhecido esculpor sr. Teixeira Lopes, que soube interpretar perfeitamente, na sua obra de marmore, a ideia da obra escripta pelo patriarcha da escola realista em Portugal.

A inauguração d'essa estatua, que reproduz nitidamente o perfil intelligente e ironico de Eça de Queiroz e tão bem adorna e enfeita o largo do Quintella, afagada pelas caricias das fôlhas largas e espatuladas das palmeiras que a cercam e cobrem, formando-lhe um docel de verdura, realizou-se ás duas horas da tarde do dia 9 de novembro de 1903. Lembro-me bem. Tendo sido convidado, como deputado da nação, que então era, para aquella tão significativa festa, assisti, desde o principio, a toda a elevada e consoladora cerimonia. Ouvi os brilhantes discursos dos oradores; associei-me aos applausos que, ao subir a bandeira nacional, coroaram o apparecimento do busto de Eça de Queiroz, sorrindo á Verdade; assignei, com muitas das pessoas presentes, o auto de entrega do monumento á cidade de

Lisboa. Foi um acto de culto literario e artistico verdadeiramente commovedor!

No largo do Quintella apinhava-se uma cerrada multidão de curiosos, que rumorejava e se comprimia em volta do estrado que servia de tribuna aos oradores e onde tinham logar os convidados. Á hora marcada, Hintze Ribeiro, a esse tempo presidente do conselho de ministros, recebeu da mão do conde de Arnoso o cordão que sustinha a bandeira nacional com que fôra coberta a estatua: milhares d'olhos se fixaram no glorioso symbolo da patria, que uma estridula salva de palmas saudou, quando um leve esticão o fez sahir n'um mastro a que se prendia e em cujo cimo ficou a trapear, ondulando com as suas dobras de lindas côres sobre o busto descerrado do escriptor illustre.

Seguiram-se os discursos. O conde de Arnoso, em breves e sentidas palavras, fez entrega do monumento á cidade de Lisboa. O sr. conde d'Avila—hoje marquez—, presidente da municipalidade lisbonense, aceitou e agradeceu, sensibilizado, a delicada offerta. Ramalho Ortigão leu, commovidamente, algumas paginas de vivo colorido, em que se referia com saudade e carinho ao seu amigo de juventude e antigo companheiro de letras. Foram-lhe na esteira, com egual brilho, o sr. Luiz de Magalhães e o sr. Annibal Soares, que representava a academia de Coimbra. Depois, o distincto actor Ferreira da Silva recitou uma poesia do sr. Alberto de Oliveira, dedicada á memoria de Eça de Queiroz, e o sr. Antonio Candido fechou com chave d'oiro a serie dos discursos, proferindo, com aquella arte que é só d'elle, uma primorosa oração. Ainda o conde de Rezende agradeceu, em nome da familia do romancista insigne, aquella homenagem rendida ao seu alto valor. Em seguida, leu-se e assignou-se o auto de en-

trega do monumento á camara municipal, como representante da cidade de Lisboa. Mal diriam n'essa hora de apotheose todos os que assistiram a uma festa de tão excelsa significação, que, volvidos doze annos, em março de 1915, um acto de vandalismo — ou não sei se a imperdoavel incuria d'um desastrado — mutilaria o monumento de Eça de Queiroz, quebrando dois dedos da mão direita da formosa e opulenta figura da Verdade!...

Foi justa e completa a glorificação de Eça de Queiroz. Justa e merecida, porque elle escreveu paginas arrebatadoras, de luzimento inexcedivel. Completa e perfeita, porque a patria lhe honrou a memoria e lhe perpetuou o perfil n'um bello monumento, em tudo digno d'um tão esmerado artista como elle foi. Com a sua obra magnifica, alcançou e conquistou elle porfiadamente a immortalidade. Aquelles que na Povoa de Varzim virem, pelos tempos fóra, a valiosa lapide com que foi adornada, em outubro de 1906, a casa em que Eça de Queiroz nasceu, saberão que ali veio ao mundo uma das nossas glorias literarias. Os que passarem, em Lisboa, no largo do Quintella, por annos e seculos, verão sempre, inclinado sôbre o seio nu da Verdade esplendida e graciosa, o rosto emaciado do escriptor fulgurante, que um leve sorriso de ironia illumina...

E, assim, o que se considerou vencido da vida, verdadeiro vencedor da morte, viverá sempre no marmore da sua linda estatua e no espirito, no amor e na ternura dos que lhe lerem com admiração — como sempre ha de ser lida — a prosa cantante, musical e docemente harmoniosa!

SEGUNDA PARTE

A Obra

CAPITULO I

Mãos á obra...

> As minhas obras, essas, não contam mesmo para viver com esse «espaço d'uma manhã» que Malherbe garante ás rosas. Não sei como é: dou-lhes a minha vida toda, e ellas nascem mortas; e quando as vejo deante de mim, pasmo que depois de tão duro esforço, depois de tão ardente, laboriosa insuflação d'alma, saia aquella cousa fria, inerte, sem voz, sem palpitação, amortalhada n'uma capa de côr.
>
> EÇA DE QUEIROZ. *Carta-prefacio dos* Azulejos, *de Bernardo Pindella.*

Depois de referir, tão minuciosamente quanto me foi possivel, a vida de Eça de Queiroz, cumpre-me, n'esta segunda parte do meu livro, tentar a analyse da sua obra. Difficil e custosa tarefa para quem sabe, como eu sei, que lhe minguam dotes de critico e lhe não sobram qualidades de analysta. Emprehendimento embaraçoso para quem tem de fazer, embora perfunctoriamente, a apreciação d'uma obra complexa, superiormente bella, digna d'um grande e apurado artista como foi Eça de Queiroz. Teve elle a gloria de ser o patriarcha da escola realista, em Portugal, e a mais alta figura do realismo, entre nós, n'uma epoca em que as tradições do romantismo se impunham ainda, a quem escrevia e a quem lia, dominando vigorosamente os espiritos e avassallando as intelligencias. Quando outros titulos o não recom-

mendassem á admiração geral, este, de innovador e reformador, lhe bastava para merecer o estudo dos que se interessam por tudo o que respeita á historia da literatura portugueza. Não se julgue, porem, que n'este capitulo se vae desenvolver esse estudo, ou a critica rigorosa e a minuciosa analyse da obra de Eça de Queiroz. Não! Essa critica está feita por outros mais competentes. O que se vae ler são apenas singelas reflexões, acompanhadas de breves apontamentos, noticias que reputo interessantes e leves indicações inéditas sôbre os diversos livros que a penna refulgente de Eça escreveu e nos legou.

A escola realista, em que tanta influencia exerceu a philosophia positiva ou experimental, não tinha seguidores no nosso paiz antes de apparecerem á luz os primeiros romances de Eça de Queiroz. Habituado ao romance historico, em que, muitas vezes, epocas longinquas eram erradamente reconstituidas; acostumado ao romance de paixão, que dava vida a personagens falsos, falando, sentindo e procedendo falsamente, n'um meio ainda mais falso do que essas figuras de convenção — o publico estremeceu de espanto, quando ouviu no campo da nossa literatura o som agudo do clarim de guerra que Eça de Queiroz revolucionariamente fazia estridular aos seus ouvidos. Uma nova aurora surgia, deslumbradora e radiosa! O realismo, nascido e cultivado em França, tinha, emfim, entre nós, o seu lidimo representante.

E certo que já anteriormente esse vulto genial, essa colossal figura de escriptor, que foi Camillo Castello-Branco, sem escola literaria porque a nenhuma pertenceu — nem tal lhe consentia o seu espirito original e indomito —, se tinha abalançado, sem grande exito, ás primeiras tentativas de literatura realista, nos seus romances *O que fazem mulheres*, *Scenas da Foz*, e outros, como elle proprio affirmou em meio

do fragor da polemica violenta com Alexandre da Conceição:

«Se escrevi o *Eusebio Macario* em 1880, como es-
«crevera as *Scenas da Foz* e a *Filha do Arcediago*
«em 1853, n'um estylo nú, de galhofa, mostrando es-
«paduas brunidas de mulheres sem ulceras, e feição
«por feição a psychologia de alguns argentarios, que
«se deduz d'ahi na hermeneutica do snr. Conceição?»

Tambem é certo que Julio Diniz, o meigo e dulcissimo escriptor que perpassou, fugaz, pela nossa literatura, deixando no seu caminho um verdadeiro rasto de luz, se póde considerar um precursor, senão o verdadeiro impulsor do naturalismo, em Portugal, descrevendo paisagens, estudando caracteres e desenhando algumas figuras que — a par d'outras falsissimas — parecem arrancadas á Natureza e copiadas da vida real. Fez tudo isto, o escriptor, com intuição philosophica notavel, que estava, talvez, longe da sua intenção, mas que, em verdade, se revelou com clareza, exactidão e evidencia.

Comtudo, a escola realista pura, scientifica, de analyse, como era seguida em França pelos seus mais altos cultores, não tinha ainda partidarios e proselytos conhecidos em terras portuguezas quando Eça de Queiroz publicou *O crime do padre Amaro*. A escola romantica, desvirtuada pelos seus adeptos, cahira nos exageros sentimentaes, na chateza, na pieguice, na insipidez dos que andavam de olhos em alvo e corações a trasbordar de lyrismo, a estragar as letras patrias em livros — tirante as excepções — de nullo valor. Succedêra a essa escola, com as suas hyperboles de sentimentalismo, o que depois veio a dar-se e a deplorar-se na escola naturalista, que, na sua decadencia, cahiu nos escusados extre-

mos da porcaria e do nú, rebalsando-se nos estercos e nas miserias da vida, descendo á dissecção de pustulas supurantes e fazendo-se estendal de vergonhas que a prostituiram e desacreditaram. As exagerações do idealismo, as generalizações inverosimeis, que os realistas censuraram e reprehenderam na literatura dos superficiaes vasculhadores d'almas que eram os romanticos, praticaram-n'as aquelles, pelo inverso, resvalando ás minuciosidades prejudicadoras da acção principal, ao uso e abuso dos sonhos, que são tudo o que ha de mais ideal, chafurdando nas sujidades mais asquerosas e mais nauseabundas, perdendo-se no exame dos vicios mais immundos e mais torpes. Para quê ?...

Tem defeitos e baldas a escola romantica? Sem duvida. Mas tambem n'ella ha muito que aproveitar. Defeitos e imperfeições se notam, por egual, na escola realista, como n'ella ha principios e regras que a exaltam e recommendam. Os descommedimentos e excessos dos sectarios d'uma e d'outra prejudicam-n'as gravissimamente, sendo muito para refugar o que esses produzem em detrimento da arte e do bom gosto.

Como quer que seja, os primeiros romances de Eça de Queiroz, feitos por novos processos e escriptos em estylo novo, causaram na sociedade portugueza, cançada da literatura romantica, a commoção e o sobresalto que o estampido d'uma granada que rebente póde produzir no meio d'um burgo pacifico, tranquillo e somnolento! Dirigido por mestres francezes, com o espirito educado na leitura aturada de auctores da então moderna corrente literaria, Eça de Queiroz seguia, nos seus romances, caminho diverso do que até ali fôra trilhado pelos que cultivavam esse genero de literatura. Descrevendo largamente a paisagem e o meio em que os perso-

nagens se moviam; empregando cuidadosamente a analyse das almas — e com que perfeição! —, filiando-se assim no grupo philosophico dos escriptores psychologistas; occupando-se em fixar escrupulosamente o caracter das suas figuras e fazendo-as mover e proceder com coherencia e de harmonia com a indole que lhes attribuia; estudando as paixões, os vicios, os sentimentos, e dando-lhes o ardor, o impeto, o fogo e a verdade que a cada um d'esses estados d'alma devia dar; synthetisando admiravelmente e creando assim typos perfeitos, magistraes, observados com cuidado na vida real; empregando a ironia que aprendeu na leitura de Henri Heine e fazendo do riso a sua arma aguçada e fina, mais penetrante do que uma lamina adamascada; tendo em vista o fim social das suas obras e desviando-as da vulgaridade chócha de tantas que de ha muito apodreceram no lixo das trivialidades corriqueiras e sem valor: falho em imaginação, mas dotado d'um grande poder de observação e tendo a faculdade notabilissima de bem exprimir e de nitidamente transmittir aos seus leitores tudo o que observava e tambem a emoção e o fremito do seu sentimento artistico; dispondo d'um estylo, que é uma verdadeira maravilha de belleza, de precisão e de elegancia, com que burilou paginas d'oiro, que são lavrados escrinios de joias, em que o brilho da phrase acompanha sempre o desenvolvimento do pensamento e da ideia — Eça de Queiroz poz mãos á obra, rasgou á literatura portugueza novos horisontes e, abrindo-lhe um largo caminho de progresso e um luminoso sulco de triumpho, deixou aos seus concidadãos livros que, áparte os defeitos e imperfeições que, sem excepção, tem tudo o que é humano, hão de ser sempre lidos com interesse, com amor e com carinho.

Creado na ardente geração academica d'aquelle seu tempo de Coimbra, em que tudo eram aspirações de liberdade e ancias de novos ideaes; agrupado na phalange revolucionaria que teve por chefe Anthero de Quental e investiu com a antiga escola literaria, e sem razão de grande valor com o velho Castilho na *questão Coimbrã*, (1) e depois com toda a sociedade portugueza, pautada e tradicionalista, nas conferencias democraticas do *Casino lisbonense* — no inicio e no primeiro periodo da sua gloriosa carreira literaria, Eça de Queiroz foi um demolidor formidavel, um iconoclasta, um destruidor encarniçado, que em volta de si fez vastas ruinas e cavou fundos destroços. Conhecendo imperfeitamente e pouco o paiz (2) — que tinha elle visto de Portugal, alem de Coimbra, Lisboa

---

(1) Tendo sido publicado, quasi na integra, na revista scientifica e literaria de Coimbra, *O Instituto*, o capitulo II da primeira parte d'este livro, em que trato da *questão Coimbrã*, perante mim reclamou o sr. visconde de Castilho, illustre filho de Antonio Feliciano de Castilho, assegurando-me que seu pae não poderia ter procedido, nem era exacto que procedesse, relativamente a Anthero de Quental, da maneira que eu, segundo informações que recebi, no alludido capitulo refiro.

Merece-me todo o credito a asseveração do sr. visconde de Castilho, por cujo caracter tenho a consideração mais elevada, sendo do meu estricto dever de lealdade dar aqui, espontaneamente, cabimento á sua reclamação de filho que muito ama e venera a memoria de seu pae, que foi escriptor illustre e poeta distinctissimo, como eu n'aquelle capitulo reconheço, não sendo minhas, mas de Anthero de Quental, opiniões ali formuladas. Comtudo, é certo que me inspiram tambem confiança as informações que me foram dadas e se acham d'accordo com o que Alberto Sampaio relata resumidamente no seu artigo publicado no livro *Anthero de Quental — In memoriam*.

Em vista do exposto, deixo aos meus leitores a apreciação e o julgamento do incidente.

(2) No *Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias*, referente ao anno de 1873, vem inserto o conto de Eça de Queiroz, *Singularidades de uma rapariga loura*, em que se lê o seguinte periodo:

e Leiria, e que sabia elle então da sua politica, dos seus costumes, do seu modo de ser como nacionalidade? — não perdia occasião de flagellar a patria com toda a casta de accusações e de doestos. Em toda a sua obra, a falta de respeito pela mulher perpassa como uma forte rajada de vendaval devastador. Percorra-se a longa galeria: a S. Joanneira, Amelia, Luiza, a creada Juliana, Leopoldina, a Rachel Cohen, Maria Eduarda, a condessa de Gouvarinho, a Gracinha, a D. Patrocinio das Neves, ainda outras... femeas de secundaria importancia — ou são adulteras, ou perdidas, ou infames! Em todos os romances d'Eça não ha um só vulto feminino em que a innocencia rebrilhe, fresca e rosea como a mais pura e viçosa flôr. — Perdão!... Ha um. É a Joanninha, doce e meiga figura de mulher, que se entrevê, de leve, nos ultimos dois capitulos de *A cidade e as serras*. Mas então já o processo do romancista era outro; já a sua evolução literaria o tinha conduzido á contrição dos erros que praticára, ao arrependimento do mal que fizera com os seus primeiros escriptos; já então, repeso da sua imprudencia, da leveza e da irreflexão com que lançára á terra má semente, olhava com amor para o seu paiz e para as serras bemditas e fartas do seu Portugal; já na mulher não via sómente a barregã lasciva e impudica, a adultera rasteira, a ignobil rascoa, para n'ella admirar tambem o ser nobre e gentil, cujo seio a bondade, a candura e a simplicidade deliciosamente perfumam.

«A mim teem-me affirmado que as mulheres de Villa Real são as «mais bonitas do Minho».

Na edição dos *Contos*, em que aquelle conto de Eça foi reimpresso, a palavra «Minho» foi substituida pela palavra «Norte». Emenda tardia d'um erro grave!

E assim se desenham com nitidez os dois periodos principaes da vida literaria de Eça de Queiroz: o revolucionario e o reconstructivo. No primeiro, Eça foi o fulminador implacavel, o obreiro persistente que poz hombros á empreza de espatifar a nossa velha e deteriorada carcassa social, em que, com tino e educação e ensinamento, havia muito de aproveitavel. No segundo, vendo os damnos que causára e suffocado pelo pó levantado das ruinas que fizera, reconhecendo que os resultados perniciosos da sua obra tinham ido alem dos nobres intuitos que guiavam a sua acção, pretendeu arrepiar caminho e reconstruir o que derrubára, erguer e recompor o desmantelado edificio que ajudára a aluir. Era tarde!...

Na sua obra — obra admiravel e por isso mesmo perigosa, visto que insufflava ideias funestas e principios de effeitos deploraveis, entrajados na rica e luzida roupagem da sua prosa cantante, que a ironia, tão aguda e tão subtil como a de Quevedo, torna deleitosa, encantadora e insinuante — Eça de Queiroz derribou mais do que edificou. Se lhe sobejavam dotes para demolir, faltavam-lhe predicados de ensinador. Elle proprio o confessa no artigo em que, na *Renascença*, estudou a bella personalidade de Ramalho Ortigão, seu companheiro de culpas: mas este, em parte, resgatou-as com as suas lições de educador. Eça era um pessimista e fazia gala em o ser. Cultivando constantemente o paradoxo, sacrificava tudo a uma bella phrase de fina graça, a um sonoro periodo de seguro effeito. Ria. Ria muito, ria sempre. «Mas o nosso riso era todo feito de inexperiencia e de ignorancia» — escreveu elle, já contrito, mortificado e pesaroso, nas *Cartas familiares*. Criticava como criticou, talvez por lhe parecer *chic* censurar assim. Mas nem por isso os encontrões que deu á

sociedade portugueza deixaram de produzir os abalos violentos, os maus e desastrosos effeitos que elle, mais tarde, já em annos reflectidos, de visão mais limpida e de mente mais amadurecida, doloridamente lastimava e sinceramente carpia.

* * *

Na vida literaria de Eça de Queiroz notam-se quatro periodos, que, a meu ver, sobresahem e se destacam, tendo cada um d'elles caracteristicas diversas. Atravez d'esses periodos, desenha-se e traça-se, com verdadeiro relêvo, a linha que assignala a evolução do escriptor. O primeiro periodo é aquelle em que Eça, ainda um romantico, se manifestou sentimental e mystico, tendencias irresistiveis do seu espirito, que, com a edade, se conservaram e desenvolveram; no segundo, caracterisadamente demolidor, é o critico severo e mordaz que nada poupa, investindo com a sociedade portugueza, que se achava atrazada e gasta, é certo, mas devia ser educada e não batida, devia ser pouco a pouco ensinada e não repentinamente destruida; no terceiro, revela-se com clareza a influencia decisiva que o escriptor, já então filiado na escola realista, recebeu de Gustavo Flaubert, Balzac e tambem de Zola; o quarto é aquelle em que o romancista attingiu o seu processo e a sua fórma definitiva, e, como que arrependido e desilludido do seu anterior systema literario, tentou reconstruir e reparar os estragos que de animo leve fizera.

A sua feição de romantico e sentimental confessa-a Eça de Queiroz no artigo *Uma carta (a Carlos Mayer)*, publicado nas *Prosas barbaras*. Assim se exprime:

«N'aquelles tempos, segundo a formula do Evan-«gelho, o romantismo estava nas nossas almas. Fa-«ziamos devotadamente oração diante do busto de «Shakspeare.»

E mais adeante:

«No teu quarto celebrava-se a arte. Era o Hotel «Rambouillet do romantismo coimbrão.»

Tendo o romantismo na alma, Eça ficou sempre um romantico. O leitor admira-se? Pois, em prova do meu asserto, aqui lhe vou deixar o testemunho do sr. João Penha, o illustre poeta que muito conviveu com Eça de Queiroz. Em carta de 21 de junho de 1915, escreve-me o brilhante auctor das *Rimas:*

«Eça, ao contrario do que quasi toda a gente sup-«põe, era um visionario, romantico e sentimental, «tendo um horror profundo por tudo quanto é pro-«saico, isto é, pela vida commum e real, como ella «é. Nos seus livros, onde elle se nos revela obser-«vador, mas intuitivo, era um; fóra d'alli, era ou-«tro, era como eu disse, um romantico.»

São do seu periodo romantico os folhetins de Eça de Queiroz publicados na *Gazeta de Portugal* e reunidos, depois da sua morte, no volume que tem por titulo *Prosas barbaras.* E' igualmente d'esse periodo *O mysterio da estrada de Cintra,* ao qual, por ser a sua primeira obra de tomo, embora escripta de camaradagem com Ramalho Ortigão, dedicarei um capitulo especial, assim como, por ser o seu ultimo livro e por varias circumstancias especiaes de que adeante darei conhecimento, outro capitulo reservo para o romance *A cidade e as serras,* em que ha tan-

tas bellezas e tanto enlevo a illuminar-lhe as paginas admiraveis.

Os folhetins publicados na *Gazeta de Portugal*, em que Eça entoou tantos hymnos de admiração e de amor pela Natureza, são os primeiros vôos d'uma aguia. Vôos incertos e hesitantes, ensaiados por azas pouco menos que implumes e já reveladoras de que se altearíam no espaço, quando a edade lhes distendesse a envergadura. O primeiro d'esses folhetins, intitulado *Notas marginaes*, appareceu no jornal dirigido pelo romancista Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos em 23 de março de 1866, quando Eça de Queiroz ainda era estudante, frequentando as aulas do quinto anno de Direito. Depois de formado, publicou outros, dos quaes o primeiro, *Symphonia de abertura*, em 7 d'outubro d'aquelle anno, e o ultimo, *Memorias d'uma forca*, em 22 de dezembro de 1867. Provocaram, esses folhetins, risos geraes. Dil-o, alem d'outros, Camillo Castello-Branco, em uma nota inédita, que adeante vae transcripta no ultimo capitulo d'esta segunda parte do meu livro. Urbano Loureiro, o acerado jornalista portuense, que fez do antigo *Diario da tarde* a sua arena de combate, apreciando o primeiro folhetim de Eça de Queiroz, escreveu um artigo que se intitulava *Estreia funebre (d'Eça)*. E fez assim um jogo de palavras, chalaceador, aproveitando-se, para a sua zombaria, do primeiro appellido do novo escriptor — Eça, palavra lugubre que designa o lutuoso estrado, tanto em contacto, sempre, com defuntos.

Passado tempo, Eça de Queiroz, entrando no segundo periodo da sua vida literaria, convertia-se ao realismo, condemnava o romantismo, na sua celebre conferencia do *Casino*, e Lisboa acordava, uma doce manhã, estremunhada, com o riso estri-

dente e motejador das *Farpas*. Era em junho, quando a primavera prodiga espalhava pela terra flôres coloridas e pelo ar perfumes divinos. Aquelle rir escarninho, a que a capital não estava acostumada, primeiro, causou-lhe espanto; depois, tornou-a nervosa; por fim, irritou-a deveras. Que ousadia era aquella de dois homens novos, escriptores de ideias novas e de pennas afiadas, que assim vinham, com beliscões de troça, perturbar Lisboa — e todo o paiz — na sua regalada somnolencia?... Que agudo tilintar de guizos era aquelle, que a Ironia e o Riso vinham fazer soar aos duros ouvidos da sociedade portugueza? Quem se atrevia, de tal arte, a vergastar velhos e encrostados vicios, adquiridos em annos e annos de falsa e errada educação? Que temerosos criticos eram aquelles dois moços, que nem respeitavam as instituições politicas, cujos erros verberavam; nem os maus costumes, que vigorosamente combatiam a poder de gargalhadas irreverentes; nem os preconceitos, que fustigavam com sarcasmos e satyras que pareciam de Juvenal; nem os habitos censuraveis d'uma população mal vestida e mal lavada, que pretendiam ensinar, deslombando-a, a proceder de fórma que podesse merecer a qualificação de civilizada?...

E assistiu-se a este phenomeno singular: uma sociedade mal humorada pelas zarguncha das que soffria, a ler avidamente os pamphletos em que Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão lhe punham a descoberto os defeitos de que enfermava e lhe indicavam, com subtileza, as baldas de que era necessario corrigir-se! Estavam alcançados os fins das *Farpas:* em primeiro logar, fazer rir; reprehender, depois. Bem sei que *As Farpas* foram uma potente e rude machina de guerra, a arremessar projecteis sôbre a sociedade portugueza, que, principalmen-

te na sua primeira phase, ajudaram a demolir, quando n'ellas collaborou — até ao XV volume — Eça de Queiroz. Mas tambem sei, e é justo que se reconheça, que esses livrinhos picantes e maliciosos como o diabo alado da sua capa côr de mel, algum tanto concorreram para a reconstituição d'essa sociedade, mostrando-lhe como devia educar-se e instruir-se, como lhe era mister proceder, no tocante á governação do Estado, á moral, ao ensino publico, á economia politica; o que lhe convinha fazer para fomentar a agricultura, desenvolver o progresso das suas industrias e a acção de todas as suas forças. D'esta nova feição das *Farpas* é a Ramalho Ortigão que toda a gloria cabe. Se Eça e Ramalho foram demolidores, se lascaram, ás machadadas, o velho carvalho avoengo da nossa sociedade, fendendo-lhe o tronco e destroçando-lhe os ramos, de boa fé o fizeram. E Ramalho, guiado sómente pela intenção louvavel de educar os portuguezes, de os levar a bom caminho, de os obrigar a perder vicios perniciosos, de os constranger a emendar erros e a deixar usanças ridiculas, a breve trecho passava a ensinal-os nas mesmas *Farpas* em que tanto os tinha contundido.

Os effeitos produzidos pela propaganda dos dois notaveis e impiedosos criticos ultrapassaram os desejos e o intento que os animavam? É certo. Porque elles não tinham que dar, em troca do que destruiam. Não tinham outros elementos de educação e outros meios de bem governar que não fôssem os que padeciam dos defeitos atavicos da raça. Nada tinham. Demolindo, pela maneira por que o faziam, só causavam destroços, sem proveito nem alcance pratico. O triste presente o está dolorosamente ensinando... Mas os seus intuitos não eram esses, de derrubar pelo prazer de destruir. Logo que lh'os

attribuiram, diversos d'aquelles que os animavam, antecipadamente e com energia os repelliram, como se vae ver.

Quando se approximava a apparição em publico do primeiro numero das *Farpas*, o *Diario popular* de sexta-feira, 5 de maio de 1871, publicou a seguinte carta:

«Sr. Redactor — Tendo-se espalhado que o perio-«dico *As Farpas* é uma publicação republicana, jul-«gamos dever declarar o seguinte: *As Farpas* tem «por unico partido politico o bom senso. Armados á «ligeira, só teremos uma tactica: a dos demolidores «por juiso humano. Se se entende pela expressão «Republica a justiça e o bom senso, *As Farpas* são «republicanas. Seriam sebastianistas se o sebastia-«nismo fosse bom senso e a justiça. Se quando po-«rém se diz que *As Farpas* são republicanas se en-«tende que são o ecco de algum desses corrilhos «subterraneos, sem sciencia e sem consciencia, for-«mados de egoismos despeitados, então o jornal que «vamos ter a honra de redigir repelle energicamente «a qualificação de republicano, por honestidade e «por pudor. Temos a honra de ser, etc.

«Lisboa, 4 de maio — *Ramalho Ortigão* e *Eça de «Queiroz.*»

Nada mais claro.

Sete annos depois da publicação d'esta carta, em fevereiro de 1878 — ha trinta e oito annos —, Eça de Queiroz, já então consul em Newcastle, escrevendo ácêrca de Ramalho Ortigão as paginas que se lêem na *Renascença* e foram transcriptas nas *Notas contemporaneas,* com uma visão clara do futuro, uma intuição e um presentimento que só homens do seu altissimo valor podem ter, prophetisou:

«Em politica tem-se dito que Ramalho Ortigão é «republicano. Nada menos exacto. Ramalho, creio, «teme a republica, tal qual é tramada nos Clubs «amadores de Lisboa e Porto. A republica, em ver«dade, feita primeiro pelos partidos constitucionaes «dissidentes, e refeita depois pelos partidos jacobi«nos, que, tendo vivido fóra do poder e do seu ma«chinismo, a tomam como carreira, seria em Portu«gal uma balburdia sanguinolenta.»

Não se póde dizer que Eça de Queiroz, corrigindo com verdade o que de Ramalho se dizia, não tivesse *visto* bem o que viria a succeder... Mais tarde, pesaroso da sua acção anterior, Eça mostrou o seu arrependimento, e este resalta de todas as linhas da «Advertencia» d'*Uma campanha alegre*, em que foi compendiada a sua collaboração nas *Farpas*.

Como se lembraram Eça e Ramalho de publicar *As Farpas*, que tiveram logo dois mil assignantes e muitos milhares de leitores? Dil-o o primeiro, escrevendo ácêrca do segundo na *Renascença*:

«O grande successo da *Lanterna*, tendo posto á «moda, como systema, o riso de opposição, deu tal«vez, origem ás *Farpas*: mas a intenção, cabe-me «dizer a pretenção das *Farpas*, era mais larga, bem «mais critica: um *vaudevillista* heroico, represen«tante da *gaminerie* na Revolução, lançava a *Lan«terna* contra um homem: nós queriamos lançar as «*Farpas* contra um mundo. Taes são os ardores, as «destemidas illusões da mocidade!»

As Farpas, durante os longos doze annos da sua existencia, de 1871 a 1883, não sei se deram aos dois inexoraveis criticos, que as escreviam, proventos pecuniarios. O que, porem, não ignoro é que lhes fo-

ram causa de alguns desgostos... e de promessas de bordoada! Da imminencia da pancadaria informa Eça no seu artigo *Testamento de Mecenas*, publicado nas *Ultimas paginas:*

«Os unicos escriptores portuguezes que receberam «anonymamente alguma cousa, por meio do correio, «fomos nós, Ramalho Ortigão e eu, quando redigia-«mos ambos as *Farpas:* recebiamos então regular-«mento do Brazil — promessas de bordoada.»

Estes dizeres confirmam os de Ramalho Ortigão no tomo XVI das *Farpas*, de novembro de 1872, onde, no artigo em que se despedia do seu collaborador, que partia para a Havana, a occupar o logar de consul, escreveu, a paginas 11:

«Deram-nos mais tarde descomposturas, disseram-«nos insolencias, escreveram-nos pamphletos, — são «já sete ou oito os pamphletos com que nos teem dis-«tinguido — dirigiram-nos cartas anonymas: amea-«çaram-nos de morte no continente, e prometteram-«nos pauladas no novo mundo.»

Ah! que se as garrochas dos dois grandes criticos podessem, silvando, atravessar os mares, para se irem cravar na cachaceira densa e crassa dos que de lá assim os ameaçavam, estou certo de que se haviam de ouvir cá os uivos de dòr e o ulular de desespero que lá soltassem os feridos!...

Emquanto se preparava para collaborar nas *Farpas*, Eça de Queiroz observava, em Leiria, os typos e as figuras que lhe serviriam de molde para os personagens do seu romance *O crime do padre Amaro*, o primeiro que escreveu no terceiro periodo

da sua evolução literaria, quando as lições que da leitura de Balzac recebêra, conjugadas com as que lhe vieram de Flaubert, no estudo aturado e attento que fizera dos livros do grande escriptor naturalista francez, o converteram ao realismo. N'esse romance, em que vemos mover-se com admiravel naturalidade clerigos e beatas de provincia, Eça de Queiroz põe em discussão o grave problema social do celibato dos padres. Collocado, esse livro, em confronto com *O primo Bazilio*, eu hesito em dizer qual dos dois é mais perfeito.

Áparte leves senões de technica, *O crime do padre Amaro* é um romance completo, em que todas as figuras são copiadas do natural. Muitas scenas dos seus capitulos, presenceou-as o proprio Eça. Refiro-me, é claro, á edição definitiva, á de 1880, porque a primeira, a que foi impressa em 1875 na *Revista occidental*, é puramente um esboço, e a segunda, publicada em livro pelo proprio auctor, em 1876, é ainda differente da de 1880, pois n'esta foi inteiramente refundida e modificada a acção do romance. Toda a gente sabe, em Leiria, quem foi que serviu de modèlo a Eça de Queiroz para este formar o typo da S. Joanneira, tão bem estudado e tão completo, photographado correctamente e com arte. Deu-se com este romance o mesmo que se passou com a obra prima de Balzac, *Eugenia Grandet*, escripta em Saumur, onde é bem conhecida a familia que, em annos idos, forneceu ao inclito romancista francez os typos de Eugenia e do pae d'esta, avaro e miseravel. A casa d'essa familia, segundo li ha tempo n'um jornal de Paris, ainda não ha muito que foi demolida.

Eça de Queiroz, na carta por elle dirigida a Oliveira Martins em 10 de maio de 1884, publicada na terceira parte d'este meu livro, escreveu que *O crime do padre Amaro* foi mais *adivinhado* do que *obser-*

vado. Não se me afigura fundamentada esta convicção do illustre escriptor, que — não me canço de o repetir — era um romancista mais de observação do que de imaginação, e da sua falta de imaginativa provem a reproducção dos seus proprios typos, como, por exemplo, o conselheiro Accacio, que é o conde de Riba-Mar de *O crime do padre Amaro* e foi reeditado na figura do dr. Margaride de *A reliquia*, e na do conde de Gouvarinho de *Os Maias*, e ainda no conselheiro Pacheco de *A correspondencia de Fradique Mendes*. Estes personagens são todos, mais ou menos, vazados nos mesmos moldes, como, alem d'outros, o são os Libaninhos e Eusebiosinhos, e os creados graves, como o Baptista, de Carlos da Maia, e o Smith, de Fradique Mendes. Sendo, pois, Eça, um escriptor mais de observação do que de phantasia, a meu ver, no seu romance *O crime do padre Amaro*, reproduziu o que viu e não o que ideou. Para provar esta minha asserção, vou dar um exemplo, que não é unico e singular n'este meu pobre livro.

No capitulo IV d'aquelle romance, n'esse trecho admiravel e flagrante de realismo, de exactidão e de verdade, em que Eça dá conta do serão de beatas em casa da S. Joanneira, ha referencias minuciosas a uma santa — a santa da Arregassa — que havia vinte e cinco annos jazia na cama, entrevadinha, magra como um fio de retroz, rezando sempre, curando de toda a molestia as pessoas por quem pedia a Deus. Tão de bem estava ella com o ceu, que, no momento em que lhe era ministrada a hostia da communhão, o corpo ia-se-lhe elevando, até ficar suspenso, todo no ar, sem que se firmasse em qualquer ponto de apoio. Ao cheiro de santidade da triste doente da Arregassa, o nariz profano de João Eduardo, o incredulo namorado d'Amelia, era teimosa-

mente rebelde, com espanto e indignação das beatas que á S. Joanneira faziam côrte.

Ora eu sei, de fonte limpida e sciencia certa, que Eça de Queiroz conheceu este caso verdadeiro, que depois no seu romance narrou, e assistiu á scena real que com tanta fidelidade descreveu. O escriptor achava-se de visita em casa do conde do Còvo, em Oliveira de Azemeis. Proximo, na freguezia da Arrifana, do concelho da Feira, o povo ingenuo e simples venerava como santa uma pobre mulher que entrevecêra e se conservava no leito, havia longas dezenas d'annos, sustentando-se apenas de minguadas quantidades de leite, rezando e commungando a miude. Depois de receber o Viatico, permanecia como que em extasis e n'um arroubamento extranho, elevando-se-lhe o corpo de tal maneira que ficava suspenso, a ponto de se poder passar a mão, á vontade, entre aquelle quasi mirrado esqueleto e o enxergão. A esta mulher chamava o povo a «santa da Arrifana». De casa do conde do Còvo, foi Eça de Queiroz, em companhia d'esse illustre titular, do marquez de Monfalim, do conde de Rezende e de algumas senhoras, visitar a «santa da Arrifana», a quem elle depois, no seu romance, chamaria a santa da Arregassa. Supersticioso e timorato como era, encolheu-se a um canto do quarto, observando curiosamente a enferma, visivelmente impressionado quando, depois d'ella commungar, a viu elevar-se no leito. Á sahida, em muda resposta a um dos companheiros, que lhe pediu a opinião que formava d'aquelle tão extranho phenomeno, Eça limitou-se a encolher os hombros. Tomou, porem, nota de tudo o que vira, para a tudo fazer referencia no seu romance *O crime do padre Amaro*.

Em contrario da opinião quasi geral, Eça de Queiroz, ao que parece, considerava *O crime do padre*

Amaro superior a *O primo Bazilio.* Deduzo essa sua opinião de algumas palavras da carta por elle dirigida a Oliveira Martins em 28 de janeiro de 1890, inserta adeante, na terceira parte d'este livro. Eis o que ali se lê:

«A proposito de romances: *O Primo Bazilio,* esse «*fait-Lisbonne,* foi traduzido em inglez, allemão, «suecco e hollandez, n'estes ultimos seis mezes! Que «atroz injustiça para o pobre *padre Amaro!*»

Por mim, renovo uma affirmação que atraz já deixo escripta: sinto-me indeciso e vacillante quando, ao apreciar *O crime do padre Amaro* e *O primo Bazilio,* tenho de considerar qual dos dois romances é mais perfeito na concepção e na execução. Em ambos noto a mesma firmeza no desenvolvimento do entrecho; a mesma logica no desenrolar dos acontecimentos, relacionados uns com os outros e com o desenlace; a mesma pericia na narração; o mesmo colorido nas descripções; a mesma verdade no desenho dos caracteres e na pintura dos personagens; a mesma exactidão na analyse psychologica dos typos. Nada perturba a acção dos dois romances; nenhum episodio a mais ou a menos lhes embaraça a trama ou prejudica a urdidura. São duas verdadeiras e authenticas obras primas e as unicas que, de todos os romances que Eça de Queiroz escreveu, merecem esta qualificação. Compoz elle outras novellas, em que as bellezas de estylo abundam, a ironia espumeja, a graça esfuzia e a arte se revela, mas nenhuma é perfeita como *O crime do padre Amaro* ou *O primo Bazilio.*

O primo Bazilio! A obra mais popular de Eça de Queiroz, geralmente considerada o seu *capo-laboro.* Quem póde ler de coração tranquillo, sem commo-

ção e sem dòr, a historia d'aquella bonita rapariga lisboeta, branca e loira, sem educação, ou com educação falsa, viciosa e balòfa, sem fortes qualidades moraes que a amparassem e a livrassem da queda

EÇA DE QUEIROZ

Retrato de 1878, anno em que se publicou *O primo Bazilio.*

irreparavel, entregando-se aos prazeres e ás sensações novas que a sua ligação com o primo lhe dava, soffrendo, em seguida, o castigo horrivel d'esse desvio da linha recta do dever e cahindo, por fim, na morte, que a arrancou ao soffrimento e á vergonha?... É bem justa a critica de Camillo, quando escreveu que *O primo Bazilio* é «o romance mais doutrinal que ainda sahiu dos prelos portuguezes».

O mais doutrinal e talvez o mais perfeito, pouco ficando a dever a esse extraordinario e estupendo livro de Gustavo Flaubert que se intitula *Madame Bovary*.

O primo Bazilio é um romance de largo alcance social. Causou sensação quando em 1878 appareceu. Eça estudou ali a familia lisboeta, constituida tantas vezes levianamente, com uma ligeireza e uma facilidade que só podem ter desastrosas consequencias. Os typos são notaveis, pelo relevo e pela verosimilhança. O conselheiro Accacio, que muitos consideram a creação suprema do romancista, é uma verdadeira e perfeita synthese, resultante da observação e da analyse de Eça de Queiroz. Não creou elle esse personagem: *viu-o, observou-o* e photographou-o depois nas paginas do seu romance, como fez a tantas outras figuras viventes da sua galeria. A creada Juliana, que, em meu parecer, foi desenhada com algum exagero e ficou, portanto, carregada de mais em alguns traços, tem, apesar d'isso, caracteristicas de extrema e absoluta verdade. Recordo-me ainda, com saudade intensa, das palavras de louvor com que a essa creação d'Eça de Queiroz se referia o meu antigo professor de *Direito civil*, no terceiro anno juridico, dr. Antonio Jardim, quando ao meu curso preleccionava ácêrca do contracto de serviço domestico e aconselhava a cautella que em seu entender era necessario ter-se com creadas como aquella — que as havia.

Luiza é bem o typo da menina lisboeta, da epoca em que *O primo Bazilio* foi escripto, e Jorge, o marido, é egualmente o rapaz da capital, como ha muitos, que namora uma rapariga e com ella casa sem ponderação, de leve, só porque a acha elegante e a considera bonita. Muita gente sabe quem foi o engenheiro de minas que serviu a Eça de modelo para traçar o Jorge do seu romance. A mim, que não co-

nheci o original, é-me impossivel dizer se o retrato está fiel. Presumo que sim. O que posso affirmar é que *O primo Bazilio* é um romance superiormente concebido e magistralmente executado, sem lhe faltar a moral que em toda a obra d'arte de literatura deve sempre realçar. Depois d'este livro, todos os mais que Eça de Queiroz escreveu representam já uma decadencia. Se alguns se avantajam a este no estylo e sobrelevam em um ou outro requisito, no conjuncto são-lhe notavelmente inferiores, quer na concepção, quer na condução da narrativa. Tivesse o brilhante romancista escripto só *O primo Bazilio* e haveria produzido uma obra de superior belleza, que para sempre lhe immortalizaria o nome!

O primeiro trabalho literario que Eça de Queiroz deu á estampa depois de *O primo Bazilio* foi *O mandarim*, tendo, porem, entre a publicação d'aquelle e a d'este, refundido completamente *O crime do padre Amaro*, dando-lhe feição e fórma definitivas. *O mandarim* é o que os francezes chamam uma *bluette*, isto é, uma obra delicadamente escripta, mas de curto folego e sem grande valor. Começou a publicar-se no *Diario de Portugal*, a 7 de julho de 1880, e terminou a sua publicação a 18 do referido mez, sendo dividido apenas em dois capitulos, ao passo que depois, no livro, veio a repartir-se em oito. Foi escripto em Angers, expressamente para aquelle jornal, como o mesmo declara no seu numero de 16 de julho de 1880.

A civilização chineza interessou sempre Eça de Queiroz. No seu artigo, tantas vezes por mim citado, *Um genio que era um santo*, encontro, em prova do que affirmo, estas palavras, indicativas de uma sua conversa com Anthero de Quental:

«Depois, talvez porque a esse tempo eu me preoc-

«cupava com a civilização chineza, deslizamos a «conversar da China.»

É de crer que fôsse porque a China assim lhe excitava a curiosidade que Eça escreveu *O mandarim*, phantasiando uma historieta em que, atravez do seu estylo de maravilhosa plasticidade, se vê um gordanchudo mandarim morrer em paragens remotas da Mongolia, porque um pobre amanuense do ministerio do Reino, para lhe herdar a abundante fortuna, tocou uma campainha em Lisboa! O romancista, para descançar dos estudos de analyse dos seus anteriores romances, brincou. Mas brincou com elegancia e arte... o que nem sempre fazem os que se entreteem em folganças e brincadeiras. Brincou, moralisando e escalpellisando o sentimento do remorso, como depois, ao escrever *A reliquia*, havia de dissecar o da hypocrisia.

Alguns annos se dobaram sôbre aquelle em que *O mandarim* foi publicado, sem que dos prelos sahisse qualquer novo livro de Eça de Queiroz. Estava elle, porem, inactivo? Arrumára, em descanço, a penna destra e laboriosa? — Não! Eça trabalhava sempre. O numero das *Farpas* de janeiro de 1878 — volume XXXIX — estampava na ultima pagina da capa um annuncio em que se lia o seguinte:

EÇA DE QUEIROZ

SCENAS PORTUGUEZAS

«As scenas portuguezas são uma série de 12 estu-«dos sobre a vida contemporanea em Portugal. Cada «romance tem uma acção propria e um desenvolvi-«mento proprio, mas os 12 volumes formam no seu «todo uma analyse geral da moderna sociedade por-«tugueza.

«Os volumes são publicados mensalmente e cons-
«tam de 200 paginas cada um.

«Estão em preparação:

«I — A CAPITAL.

«II — O MILAGRE DE VALLE DE RERIZ.

«III — O CONSPIRADOR MATHIAS.»

Nenhum d'estes volumes foi publicado. Mas um, pelo menos, *A capital*, o primeiro dos tres annunciados, foi escripto, cuidadosamente trabalhado e supponho que concluido. Era um estudo sôbre os variadissimos aspectos de Lisboa, os seus costumes, os seus ridiculos, os seus typos, a sua vida ficticia dos salões, da politica, da alta roda. A acção começava a desenvolver-se em Ovar, onde um poeta provinciano, de nome Arthur, morria de aborrecimento, anceando por conhecer Lisboa. Um dia, despegava-se, emfim, da sua villa e vinha á capital, onde observava e via tudo o que Eça de Queiroz contava no seu romance. Aqui vou dar aos meus leitores, como regalo, um trecho d'esse trabalho literario que Eça nunca chegou a publicar, mas do qual aproveitou muitas scenas para as entrelaçar e entretecer em outras que formam o romance *Os Maias*:

«Arthur suspirava! Lisboa tornára-se a sua ne-
«cessidade, o seu ideal, a sua mania: pensava que
«lá, na capital, as suas faculdades se desenvolveriam
«como certas plantas raras que necessitam um ter-
«reno rico; lá encontraria as glorias do coração nos
«amores aristocraticos; lá as admirações da multi-
«dão dar-lhe-hiam as satisfações da celebridade; lá
«acharia uma fortuna nos cofres dos editores.

«Ás vezes, passeando na estrada, olhava as nu-
«vens algodoadas, que um vento brando ia levando
«para o sul: iam para Lisboa, ellas! Achava-se então

«ridiculo; mas o seu desejo mais tarde retomava-o, «sob outras fórmas egualmente pueris, com uma «persistencia hysterica, a ponto de invejar o reco-«veiro, que todos os quinze dias ia á estação de Ovar, «choutando na sua egua, tomar o comboyo para Lis-«boa! Lisboa! Concebia a vida que a enchia, vio-«lenta e apaixonada, como o mundo da *Comedia* «*Humana,* de Balzac; e não comprehendia menos «desproporcionadamente a sua edificação junto ao «Tejo. Imaginava-a, assim, de ruas enormes, sonora «de trens, flammejante de gaz, com palacios his-«toricos, e defronte a bahia, onde esquadras saudam «em salvas profundas, as torres d'outros seculos. «Interessava-o sobretudo pensar como seria Lisboa «de noite; decerto nos cafés, entre os ouros dos es-«pelhos, devia balançar-se a susurração das con-«versas litterarias, e á porta dos theatros, onde se «desdobram os estribos dos *landaus*, apinha-se uma «multidão soffrega d'arte: atravez das janellas em-«baciadas dos restaurantes, onde artistas e cortezãs «celebram orgias poeticas como galas, ouvem-se os «estribilhos das canções e sonoridades de teclados; «e nas praças, em redor, grupos discutem com «subtileza a esthetica dos poetas e a politica dos «oradores. Mais longe, as janellas dos salões aristo-«craticos estendem renques de claridades tamisadas «pela sêda das bambinellas: ali imaginava a vida «d'um mundo superior, em que as carnações são «palidas da emoção continua das paixões refinadas; «ali diplomatas, cujos sorrisos teem a frieza da «razão do Estado, trocam ditos á Talleyrand; ban-«queiros, de olhar tão duro como o luzir dos metaes, «combinam, cruzando as cartas do *whist*, empresti-«mos aos Reis; e sentadas em moveis de velludo e «setim, ideaes, figuras de belleza patricia, dobrando «altos pescoços de raça, fazem girar nos dedos ramos

«de violetas, com olhares onde brilha sob um fluido «o ardor dos adulterios. E em redor, na vasta ci«dade, concebia confusamente um mundo atormen«tado, á Balzac; eram os agiotas, Gobzecs de dedos «aduncos; os Vautrins, fazendo tenebrosamente a «caça aos milhões; os Rastignacs, pungidos de am«bição; os visionarios sublimes, que n'um quinto «andar, á luz d'uma lampada, planeiam a destruição «da Sociedade! E não cessam de rolar os cylindros «das imprensas; nas salas resplandescentes das re«dacções as pennas correm sobre o papel, derru«bando ministerios, edificando glorias; e as palavras «dos folhetinistas teem a profundidade d'uma philo«sophia na precisão d'um aphorismo! Que cidade! «E via-se lá, sendo uma personalidade illustre, apon«tado nas ruas, rodagem essencial da vasta ma«china, fazendo a civilisação! Tudo o que o cercava, «então, lhe parecia mais lugubre; odiava as ruas «estreitas como as ideias, as fachadas inexpressivas «como os rostos; o fiel de feitos que ao meio dia «passava na praça com o seu sacco de lustrina «cheio d'autos; o Carneiro que de robe-de-chambre, «a face prospera e farta, fumava o seu charuto, á «varanda; as caturrices do Albuquerquesinho e as «Salvé-Rainhas das tias!

«Ás vezes, de noite, ia ao acaso pela villa, oppri«mido d'estas imaginações; todas as casas estavam «apagadas, e no silencio sentia-se uma criança cho«rar ou um ranger de berço; algum labrego pas«sava, fazendo o lagedo sonoro com as patadas dos «tamancos; gatos amorosos miavam. Era áquella «hora que em Lisboa as actrizes, nos seus cama«rins, punham pós de arroz nos braços magnificos! «Nas salas as rebecas davam as primeiras arcadas, «fazendo girar corpos enlaçados, com ruge-ruges de «sêdas!... Parecia-lhe então estar lá, n'uma soirée

«em Lisboa, já illustre: sustentava dialogos «com «uma senhora de collo alvo» que sorria, fanatisada, «ás doçuras poeticas dos seus conceitos: pediam-lhe «depois para recitar; elle erguia-se devagar, pensa-«tivo: em redor murmurava-se: é o Corvelho! é «um genio! E na illusão declamava alto, na rua:

Eu sou aquelle que na noute escura
Pensa no ideal, olhando o céo...

«Mas a sua voz fazia estacar aterrado algum bur-«guez que recolhia da Assembleia, embrulhado no «seu chale-manta, e que o tomava por doudo ou be-«bado. Ficava vexado: recolhia a casa triste e fati-«gado como depois de um excesso, desejando entrar «poeticamente n'um convento, ou viver em Lisboa «n'um bom hotel.

«Tinha então, para desabafar, composto uma «Epistola dedicada ao poeta, que disse em versos «geralmente estimados:

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena...

«Arthur gritava-lhe, com familiaridade, parti-«lhando a mesma ambição:

Tambem eu nunca vi Lisboa amigo,
Profunda babylonia junto ao mar!
Oh que me fosse dado ir lá comtigo!

«Etc.

«Foi por essa occasião que seu padrinho, o esti-«mavel Atouguia do Porto, teve o seu primeiro ata-«que apopletico. Era um solteirão obeso, que vivia «para os lados do Repouso, retirado do negocio de «ferragens, em concubinagem com a criada, uma «mocetona de Avintes.

«E a tia Ricardina, com um pensamento fino,

«aconselhou Arthur (apenas ouviu o Alluquerque-«sinho ler a noticia no *Commercio do Porto*) que «mostrasse um interesse ancioso, mandando um te-«legramma ao padrinho.

«— «Olha que é um ricasso, menino!» observou-«lhe a boa senhora, arregalando o olho.

«Arthur percebeu immediatamente a utilidade de «se affligir com expansão: redigiu um telegramma «longo, litterario, muito tocante: exclamava — *Ro-«gamos Deus fervor cedo refloresça saude!*»

Por este pequeno trecho, podem os leitores imaginar o que seria *A capital*.

Em 1887, Eça de Queiroz lançou á publicidade o seu novo romance *A reliquia*, primeiramente impresso na *Gazeta de noticias*, do Rio de Janeiro. Em meu entender, esse livro foi principalmente um pretexto, de que o brilhante escriptor se serviu, para transmittir aos seus leitores as impressões profundas que lhe tinha deixado no espirito de summo artista a Palestina, que annos antes visitára. O romance, como obra d'arte, deixa bastante a desejar, embora n'elle se admirem as descripções de superior belleza e o sonho do hypocrita bacharel Raposo, sobrinho da velha beata D. Patrocinio das Neves, que passava a vida a engranzar padre-nossos. N'esse longo sonho, que, no dizer de Camillo, é «a alma esplendida do livro, mettida em corpo assás deformado de gibosidades», Eça de Queiroz faz passar, deante dos olhos de quem lê, a historia da Paixão de Jesus, escripta n'um estylo maravilhoso, admiravel no colorido e na elegancia. É uma grande pena que o romancista cahisse no erro imperdoavel e na inverosimilhança flagrante de pôr o Raposão, com a alma afistulada de baixezas e o cerebro embruscado e opaco, a sonhar aquelle extraordinario

sonho! Na verdade, como podia o Dom Raposo, sem illustração, intellectualmente inferior, bronco e rude, sonhar um sonho assim, magnifico, esplendido, cheio de conhecimentos, de factos, de luzimento e de relêvo?!...

A reliquia dista muito da perfeição que eleva *O crime do padre Amaro* e recommenda *O primo Bazilio*. Já lhe falta aquelle seguimento da narração, aquella inflexivel logica no encadeamento dos factos, aquella alteza de concepção que tanto distingue os dois primeiros romances de Eça de Queiroz. Para compensar, o estylo — áparte o torneio francez da locução — ganhou em brilho, em malleabilidade, em belleza e em graça. Quasi se desculpam os excessos e as demasias dispensaveis, de que a obra padece, pelo prazer de se lerem paginas imbricadas de tão burilados lavores. Alem d'isto, a moral do conto lá está: o Raposão recebe o castigo da sua repellente hypocrisia, vendo por um oculo os contos de réis da tia. Por um oculo?! Mas que oculo é este?...

Ora vão os meus leitores saber.

No fim do romance, o auctor dá conta d'um facto — e não será este o ultimo a que me referirei — que a sua imaginação não creou. Quando a tia Patrocinio das Neves teve conhecimento da felonia do Theodorico Raposo, que da Terra Santa lhe trouxe, por engano, uma camisa de mulher, em substituição da reliquia tão devotamente ambicionada, em vez da avultada fortuna, que a cubiça do dissoluto hypocrita mirava, legou-lhe apenas o seu oculo de alcance, para que elle ficasse a ver de longe... por um oculo, os predios, as quintas e os grossos haveres com que contava e que desastradamente perdeu. Ora eu conheço um caso egual, mas verdadeiro, de que vou dar noticia, e que, de certo, Eça de Queiroz tambem conheceu.

Entre os amigos e companheiros de alegres rapaziadas e ruidosas estroinices de D. Luiz de Castro Pamplona, conde de Rezende, havia um moço alto, magro, elegante e distincto, que eu conheci ajudante d'ordens do visconde de Leiria, quando este illustre general commandava a divisão militar do Porto. Chamava-se elle Fernando de Magalhães e Menezes. Gostava de se divertir e, apesar das suas nobres qualidades de caracter, era um pouco gastador. Morreu no posto de general. Tinha este garboso militar um tio materno, Antonio Perfeito Pereira Pinto Osorio, possuidor de boa fortuna, da qual fazia parte a quinta de Entre Aguas, sita no concelho da minha naturalidade — Baião. Não sei se Fernando de Magalhães contava herdar os haveres do tio, sendo provavel que sim, visto ser o sobrinho primogenito: o que sei é que Antonio Perfeito, diz-se que por lhe não agradar o genio um tanto dissipador do sobrinho, no testamento que fez deixou-lhe apenas... o seu oculo de mira. Tal qual como fez ao Raposão a tia Patrocinio das Neves, que a imaginação de Eça de Queiroz ideou. E mais uma vez fica provado que o escriptor illustre espalhou pelos capitulos dos seus romances, factos verdadeiros a que ajustava os personagens ideados pela sua phantasia creadora.

A reliquia deu causa a uma notavel polemica entre Eça de Queiroz e Manoel Pinheiro Chagas. Pouco tempo antes de ser publicado esse romance, tinha El-Rei D. Luiz I instituido o premio annual de um conto de réis para a melhor obra literaria, de auctor portuguez, que apparecesse á luz. Esse premio seria adjudicado por um jury composto de socios da Academia Real das Sciencias. Eça de Queiroz concorreu ao premio regio com *A reliquia*. Egualmente concorreram Sousa Monteiro, com o seu romance *Amores de Julia*, e o sr. Henrique Lopes

de Mendonça, com o drama em verso *O duque de Vizeu*. Foi este o premiado. Pinheiro Chagas, o relator do jury, dava, no relatorio que elaborou, as razões que em seu entender pesavam contra *A reliquia* e faziam força para que devesse ser excluida do premio. D'ahi, a polemica. Eça de Queiroz, então consul em Bristol, escreveu, ao proposito, o artigo que se lê no jornal *O reporter* de 27 d'abril de 1888, transcripto no numero de 20 de maio do mesmo anno da *Illustração*, dirigida por Marianno Pina, e depois reproduzido nas *Notas contemporaneas*. Pinheiro Chagas respondeu em artigo que póde ler-se em *O reporter* de 8 de junho do referido anno e na mesma *Illustração* de 5 de julho. Parou aqui a contenda? — Não! Eça replicou, ainda no mencionado jornal, em artigo que foi transcripto por aquella revista parisiense de Marianno Pina, a 20 de julho, e que, não sei porquê, as *Notas contemporaneas* não inseriram, pelo menos até á segunda edição.

Após *A reliquia*, deu Eça de Queiroz á publicidade, em 1888, *Os Maias*. Já em 1880 o *Diario de Portugal*, no seu numero de 18 de julho, annunciava que este romance ia ser impresso nas suas columnas, dentro em breve. Pois só decorridos oito longos annos Eça levantou mão d'esse livro, dando-o por prompto, depois de trabalhado, refundido, modificado e ampliado! Para mim, é este o romance mais interessante do notabilissimo escriptor, embora não seja o mais perfeito. E, em grande parte, as suas imperfeições resultam da circumstancia de ser entrançada na acção de *Os Maias* a de outra novella de Eça, a que já atraz me referi e não chegou a sahir a publico — *A capital*. O romancista escreveu os dois livros com intenção de em separado os publicar. Arrependeu-se. E ahi se lançou elle á ardua empreza de fundir os dois romances n'um só. Difficil tarefa! Du-

rante mezes e mezes, tressuou no esforço de embutir e embrechar os capitulos d'um nos capitulos do outro, apagando tudo o que destoasse da urdidura geral e do andamento natural da acção. Foi-lhe preciso substituir personagens, crear outros novos, catar e aspar o que era de mais no romance novo. D'esta fusão de dois livros n'um só, resultaram muitos defeitos da obra, a que falta unidade e firmeza na conducção da trama. Quem quizer separar as passagens que pertenciam á novella *A capital* das que o romance *Os Maias* primitivamente contava nos seus capitulos, não luctará com grande difficuldade. D'aquella vieram para este as scenas, magnificamente pintadas, das corridas de cavallos no hippodromo de Belem, da monotona e fastidiosa noite lyrica de S. Carlos, da récita no theatro do Gymnasio, da redacção da *Tarde*, do passeio a Cintra, do sarau no salão do theatro da Trindade. A *Os Maias* pertenciam a especie de introducção quasi romantica do livro, com cartas e papeis importantes encerrados n'um cofre... de dramalhão, as noites inolvidaveis do Ramalhete, os deploraveis amores de Carlos da Maia com Maria Eduarda.

O livro *Os Maias* resente-se do abuso da satyra. Tambem n'elle abundam os exageros escusados da escola realista. Como exemplo d'estes, basta citar aquelle inacreditavel episodio nocturno, passado entre o ramalhar das accacias da quinta dos Olivaes, em que figuram, como immundos personagens, a mestra ingleza e um rude trabalhador do campo. Em compensação, que admiraveis scenas esmaltam *Os Maias* e como a vida de Lisboa foi bem estudada por Eça de Queiroz e nitidamente pormenorizada nas paginas do seu romance! Que precisão no dialogo, que brilho nas descripções! Como são perfeitamente observados e copiados do natural quasi todos

os personagens que ali se movem e falam e sentem e vivem! Entre estes, destaca-se o poeta sentimental Thomaz d'Alencar. É quasi uma photographia de Bulhão Pato, que, dorido, magoado, agrediu violentamente Eça de Queiroz, na sua satyra *O grande Maia*. O romancista, em carta dirigida a Carlos Lobo d'Avila e publicada no jornal *O Tempo* de 8 de fevereiro de 1889, sob o titulo *Thomaz d'Alencar* e o sub-titulo *Uma explicação*, negou que tivesse pretendido fazer, no seu romance, a caricatura do auctor da *Paquita*. Não se deu este por satisfeito: encolerisado, voltou á carga em nova satyra sangrenta, intitulada *Lazaro consul*, que Eça deixou sem resposta.

Os capitulos de *Os Maias* fornecem ainda, a quem os lê, outras figuras, que são retratos mais ou menos fieis de pessoas que o seu auctor conheceu. O marquez de Souzellas tem parecenças com o fallecido marquez de Castello-Melhor; no Craft diz-se que ha traços de Carlos Mayer e no Damaso Salcede os d'um titular que já morreu e era geralmente conhecido por uma alcunha... barata: o João da Ega, o auctor das *Memorias d'um atomo* — *Memorias* a que já nos folhetins que formam as *Prosas barbaras* havia referencia — parece ser o proprio Eça de Queiroz, ao menos em algumas linhas. Na diplomatica figura do conde de Steinbroken, não sei quem Eça pretendeu retratar, mas o que asseguro é que em 1889, e creio que já antes, era ministro da Suecia e Noruega em Lisboa o conde de Steenbock. Demonio de similhança de titulos!... Simples coincidencia? — Talvez.

Não póde pôr-se em duvida que a copia de alguns personagens que figuram no romance *Os Maias* é feita directamente de pessoas que Eça bem conheceu, assim como algumas scenas, que narra, com os seus olhos as viu. Elle proprio o confessa nos pe-

riodos de uma carta que escreveu em Bristol, a 8 de agosto de 1888, dirigida a Fialho d'Almeida, que no jornal *O reporter* tinha criticado asperamente *Os Maias*. Escreveu Eça:

«Outra cousa bem singular é V. duvidar da exa-«ctidão de certos detalhes, traços da sociedade, como «as senhoras *falando de creadas, ou apostando dez «tostões inhos* nas corridas, etc. Oh! homem de Deus, «onde habita V.? Em Lisboa ou em Pekin? Tudo isto «é *visto*, notado em flagrante, e por mim mesmo «aturado *sur place*.»

Concluido e publicado o romance *Os Maias*, findas as canceiras causadas por esse livro extenso, Eça de Queiroz começou a pensar na organização d'uma Revista, no genero da *Revista dos dois mundos*, tal qual como o João da Ega, que teve sempre a ideia da «creação d'uma Revista, que dirigisse o gosto, pezasse na politica, regulasse a sociedade, fosse a força pensante de Lisboa...» — como se lê no capitulo v do volume I de *Os Maias*. Durante um anno, desde julho de 1888 até julho de 1889 — como se póde ver pelas cartas dirigidas a Oliveira Martins, insertas na terceira parte d'este livro — preoccupou-o a fundação d'esse periodico de literatura, philosophia e arte. E pouco depois a *Revista de Portugal* apparecia, dirigida pelo illustre romancista. O jornal *O Tempo*, dando, em 3 de maio de 1889, noticia da proxima publicação d'essa *Revista*, escrevia, certamente informado por Eça de Queiroz, que n'essa epoca estava em Lisboa: — «Durante a sua primeira serie a *Revista* publicará o romance de Eça de Queiroz, *As Monjas de Riba-joia*.»

Tal romance nunca occupou as paginas da *Revista de Portugal* e não sei se chegou a ser esbo-

çado por Eça de Queiroz. Em compensação, aquelle periodico, dirigido pelo brilhante prosador, começou a publicar *A correspondencia de Fradique Mendes*, que dois annos mais tarde formou um dos mais interessantes volumes que a penna magica do notavel romancista nos legou. Carlos Fradique Mendes, personagem chimerico, em que rebrilham todas as superiores qualidades d'um homem como não póde haver, appareceu, de fugida, em um dos capitulos que Eça de Queiroz escreveu — como adeante ao leitor mostrarei — n'esse livro extravagante e original que se intitula *O mysterio da estrada de Cintra*. Tambem o mesmo nome se vê, a assignar versos de Eça de Queiroz, na *Revolução de setembro*. Singular figura!

N'esse Fradique, tão apurado e tão perfeito, Eça de Queiroz synthetisou e consubstanciou o que havia de nobre na suprema elegancia e na alta distincção do conde de Rezende, o que havia de harmonioso e elevado na poesia philosophica de Anthero de Quental, o que havia de profundo no saber de Oliveira Martins, o que havia de forte no caracter e no aprumo de Ramalho Ortigão, o que havia de original, de subtil e de ironico no proprio Eça. Evidentemente, este ser ideal, escrevendo as suas cartas e versando questões variadissimas, por força havia de encantar, seduzir e deliciar todos os que as lessem. *A correspondencia de Fradique Mendes* é uma das obras de Eça de Queiroz mais bellamente escriptas, em que melhor se traduz o seu entranhado amor da fórma e onde mais claramente se revela e denuncia a psychologia do romancista.

Ahi se encontra a expressão do modo de pensar de Eça de Queiroz ácêrca de questões diversas, ahi se conhecem as suas opiniões, as suas doutrinas, assim como tambem nos artigos soltos das *Notas*

contemporaneas, Cartas de Inglaterra, dos *Echos de Paris* e das *Cartas familiares*. Em muitas passagens d'estas obras, escriptas sem plano, sem methodo, ao sabor dos acontecimentos commentados, scintilla o espirito gentil do brilhante estylista, e por egual nas *Ultimas paginas*, em que as lendas de santos representam a parte principal e são apenas esboços incompletos, trechos mutilados, que Eça com certeza não entregaria ao publico sem os refundir, remodelar e retocar cuidadosamente, pacientemente, como usava fazer a tudo o que produzia. Por esse motivo, não lhes farei mais larga referencia, nem ao *Diccionario de milagres*, que para lastimar é ter sido dado á publicidade tal como foi!

Nos *Contos*, os predicados que fizeram de Eça de Queiroz uma notabilissima personalidade literaria, resaltam com menos nitidez, por ser o conto um genero de literatura a que não se ageitava tão bem a sua indole de escriptor. Comtudo, sobresahem em alguns d'esses *Contos* bellezas dignas de nota, a par de lavores admiraveis d'um estylo privilegiado. Lendo-os, póde bem applicar-se a Eça o que elle escreveu relativamente a Fradique Mendes: — «Possuindo um espirito que *via* com a maxima exactidão; possuindo um verbo que *traduzia* com a maxima concisão — elle podia assim dar resumos absolutamente profundos e perfeitos».

Dos romances de Eça de Queiroz, resta-me tratar d'um — *A illustre casa de Ramires*, que se começou a publicar em 1897 na *Revista moderna*, de Paris. Ao ultimo que elle escreveu, *A cidade e as serras*, já pertencente, como aquelle, ao periodo reconstructivo, a que Eça, infelizmente, chegou tão tarde, referir-me-hei, como atraz prometti, em capitulo especial.

Ramires é uma pequena aldeia do concelho de

Sinfães, situada na freguezia que tem o mesmo nome. Alastra-se quasi no alto da escabrosa encosta que vae morrer ao Douro e é separada do concelho de Rezende por um corrego estreito, cujas aguas barrentas, no inverno, galgam, a escumar e a rugir, penedias e rochas polidas pelo referver das torrentes. Do outro lado do algar asperrimo, em cujo fundo de caboucos o torvo regueiro se escôa, até se ir perder na corrente caudalosa do Douro, ergue-se, quasi fronteira á serrana povoação de Ramires, a torre da Lagariça, pertencente a uma illustre familia d'aquella tão pitoresca região da Beira Alta. Foi ali — presumo — que Eça de Queiroz achou o modelo para a illustre torre de Ramires da sua novella. Manifestou elle, em quasi todos os seus romances, evidente predilecção pelas terras bellas e rudes de Rezende, a cujos alcantis trepou, na sua mocidade, o nosso irrequieto rei Affonso Henriques, como que a habituar-se a tomar d'assalto as barbacans e quadrelas das fortalezas em poder da moirisma aguerrida. E é n'essa predilecção que eu me apoio para affirmar que Eça foi buscar á torre da Lagariça, do concelho de Rezende, que defronta com o pequeno burgo de Ramires, o molde para a torre do seu romance *A illustre casa de Ramires*, em cujas paginas tão bem estudada é a vida provinciana e cujo remate envolve uma alta e aproveitavel lição de moral.

Entrelaçada na trama d'esse romance, corre a acção do conto medieval que o fidalgo da torre, Gonçalo Ramires, trabalhosamente ia escrevendo para uma Revista de assumptos historicos. Soberba reconstituição das eras affonsinas! Como *A reliquia*, em que o sonho do Theodorico Raposo é «a alma do livro», tambem *A illustre casa de Ramires* tem a sua alma no famoso conto que com tanta arte evoca os tempos medievos. Tem defeitos e imperfeições?

Sem duvida! Mas dá um prazer extranho a leitura das façanhas lendarias e dos feitos heroicos d'aquelles homens de elmo e escudo, cobertos pelo aço polido das armaduras. É uma figura epica, a d'aquelle Tructesindo Ramires! Um homem de tal grandeza, por força se alimentava com a medulla dos leões, na bella phrase de Chateaubriand. Ao imaginarmol-o, erecto e de aspecto carregado, firme e só no eirado do sua torre, pensamos logo n'aquelle fero guerreiro da lenda, que se abrigava á sombra da sua lança!... O sol peninsular faiscou chispas incendidas na lamina grossa e brunida do seu montante, muitas vezes ensanguentado em cruel matança de moiros. Era um forte, d'aquelles a quem o poeta hyperbolicamente disse:

C'um golpe de catana abria um toiro
E c'o resto do golpe a sepultura!

Não sei se com este conto de sabor medieval, tão bellamente escripto, Eça de Queiroz teve a intenção de satyrisar o romance historico e em especial causticar um dos mais altos cultores d'esse genero literario — Alexandre Herculano: o que affirmo é que produziu uma verdadeira obra d'arte, que se lê e relê com a satisfação que dá sempre um notavel trabalho de literatura. Esse conto é a pedra preciosa, de raro valor, a que o romance, de atabalhoado e frouxo enredo, serviu de engaste.

A illustre casa de Ramires, em que o symbolismo serve de base ao trabalho do escriptor, tem, a par de bellezas notaveis de estylo e de observação, defeitos graves, que se revelam em mais de um capitulo. Como em outros livros seus, posteriores aos dois primeiros — *O crime do padre Amaro* e *O primo Bazilio* — Eça de Queiroz mostrou-se, n'este de que estou tratando, um pouco desordenado, perturbando

de tal fórma a acção principal do romance que desceu, por vezes, á desconnexão e á trivialidade. No comico, baixou á farça, e nem sempre deu ao leitor a emoção e o sentimento do justo e do real que resaltam dos seus dois primeiros livros. É certo, porem, que *A illustre casa de Ramires*, com todas as suas pechas, lê-se com prazer e é com supremo agrado que nos sôa aos ouvidos a musica harmoniosa d'aquelle primoroso estylo.

*
* *

O estylo d'Eça de Queiroz! Que encanto! Que maravilha!

Vibram n'elle as doces toadas das harpas eolias, como n'elle reluzem as galas mais brilhantes e artisticamente se confundem as côres mais vivas dos mais variados matizes. Rendado como a bordadura mais fina, irisado com os mais preciosos esmaltes, burilado em lavores delicadissimos, florido como um perfumado canteiro, dando a impressão justa da ideia, do sentimento e do facto, como que tendo luz, vida e até alma — no estylo de Eça de Queiroz ha, segundo o que Fradique Mendes desejava que houvesse n'uma prosa ideal, «alguma coisa de crystallino, de avelludado, de ondeante, de marmoreo», que realiza uma absoluta belleza e que traduz admiravelmente «desde os mais fugidios tons de luz até os mais subtis estados d'alma...». É um estylo em que rebrilham fulgurações de estrellas, em que ha a magia dos encantamentos das fadas, o setim macio das petalas das rosas, o colorido suave e transluzente das perolas e das opalas. E é por assim haver, n'esse estylo sensual e doce, rythmo, suavidade e belleza, que se lêem e tornam a ler, com ar-

dorosa voluptuosidade e supremo encanto, os livros d'Eça de Queiroz, em que refloresce, de pagina para pagina, a eterna mocidade e a deliciosa frescura da sua prosa cantante e musical.

Eça de Queiroz, que conhecia pouco e mal a nossa lingua, cujo vocabulario era limitadissimo e pobre, realizou, apesar d'isso e dos seus frequentes attentados contra a vernaculidade e contra a propria grammatica, verdadeiros prodigios de linguagem escripta. Faz-me, assim, lembrar aquelles pastorinhos das serras — pequenos artistas sublimes! —, que, sem ferramenta apropriada, ás vezes com uma singela e mal afiada navalha, trabalham em pedaços de madeira, emquanto os rebanhos pastam, notaveis e primorosos artefactos, que são valiosas joias de engenho, de talento e de paciencia. Em toda a obra do romancista, que elegancia no dizer, que justeza de phrase, que exactidão na traducção dos sentimentos, que admiravel lapidação de tantas paginas encantadoras! Na sua prosa, nota-se constantemente aquella «idolatria da Fórma» que o dominou toda a vida e o norteou sempre no decorrer da sua gloriosa carreira literaria; revela-se, a cada passo, o seu anciar pela perfeição, o seu desejo ardente «de só produzir verdades definitivas por meio de fórmas absolutamente bellas». Por isso nos enleva tudo o que elle escreveu com penna que alcançou dar á lingua portugueza harmonia, ternura, novidade, relêvo, delicadeza e subtilidade.

Para lastimar é que Eça de Queiroz não respeitasse rigorosamente a pureza da linguagem. Com magua intensa vejo continuamente a sua prosa, tão correntia, tão fluente e tão primorosa, mosqueada de gallicismos e salpicada de locuções que trescalam ao francez. Para dar fórmas novas á nossa lingua, não lhe era preciso importar de França o boleio da

phrase e o resaibo da expressão gauleza. Temos cá tão bom e melhor do que o que de lá nos vem. Recorrer ao estrangeiro, quando o que nos legaram os mestres é puro e de lei — para quê?...

Causa arrepios topar-se uma incorrecção, um barbarismo, uma impureza de linguagem, no derivar limpido e claro da prosa do brilhante escriptor. É como se n'um veio d'agua crystallina e transparente, a correr entre macios velludos de relva fresca, vissemos, de repente, ciscos, sujidades, a macular-lhe a claridade. Aquelle aperto de mão «gòche e molle» — gòche! — que estraga uma pagina inteira de *Os Maias*, no capitulo VI do tomo I; aquellas medonhas phrases afrancezadas «todo um pipo», «todo um anho», que *A illustre casa de Ramires* deixa ler no seu capitulo II, e a outra, ainda mais barbara: «E que me subam ao quarto agoa quente», do capitulo VIII do mesmo romance; e esta, no capitulo XVI do *Primo Bazilio*: «... fazia longas conversações com Marianna...»; e ainda esta, em *A cidade e as serras*, capitulo III, «... subiamos, ao trote nobre das suas egoas...»; e os «detalhes», em vez de «pormenores»; «costume», em logar de «fato»; «grande ar», substituindo «ar livre»; muitos outros gallicismos ainda — são, em materia de linguagem, verdadeiros crimes de mão cortada. Vamos!... Pelo que toca aos attentados de que a lingua portugueza tem sido e está sendo victima, a responsabilidade de Eça de Queiroz é tremenda! No artigo em que elle, na *Renascença*, com tanta perfeição desenhou a figura de Ramalho Ortigão, escreveu que a prosa vernacula inutiliza inteiramente a veia natural do escriptor. Não ha maior erro! Ahi está a prosa purissima, incomparavel, de Camillo Castello-Branco a pôr esse erro grave em plena evidencia. O proprio Eça de Queiroz se encarregou de o castigar, quando, na *Cor-*

respondencia de Fradique Mendes — carta a *Madame S.* —, escreveu:

«Um homem só deve fallar, com impeccavel segu-
«rança e pureza, a lingua da sua terra: — todas as
«outras as deve fallar mal, orgulhosamente mal,
«com aquelle accento chato e falso que denuncia
«logo o estrangeiro. Na lingua verdadeiramente re-
«side a nacionalidade;...»

Se Eça de Queiroz assim exprimia o seu modo de pensar a respeito da linguagem falada, que vôa e foge, com mais razão devia ter parecer egual relativamente á linguagem escripta, que se fixa e permanece. Que pena me causa não ter a sua prosa a correcção e a vernaculidade da prosa de Herculano, Castilho, Camillo, Rebello da Silva, Latino Coelho! Com a malleabilidade e brilho que lhe dava, teria sido um escriptor absolutamente perfeito.

No artigo *O «Francezismo»*, com que fecham as *Ultimas paginas*, Eça revolta-se contra a accusação que sempre lhe foi feita de ser *estrangeirado* e *afrancezado*. Dá como desculpa d'esse seu geito a circumstancia de ser educado, desde creança, com livros, compendios, doutrinas, ideias, vindas da França; de o ter interessado sómente o theatro, a politica, a literatura francezas; de ter lidado, toda a vida, com o que a França para cá exportava. Mas, perdão!... Ás razões expendidas pelo illustre romancista, eu tenho apenas a oppor esta, que se me afigura decisiva: ninguem é obrigado a escrever, a ser cultor das letras; mas desde que qualquer pessoa se lança voluntariamente n'esse trilho, tem o dever impreterivel de respeitar a pureza da sua lingua. Eça de Queiroz, antes de começar a escrever em lingua

portugueza, que era a sua, devia estudar os classicos, manusear os bons auctores, e estes lhe teriam purificado o espirito e, portanto, expurgado da linguagem as maculas do francezismo. Seria, então, como o seu Fradique, «sempre um genuino Portuguez», escrevendo, «com impeccavel segurança e pureza, a lingua da sua terra».

E com que belleza e facilidade a escrevia! Como é falsa e mentirosa a lenda que o dá compondo a offegar a sua prosa, curvado sôbre o papel, emendando, substituindo, riscando, buscando com difficuldade os termos, procurando a phrase apropriada e o vocabulo preciso e justo! Não! Eça de Queiroz escrevia com extrema facilidade, com expontaneidade notavel. O que, na primeira hora, a inspiração lhe dictava, corria de jacto. Deparou-se-me ensejo de ler dezenas de cartas d'elle, algumas de alto valor literario: não vi uma só emenda ou entrelinha em qualquer d'ellas, havendo, em muitas, trechos de prosa que revelam bem claramente o valor da penna que os traçou. A lenda que diz, falsissimamente, que a escripta lhe corria a custo, nasceu da sua insaciavel ancia de perfeição. Quando lhe vinham da imprensa as provas dos seus livros, Eça levava horas angustiadas a corrigir, a melhorar, a modificar, a tornar a escrever. Nunca achava completo e perfeito o que facilmente lançára ao papel: queria sempre melhor. E torturava os editores e os typographos com alterações e reformas de tudo ou quasi tudo que estes haviam composto! Era assim que, ao cabo de tantas correcções, a prosa se lhe enriquecia de encantos e tão bella a compunha, tão sonora, tão flexivel, tão delicada, que ainda não veio depois d'elle quem sequer conseguisse imitar-lh'a! Pois, apesar «de tão duro esforço, depois de tão ardente, laboriosa insuflação de alma», Eça conside-

rava que as suas obras eram «aquella cousa fria, inerte, sem voz, sem palpitação, amortalhada n'uma capa de côr!»

E vem aqui de geito notar, com extranheza e desgosto, que foi em obras escriptas n'esse estylo adoravel que uns editores portuenses tiveram a má ideia, para não dizer a ousadia, de pôr mão impia e irreverente, reeditando-as com ortographia que não era a de Eça de Queiroz, que elle nunca usou nem seguiu! Com que direito?... Sim, com que direito editores sem capacidade scientifica, sem auctoridade literaria, modificam a ortographia que um auctor empregou e manteve toda a vida? — Porque ha uma ortographia official? Mas essa ortographia é para as publicações officiaes. A ortographia não se decreta nem impõe aos auctores, como se lhes não decreta nem impõe uma qualquer escola literaria. Quem auctorisa, pois, os editores a desacatar irrespeitosamente a obra d'um auctor morto? A reconhecer-se-lhes o direito de attentar contra a integridade d'essa obra, alterando-lhe a ortographia, tambem deve admittir-se-lhes que modifiquem a construcção dos periodos, a estructura das phrases, as proprias palavras empregadas pelo auctor desapparecido, por as considerarem menos perfeitas e entenderem, na sua sabedoria, que devem substituil-as por outras que julguem mais proprias! É como se um pintor de portas e janellas entendesse que Raphael, Rubens, Velasquez, Rembrandt, Van-Dyck, Leonardo de Vinci, o Ticiano, tinham pintado mal os seus quadros, e se pozesse a emendal-os... a pinceladas bruscas de zarcão! Póde admittir-se este absurdo? Póde permittir-se isto?

Demais, o facto intoleravel produz consequencias risiveis e comicas. Um exemplo: *A corja*, de Camillo, tem, no capitulo VIII, o seguinte periodo:

«Para desabafar, escreveu ao Macario, contou «pela rama as cousas, com intermedio de facecias, «achincalhava *elle*, o *elle* sublinhado das cartas das «adulteras — quatro letras innocentes que encerram «mais podridão que todas as novellas de Boccacio e «da Rainha de Navarra.»

Sabem, os meus leitores, o que succede na ultima edição portuense da obra? Como se póde ver a paginas 87, apparece a palavra *elle*, em ortographia moderna, com uma só consoante, e, portanto, apenas com tres letras, nascendo d'ahi o estupendo disparate, indigno de Camillo, de o fazerem, os ditos editores portuenses, attribuir quatro letras ao vocabulo *ele*, impresso com tres sómente!! Podem dizer-me qual é a classificação que merece este delicto? Ah! se Camillo estivesse vivo!...

Fôsse eu representante de um auctor, cuja ortographia tivesse sido alterada por qualquer editor, que este havia de pagar perdas e damnos, que eu lhe pediria em pleito judicial! E afigura-se-me que os tribunaes me fariam completa justiça, tão fundado na razão seria o brado clamoroso com que eu havia de pedil-a. Como, porem, demandar editores é custoso, aqui deixo um alvitre simples e de facilima execução: não se comprem as obras em que não foi rigorosamente observada e respeitada a ortographia do auctor fallecido, e faça-se saber aos editores o motivo por que se não compram. Do Brazil sei eu que teem sido devolvidos muitos livros de Eça de Queiroz, em que a ortographia que elle sempre adoptou lhe foi adulterada. Os compradores queriam lêl-os exactamente como o eximio estylista os tinha escripto. Não póde negar-se-lhes razão.

Quando os editores assim virem diminuidas as suas receitas, abatidos os seus lucros e prejudicados

os seus interesses, não mais se abalançarão a praticar o insupportavel e inadmissivel abuso de, poucos annos volvidos sôbre a morte d'um auctor, lhe estragarem a ortographia em edições novas dos seus livros!

*

* *

Depois de analysar muito superficialmente a notavel personalidade literaria de Eça de Queiroz, nas suas variadas aptidões de romancista, de critico e de polemista de fina ironia, não quero fechar este capitulo sem informar os meus leitores de que o auctor de tantas obras valiosas tambem tentou, sem exito, experimentar o genero theatral, constando-me que no archivo do antigo Theatro de D. Maria existe uma comedia-drama, com um prologo e quatro actos, intitulada *Philidor*, do auctor dramatico francez José Bouchardy, por elle traduzida. Que eu saiba, não foi representada. Tambem não quero deixar de me referir ligeiramente á sua aptidão para a poesia.

Em varias paginas de romances do illustre escriptor, desde *O mysterio da estrada de Cintra* até *Os Maias*, lêem-se versos por elle compostos. Já antes de apparecerem esses romances, na *Gazeta de Portugal*, em 1867, e na *Revolução de setembro*, em 1869, tinham sido publicados versos de Eça de Queiroz, sob o pseudonymo de Carlos Fradique Mendes. Eça poetava como Fradique, o phantasiado auctor das *Lapidarias*, mas não espalhou em volumes, ou em jornaes, os seus versos, talvez, como elle diz do mesmo Fradique, porque desejou «esconder d'este mundo de materialidade e de força o seu fino genio poetico!», ou ainda por outra razão — «a do artista

nobremente e perpetuamente insatisfeito que não aceita ante os homens como sua a obra onde sente imperfeições!»

No seu artigo ácêrca de Anthero de Quental, *Um genio que era um santo,* refere-se Eça de Queiroz a um poema que produziu no seu tempo de estudante, em Coimbra. Escreve elle:

«Do meu poema não recordo nem o thema nem o «titulo, e apenas que deveria abrir por uma tremenda «invocação á India, aos Arias, á sua marcha subli«me desde Gau até Septa-Sindú!...»

É para deplorar que esse poema se perdesse, como se perderam outras composições poeticas do brilhante escriptor. Mas não quero eu que para sempre fiquem ignorados versos inéditos de Eça de Queiroz, que, por fortuna, vieram ao meu conhecimento. Aqui vou, pois, estampal-os, precedidos da sua historia, que é breve. Em 1880, achando-se Eça de Queiroz em Lisboa, era constantemente perseguido por um impertinente enxame de literatos, que o não largavam, ufanosos da sua companhia. O romancista, quisilado e aborrecido com a persistencia irritante de um tal estado-maior, que lhe não deixava livres uns fugidios instantes de folga, resolveu sahir de Lisboa, por alguns dias, e ir gozar longe das *feras*, como elle chamava aos taes literatos enfadonhos, umas doces e repousadas semanas de descanço. Trazia então Eça entre mãos *Os Maias*, e como n'este romance tinha de dar vida a scenas que em Rezende se desenrolavam, na imaginaria quinta de Santa Olavia, pensou elle em ir de viagem até áquelle pitoresco rincão da Beira, que defronta com o meu querido concelho de Baião e cujas terras de tanta fertilidade e de tanta belleza eu

avisto, sempre que me debruço nas janellas da casa em que vim ao mundo.

Abalou Eça de Queiroz, de Lisboa, em companhia do distincto poeta sr. dr. Coelho de Carvalho, mas — ignoro por que motivo — não passaram, os dois, do Porto e resolveram vir de lá a Aveiro e parar em Verdemilho, para visitar a casa dos ascendentes do romancista, em torno de cujas ruinas frondejavam verdes accacias. Fizeram paragem em Ovar, com o fim de abraçar um amigo, e como de noite, no quarto da pequena hospedaria da villa, Eça de Queiroz, nervoso e excitado, não podesse adormecer, propoz ao sr. Coelho de Carvalho, no intento de entreter a insomnia, que, em collaboração, sem plano e de improviso, se dedicassem á piedosa tarefa de compor *epitaphios*, para o supposto jazigo de cada um dos taes literatos — *as feras* — que em Lisboa atenazavam a paciencia do brilhante estylista. Versejaram. E lá ficou escripto, na parede do modesto quarto da estalagem, o seguinte *epitaphio* de J. de S., poeta, literato e então amanuense de um dos ministerios, que muito se entretinha a fazer poesias, em francez, ás senhoras de Lisboa. Dos versos que vão ler-se — aos quaes nem sequer a nota realista final quero cortar —, os de maior numero de syllabas são devidos ao estro de Eça de Queiroz e os mais curtos á musa do sr. dr. Coelho de Carvalho.

EPITAPHIO

Fez versinho francez e amou as damas
Da capital,
S..., loiro como as loiras chammas,
Olha que tal!...

Seus annos sápidos n'um ministerio
Amanuensou,
E desde o bercinho foi homem serio,
Cedo piou!

Agora, á sombra dos cyprestes mestos
É pôdre e só,
Como em armario esquecidos restos
D'um pão de ló.

Na sua campa suspiram os ventos
E um cravo ri.
Caminheiro, detem teus passos lentos
E mija aqui...

Se as musas gostaram, não sei. Os meus leitores é que, certamente, apreciarão, como se aprecia um acepipe raro, os versos inéditos de Eça de Queiroz, que ahi deixo impressos, não para gloria d'elle, que para essa d'elles não precisa, mas para regalo e prazer dos que os lerem, sorrindo. Para a gloria bastam ao romancista as suas obras, em que ha paginas admiraveis, cheias de graça e de belleza, algumas das quaes os estrangeiros não desdenharam, traduzindo-as em varias linguas.

Apesar dos seus defeitos — quem os não tem? —, Eça de Queiroz foi um grande escriptor: o ultimo que na literatura portugueza merece o nome de grande!

CAPITULO II

O mysterio da estrada de Cintra

Uma lenda que se desfaz

> Nós mesmos, que estamos aqui moralisando, escrevemos ambos um livro deploravel, que juntava á insignificancia litteraria, a esterilidade moral — *O mysterio da estrada de Cintra.* O que é esse livro? A idealisação da catastrophe, o encanto terrivel das desgraças de amor.
>
> EÇA DE QUEIROZ. *Uma campanha alegre — Das Farpas.* (Vol. II, capitulo XXIII).

Poucas obras literarias teem causado, entre nós, o ruido e a emoção que originou com justificado motivo, *O mysterio da estrada de Cintra*, quando, em 1870, foi dia a dia contado e pouco a pouco esclarecido em folhetins do *Diario de noticias*. Era no verão, em julho. Lisboa amodorrava-se, inquieta, sob o calor abafante. Um dia, a 23, um sabbado, aquelle jornal popularissimo imprimia, sob o titulo que depois havia de ser o do romance, a seguinte noticia mysteriosa, propria para aguilhoar o interesse e despertar a curiosidade dos mais indifferentes:

«A hora já adiantada recebemos hontem um es-

«cripto singular. É uma carta, não assignada, enviada «pelo correio á redacção, com o principio d'uma nar«ração estupenda, que dá ares de um crime horrivel, «envolto nas sombras do mysterio, e cercado de cir«cumstancias verdadeiramente extraordinarias, e que «parece terem sido feitas para aguçar a curiosidade «e confundir o espirito em milhares de vagas e con«tradictorias conjecturas. Trata-se da sequestração «nocturna de um medico e de um amigo seu para as«sistirem a um acto gravissimo e de mais factos sub«sequentes. O interesse que esta narração desperta, «a fórma litteraria que a reveste, e o crime que pa«rece revelar nos obrigam a não buscar resumil-a e «a dal-a na integra aos nossos leitores. Não podemos, «porém, inseril-a sem eliminar o folhetim, e substi«tuil-o por esse escripto, o que fazemos em a nossa «folha de domingo.»

No dia seguinte, domingo, 24 de julho de 1870, Lisboa, que se preparava festivamente para assistir á parada das tropas, com que então se celebrava o anniversario da entrada do exercito liberal nos seus muros, tremeu, logo de manhã, surprehendida e assustada com o promettido folhetim, em que um medico desconhecido contava a territica aventura de que fôra, muito a seu pesar, figurante involuntario na estrada de Cintra. A acompanhar este folhetim inicial, o *Diario de noticias* imprimia, em logar bem visivel, esta informação:

«Publicamos hoje a carta que annunciamos na fo«lha de hontem. A pessoa que nos dirige esta narra«tiva interessantissima promette proseguir. Não re«cebemos até agora a segunda carta a que o ano«nymo se refere. É possivel que esteja esperando a «resolução que tomamos com relação a esta primeira

«parte do seu escripto, para nos enviar o que falta e «que esperamos com impaciencia. No nosso numero «de terça-feira proxima diremos o mais.»

Na segunda-feira, 25 de julho, não se publicou o *Diario de noticias*, mas na terça-feira, 26, a capital leu gulosamente, com sofreguidão, o segundo folhetim e mais as seguintes linhas, insertas no corpo do jornal:

«Recebemos e publicâmos, pelas mesmas e outras «razões, em folhetim, a segunda carta sobre *O mys-«terio da estrada de Cintra*, que tanto está prendendo «a attenção dos nossos leitores.»

Ainda no dia 27 de julho o mesmo jornal espicaçava o interesse dos que o liam com estes periodos:

«A terceira correspondencia que hoje publicâmos «sobre o *Mysterio da estrada de Cintra*, encerra no-«vos estimulos á já bastante intensa curiosidade dos «nossos leitores. Têem-nos sido dirigidas verbalmente «e por cartas diversas perguntas sobre o mysterio «singular ali descripto. Não podemos avançar mais «do que o que diz a interessante narração, pois nada «mais sabemos. De certo a pessoa que nol-as dirige «irá a pouco e pouco desvelando o segredo do drama «de que nos faz anciosos espectadores.» (1)

---

(1) Em carta publicada no *Diario de noticias* de 1 d'outubro de 1915, refere o seu illustre director, dr. Alfredo da Cunha, que no começo d'esse anno, a proposito do livro commemorativo do cincoentenario do seu jornal, recebeu uma affectuosa e interessante carta de Ramalho Ortigão, em que este se confessa «auctor dos reclames que precederam a publicação do romance *Mysterio da Estrada de Cintra*, e que tanto concorreram para o efeito sensacional dos folhetins em que foi publicado.»

Que era, afinal, *O mysterio da estrada de Cintra*, que nos primeiros dias da sua vinda a publico, por intermedio da já larga tiragem do *Diario de noticias*, tanto assarapantou Lisboa? O terrivel mysterio era isto, que, em resumo engoiado, vou referir áquelles meus leitores que por ventura o não conheçam.

O doutor ··· escrevia ao *Diario de noticias*, contando que tres dias antes, ao morrer da tarde, elle e o seu amigo F..., vindos de Cintra para Lisboa, ambos a cavallo, ao atravessarem a charneca, n'um sitio deserto, entre S. Pedro e o Cacem, viram um *coupé* parado na estrada e em volta d'elle quatro individuos, dois dos quaes, curvados, examinavam attentamente o jogo da carruagem. O terceiro estava em pé, de costas, deante dos cavallos, e o quarto, tambem de costas para os dois cavalleiros, buscava qualquer coisa perto do vallado, talvez uma pedra que podesse servir de calço ao trem. Quando o medico e o seu amigo, julgando que o eixo do *coupé* se tinha partido, passavam por entre os desconhecidos, o que estava perto do vallado, com um forte repellão que deu ás redeas do poldro que o doutor ··· montava, fêl-o chapar, e os outros, com ameaças de rewolvers apontados, obrigaram F... a apear-se e a entrar, com o medico, na carruagem. Os quatro assaltantes encobriam a cara com mascaras de setim preto, e emquanto um d'elles tomava conta dos cavallos e os outros dois entravam para o trem, com os seus prisioneiros, o quarto, o mais alto, subia para a almofada e guiava o carro em direcção desconhecida. Ao fim de algum tempo, chegaram. Os mascarados vendaram com lenços os olhos dos dois raptados e fizeram-n'os entrar em uma casa e depois em um quarto, onde, sôbre uma *chaise-longue*, se estirava o cadaver d'um homem moço, de perfil sympathico, bigode loiro e typo caracteristico de inglez.

Emquanto os dois recuavam, assombrados e espavoridos, o mais alto dos mascarados, o que tinha guiado a carruagem, pedia, ancioso, ao doutor *** que examinasse aquelle homem, perguntando, ao mesmo tempo, angustiadamente, se elle estaria morto ou simplesmente adormentado sob a influencia d'um violento narcotico. Era tão instante a interrogação do desconhecido, tão vehemente e supplicante o seu pedido, que o doutor ***, curvando-se sôbre o cadaver, fez-lhe attento exame, verificando que era o d'um mancebo que uma forte dose d'opio matára. Tudo denunciava que ali se tinha commettido um crime horrendo! Assim o fizeram sentir, por entre os indignados protestos dos quatro mascarados, o medico e o seu amigo F..., que foram immediatamente separados, indo este para um quarto distante e ficando o doutor *** na companhia do mascarado mais alto. Passou-se tempo. Quando já tinha soado a uma hora da noite, sentiram estes, na escada, passos ligeiros de quem subia com precaução e cuidado. Apagaram as luzes. Cobriram o cadaver com uma larga manta de viagem e quedaram-se, immoveis, silenciosos e aterrados. Alguem abriu a porta, fechou-a, depois de ter entrado, e raspou um phosphoro, cuja luz illuminou o aposento. Ao avistar o medico e o mascarado, o homem que assim acabava de apparecer inesperadamente no quarto d'aquella casa silenciosa, onde o pobre morto dormia o seu derradeiro somno, cahiu de borco, sem sentidos, como que subitamente fulminado. (1)

---

(1) Quando a empolgante narrativa ia n'esta altura, isto é, no final do folhetim publicado pelo *Diario de noticias* no dia 29 de julho de 1870, inseriu o mesmo jornal a seguinte carta :

Fizeram-n'o voltar a si. Perguntaram-lhe para que fim trazia no bolso do sobretudo um martello e um maço de pregos. Não soube dizer. Interrogaram-n'o. Sabia tudo! Conhecia o crime que ali se praticára. Depois, balbuciou, hesitante, contradisse-se, deu explicações inverosimeis, declarou que se chamava A. M. C., que era estudante de medicina e natural de Vizeu. Por ultimo, tirou do bolso um papel, em que o mascarado, reconhecendo a letra do morto, leu, surpreso e attonito, a declaração que este fazia de que se suicidava com opio!

Logo que a manhã rompeu, o mascarado e o doutor *** examinaram, com vagar, o quarto e a alcova adjacente, onde havia uma larga cama: ao lado d'esta, sôbre uma pequena mesa, lá estava o copo em que se conservava ainda um resto de agua opiada. Nos bolsos do morto, havia alguns objectos vulgares, notando o mascarado que faltava a quantia de duas mil e trezentas libras que elle sabia que o desgraçado trazia comsigo, em notas de Inglaterra. Sôbre o travesseiro da cama, encontrou o medico um longo

---

Sr. redactor. — Julgo ter entre mãos um fio da urdidura tenebrosa «do drama da estrada de Cintra. No dia 20 estava no Cacem. Passeei «largamente nos arredores. Vi o *coupé* e attentei n'elle por me causar «estranheza a figura e o traje do cocheiro. Veja v. se póde saber dos seus informadores se algum d'elles perdeu um objecto de ouro na occasião da lucta na estrada. Por ora fico por aqui. E sou

«De v. etc., muito attento venerador

«S/C 27 de julho de 1870.

João Viegas Ferraz.»

Na edição do *Mysterio da estrada de Cintra* em livro, não se vê esta carta, o que prova que ella não foi enviada ao *Diario de noticias* por Eça de Queiroz ou Ramalho Ortigão, mas por um terceiro, que mais quiz embair e embaçar os que muito se interessavam, lendo os mystificadores folhetins dos dois escriptores.

cabello loiro, de mulher, e no chão um fino lenço, enfeitado de rendas, com uma firma e uma corôa delicadamente bordadas. Tudo indicava que a mysteriosa acção d'uma gentil mulher se entrelaçára nas scenas do tenebroso drama...

Ao fim da minuciosa busca e depois de discutidos todos aquelles indicios, o medico exigiu que o restituissem á liberdade. Era tempo de regressar á sua vida habitual e aos seus doentes. Concordou, o mascarado alto, que, sahindo com A. M. C., voltou, passada uma hora, pediu ao doutor ... a sua palavra d'honra de que ao chegar á rua não soltaria um grito nem pronunciaria uma palavra denunciadora, e, vendando-lhe os olhos, desceu as escadas, entrou com elle em uma carruagem, que partiu, rodando velozmente, e pouco depois deixava o medico, livre, no meio da estrada de Cintra, proximo do Cacem, emquanto o trem seguia com o mascarado em direcção áquella villa de encantos. Do Cacem, o doutor ... voltou para Lisboa, onde baldadamente procurou o seu amigo F... Inquietou-se. Soube que, em resultado das primeiras informações que mandára ao *Diario de noticias*, o governador civil de Lisboa officiára ao administrador do concelho de Cintra, ordenando-lhe que procedesse a investigações sôbre crime de tanta monta, sendo inuteis todos os esforços das auctoridades. Pensou em fazer perante a policia as suas declarações. Desistiu. Seria inutil. E quando hesitava no tocante ao caminho que deveria seguir, recebeu uma extensa carta do seu amigo F..., que remetteu ao *Diario de noticias*, concluindo assim a sua longa exposição.

O jornal, antes de publicar a carta de F..., deu á estampa uma outra, que declarou ter recebido pela posta interna, assignada com a inicial Z. N'esta sua missiva, dizia o mysterioso correspondente do *Diario*

de noticias que ia lendo despreoccupadamente a narrativa que a redacção intitulára *O mysterio da estrada de Cintra*, vendo n'ella apenas um perfeito *roman feuilleton*, com intrincado enredo, quando, sem o esperar, se lhe depararam, no folhetim d'aquelle dia, as iniciaes de um seu amigo, A. M. C., que era justamente estudante de medicina e natural de Vizeu. Quê!... Era então certo que a inverosimil historia, que elle julgava romanesca e inventada, passava a ser real e verdadeira?! Correu a casa do seu amigo A. M. C. Com verdadeira surpreza, soube ali que elle tinha desapparecido! Não podia ser esse moço generoso e bom o auctor do crime repugnante, desvendado pelas cartas do doutor ***. Não! Conhecia bem A. M. C., era seu amigo, sabia que elle era um rapaz modesto, probo, estudioso: não tinha sido esse o assassino vil. Demais, A. M. C. estivera em casa de Z. até ás tres horas da madrugada, na noite que se dizia ser a do crime, entrando n'aquella em que morava ás tres horas e meia. Como poderia ter sido o criminoso?...

Taes eram os dizeres do desconhecido Z., que mais vinham emmaranhar a trama, já tão emmaranhada, da macabra e enygmatica historia, constante das cartas endereçadas pelo doutor *** ao *Diario de noticias*. Seguiu-se, no folhetim d'este jornal, a publicação da carta de F...

Referia este que, ao separarem-n'o do medico, seu amigo, na casa em que jazia o morto, foi acompanhado por um dos mascarados a um quarto bastante espaçoso, mas sem janella. A principio, receioso de que o envenenassem, não tocou na appetitosa ceia que encontrou servida. Por fim, cedeu á fome implacavel: comeu com prazer, bebeu com ancia e sentiu-se confortado e satisfeito. Percorreu depois o aposento, em apertado exame. Encravado n'uma das

paredes, descobriu um armario grande e profundo, que tomava toda a espessura da alvenaria. F... mergulhou no movel e escutou: do outro lado, ouviu um extranho ruido, que lhe despertou e moveu a curiosidade. Com o saca-rolhas, que lhe servira para desrolhar a garrafa de vinho, furou o fundo do armario e pelo orificio viu dois homens, arrastando um pesado leito de madeira para junto da parede em que elle acabava de abrir o buraco. Conversavam. Um d'elles, pelo acento pronunciadamente extrangeiro, parecia allemão; o outro falava dos factos extraordinarios, pavorosos, que n'aquella casa maldita occorriam: argoladas nas portas, faúlas a espirrar no fogareiro, um passarão a esvoaçar pela casa... o demonio! O allemão ria, incredulo.

Ouvindo tudo aquillo, F... pensou em fazer de duende e em assustar o allemão, que se mostrava tão valoroso. Para isso, começou a bater na parede pancadas sèccas e espaçadas; pelo buraco aberto com o saca-rolhas, apagou, com um sòpro rapido, a luz da vela com que o vizinho examinava o muro. Chegaram depois á fala. O outro era um cidadão prussiano, Frederico Friedlann, e foi por intermedio d'elle que F... conseguiu fazer chegar ás mãos do seu amigo, doutor ***, a carta que este logo enviou á redacção do *Diario de noticias*.

Em seguida a esta carta de F..., segunda carta de Z. foi publicada. O signatario incognito, depois de novamente defender o seu amigo A. M. C., notava as contradições flagrantes, as incoherencias e o artificio das diversas cartas em que se desenvolvia e desenrolava a phantastica narração que o *Diario de noticias* ia fornecendo ao publico. Na sua opinião, o criminoso era o doutor ***, ou, pelo menos, era elle um cumplice do assassino. Seria?...

Vae, a final, descobrir-se parte do mysterio. O mas-

carado alto — o que na estrada de Cintra guiou para Lisboa o *coupé* da aventura —, para se defender e para invalidar as suspeitas lançadas malevolamente por Z. sobre o doutor ..., escreveu e dirigiu ao *Diario de noticias* uma longa narrativa, que em estrangulado escorço, é isto: Tinha elle uma prima, a condessa de W., que n'uma alegre viagem pelo Mediterraneo, em companhia do marido e d'elle, seu primo, conheceu um official inglez, Captain Rytmel, loiro, bello e valente. Amaram-se. Esse official, algum tempo antes, encontrára e amára na India uma galante cubana, Carmen Puebla, casada com um negociante hespanhol, que por acaso tornou a ver no paquete de que elle e a condessa de W. eram passageiros. Rytmel salvára a vida de Carmen, na India, n'um dia de sol adurente, caçando tigres. O amor uniu-os. Por isso Carmen, ao ver o doce idyllio em que Rytmel e a condessa de W., vogando no mar, sonhavam delicias e phantasiavam encantos, sentiu referver nas veias, em cachões d'odio e de despeito, o seu sangue vermelho de crioula. Doida de ciume, tentou assassinar o inglez, e conhecendo que este já a não amava, morreu, sendo o seu bello corpo lançado ao mar, onde ficou para sempre sepulto nas aguas azuladas, envolto nas algas verdes que adornam as fundas grutas de nacar e de coral. Em Lisboa, a condessa de W. e Rytmel continuaram o terno romance, cujo prologo encantador as ondas inquietas do Mediterraneo embalaram...

Finda a curiosa narrativa do mascarado alto, surprehendentes revelações de A. M. C. vieram a publico no *Diario de noticias*. Contava o estudante de medicina que uma noite, ao recolher a casa, encontrou uma senhora com quem o cocheiro d'um trem de praça altercava brutalmente, por achar insufficiente a remuneração dos seus serviços. A. M. C. pagou

com uma bofetada a má creação do automedonte e com uma libra o aluguer da carruagem: depois, afastou-se, offerecendo acanhadamente o seu prestimo á dama desconhecida. Passados dias, soube elle, por acaso, que aquella senhora era a condessa de W. Uma noite, já madrugada, voltando de casa de Z., seu amigo, A. M. C. sentiu atraz de si o ruido dos passos apressados de duas mulheres, uma das quaes arquejava, suffocada pela violencia do chôro. Era a condessa de W., que uma velha creada acompanhava. Deu o braço á condessa e ouviu-lhe phrases incoherentes, significativas d'uma grande dôr. Disse-lhe palavras repeitosas de consolação e de conforto, a que ella, na despedida, correspondeu, pedindo-lhe que a procurasse no dia seguinte na sua morada, que indicou. A. M. C. foi pontual. Com supremo espanto, ouviu da bôca da condessa a declaração estupefaciente de que assassinára um homem que era seu amante! Tinha-o morto na vespera, em uma casa de cujo numero fez menção. O cadaver lá estava... E entregou-lhe a chave da funebre morada, pedindo-lhe que fôsse ver, que lhe valesse, que a salvasse!...

A. M. C. partiu. Estiraçado sobre o sophá, o cadaver, hirto e gelado, horrorisou-o. Pelas letras *W. R.*, que viu bordadas no fôrro de setim preto d'um chapeu que encontrou cahido, e pelo sobrescripto d'uma carta, que viu no chão, dirigida a Mr. W. Rytmel, comprehendeu que era este o nome do morto. N'um album de pensamentos, desenhos e versos, que tinha folheado em casa da condessa de W. e comsigo trouxera, suspeitando que n'elle descobriria o nome da victima, viu que W. Rytmel assignava, em uma das paginas, dois versos inglezes. Não havia que duvidar: era esse o amante da condessa, por ella assassinado! A. M. C. correu logo a sua casa, e, em

meia folha de papel que encontrára, em branco, proximo do cadaver, escreveu, em inglez, imitando a letra com que Rytmel havia traçado os dois versos no album da condessa, a declaração que este fazia de que se suicidava bebendo opio. Anoiteceu. A. M. C. chegou a sahir de casa com um martello e um maço de pregos, para encravar a fechadura da porta da casa onde o cadaver jazia. Por fim, entrou ali, cêrca da uma hora da noite, encontrando o doutor *** e o mascarado alto. Os leitores conhecem já o que n'essa noite aconteceu. No dia seguinte, já ia alto o sol, tendo F... arrombado a porta do quarto em que o tinham encerrado e arrancado a mascara a um dos desconhecidos, todos os outros tiraram as suas mascaras e interrogaram A. M. C., que se declarou compromettido por juramento solemne a nada dizer do que sabia. Então o mascarado alto, primo da condessa de W., resolveu escrever a esta, pedindo-lhe que perante aquelle tribunal, constituido pelo acaso, viesse depor. Momentos depois, a condessa chegava e entregava aos que em consciencia haviam de julgal-a a sua confissão escripta.

Era assim: As suas desgraças começaram em Paris, onde estava havia tres mezes, com Rytmel, emquanto o conde, seu marido, caçava na Escocia. Uma noite, n'um baile, viu que o homem que se lhe apoderára do coração dançava com uma formosissima irlandeza, *miss* Shorn, que elle lhe disse logo ser a amiga intima de uma irmã que tinha. O ciume cravou-lhe no coração dolorido a garra afiadissima. Soffreu. Chorou. Partiu depois para Lisboa, com o marido, recebendo regularmente cartas de Rytmel. Estas pareceram-lhe frias. Julgou-se abandonada, sentiu-se perdida! Com certeza Rytmel queria casar com *miss* Shorn. Quando elle, em uma carta, lhe communicou que partia para Portugal, convenceu-se

de que vinha despedir-se d'ella. Recebeu-o em sua casa, n'uma noite em que ali se reuniram varias amigas suas, alguns amigos, velhos conhecimentos do conde, e entre elles Carlos Fradique Mendes, um homem original, de superior espirito e intelligencia rara.

Ao outro dia, a condessa encontrou-se com Rytmel na casa que deveria ser o palco da horrivel tragedia que depois se seguiu. Houve recriminações da parte d'ella, juramentos d'amor sahidos dos labios d'elle. Resolveram fugir. Encontraram-se uma ultima noite na casa fatal. A condessa de W. levava comsigo um frasco cheio d'opio. Queria, fôsse como fôsse, adormecer o amante, esvasiar-lhe os bolsos, rebuscar-lhe a carteira, ver se esta continha cartas d'amor de *miss* Shorn. Durante uns rapidos instantes em que elle se afastou, ella, a tremer, atarantada, quasi louca, em vez de deitar no copo da agua que Rytmel ali tinha, para ir bebendo emquanto fumava, apenas as gotas d'opio necessarias para o fazer adormecer n'um somno brando e curto, despejou, n'um repente, o contheudo do frasco na agua que elle pouco depois bebeu, cahindo logo e para sempre no somno pesado da morte! Vendo que Rytmel não acordava, crendo-o morto, a pobre condessa fugiu, allucinada, como doida, até que encontrou na rua A. M. C., como já fica atraz referido.

Eis o que a condessa de W. narrava, sem refolhos, na longa carta que tinha deposto nas mãos d'aquelles homens, que, assim reunidos solemnemente, constituiam um singular tribunal.

Em seguida — conta A. M. C. nas suas ultimas revelações feitas ao *Diario de noticias* — a condessa entregou as notas de banco e as cartas que tinha encontrado na carteira do amante, e emquanto ella sahia, a caminho do convento do Minho em que foi

internar-se, desolada, o cadaver do pobre Rytmel, do elegante official inglez que tão feia morte tivera, era descido á terra, por F.... A. M. C. e os quatro mascarados da estrada de Cintra, e depositado n'uma cova por elles aberta no pavimento inferior da casa onde o malaventurado fôra buscar beijos da mulher amada e em vez d'elles achára apenas o abraço gélido da sepultura!...

Assim se desenlaçava a historia tetrica e horrida que durante dois mezes e tres dias — de 24 de julho a 27 de setembro de 1870 — fôra narrada, em folhetins successivos, aos leitores do *Diario de noticias*. Como remate, n'este ultimo dia, publicava o popular jornal da antiga rua dos Calafates esta carta dos dois auctores do complicado conto:

«Sr. redactor do *Diario de Noticias*. — Podendo «causar reparo que em toda a narrativa que ha dois «mezes se publica no folhetim do seu periodico não «haja um só nome que não seja supposto, nem um só «logar que não seja hypothetico, fica v. auctorisado «por via d'estas lettras a datar o desfecho da allu-«dida historia — de Lisboa, aos vinte e sete dias do «mez de setembro de 1870, e a subscrevel-a com os «nomes dos dois signatarios d'esta carta.

«Temos a honra de ser, etc.

«*J. D. Ramalho Ortigão*
«*J. M. Eça de Queiroz.*» (1)

---

(1) Quando *O mysterio da estrada de Cintra* foi publicado em livro, as assignaturas d'esta carta appareceram por outra ordem e por esta maneira:

Eça de Queiroz
Ramalho Ortigão.

Eis o que é, em esqueleto e sem a elegancia de estylo dos dois auctores. *O mysterio da estrada de Cintra*, obra incongruente, desordenada, mais que romantica, absurda e falsa no caracter dos personagens, inverosimil em muitos dos seus lances, mas despertadora de subido interesse, que não diminue, antes augmenta, de episodio para episodio. D'essa obra extravagante, mais de dois terços são pro-

RAMALHO ORTIGÃO

Retrato inédito, que julgo ser da epoca em que foi escripto *O mysterio da estrada de Cintra.*

ducção indubitavel da penna scintillante e magica de Eça de Queiroz, tocando o restante á primorosa penna de Ramalho Ortigão. Mais adeante direi em que é que me fundo para me abalançar a fazer esta affirmação terminante. (1)

---

(1) No *Diario de noticias* de 4 d'outubro de 1870 publicou Marianno Froes uns folhetins, com o titulo *Um mysterio na estrada*, em fórma de cartas dirigidas a Eduardo Coelho, um dos fundadores do popular jornal. E' uma *charge* nascida da leitura do *Mysterio da estrada de Cintra,* cuja publicação tinha terminado uma semana antes.

*
* *

Eça de Queiroz, na carta-prefacio da segunda edição do *Mysterio da estrada de Cintra*, que é indubitavelmente por elle escripta — e tanto que foi publicada pela casa editora Antonio Maria Pereira, a paginas 367 e seguintes do livro de Eça, *Diccionario de milagres*, tambem editado pela mesma casa —, conta como foi que elle e Ramalho Ortigão resolveram escrever o famoso romance, que tanta curiosidade despertou:

«Ha quatorze annos, n'uma noite de verão no Pas«seio Publico, em frente de duas chavenas de café, «penetrados pela tristeza da grande cidade que em «torno de nós cabeceava de somno ao som de um so«luçante *pot-pourri* dos *Dois Foscaris*, deliberámos «reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquillo a «berros, n'um romance tremendo, businado á baixa «das alturas do *Diario de Noticias*.

«Para esse fim, sem plano, sem methodo, sem es«cola, sem documentos, sem estylo, recolhidos á sim«ples «torre de crystal da Imaginação», desfechámos «a improvisar este livro, um em Leiria, outro em Lis«boa, cada um de nós com uma resma de papel, a «sua alegria e a sua audacia».

Tambem Ramalho Ortigão fez o seu depoimento ácêrca da maneira como elle e o seu companheiro de letras principiaram a escrever *O mysterio da estrada de Cintra*. No folhetim publicado no *Diario illustrado* de 22 d'outubro de 1874, que acompanhava o retrato de Eça de Queiroz e foi depois transcripto no volume XXIII das *Farpas*, escreveu o illustre auctor das *Praias de Portugal*:

«Foi na sua volta do Oriente que Queiroz se en-«controu comigo em Lisboa. Não tinhamos nada que «fazer, nem um nem outro, e iamos uma noite pas-«seando ao acaso, quando nos occorreu darmos á ci-«dade alguma coisa que ler para o outro dia. A nossa «questão não era que nos mandassem as commendas «de S. Thiago, nem que nos mettessem na Academia. «As nossas ambições eram mais modestas, posto que «debaixo de alguns pontos de vista, mais difficeis tal-«vez de realisar. A nossa questão era simplesmente «que nos lessem. Seria complicado de mais para o «espaço de vinte e quatro horas irmos até ao publico, «do qual estavamos tão longe pela nossa obscuridade. «Era preciso que o publico se desse um pouco ao in-«commodo de vir, elle, um bocadinho, até nós. Tra-«tava-se de achar um golpe, estranho, desusado, vio-«lento, que ferisse profundamente a attenção e o «obrigasse a olhar para nós como sire de La Chatei-«gneraie olhou para sire de Jarnac. Então em acto «seguido, um de nós — não me lembra qual — sen-«tou-se a uma mesa e encheu um caderno de papel, «que o *Diario de Noticias* principiou a publicar ao «outro dia. Depois o que principiára passou a penna «ao outro, e assim fomos escrevendo sempre, reve-«sadamente, por espaço de dois mezes, acompanhando «a publicação, e fazendo na vespera o folhetim do «outro dia.

«Foi d'esse modo que nasceu o *Mysterio da estrada «de Cintra.*»

Assim é ensinada e esclarecida, pelos proprios auctores, a genesis do celebrado romance. Deve, porem, notar-se que não era escripto o folhetim d'um dia por Eça de Queiroz e o do dia seguinte pelo seu collaborador, como parece deprehender-se do final do trecho acima transcripto: seria isso impos-

sivel, estando um dos auctores em Lisboa e o outro em Leiria, onde, n'essa epoca, o *Diario de noticias* chegava com grande atrazo, por não haver caminho de ferro e serem difficeis as communicações. A verdade é que era escripto um capitulo do romance por Eça e o capitulo immediato por Ortigão, o que se tornava menos difficil.

O sr. Adolpho Coelho, no livro de que é auctor e tem por titulo *Alexandre Herculano e o ensino publico*, faz, a paginas 220, ácêrca da interessante novella devida aos criticos das *Farpas*, a grave affirmação que segue:

«... o *Mysterio da estrada de Cintra*, cujo ponto «de partida fôra plagiado d'uma historia phantasiada «por um noticiarista no *Progresso e ordem*».

Folheei a collecção do *Progresso e ordem*, jornal que se publicou em Lisboa no anno de 1864, e na secção *Noticiario*, do numero 3, de 3 de julho do referido anno, sob o titulo *Seria crime?*, li o seguinte:

«Ha dias uns operarios andando a abrir uma valla «n'um quintal de Bemfica encontraram um esqueleto «humano completo bem conservado. Examinado «viu-se que devia ter pertencido a uma joven de 18 «ou 20 annos, e estava enterrado talvez havia 9 «annos.

«Esta epoca coincide com um acontecimento sin«gular. Um homem de barba grisalha, todo vestido «de preto, arrendara em 1855 a casa a que pertencia «aquelle quintal. Acompanhava-o uma donzella, cuja «pallidez revelava profundos padecimentos. Sahiam «ao anoitecer.

«Um dia um creado de libré andou perguntando «em Bemfica pelo sr. Biagio de Giora. Era o desco-

«nhecido. Por mais que o creado batesse á porta da «casa nenhum ruido lá dentro se ouviu. Á hora cos«tumada Biagio sahiu com a donzella, fallando com «ella n'uma lingua extranha.

«O creado entregou uma carta a Biagio e retirou«se. Este leu-a tremulo, lançou um olhar terrivel á «donzella pallida e entrou em casa. A companheira «seguiu-o fascinada. No dia seguinte de madrugada «Biagio partiu, só, a cavallo para Lisboa.

«As portas da casa de Bemfica estavam abertas. «Lá dentro não se via ninguem».

No seu numero de 26 de julho de 1864, o *Progresso e ordem*, recordando os factos constantes da noticia que deixo transcripta, noticiava, sob a epigraphe *Um crime*, que um jornal inglez dera na anterior semana uma noticia que parecia ter relação com estes acontecimentos. Dizia esse jornal que fôra preso na vespera em Londres, por ordem do consul francez, um individuo que se apresentava com o nome supposto de Firmin Delassau, desconfiando-se que fôsse um grande criminoso, cujo verdadeiro nome seria Victor Tassier. Raptára, havia dez annos, uma joven de boa familia, obrigando-a a viajar com elle em Hespanha. Elle fazia-se chamar il Signor Biagio. A familia da joven fez com que a policia de Madrid o procurasse, e elle, desconfiado, passou a Portugal, sendo visto um anno depois em França, sem a joven que raptára, suppondo-se que a tivesse assassinado. Tassier foi preso no Havre, mas a protecção d'um homem poderoso fez que fôsse absolvido. Tassier seria filho bastardo do marquez de Antesson, que constava ter morrido de desgosto ao ter conhecimento dos crimes do filho.

Tal era a informação do *Progresso e ordem*, que no dia seguinte, 27 de julho, communicava

ainda aos seus leitores, sob o titulo *Mais pormenores:*

«Um assignante enviou-nos a seguinte carta: «Vae «em sete annos estivera em Bemfica n'uma casa que «ninguem queria alugar por se dizer que ali apparecia «o phantasma d'uma desconhecida. Um dia rasgou-se «o papel que forrava a parede d'um quarto e leu es«tas palavras em francez: «Sinto que morro. O in«fame que me roubou o socego e esperança, sem con«seguir roubar-me a honra é perseguido...» Helena «d'Haux...»

«Algumas palavras estavam inintelligiveis. O nu«mero 105 da *Review of world*, de que era assignante, «dizia que foram achadas cartas na carteira d'um «tal Delassau preso por suspeitas, uma das quaes era «dirigida a Biagio de Giora, aconselhando-o a mudar «de sitio para não ser preso».

«Assim tudo está esclarecido.»

Seria n'estas noticias desconnexas e estapafurdias do *Progresso e ordem* que o sr. Adolpho Coelho teria visto — um pouco sôbre posse, diga-se — o ponto de partida para *O Mysterio da estrada de Cintra?* Ninguem melhor do que o illustre professor m'o poderia dizer, esclarecendo a minha curiosidade. Fui-me, pois, ter com o sr. Adolpho Coelho, que em absoluto confirmou a minha supposição, dizendo-me que, por ser uma ficção aquella ennublada historia constante das noticias do *Progresso e ordem*, por serem dados como reaes e verdadeiros factos imaginados pelo noticiarista, e ainda por serem narrados como tendo-se desenrolado em Bemfica, onde passa a estrada de Cintra, suppoz elle que sugeriram a Eça de Queiroz e a Ramalho Ortigão a ideia do seu romance, comquanto o entrecho d'este divirja e se dif-

ference muito da phantasiada narrativa do *Progresso e ordem*. Accrescentou o sr. Adolpho Coelho que, havia tempos, Ramalho Ortigão, em conversa, lhe falára na opinião pelo conspicuo professor formulada no seu livro *Alexandre Herculano e o ensino publico*, sôbre a origem do *Mysterio da estrada de Cintra*, negando que fôsse aquelle o ponto de partida do complicado romance, pois que nem sequer conhecia o *Progresso e ordem*. E eu creio absolutamente que assim seria, comquanto podesse conhecel-o Eça de Queiroz, que foi o auctor da exposição inicial que enche os primeiros capitulos do intrincado *Mysterio*.

Ahi ficam os elementos necessarios para se formar um juizo seguro sôbre a severa affirmação do sr. Adolpho Coelho. Os meus leitores avaliarão se houve plagio e decidirão o pleito, se é que pleito porventura existe. Tambem os leitores darão credito, ou não, ao parecer dos que dizem que o famigerado romance de Eça e Ramalho foi encommendado aos seus dois auctores para distrahir as attenções dos habitantes de Lisboa da dictadura do marechal Saldanha, que a 19 de maio de 1870 — pouco mais de dois mezes antes de elle começar a publicar-se em folhetins do *Diario de noticias* — tinha derrubado violentamente o ministerio presidido pelo duque de Loulé. Por mim, não creio em tal atoarda. O que não póde pôr-se em duvida é que *O mysterio da estrada de Cintra* foi lido avidamente e conseguiu sacudir e repuxar os nervos vibrantes dos lisboetas e principalmente das lisboetas.

O sr. Theophilo Braga, no folheto que já citei no capitulo II da primeira parte d'este livro, a paginas 86, em que vem compendiada a conferencia por elle feita, na sessão solemne em homenagem ao illustre romancista, em 3 de março de 1901, escreve:

«Foi tambem com a intenção de troça ao *Diario de «Noticias* o começo do romance de collaboração com «Ramalho Ortigão *O Mysterio da Estrada de Cin-«tra.*»

Troça ao *Diario de noticias?!* É mais um equivoco do sr. Theophilo Braga. Como podia ser troça ao primeiro jornal que em Lisboa se vendeu na rua, a dez réis, se *O mysterio* foi ali publicado, em folhetins, de combinação e com a annuencia de Eduardo Coelho, um dos fundadores da conhecida gazeta? A prova encontra-se n'um bello artigo do meu velho amigo dr. Alfredo da Cunha, genro d'aquelle jornalista e actual director do *Diario de noticias*, publicado na *Revista moderna* — numero 10, de 20 de novembro de 1897, dedicado a Eça de Queiroz. Informa ahi o dr. Alfredo da Cunha — em garantia de que seu sogro foi connivente, com os dois auctores do *Mysterio*, na publicação d'este — que, em agosto de 1870, Eça de Queiroz, ancioso por noticias da guerra franco-prussiana, escrevia a Eduardo Coelho, de Leiria, a seguinte carta:

«Leiria,

«Meu caro Eduardo Coelho,

«Escrevo-lhe do meu exilio administrativo. Abor-«reço-me como Ovidio desterrado e como Francisco I «prisioneiro. Penso na guerra: eis a minha occupa-«ção. Todas as manhãs applaudo as derrotas do «2.º imperio; todas as tardes lamento as humilhações «da França.

«Ahi está, meu caro Eduardo, porque lhe escrevo «a pedir-lhe que seja longo nos seus *compte-rendus* «militares, que eu devoro cheio de gula, e que me «mande o mappa da guerra que ahi ha pouco pu-«blicou.

«E o nosso *Mysterio*? Mysterio!...

«É o caso de cantar como nas operas comicas de «Scribe:

Quel est donc ce mystère?

«Mil saudades. Mande o mappa!

«Et nunc et semper
«*Eça de Queiroz.*»

Mais adeante, o dr. Alfredo da Cunha, referindo-se ao valor literario do «despreoccupado trabalho dos dois scintillantes criticos das *Farpas*», publica a seguinte carta, dirigida por Camillo Castello-Branco, em principios de 1886, ao editor Antonio Maria Pereira, em que esse valor é aquilatado:

«Já lhe agradeci e li o *Mysterio da estrada de* «*Cintra*. Achei-o admiravel, pelas brilhantes auda-«cias de linguagem. Foi esse livro que iniciou a re-«forma das milicias litterarias indigenas, a tropa «fandanga de que eu fui cabo de esquadra. A evolu-«ção do estylo data d'ahi. Verdade é que esse modelo «deu azo a que alguns milicianos, exagerando a dis-«ciplina dos reformadores, atirassem *par dessus les* «*moulins* as patronas da grammatica, e se dessem «uns ares de uhlanos com arremettidas de cossacos. «D'ahi essas tropelias que elles fazem na syntaxe e «no senso commum, em que elles não commungam. «Seja como fôr, o *Mysterio* ha de ficar assignalado no «desenvolvimento das bellas cousas que estavam «embryonarias no vocabulario marasmado durante «dois seculos. Ramalho Ortigão avisadamente andou, «mandando os classicos a ares, e o Eça tambem não «andou mal não os admittindo em casa.»

Não podia *O mysterio da estrada de Cintra* ter consagração mais alta do que esta que lhe fez o genial auctor do *Amor de perdição*... com desconto das inevitaveis ferretoadas do severo e implacavel critico.

*

* *

O mysterio da estrada de Cintra, apesar das suas imperfeições de urdidura e de execução, é um curioso e excitante livro que se devora d'um folego, com verdadeiro empenho de se chegar ao fim e de se conhecer o desenlace. Voltada a ultima pagina, pungem o espirito do leitor intensas saudades de todos aquelles personagens extravagantes e inverosimeis, com os quaes se conviveu, em imaginação, durante algumas horas de desenfadada leitura. A prova mais cabal e mais evidente do valor que o publico deu á obra da mocidade de Eça de Queiroz e de Ramalho Ortigão, está nas cinco edições que ella já conta. Em Portugal, a reimpressão tão repetida d'um romance, chega a surprehender, a causar verdadeiro espanto!...

Quando sahiu do prelo a segunda edição, o *Diario de noticias,* no seu numero de 23 de dezembro de 1884, publicou os seguintes periodos, com o titulo *Um mysterio na estrada de Cintra:*

«Ha quatorze annos em uma bella manhã, Lisboa «estremeceu de terror ao ler no folhetim do nosso «jornal a historia pavorosa de uma emboscada de que «fôra victima na vespera o doutor ***. A policia in«vestigou, a população sobresaltou-se, houve até «quem deixasse de ir para Cintra receiando nova «emboscada de mascarados na charneca, até que os «folhetins dos dias immediatos deixaram transpare-

«cer a verdade: era tudo um romance, admiravel-«mente imaginado e admiravelmente escripto. Esse «romance intitula-se *O mysterio da estrada de Cintra*. «Lido com interesse nos folhetins do *Diario de noti-«cias*, uma edição em volume se fez logo em seguida, «esgotando-se rapidamente.

«Quatorze annos passaram sobre isso tudo: e hoje «apparece-nos, inesperadamente, com todo o interesse «de uma deliciosa novidade, a nova edição do *Myste-«rio*, onde se notam profundas modificações e emen-«das que o põem a par dos mais notaveis romances «da nossa litteratura. Bastava o longo intervallo entre «esta e a primeira edição, para elle ser para o publico «de hoje um livro novo; mas a grande differença que «ella faz da primeira, o prologo *justificativo* em que «os auctores explicam as razões porque esta se pu-«blica, o seu bello aspecto que a torna um elegante «livro de *étrennes*, e — acima de tudo — o merecí-«mento incontestavel d'este romance encantador, que «a gente não póde pôr de parte sem que o tenha lido «todo, fazem com que á nova edição do *Mysterio* es-«teja sem duvida reservado um exito brilhante como «o que teve a anterior.

«Felicitamos os dois festejados escriptores, e igual-«mente o seu editor, o nosso amigo Antonio Maria «Pereira, acreditado livreiro da rua Augusta, pela «nova e elegante reproducção dos folhetins com que «por muitos numeros foram mimoseados os leitores «do *Diario de Noticias*».

Depois d'esta, mais tres edições se imprimiram, sendo a ultima do anno de 1913. Tanto basta para se saber que o publico saboreia com delicia *O mysterio da estrada de Cintra*, cujos defeitos, em verdade, são quasi tantos como as paginas do livro, mas que, a par d'esses defeitos, tem bellezas innega-

veis, principalmente de estylo, que tambem em quasi todas as paginas, embora com leves manchas, resaltam e se desvendam. Por toda a obra se presente e adivinha o esforço constante em que os auctores se empenharam para que a prosa d'um e d'outro se egualasse nos mesmos tons musicaes, no mesmo colorido, no mesmo nervosismo, na mesma phantasia, nas mesmas linhas harmonicas e bem soantes. E, se em alguns lances os dois conseguiram que a sua collaboração se confundisse e adaptasse em tal coincidencia que não ha separal-a e distinguir o estylo d'um do estylo do outro, como succede nos livros de Julio e Edmundo de Goncourt, nos romances dos alsacianos Erckmann e Chatrian, nas peças de theatro de Roberto de Flerts e de Caillavet, em que parece que houve um só auctor — as mais das vezes differença-se bem a prosa pitoresca, viçosa e leve de Eça de Queiroz da cantante, sonora e elegantissima prosa de Ramalho Ortigão.

É, pois, facil tarefa conhecer, em *O Mysterio da estrada de Cintra,* os capitulos que a penna indomita de Eça traçou e os que foram escriptos pela penna analysta de Ramalho. Demais, ha um signal graphico, muito do uso de Eça de Queiroz, que bem assignala todas as suas obras literarias e permitte, portanto, distinguir, n'aquelle livro singular, a parte que lhe pertence e a que é devida ao seu collaborador e amigo. Esse signal graphico é o traço —. Quem estudar attenta e aturadamente, como eu tenho estudado, toda a obra de Eça de Queiroz, desde *As Farpas* á *Correspondencia de Fradique Mendes,* desde *O primo Bazilio, O crime do padre Amaro* e *Os Maias* aos *Contos,* ha de notar que o coruscante prosador, innumeras vezes, quando chegava ao ponto culminante do periodo, tinha por costume empregar o traço ou hyphen. Leiam-se e

folheiem-se os seus romances, os seus livros, *O mandarim, A illustre casa de Ramires, A cidade e as serras, As notas contemporaneas,* as *Prosas barbaras,* as *Ultimas paginas,* corram-se todos os seus escriptos: o traço lá está, em superabundancia, a signalar os periodos. Nas cartas inéditas de Eça, que eu tive o supremo prazer de colligir e adeante vão impressas, lá se vê o hyphen, frequentemente repetido. Dá-me a lembrar um bordão a que o escriptor tivesse o habito de apoiar-se.

Ora este signal, de que Eça de Queiroz tanto abusava — para me não referir a outros elementos de hermeneutica, embora este pareça a alguns de pouca importancia — dá azo a que se conheça perfeitamente, não só o que á sua penna opulenta e maravilhosa pertence na collecção primitiva das *Farpas,* mas tambem no livro de que me estou occupando. Ramalho Ortigão tambem usava o traço nos seus escriptos, mas se o empregava nas mesmas condições em que Eça de Queiroz d'elle fazia uso, era com tal rareza e parcimonia tanta, que não póde haver comparação com o abuso que do hyphen fazia o seu notabilissimo collaborador. E é por esta razão, alem d'outras, que eu affirmo, com plena segurança, que no *Mysterio da estrada de Cintra* a *Exposição do doutor* ***, as duas cartas de *Z.,* a *Narrativa do mascarado alto, A confissão d'ella,* escreveu-as Eça de Queiroz, ao passo que a carta *De F... ao medico, As revelações de A. M. C.* e as ultimas paginas, em que *Concluem as revelações de A. M. C.,* foram escriptas pela penna elegante de Ramalho Ortigão.

Ainda outra prova. Na *Exposição do doutor* ***, ha uma passagem em que é referido que A. M. C., ao entrar na casa mysteriosa em que jazia, enregelado, o cadaver de Rytmel, levava no bolso do sobretudo um martello e um maço de pregos. Ra-

malho Ortigão, no seu folhetim que já citei, impresso no *Diario illustrado* de 22 e 23 d'outubro de 1874, escreveu, a este proposito:

«Ás vezes succedia no decurso da nossa narrativa «que um de nós recebia do outro a sua gente n'um «ponto mau, como as bolas de um bilhar pegadas á «tabella. Lembro-me que uma noite, ás duas horas, «tive de dar o ultimo golpe de penna em um dos per«sonagens, que ia desapparecer para sempre da tela «n'esse capitulo, e que Queiroz me tinha deixado «ficar n'uma sala... *com alguns pregos e um mar«tello na algibeira da sua casaca.* (1) Era forçoso ex«plicar de algum modo este romanesco detalhe, tão «dramatico, dos pregos e do martello que o homem «tinha comsigo. Queiroz estava fóra de Lisboa, em «Leiria, e nada me tinha confiado ácerca do destino «que se havia de dar áquella ferramenta. A minha «imaginação bronca e tardia nada me suggeria senão «este final tragico: «*Em fim, meus senhores e minhas «senhoras, este gentleman, tão cheio de espirito, de «toilette e de drama era carpinteiro!*»

«Finalmente o personagem lá saiu de tal ou qual «maneira illibado no folhetim immediato, mas o meu «primeiro cabello branco nasceu-me n'essa noite.

«Mais tarde interroguei Queiroz: — «Para que «tinha o homem os pregos e o martello na algibeira «da sua casaca?» Mas elle pediu-me que não pro«curasse arrancar-lhe esse segredo terrivel, com o «qual deseja descer á campa. Ninguem pois o saberá «na terra!»

---

(1) Ha aqui um lapso de memoria de Ramalho Ortigão. Este personagem, que era A. M. C., quando entrou na casa tragica, onde Rytmel bebeu o opio que o matou, não ia de casaca.

Assim escreveu Ramalho Ortigão. Ora o motivo por que A. M. C. levava comsigo o martello e os pregos, consta do capitulo do *Mysterio da estrada de Cintra* que se intitula *As revelações de A. M. C.* É ahi que se lê a explicação d'aquelle extranho facto. Portanto, apoiado n'aquelle folhetim do auctor da *Hollanda*, onde este deixou escripto o seu testemunho, posso afoitamente affirmar e garantir que a *Exposição do doutor* ... é da penna de Eça de Queiroz e *As revelações de A. M. C.* são da factura de Ramalho Ortigão.

A ex.ma senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, no seu valioso e interessante livro *Alguns homens do meu tempo*, referindo-se ao *Mysterio da estrada de Cintra* e aos seus dois auctores, escreve:

«A morte de Carmen, a caçada na India, escre-«veu-as Eça com a penna que mais tarde, convertida «ao realismo, contará a agonia de Luiza, a burgueza «peccadora, e as *soirées* de Leiria, entre padres e de-«votas; a carta de Rytmel á condessa, a descripção «do claustro no Minho, as reflexões da pobre amante «desvairada, antes da fuga que ia roubal-a para «sempre á sociedade em que ella tinha vivido, á casta «a que pertencia, revelam já todas as qualidades do «espirito observador e amante do pittoresco, que fez «de Ramalho Ortigão um dos melhores criticos de «costumes da litteratura contemporanea.»

A illustre escriptora, a meu ver, acertou em todas as suas conjecturas, excepto pelo que respeita á carta de Rytmel á condessa de W. e ás reflexões d'esta, antes da projectada fuga, que, intercaladas como estão no capitulo *A confissão d'ella*, foram, em meu entender, escriptas por Eça de Queiroz. Será assim?... Não será?... Ainda ha bem pouco

tempo Ramalho Ortigão poderia ter desvendado este mysterio do *Mysterio*. Infelizmente, já o não póde esclarecer, porque a morte roubou-nol-o agora mesmo, á hora em que eu dava os ultimos retoques n'este capitulo do meu livro, que tem muitas das suas paginas illuminadas pela intensa luz que do seu nome irradia. Deploro sentidamente o desapparecimento de Ramalho Ortigão, do notabilissimo escriptor que foi o companheiro querido da mocidade de Eça de Queiroz, a cujo espirito o seu espirito agora foi juntar-se. E dizer eu que ainda ha bem pouco tempo me deliciava com a sua conversa encantadora e apertava na minha a sua mão leal, honrada e forte!

Fazem falta, no Portugal tão decadente de hoje, homens da estructura moral de Ramalho Ortigão.

*

* *

Como já atraz escrevi, mais de uma vez, causou impressão profunda no espirito dos que no verão de 1870 leram, nos folhetins do *Diario de noticias*, *O mysterio da estrada de Cintra*, aquella emmaranhada e confusa historia com mascarados altos e baixos, *coupés* suspeitos, raptos, crimes, paixões, um cadaver lançado ao mar, que nas grutas do seu fundo o enfeitaria com perolas, outro secretamente enterrado nos baixos escuros d'uma casa desconhecida, e tantas aventuras, de duvidosa verosimilhança, a tornar-lhe enredado o entrecho. «O primeiro dever d'um romance é ser romanesco» — disse George Sand. Este era-o, na verdade!

Muita gente, a principio, acreditou que em Lisboa se tinha commettido um crime nefando, horrivel, e, fiada na passagem de um dos folhetins, em que se

affirmava que o governador civil do districto de Lisboa tinha officiado ao administrador do concelho de Cintra, ordenando-lhe que procedesse a averiguações ácêrca do abominavel delicto denunciado nas cartas mysteriosas, dirigidas á vulgarizada gazeta da antiga rua dos Calafates, suppoz que as auctoridades se alarmaram, assustadas e inquietas. Foi pura illusão. Sinto devéras ter de desfazer uma lenda. Se é certo que varias pessoas simples e ingenuas deram credito á lugubre narrativa, as auctoridades de Lisboa não se sobresaltaram com *O mysterio da estrada de Cintra,* «businado á baixa das alturas do *Diario de noticias*». Seria até deprimente para ellas, seria fazer-lhes grave e grande injuria, julgar que as tivesse posto em desassocego uma simples e pura *blague* de jornal. Bastava a circumstancia de o *Diario de noticias* publicar as cartas, denunciadoras da romanesca emboscada da estrada de Cintra, no seu folhetim, para o caso só merecer sorrisos aos que n'essa epoca tinham por obrigação velar pela segurança publica e fazer castigar com severidade os que contra ella attentassem.

Não! O governador civil de Lisboa, que então era o conde da Louzã, nunca officiou ao administrador de Cintra, sôbre o supposto mysterio da estrada que da capital vae dar áquella pitoresca villa. Ainda hoje muitas pessoas — até escriptores illustres — estão persuadidas de que esse officio existiu. Pois desenganem-se: tal affirmação foi um dos muitos estratagemas de que se serviram os auctores do romance engendrado, com o fim de levarem o publico innocente e candido a acreditar a tenebrosa historia. Para d'isto os meus leitores terem absoluta convicção, basta que lhes assegure e afiance que fui ao governo civil de Lisboa, percorri e examinei cuidado-

samente o *Livro B* do anno de 1870, guardado nos archivos d'aquella repartição publica, e verifiquei que n'esse livro — que é o copiador da correspondencia official expedida do governo civil para os administradores dos concelhos e outras auctoridades — não existe cópia de officio algum dirigido pelo governador civil, conde da Louzã, ao administrador de Cintra, ácêrca do imaginario mysterio da estrada que liga Lisboa com aquella formosa e encantadora villa.

Mas ainda não ficou, d'est'arte, satisfeito o meu ardente desejo de averiguar a verdade. Em Cintra, na administração do concelho, podia haver algum officio, algum documento comprovativo de que a auctoridade procedêra a minuciosas averiguações sôbre os factos nebulosos e aterradores revelados pelos folhetins do *Diario de noticias*. Não ha. Nos archivos e livros d'aquella repartição concelhia, nenhuma cópia de officio existe, como não existe algum vestigio escripto de indagações feitas ou qualquer auto de investigação.

É, pois, de pura phantasia a affirmação contida nos seguintes periodos da carta do imaginario doutor * * *, publicada no *Diario de noticias* de 3 de agosto de 1870:

«Sei que, em resultado das primeiras noticias que «lhe dei, o governador civil de Lisboa officiou ao «administrador de Cintra, convidando-o a metter o «esforço da sua policia no descobrimento d'este crime. «Foram inuteis estas providencias. Assim devia ser. «O successo que constitue o assumpto d'estas cartas «está por sua natureza fóra da alçada das pesquizas «policiaes. Nunca me dirigi ás authoridades, quiz sim«plesmente valer-me do publico, escolhendo para isso «as columnas populares do seu periodico.»

Eça de Queiroz — que foi o auctor d'esta parte do *Mysterio da estrada de Cintra*, como atraz mostrei, — deu ahi largas aos vôos da sua imaginação inquieta. Foi das palavras que ficam transcriptas que nasceu a lenda, ainda hoje perduravel. Aqui a deixo, não sem um certo pesar, destruida e desfeita. É quasi sempre doloroso esfarrapar uma tradição que se arreigou nos espiritos. As mais das vezes, as lendas andam envolvidas em brancas e vaporosas nuvens de poesia e de encanto, que o vento da realidade, mais tarde ou mais cedo, varre do ceu azul da phantasia. E é com magua sincera e com sentida pena que os que teem o dever de restaurar a verdade, vêem desfazer, no horisonte doirado da imaginação, essas nuvens que representam sempre castellos fingidos, formados no ar...

CAPITULO III

A cidade e as serras

As serras da minha terra

> Depois parei nas serranias do Douro, em Santa Cruz — onde fiquei dois dias a descançar, (quasi devia dizer a convalescer) do tremendissimo almoço com que o meu rendeiro me honrou, logo na manhã da chegada, ás *dez horas* d'uma doce manhã! O prato mais ligeiro era um anho assado. Na cabidella entrava toda uma capoeira. Sobre a meza, em vez de garrafa, pousava um pipo! Honrei o festim — depois foram os dois dias, os dois lentos dias de cançasso e digestão, sentado n'uma pedra, debaixo de um castanheiro.
>
> EÇA DE QUEIROZ. *Carta ao conde de Arnoso.* (Publicada no *Diario illustrado* de 16 d'agosto de 1901).

A freguezia de Santa Cruz do Douro, minha terra, — acidentado rincão pitoresco do concelho de Baião, onde a Natureza prodiga se esmerou em quadros de suprema belleza — é fertil em recordações de escriptores illustres.

Já n'outro livro (1) dei noticia das visitas de Camillo Castello-Branco ao meu torrão natal e con-

---

(1) *Camillo de perfil.*

tei a historia triste do amigo d'elle, José Augusto Pinto de Magalhães, da velha casa do Lodeiro, achegada á egreja em que fui baptisado e onde espero entrar no tremulo reclinatorio do athaude, na phrase de Alexandre Herculano. Expuz tambem n'esse livro as razões em que se funda a minha opinião sobre a origem do romance *O santo da montanha,* cuja trama, em meu parecer, Camillo urdiu inspirando-se na lenda da capellinha de Nossa Senhora do Martyrio, que, ao alto da freguezia, alveja, cercada pelo rosmaninho e pelas giestas d'um monte rude e agreste. Agora, vou referir, n'este livro, como foi que Eça de Queiroz aproveitou aquella formosa terra da Riba-Douro para d'ella fazer o scenario em que se desenvolve grande parte da acção do seu famoso livro *A cidade e as serras.*

É em demasia conhecido o enredo d'este romance, que é a amplificação e o desenvolvimento do conto que tem por titulo *Civilisação,* inserto no livro *Contos*, de Eça de Queiroz.

Em Paris, no seu palacio dos Campos Elyseos, Jacintho, «o Principe da Gran-Ventura», riquissimo, enfastia-se e boceja entre os requintes da civilização apurada e perfeita da *Ville Lumière.* Saciado de prazeres, farto de gozo e de sensações, já nada o diverte, já nada o encanta. Os dias decorrem-lhe pesados, sem um episodio que o seduza e distraia; as noites sem fim, se a insomnia atroz o não tortura, são povoadas de sonhos maus, que o fatigam, amollecem e enervam.

Os livros valiosos e variados, que abarrotavam as altas estantes de ebano da sua bibliotheca — mais de trinta mil volumes — não o desafiavam á leitura instructiva, e lá jaziam, quasi todos intactos, com as folhas virginaes impolluidas pela mão nervosa do dono. Faltava-lhe o appetite. As horas que pas-

sava entre o passeio ao Bosque de Bolonha e a musica da Grande Opera, esmagavam-n'o com o peso de immensa e invencivel tristeza. Mulheres de riso amavel... a tantos mil francos por noite, animados jantares nos Clubs, festas em palacios rutilantes de luz, conferencias de sabios, *sport*, theatros, musica, o ruido e o movimento, a vida intensa da cidade magnifica, de Paris brilhante, da grande capital do prazer e da elegancia — nada d'isso o interessava, nada o arrancava ao seu tedio oppressivo, ao seu insupportavel aborrecimento. Jacintho soffria de fartura, como dizia o seu velho escudeiro preto, o Grillo, «reluzente e veneravel na sua tesa gravata, no seu collete branco de botões de ouro.» (1) Era fartura de Paris, da Cidade, do *boulevard*, da civilização complicada, da vida intensa e confusa do grande centro.

Tudo corria mal ao triste «Principe da Gran-Ventura». Perseguia-o a *guigne*, tudo lhe falhava, em tudo a sorte lhe era esquiva e hostil. Exemplo: Uma noite, tendo a cear na sua casa dos Campos Elyseos

---

(1) No artigo *O «Francezismo»*, que se lê nas *Ultimas paginas* e tantas vezes tenho citado, escreveu Eça de Queiroz o seguinte:

«A minha mais remota recordação é de escutar, nos joelhos d'um «velho escudeiro preto, grande leitor da litteratura de cordel, as his«torias que elle me contava de Carlos Magno e dos Doze Pares.

....

«Tambem o meu preto lia contos tristes das aguas do mar. Eram «as aventuras d'um João de Calais.»

Vê-se que Eça de Queiroz encarnou no Grillo, o escudeiro preto, que elle faz figurar no seu romance *A cidade e as serras*, um outro escudeiro preto, que existiu e que de presumir é que tivesse vindo com o pae do romancista, do Brazil, onde o integro magistrado tinha nascido. É mais uma prova de que em todos os personagens dos livros d'Eça havia muito de real e verdadeiro.

um possante Gran-Duque, que o presenteára com um peixe delicioso da Dalmacia, o elevador — em que, da cozinha, o peixe raro subia, esplendido, fumegando entre rodellas de limão — encalhou, a meio caminho, desarranjado. E não havia fazer-se mover o ascensor, nem tirar da cova em que a teimosa machina emperrára, o peixe saboroso, que era o principal motivo da esplendorosa ceia. Resolveu-se então pescar o peixe. Formou-se d'um gancho de senhora um tosco anzol, e, com um cordel atado na ponta d'uma bengala, Sua Alteza o Gran-Duque, afadigado, a tresfolegar, curvou-se sobre o poço do elevador, a pescar o peixe. Mas o anzol não fisgava e o peixe lá ficou abandonado no taboleiro do ascensor, que, no melhor da festa, desastradamente encalhára. Tudo corria mal ao triste «Principe da Gran-Ventura»!... (1)

---

(1) O sr. José de Brito, distincto professor da Academia de Bellas Artes do Porto, que por muitos annos residiu em Paris, a estudar pintura, contou-me que assistiu ao caso authentico e verdadeiro que Eça de Queiroz, revestindo-o de episodios de phantasia, trasladou ás paginas do seu romance *A cidade e as serras.*

Foi assim. Eduardo Prado, o brilhante escriptor brazileiro que falleceu em 1901, auctor do livro *A illusão americana,* offerecia, na sua casa da rua de Rivoli, em frente do jardim das Tulherias, uma ceia a Eça de Queiroz e a varios amigos seus, entre os quaes o conde de Caparica, fallecido em dezembro de 1914, e o sr. José de Brito. Um dos pratos da ceia era um gordo e grande salmão, appetitoso, indigesto, servido frio.

— Você quer-me envenenar!... — gritou Eça de Queiroz, apertando com as mãos o estomago de dyspeptico, depois de ter examinado attentamente o peixe, atravez do seu monoculo.

— Não coma d'este. Vem ahi outro salmão quente — respondeu Eduardo Prado.

Mas, ao subir no elevador o salmão fumegante, deu-se o desastre: o ascensor encalhou!

Este facto prova, não só que Eça de Queiroz tinha por costume narrar nos seus livros scenas e acontecimentos interessantes, que

Tinha Jacintho um amigo intimo, José Fernandes, seu antigo condiscipulo nas Escolas do Bairro Latino, que um tio bondoso e condescendente mandára para Paris, estudar, depois que a Universidade cruel o riscára e expulsára de Coimbra, por elle ter feito n'um bolo a cara d'um lente. Foram amigos, os dois rapazes, como se os unisse o sangue de irmãos. Iam juntos ás festas e aos bailes, trocavam confidencias, estimavam-se com a sinceridade do affecto nascido nos dias alegres e radiosos da mocidade. Zé Fernandes via, com funda magua, o amigo entristecer e murchar-se entre o luxo e as commodidades que lhe proporcionavam os seus cento e nove contos de renda. Apaixonado pelas galas em que a Natureza viça nos valles reverdecidos e nas serras productivas, não cessava de apregoar aos ouvidos cançados de Jacintho a superioridade da vida livre e arejada da aldeia sòbre o fastidioso e confinado viver da cidade. E tanto prégou, o apostolo dos campos, tanto repetiu e alteou os seus gabos, que um dia Jacintho, n'um arranco decisivo, resolveu deixar Paris e partir para Tormes (1), a sua velha casa senhorial do Baixo Douro, abandonada havia muitos annos, entregue a caseiros, inhabitavel, sem conchêgo, mas susceptivel de ser reparada e de se tornar confortavel e acommodada para uns dias, quando muito umas semanas, de curta demora.

---

observava e se lhe afiguravam dignos de registo, mas ainda que o romancista eminente encarnou no heroe do seu romance *A cidade e as serras*, no Jacintho «Principe da Gran-Ventura», a personalidade do escriptor Eduardo Prado, homem rico, seu amigo e camarada nas letras — o que me foi confirmado por um antigo conselheiro d'Estado e ministro da Monarchia, e por um dos mais conhecidos editores de Lisboa, que tiveram com Eduardo Prado boas relações de amizade.

(1) No conto *Civilisação*, a velha casa de Jacintho, no Baixo Douro, tem o nome de Torges.

Acompanhado pelo seu Zé Fernandes — o inseparavel, Jacintho partiu de Paris com saudade, maldizendo a sua negra sorte, durante a viagem trabalhosa e incommoda. Chegaram. E logo os dois subindo, a cavallo, o aspero caminho que da linha ferrea, parallela ao Douro, ia dar a Tormes, esqueceram os seus males «ante a incomparavel belleza d'aquella serra bemdita!»

«Com que brilho e inspiração copiosa — escreve Eça de Queiroz no seu estylo d'oiro, descrevendo a paizagem do Baixo Douro e depois a casa solarenga de Tormes — a compozera o divino Artista «que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ri«camente as dotou, n'este seu Portugal bem-ama«do! A grandeza egualava a graça. Para os valles, «poderosamente cavados, desciam bandos de arvo«redos, tão copados e redondos, d'um verde tão «moço que eram como um musgo macio onde appe«tecia cahir e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao «carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu «toldo amavel, a que o esvoaçar leve dos passaros «sacudia a fragrancia. Atravez dos muros secula«res, que sustem as terras liados pelas heras, rom«piam grossas raizes colleantes a que mais hera se «enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brota«vam flôres silvestres. Brancas rochas, pelas encos«tas, alastravam a solida nudez do seu ventre po«lido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen «e de silvados floridos, avançavam como prôas de «galeras enfeitadas: e, d'entre as que se apinhavam «nos cimos, algum casebre que para lá galgára, todo «amachucado e torto, espreitava pelos postigos ne«gros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, «que o vento lhe semeára nas telhas. Por toda a «parte a agua sussurrante, a agua fecundante... Es-

«pertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, «d'entre as patas da egua e do burro; grossos ribei-«ros açodados saltavam com fragor de pedra em pe-«dra; fios direitos e luzidios como cordas de prata «vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; «e muita fonte, posta á beira de veredas, jorrava por «uma bica, beneficamente, á espera dos homens e «dos gados... Todo um cabeço por vezes era uma «ceára, onde um vasto carvalho ancestral, solitario, «dominava como seu senhor e seu guarda. Em so-«calcos verdejavam laranjaes rescendentes. Cami-«nhos de lages soltas circumdavam fartos prados com «carneiros e vaccas retouçando: — ou mais estrei-«tos, entalados em muros, penetravam sob rama-«das de parra espessa, numa penumbra de repouso «e frescura. Trepavamos então alguma ruasinha de «aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figuei-«ras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, «o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros «remotos, por cima da negrura pensativa dos pi-«nheiraes, branquejavam ermidas. O ar fino e puro «entrava na alma, e n'alma espalhava alegria e for-«ça. Um esparço tilintar de chocalhos de guizos «morria pelas quebradas...

«Jacintho adiante, na sua egua ruça, murmurava:

«— Que belleza!

«E eu atraz, no burro de Sancho, murmurava:

«— Que belleza!

«Frescos ramos roçavam os nossos hombros com «familiaridade e carinho. Por traz das sebes, carre-«gadas d'amoras, as macieiras estendidas offere-«ciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham «maduras. Todos os vidros d'uma casa velha, com «a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente «quando nós passámos. Muito tempo um melro nos «seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos

«louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de ma-
«cieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sem-
«pre comtigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra
«de fartura e de paz, serra bemdita entre as serras!

«Assim, vagarosamente e maravilhados, chega-
«mos áquella avenida de faias, que sempre me en-
«cantára pela sua fidalga gravidade. Atirando uma
«vergastada ao burro e á egua, o nosso rapaz, com
«o seu podengo sobre os calcanhares, gritou: —
«Aqui é que estêmos, meus amos!» E ao fundo das
«faias, com effeito, apparecia o portão da quinta de
«Tormes, com o seu brazão de armas, de secular
«granito, que o musgo retocava e mais envelhecia.
«Dentro já os cães ladravam com furor. E quando
«Jacintho, na sua suada egua, e eu atraz, no burro
«de Sancho, transpozemos o limiar solarengo, des-
«ceu para nós, do alto do alpendre, pela escadaria
«de pedra gasta, um homem nedio, rapado como um
«padre, sem collete, sem jalleca, acalmando os cães
«que se encarniçavam contra o meu Principe. Era o
«Melchior, o caseiro...

. . . . . .

«Em cima, uma larga varanda acompanhava a
«fachada do casarão, sob um alpendre de negras vi-
«gas, toda ornada, por entre os pilares de granito,
«com caixas de pau onde floriam cravos. Colhi um
«cravo amarello — e penetrei atraz de Jacintho nas
«salas nobres, que elle contemplava com um mur-
«murio de horror. Eram enormes, d'uma sonoridade
«de casa capitular, com os grossos muros ennegre-
«cidos pelo tempo e o abandono, e regeladas, deso-
«ladamente núas, conservando apenas aos cantos
«algum monte de canastras ou alguma enxada en-
«tre paus. Nos tectos remotos, de carvalho apaine-
«lado, luziam atravez dos rasgões manchas do céo.
«As janellas sem vidraças conservavam essas mas-

«siças portadas, com fechos para as trancas, que, «quando se cerram, espalham a treva. Sob os nossos «passos, aqui e além, uma taboa pòdre rangia e cedia.

«— Inhabitavel! rugia Jacintho surdamente. Um «horror! Uma infamia!...

«Mas depois, n'outras salas, o soalho alternava «com remendos de taboas novas. Os mesmos re«mendos claros mosqueavam os velhissimos tectos «de rico carvalho sombrio. As paredes repelliam «pela alvura crúa da cal fresca. E o sol mal atra«vessava as vidraças — embaciadas e gordurentas «da massa e das mãos dos vidraceiros.

«Penetramos emfim na ultima, a mais vasta, ras«gada por seis janellas, mobilada com um armario «e com uma enxerga parda e curta estirada a um «canto: e junto a ella paramos, e sobre ella depuze«mos tristemente o que nos restava de vinte e trez «malas — o meu paletot alvadio, a bengala de Ja«cintho, e o *Jornal do Commercio* que nos era com«mum. Através das janellas escancaradas, sem vi«draças, o grande ar da serra entrava e circulava «como n'um eirado, com um cheiro fresco d'horta «regada. Mas o que avistavamos, da beira da en«xerga, era um pinheiral cobrindo um cabeço e des«cendo pelo pendor suave, á maneira d'uma hoste «em marcha, com pinheiros na frente, destacados, «direitos, emplumados de negro; mais longe, as ser«ras d'além rio, d'uma fina e macia côr de violeta; «depois a brancura do céo, todo liso, sem uma nu«vem, d'uma magestade divina. E lá debaixo, dos «valles, subia, desgarrada e melancolica, uma voz «de pegureiro cantando.

«Jacintho caminhou lentamente para o poial d'uma «janella, onde cahiu esbarrondado pelo desastre, sem «resistencia ante aquelle brusco desapparecimento «de toda a Civilisação!

.....

«Sob a janella vicejava fartamente uma horta, com «repolho, feijoal, talhões de alface, gordas folhas de «abobora rastejando. Uma eira, velha e mal alisada, «dominava o valle, d'onde já subia tenuemente a ne«voa d'algum fundo ribeiro. Toda a esquina do ca«sarão d'esse lado se encravava em laranjal. E d'uma «fontinha rustica, meio afogada em rosas tremedei«ras, corria um longo e rutilante fio d'agua.

.....

«E descemos por uma lobrega escada de castello, «tenteando depois um corredor tenebroso de lages «asperas, atravancado por profundas arcas, capazes «de guardar todo o grão d'uma provincia. Ao fundo «a cozinha, immensa, era uma massa de formas ne«gras, madeira negra, pedra negra, densas negru«ras de felugem secular. E n'este negrume refulgia «a um canto, sobre o chão de terra negra, a fogueira «vermelha, lambendo tachos e panellas de ferro, «despedindo uma fumarada que fugia pela grade «aberta no muro, depois por entre a folhagem dos «limoeiros. Na enorme lareira, onde se aqueciam e «assavam as suas grossas peças de porco e boi os «Jacinthos medievaes, agora desaproveitada pela «frugalidade dos caseiros, negrejava um poeirento «montão de cestas e ferramentas; e a claridade toda «entrava por uma porta de castanho, escancarada «sobre um quintalejo rustico em que se misturavam «couves lombardas e junquilhos formosos.»

.....

Em Tormes, Jacintho, lógo desde os primeiros dias em contacto pleno com a Natureza, mudou. Fez-se outro. Já não era aquelle Jacintho molle, macambuzio, tristonho, quasi moribundo, de Paris e dos *boulevards*. Era um Jacintho sadio e forte, alegre, re-

moçado, radiante, que se embriagava com bom ar e bom sol, por aquelles campos e chapadas da quinta dos seus remotos avoengos. Zé Fernandes fazia-lhe boa e animada companhia. Tambem de quando em quando «o bom Silverio, o procurador, mettido n'um espantoso jaquetão de veludilho amarello, debruado de seda azul», lhe dava conversa ao almoço, «passando o guardanapo por sobre a larga face suada e por sobre as immensas barbas negras, como as de um turco», espetando, ora em Zé Fernandes, ora em Jacintho, «os olhinhos agudos e reluzentes como vidrilhos», emquanto «sacudia gravemente a calva trigueira».

«O Principe da Gran-Ventura», mortificado pelas insomnias de Paris, passou a dormir regaladamente, na sua casa de Tormes, entre os lençoes brancos e frescos, a rescenderem aromas de linho e das hervas perfumadas dos campos, onde se estendiam, a enxugar. Passava os dias trilhando asperas veredas, palmilhando varzeas e chans avelludadas de relva macia. Subia as encostas das serras, mergulhava nas sombras das mattas espessas, bebia a agua nevada e pura das fontes, sentava-se nas pedras afofadas de musgo, que os braços folhudos dos castanheiros cobriam. De manhã, bem cedo, levantava-se, paroleava uns instantes com o Melchior, o caseiro da quinta, «um homem nedio, rapado como um padre», e depois lá ia pelos pinhaes, ou por entre os milhos, encantar-se com as bellezas da Natureza rica e sã. Quedava-se á beira dos ribeiros franjados de espuma, ou dos regatos murmurantes, onde a agua corrente escorregava, a reluzir entre os seixos; trepava aos altos cêrros, a aspirar o ar frio e puro, a ouvir o brando piar das aves na ramaria dos arvoredos; entretinha-se á borda dos caminhos, ou á sombra dos parreiraes, em conversas vagas e

simples com os trabalhadores e caseiros; e á noite, depois do sereno morrer das tardes quentes de estio, ficava-se horas esquecidas, á janella do seu casarão, a deliciar-se com o canto divino dos rouxinoes emboscados nos laranjaes.

Um dia, de manhã, á hora em que a nevoa cobria ainda os altos montes distantes, Jacintho, ao lado de Zé Fernandes, seguindo o bom abbade da freguezia e levando atraz o procurador Silverio, «solemnissimo, com um immenso peitilho, onde as barbas immensas se alastravam, negrissimas», o cáseiro Melchior e um bando de mulheres a rezar avé-marias, fez processionalmente a trasladação dos ossos dos seus avós medievaes, da capella velha, que tinha desabado com as chuvas, para a capellinha branca e nova que dominava e protegia o valle da Carriça, «solitaria e muito nua, no meio d'um adro, ainda mal alisado, sem uma verdura de relva, uma frescura d'arbusto». Foi uma cerimonia simples, sem pompa, finda a qual as ossadas dos avós venerandos, que outr'ora, de morrião emplumado, cobertos de ferro e armados de lança, tinham sido fortes guerreiros, lá ficaram, na linda capella que branquejava, alva como a neve alpina, no pendor da serra, entre as urzes e o matto.

Em Tormes e nas vizinhanças, por toda a serra salpicada de casitas alegres, Jacintho tornou-se popular. Distribuia dinheiro ás creanças, saudava familiarmente as mulheres, era o pae compadecido dos pobres, o bemfeitor caridoso d'aquella gente simples e rude. Aos domingos, depois da missa na capella do seu solar, regalava com doces as raparigas e, no terreiro da casa, fartava os homens de vinho.

«O Silverio já sustentava com espanto, e redo-
«brado respeito, que o sr. D. Jacintho em breve dispo-
«ria de mais votos nas eleições que o Dr. Alypio. E eu

«proprio me impressionei, quando o Melchior me con-
«tou que o João Torrado, um velho singular d'aquel-
«les sitios, de grandes barbas brancas, hervanario,
«vagamente alveitar, um pouco adivinho, morador
«mysterioso d'uma cova no alto da serra, a todos af-
«firmava que aquelle bom senhor era El-Rei D. Se-
«bastião, que voltára!»

Tinha Zé Fernandes um tio, que era pae d'uma linda Joanninha de bellos olhos, face còr de rosa, fartos e ondeados cabellos. Jacintho e o amigo inseparavel, depois d'um almoço sadio, partiram, n'uma bella manhã de setembro, a cavallo, para Flòr da Malva, em visita ao bondoso velho. E Jacintho viu lá a encantadora Joanninha de olhos meigos, com quem casou depois, em maio, e com ella, e com os filhos que nasceram, ficou para sempre nas serras, embebido na belleza suprema dos montes e dos campos, esquecendo na doce paz da sua casa de Tormes — tornada Castello da Gran-Ventura — os ruidos de Paris e os seus prazeres e a sua civilização complicada e enfadonha de grande cidade cosmopolita.

Tal é, visto em fugidio relance, o singelo enredo do formoso romance de Eça de Queiroz, em que o brilhante escriptor, como atraz fica dito, ampliou a acção do seu conto *Civilisação.*

*

* *

Obra linda, este livro benefico e saudavel, que o brilhante romancista intitulou *A cidade e as serras.* Livro bello e bom, cheio de suavidade e de ternura, illuminado pelo carinho com que Eça descreve, canta e exalta as serras fartas e próvidas. Livro que é um encanto, um bucolico poema de amplas bellezas, ennastradas por mão de mestre em paginas que se

lêem com delicia e commoção. Livro que é um hymno d'amor pelo seu paiz, que Eça tanto ferira com golpes de ironia e de sarcasmo. Livro de superior moral, em cujas folhas a vida tranquilla e pujante do campo fera$$issimo, cheio de paz, contrasta com o viver tumultuoso e barulhento da cidade esplendorosa, cheia de vicios.

Não podia Eça de Queiroz escrevel-o se não tivesse visto as serras abençoadas, se não calcasse o seu torrão uberrimo com os seus pés habituados a pisar o sujo e negro asphalto das avenidas parisienses. E essas lindas serras, que elle viu e tão perfeitamente descreveu no seu livro gentilissimo, essas serras que formam uma das paizagens mais imponentes e mais grandiosas que os meus olhos teem visto e admirado, são as serras queridas da minha terra, as serras da freguezia rural onde eu nasci — as serras de Santa Cruz do Douro.

Eu conto.

A illustre senhora que Eça de Queiroz esposou, D. Emilia de Castro Pamplona, da nobre familia dos condes de Rezende, possuia, quando casada, e continua a possuir, depois que é viuva, uma casa chamada a Casa de Villa Nova, situada na freguezia da minha naturalidade. Herdou-a, bem como a grande quinta circumjacente, de sua mãe, a senhora D. Maria Balbina Pamplona Carneiro Rangel Velloso Barreto de Figueiròa de Sousa Holstein, que nasceu a 20 de agosto de 1819 e foi casada com o quarto conde de Rezende, D. Antonio Benedicto de Castro, decimo oitavo almirante do reino, senhor de Penella, de Reriz e de Bemviver, e do Paço e morgado de Rezende. Esta quinta extensissima e esta casa de Villa Nova tinham sido propriedade dos Figueiròas, senhores da quinta de Santo Ovidio, no Porto, nobre familia a que pertenceram o Doutor Francisco Car-

neiro de Figueirôa, do conselho d'El-Rei D. João V e reitor da Universidade de Coimbra, e seu sobrinho João de Figueirôa Pinto, alcaide mór de Portel, contador da Fazenda Real, no Porto. No primeiro quartel do seculo XIX, era senhor da quinta e casa de Villa Nova, e tambem da de Santo Ovidio, Francisco de Figueirôa Pinto, que, não tendo successão, as deixou ao seu proximo parente Manoel Pamplona Carneiro Rangel Velloso Barreto de Miranda e Figueirôa, primeiro visconde de Beire, do conselho dos Reis D. João VI, D. Pedro IV e D. Maria II, duodecimo senhor do morgado de Beire, par do reino e tenente general do exercito, que na guerra peninsular batalhou distinctamente e foi casado com D. Maria Helena de Sousa Holstein, irmã do primeiro duque de Palmella. Succedeu-lhe na casa, e, portanto, na propriedade da quinta e casa de Villa Nova, a filha primogenita, D. Maria Balbina (1), mãe da esposa de Eça de Queiroz.

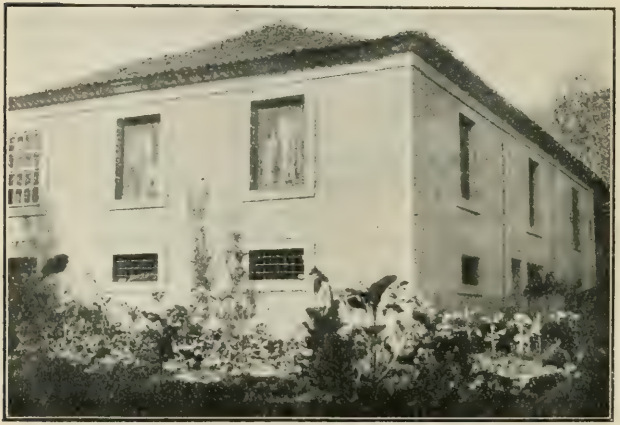
O solar de Villa Nova é um espaçoso e massiço casarão de granito, do seculo XVI, reformado, talvez, no seculo XVIII, para o qual se sóbe por uma poída escadaria de dois lanços, que um largo alpendre ensombra e protege. Corrida com a fachada que faz angulo recto com a frontaria, estende-se — unica parte que resta da primitiva construcção — uma varanda de fortes pilastras, onde, em caixotes de pau, outr'ora floresceram cravos de variadas côres. As janellas, quasi todas sem vidraças, denunciam que

---

(1) A senhora D. Maria Balbina, condessa de Rezende, depois do brutal *ultimatum* que a Inglaterra, em 11 de janeiro de 1890, dirigiu a Portugal, devolveu ao governo inglez a medalha que seu pae, o visconde de Beire, tinha ganho nas guerras da peninsula, combatendo á sombra das bandeiras alliadas do exercito anglo-luso.

Nobilissima acção!

o sombrio edificio, deshabitado desde ha muito pelos seus donos, tem apenas por moradores os caseiros que cultivam e lavram a vasta e fertil quinta que o cérca. Á esquerda do portão senhorial e pegada com



CASA DE VILLA NOVA
No romance, casa de Tormes.

a varanda, a capella (1) fecha, por aquelle lado, o amplo pateo que antecede a nobre moradía. Salas

(1) Esta capella, da invocação de Santo Antonio, é original, por ter o côro lateral, da banda da epistola, o que faz que o telhado seja d'esse lado mais alto. Já existia em 1595, visto que se encontra mencionada no Tombo antigo da freguezia de Santa Cruz do Douro, feito a 27 de janeiro d'esse anno pelo rev.º abbade Pedro Florim e approvado a 12 d'outubro de 1597—sendo administrador da capella Francisco Neto—pelo prelado Gaspar de Gois. O prelado era o abbade de Soalhães. A freguezia de Santa Cruz do Douro constituia outr'ora uma prelazia *nullius diocesis* e eram seus prelados os abbades da freguezia de S. Martinho de Soalhães, no actual concelho do Marco de Canavezes.

enormes, desconfortaveis, de velhos tectos afumeados, com as paredes desguarnecidas e os soalhos a esfarelarem-se, formam o interior do vetusto solar. Á direita da entrada, está o quarto em que Eça de

CASA DE VILLA NOVA

A entrada. A' direita, a janella envidraçada do quarto de Eça de Queiroz.

Queiroz dormia, quando ia a Villa Nova. É o unico em que as vidraças servem de embaraço ao frio, á chuva e á furia dos temporaes. Lá vi, não ha muito tempo, ao lado d'um montão de batatas greladas, desmantelada, ao abandono, a velha cama de madeira ennegrecida em que o inclito escriptor repousava o corpo de valetudinario, quando parava no seu casarão do Douro. Do lado esquerdo, topam-se os aposentos da casa, hoje transformados em habitação dos caseiros. Por um corredor escuro como o

interior d'uma crypta, passa-se á cozinha terrea e negra, onde a luz do sol entra a custo; e cá fóra, sob as janellas de altos poiaes e portadas carcomidas, d'onde se vêem, nos outeiros distantes, escuros pinheiros e densos carvalhaes, cresce o pomar e rescende a horta de largos talhões, que a agua de rega fertiliza e fecunda. Ao lado, alastra-se a eira em que se sécca o milho produzido por largas terras de semeadura.

Tal é, em escòrço, com a sua moldura de verduras, a casa de Villa Nova, no Baixo Douro, que Eça de Queiroz, chamando-lhe a casa de Tormes, tão brilhantemente descreve no seu livro encantador *A cidade e as serras*. É o mesmo portão d'entrada; a mesma escadaria de pedra, já gasta; a mesma varanda, onde, em tempos idos, os cravos viçaram, n'uma luxuriante polychromia; os mesmos salões espaçosos, de altos tectos de castanho; a mesma capellinha, á entrada, onde hoje as aranhas tecem tranquillamente as suas teias; a mesma lobrega cozinha, escurentada e ennegrecida pelo fumo de muitos annos.

Tudo o que a penna rica e maravilhosa do romancista eximio pintou na Tormes phantasiada, existe e vê-se, como eu tenho visto vezes sem conta, na Villa Nova da realidade. Apenas lá não verdeja nem se alonga aquella ampla avenida de faias, de «fidalga gravidade», que Eça de Queiroz ideou em frente do portão brazonado da fertil quinta de Tormes.

*

* *

Em vida de Eça de Queiroz foi seu procurador e arrendatario da quinta de Villa Nova — cujos socalcos hoje se arruinam, sem que mão piedosa e vale-

dora os levante e reconstrua — um homem que eu muito bem conheci. Espadaúdo, alto e nutrido, de longas barbas negras, pousadas sobre a larga arca do peito, olhos penetrantes e vivos, á flôr do rosto bochechudo e crestado, morreu vae para oito ou nove annos. Chamava-se José Pinto de Sousa e era mais conhecido pelo nome de José Pinto Saleiro, porque o pae tinha sido vendedor de sal. (1) Era pessoa alegre, expansiva, de franco riso e palavra franca. Apesar de feio e barbaçudo, não deixava de ser sympthico e affectuoso, dizendo as más linguas — linguas ervadas!... — que o não desdenhavam as mulheres... Frequentador de feiras, onde o levavam negocios ruraes, e a compra, venda e troca de gados, era facil encontrar José Pinto, bifurcado na sua egua, coberto por um amplo capote, imponente como um arcebispo, choutando por aquelles pedregosos e asperos caminhos da minha terra. Lavrador remediado, agenciador, tendo feito bom negocio na troca de libras em ouro por notas do Banco de Portugal, quando, ha annos, estalou a crise financeira, com muitos conhecidos e certa influencia no povo da freguezia, tinha queda para galopim eleitoral e levava á urna algumas dezenas de votantes. Sempre que eu e os meus andavamos envolvidos e empenhados em renhida lucta politica, solicitando os votos dos eleitores renitentes, José Pinto, affavel, chalreador, era certo na nossa companhia, quando percorriamos a região dos seus dominios. Bom homem, o José Pinto Saleiro, e influido em eleições como o procurador Silverio, da Tormes imaginaria.

José Pinto falava de Eça de Queiroz com respeito

---

(1) No seu conto, *Civilisação*, Eça de Queiroz deu ao procurador de Jacintho o seu verdadeiro appelido. Ahi, chama-se elle o sr. Sousa, e não Silverio, como succede em *A cidade e as serras*.

e tambem com o embaraço, o enleio com que um rude e tosco homem das serras se refere a um ser superior, que admira mas não comprehende. Eça estimava-o, e, como o achasse figura aproveitavel para entrelaçar na acção d'um romance, estudou-o cuidadosamente, observou-o com aquella intuição artistica e visão clara de quem se habituára, havia muito, a photographar nas paginas de livros de phantasia personalidades reaes. É elle o procurador Silverio de *A cidade e as serras*. O bom José Pinto Saleiro todo se orgulhava de figurar n'um livro de seu amo e jactava-se, vaidoso e desvanecido, de ter recebido uma carta do escriptor illustre, em que este lhe communicava que, sob a capa d'um nome de emprestimo, o faria desempenhar um bom papel em um romance que estava escrevendo. Procurei agora ver essa carta, para a publicar n'este meu livro. Infelizmente, esse importante documento já não existe. Os herdeiros de José Pinto de Sousa foram-se aos seus papeis, ás cartas por elle deixadas, e queimaram tudo! Assim se perdeu um documento valioso e que por todos os titulos era interessantissimo. (1)

O caseiro Melchior, de «nedia face d'abbade», que lavrava a quinta de Tormes, tambem existiu: com a differença que o real, o verdadeiro caseiro, não se chamava Melchior, mas sim Miguel. Era elle, o Miguel Soares Braz, que arroteava a fertil quinta de Villa Nova. No seu conto intitulado *Civilisação,* Eça de Queiroz não occultou ao caseiro o seu verdadeiro appellido: ahi, chama-se elle Zé Braz e não Melchior.

Foram estes dois homens incultos da minha terra

---

(1) Ácêrca de José Pinto de Sousa, veja-se a carta dirigida por Eça de Queiroz ao conde de Arnoso, adeante publicada, na terceira parte d'este livro.

que serviram a Eça de Queiroz, em Villa Nova, o copioso almoço a que elle se refere nas palavras que illustram a primeira pagina d'este capitulo, dirigidas ao conde de Arnoso, em carta publicada pelo *Diario illustrado* no primeiro anniversario da morte do romancista eminente:

«Depois parei nas serranias do Douro, em Santa «Cruz — onde fiquei dois dias a descançar. (quasi de-«via dizer a convalescer) do tremendissimo almoço «com que o meu rendeiro me honrou, logo na manhã «da chegada, ás *dez horas* d'uma doce manhã! O «prato mais ligeiro era um anho assado. Na cabi-«della entrava toda uma capoeira. Sobre a meza, «em vez de garrafa, pousava um pipo!»

Comparem-se agora estes periodos, que deixo transcriptos, com os que seguem, traçados pela penna scintillante de Eça de Queiroz no seu livro *A cidade e as serras,* quando dá noticia da refeição abundante com que, em Tormes, Jacintho «o Principe da Gran-Ventura» obsequiou o seu amigo Zé Fernandes: vêr-se-ha que é o mesmo almoço da realidade, com anho, cabidella e tudo:

«Com effeito! Horacio dedicaria uma ode áquelle «cabrito assado n'um espeto de cerejeira. E com as «trutas, e o vinho Melchior, e a cabidella, em que a «sublime anã de olhos tortos puzera inspirações «que não são da terra, e aquella doçura da noite de «Junho, que pelas janellas abertas nos envolveu no «seu velludo negro, tão molle e tão consolado fiquei, «que, na sala onde nos esperava o café, cahi n'uma «cadeira de verga, na mais larga, e de melhores al-«mofadas, e atirei um berro de pura delicia.»

*
* *

Outras reminiscencias de Santa Cruz do Douro, onde Eça foi varias vezes, se encontram no seu formoso livro *A cidade e as serras.*

A capellinha nova da Carriça, «dominando o valle, solitaria e muito nua», para onde, na imaginação do romancista, foram trasladados os ossos dos avós de Jacintho, lá está, em Santa Cruz do Douro, sobranceira á quinta de Villa Nova. Sómente nunca para lá foram ossos... A capella velha, d'onde se fez a supposta trasladação, das ossadas, tambem lá se vê, a alvejar em meio dos montes. É a ermida de Nossa Senhora do Martyrio — que, felizmente, as chuvas ainda não fizeram desabar... — a que já me referi largamente em outro livro, por me parecer que a lenda que lhe anda presa foi a origem d'um interessante romance de Camillo. O João Torrado, que apparece de relance em *A cidade e as serras,* «um velho singular d'aquelles sitios, de grandes barbas brancas, hervanario, vagamente alveitar, um pouco adivinho, morador mysterioso d'uma cova no alto da serra», seria talvez, no espirito de Eça de Queiroz, que o ideou, vaga lembrança do ermitão desconhecido, que, segundo reza aquella velha lenda, de certo contada ao romancista, construiu, á custa de esmolas, a primitiva ermida de Nossa Senhora do Martyrio, onde está sepultado.

Os campos de Freixomil e o sitio da Corujeira, a que Eça de Queiroz se refere no seu livro, são ainda reminiscencias de Santa Cruz do Douro, onde, proximo da casa de Villa Nova, ha o logar de Queixomil, e, um pouco adeante da capellinha branca de Nossa Senhora do Martyrio, o das Corujeiras, alcandorado na serra. A curta distancia, está «o sitio onde exis-

tira a ruina d'um velho castro romano», que o Zé Fernandes do romance mostrou, solicito, ao seu amigo Jacintho. É o castro de Mantel, notavel estação pre-romana do concelho de Baião. Existem ainda distinctos vestigios das duas linhas de muralhas que guarneciam o *oppidum*, e, fóra da primeira linha, do lado do nascente, lá está um largo fosso, junto do qual se esboroam as ruinas d'um pequeno forte. Dentro do castro, teem-se encontrado cacos de barro, talvez de origem romana.

Como se vê, Eça de Queiroz espalhou por todas as paginas da parte mais formosa do seu romance *A cidade e as serras* lembranças das impressões que abundantemente colheu nos queridos montes da minha terra querida. Bem fez — que o estylista elegantissimo, para descrever com amor e ternura as serras de Portugal, não podia escolher mais lindas serras que as minhas. Serras bemfazejas e prodigas em dadivas de abundancia e de belleza; serras por onde a Natureza opulenta, creadora e gentil, espalhou com munificencia todos os deslumbrantes thesouros da sua bondade; serras em que os campos riem na sua verdura tenra, as flôres se desfazem em suaves perfumes, os arvoredos se miram na agua espelhada dos regatos fugidios, as aves cantam escondidas nas moitas de madresilvas, os rebanhos pastam o serpão e a malva, as torrentes se despenham, a uivar, por entre fraguedos que as rendas da espuma enfeitam. Serras em que é uma delicia viver-se, vendo, nas manhãs roseas d'abril, despontar no oriente a aurora resplandecente e radiosa, triumphante como um brado de victoria, e á tarde morrer com serenidade o sol, n'aquella hora inefavel em que os seus ultimos raios ensanguentam de purpura as encostas ladeirentas e incendeiam de gloria os altos cumes denticulados. Serras que em noites de lua cheia o luar

opalino e carinhoso como que transforma em grandiosos castellos de fadas, cercados de trovadores — os rouxinoes enamorados. Quando a primavera as enflora e reverdece, ha poemas d'amor e de meiguice por aquelles valles sorridentes, cujos echos harmoniosos repetem os gorgeios e as canções das aves. Quando as amarellece o outomno, ondeam torrentes d'oiro por aquellas ferteis collinas, onde as videiras se enredam nas arvores e estas se arrepiam e encrespam com os beijos da viração.

Era ali, nas verdejantes serras que me viram nascer, cheias de murmurios e de aromas, alagadas de sol, imponentes na sua grandeza, que, aborrecido da cidade, como Herculano, Eça de Queiroz, n'uma doce aspiração que nunca realizou, queria ficar para sempre, vivendo na paz dos campos, no socego das mattas escuras, emballado pela agua a correr e a cantar nas fontes. Era ali, na sua casa de Villa Nova, que o escriptor admiravel, sorrindo ás serras de Portugal, desejava passar os seus ultimos annos, a repousar do seu cançaço, de quando em quando a sonhar. Sim, a sonhar, phantasiando, até que a morte, que a todos adormece, para todo o sempre o adormecesse...

CAPITULO IV

Os plagios d'Eça de Queiroz

> Os novos escriptores não avançam um pé que não pousem na pégada que deixaram outros.
>
> EÇA DE QUEIROZ. *O mysterio da estrada de Cintra.* (Carta-prefacio da segunda edição.)

Este capitulo do meu pobre livro é mais que delicado: é extremamente melindroso. Leve-se-me esta declaração franca e sincera á conta da boa intenção com que o escrevo. Bem sei que podia, e me era facil, omittir n'este volume o embaraçoso assumpto que este capitulo versa; mas, se eu tal fizesse, soffreria a minha probidade de critico e de escriptor, que, apesar do meu desmerecimento, acima de tudo préso. Cumprirei, pois, o meu dever, embora com as restricções e a prudencia que outro dever não menos forte me impõe.

O escriptor que plagia, fazendo crer que são producções suas o que é obra e trabalho d'outro auctor, merece censura asperrima e arca sempre com o desdem e com a desestima de quem lê intelligentemente e de quem faz critica honesta e conscienciosa. Plagiar é furtar. É fazer passar como proprias, ideias, concepções, phrases, palavras alheias. É subscrever como original aquillo que não passa de grosseiro traslado e copia indecorosa e miserrima. Plagiar é uma burla, e burla que tem

sempre duro castigo. O publico é o juiz inexoravel que lavra a rigorosa sentença, de que nem sequer ha o recurso de appellação. Para seu justo castigo, o plagiario, sobretudo o plagiario reincidente, deixa sempre no espirito do leitor a tremenda suspeita de que uma pagina de superior belleza, qualquer pensamento singular, qualquer nobre passagem de um livro superior, não são originaes, mas transumpto fiel ou uma lastimosa imitação. E é terrivel a impressão de pesar, de decepção e de desgosto que esta duvida pungente causa a quem lê e ama e admira um escriptor de merecimento e de vulto. Ahi está a pena pesadissima que os plagiarios, a um tempo reus e juizes punidores, applicam inconscientemente, mas com rigor cruel, ao seu feio delicto de má fé e de dolo. Suppõem elles, sempre, que a sua felonia não será desmascarada e que a fraude ficará ignorada e impune, por serem elles os unicos a conhecer o filão alheio que exploraram. Que ingenuidade!... Não se lembram, quando assim prevaricam, apossando-se do que lhes não pertence, que os eruditos, os curiosos, os conhecedores, e as mais das vezes o acaso, fazem que venham a descobrir-se os plagios, sendo apontadas, com ignominia para quem plagía, as peças demonstrativas da sua culpa.

Tem havido muitos plagiarios? Tem. Virgilio plagiou o poeta Ennius, de quem dizia que se encontravam perolas na sua esterqueira — *de stercore Ennii;* o nosso Camões plagiou Virgilio; Leonardo Bruni, chamado o Aretino d'Arezzo, publicou, com a sua assignatura, a *Historia dos godos*, de Procopio; Corneille e Racine plagiaram os tragicos gregos; Alexandre Dumas apropriou-se de capitulos inteiros de Walter Scott; o nosso chronista Ruy de Pina foi-se ás chronicas de Fernão Lopes e não teve mãos a

medir na imitação; Shakspeare é accusado de se ter servido de planos de velhos dramas para architectar as suas tragedias geniaes; Ernesto Renan sabe-se que imitou Strauss; Alexandre Herculano foi denunciado como imitador das *Paroles d'un croyant*, de Lamennais, nos periodos epicos da *Voz do propheta*; Garrett é tido, no seu *Catão*, como plagiario da tragedia *Cato*, do escriptor inglez José Addison; o notavel orador Alves Mendes foi arguido de ter copiado, na sua *Italia*, paginas e paginas de Castellar; o sr. Guerra Junqueiro, como refere Camillo Castello-Branco no *Cancioneiro alegre*, plagiou uma poesia completa, que tem o titulo *No Bussaco*, do poeta Luiz Carlos Simões Ferreira; a Sophocles foi imputada a culpa de plagiar e o mesmo succedeu a Molière, Jean Jacques Rousseau, Voltaire, Edmundo About — quantos mais! Mas dir-me-hão que os crimes d'estes não absolvem os delictos d'outros...

Bem sei. Os actos reprehensiveis d'uns não relevam da culpa quem quer que delinqua. Mas no vasto campo da arte é tão numerosa a legião dos reus, em materia de plagio ou de imitação!... É vulgar observar-se um quadro, uma estatua, um monumento, em que se notam linhas e traços que outros artistas já anteriormente haviam pintado ou esculpido. Os proprios mestres não desdenham a agua limpida e pura que vão beber a longos tragos em fonte que lhes não pertence. Na obra de Anatole France, não se conhecem bem influencias de Voltaire, de Flaubert, de Renan? Na de Rostand, não as ha de Marivaux e de Theodoro de Banville? De Rossini, do genio musical que compoz o *Guilherme Tell* e *O barbeiro de Sevilha*, se conta que na noite do ensaio geral de uma das suas operas de mais nomeada, convidou um amigo, musico de competencia, para ouvir a execução do seu novo *spartito* e ácêrca d'elle lhe

dar parecer franco e leal. Occuparam, os dois, um camarote do fundo do theatro, e d'ali assistiram ao ensaio geral, em que a orchestra e os cantores se houveram com mestria e pericia no desempenho da opera, cujas bellezas levaram o auditorio a romper n'uma ovação triumphal.

— Que te parece?... — perguntou Rossini ao seu amigo, quando o ensaio findou e os applausos acalmaram.

— Parece-me que tu copiaste os melhores trechos de Beethoven! — respondeu o outro, invejoso e despeitado.

— Pudéra!... Havia de copiar-lhe os peores?... — retorquiu o grande compositor, sacudindo com enfado a enorme cabeça, em que se lhe agitava a cabelleira leonina.

E voltou as costas ao amigo, que o entreolhava pasmado!

Em literatura, são hoje raros os que se apresentam envoltos na alva e pura chlamyde da originalidade. A quasi todos se póde applicar, com justiça, aquillo que Voltaire diz na satyra do *Pobre diabo: Il compilait, compilait...* Comtudo, é necessario haver criterio e justiça na apreciação do que se lê, para se não cahir em erros grosseiros ou para se não commetter injustiça flagrante. Muitas vezes não é plagio ou imitação o que se julga ferreteado com esse estigma indelevel: é concordancia de ideias e de pensamentos, accomodação de imagens a outras já anteriormente photographadas, identidade de concepção, paridades de plano. Quantas vezes a carcassa d'um drama, a urdidura d'um romance, o esboço d'um quadro ou d'uma paizagem em paginas de rara belleza, o simples arredondado d'um periodo ou d'uma phrase, coincidem, sem se saber, com o que outros já tinham escripto. Houve plagio? Não. Julio

Diniz, achando similhança entre um trecho d'um livro de Octavio Feuillet, que estava lendo, e o que elle proprio tinha escripto, não sei em que capitulo do seu romance *Uma familia ingleza*, traçou no seu livro de notas estas conceituosas palavras:

«Com estas e outras descobertas aprende-se, á «custa propria, a não ser precipitado em attribuir «propositos de plagiario a quem innocentemente «muitas vezes o foi. Ninguem se deve persuadir de «que, depois de tantos seculos de litteratura, ainda «qualquer possa ter pensamentos ou conceber ima«gens absolutamente novos.»

Grandes verdades conteem estes periodos do notavel romancista.

*
* *

Eça de Queiroz é um dos escriptores portuguezes sòbre quem mais duramente, e nem sempre com inteira justiça, tem pesado a accusação de plagiario. Algumas vezes o romancista se deixou influenciar muito de perto e em demasia por outros auctores? É certo. Mas quem ha ahi — repita-se ainda —, no vastissimo campo das letras, que possa, com verdade, gloriar-se de nunca ter pousado o seu pé «na pégada que deixaram outros»? Não é verdade que a luz refulgente dos grandes astros, os maximos, da literatura de todo o mundo, nos seus variados ramos, da poesia ao romance, da tragedia ao conto, da historia á critica, tem sido diminuida pela mais intensa luz de outros astros, por vezes de escala inferior?

Desde os seus primeiros passos na carreira de escriptor, Eça de Queiroz foi apontado como plagiario. Vae vêr-se.

Era elle redactor unico do *Districto de Evora,* em 1867, e já a *Folha do Sul,* com a qual andava travado em aspera polemica, lhe lançava aquelle epitheto, sem, aliás lhe escrever o nome. Como? Assim: Eça de Queiroz, que na vetusta cidade do Alemtejo redigia, como referi, *todo* o seu bi-semanario, desde o artigo de fundo ás simples noticias, na *Revista critica dos jornaes do Alemtejo,* do numero do *Districto de Evora* de 2 de maio de 1867, escreveu, em censura á *Folha do Sul* o que segue:

«Traz ainda um outro artigo, reproducção de todas «as velhas argumentações ministeriaes, em que é «habito antiquissimo e innoculado chamar á opposi-«ção *bando de especuladores, de agitadores, de su-«bversores,* etc., chamar ás accusações dos jornaes «que combatem o governo, *o veneno que distilla das «columnas d'esses orgãos...*»

A *Folha do Sul,* replicando, no seu numero de 4 de maio, accusava-o de ter plagiado Victor Hugo, d'esta fórma;

«Os grandes genios encontram-se. O *Districto* no «seu ultimo numero diz assim — chamar ás accusa-«ções dos jornaes que combatem o governo o veneno «que distilla das columnas d'esses orgãos — .

«Já antes do collega outro escriptor não menos «notavel, Victor Hugo, nos *Miseraveis,* tomo 2.º, «parte 1.ª, livro 7.º, capitulo 9.º, pagina 296, se ex-«primia do modo seguinte: — langue où... les er-«reurs imputés aux journaux (s'appellent) *l'impos-«ture* qui *distille son venin dans les colonnes de ses «organes,* etc., etc.

«Vejam que admiravel similhança!»

Eça de Queiroz, no seguinte numero do *Districto de Evora* respondia á *Folha do Sul:*

«E censura-nos sobre tudo por termos citado «Victor Hugo: censura justa, porque ninguem deve «inspirar-se d'um grande espirito, quando trata de «desdenhar um pequeno jornal.»

A isto treplicou a *Folha do Sul*, em 8 de maio, sem nova resposta do seu contendor:

«O *Districto* nunca citou Victor Hugo: note-se «bem, nunca citou Victor Hugo. Se o tivesse feito, «nem a *Folha do Sul,* nem qualquer pessoa sensata «veria n'isso motivo para censura.

. . . . . .

«O *Districto,* repetimol-o ainda, não *citou* Victor «Hugo; tirou *surrateiramente* a este eximio esty- «lista algumas expressões elegantes; enxertou-as «nos seus pobres artigos, inculcando-as como da «propria lavra, e apresentou-as depois ao publico, «julgando que fazia figura com fato emprestado. «A *Folha do Sul* descobriu e annunciou a fraude, e «o publico riu ás gargalhadas, como se ri de todos «os pretenciosos, que se pavoneiam com alheias «gallas.»

E assim terminou o incidente.

Em julho de 1870, o *Diario de noticias* começou a publicar em folhetins *O mysterio da estrada de Cintra.* Passaram-se annos, e, em 1910, o sr. Adolpho Coelho, no seu livro *Alexandre Herculano e o ensino publico,* manifestou a sua opinião de que aquelle romance de extraordinarias aventuras foi plagiado, no seu ponto de partida. Escreve o illustre professor:

«Aperfeiçoando-se como escritor, Eça permaneceu «fiel a essa direcção *(a de Proudhon)*, que o afas-«tava da seguida com Ramalho em *O mysterio da «estrada de Cintra*, cujo ponto de partida fôra pla-«giado d'uma historia phantasiada por um noticia-«rista no *Progresso e ordem*.»

Como se vê, a affirmação é peremptoria e terminante. Já no capitulo II d'esta segunda parte do meu livro expuz, a este respeito, o meu parecer, que está longe de se ajustar ao do sr. Adolpho Coelho. *O mysterio da estrada de Cintra* não foi plagiado, no seu ponto de partida, da historieta engendrada pelo noticiarista do *Progresso e ordem*.

Prosigamos.

Em 1871, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão lançam a publico *As Farpas*. Logo em junho d'esse anno, Antonio Ennes, no folhetim publicado na *Gazeta do povo* do dia 29, faz a critica da nova publicação, e, em outro folhetim estampado no numero 528 do mesmo jornal, em 27 de agosto, argue os redactores das *Farpas* de plagiarios. Eis o trecho incriminado, referente á composição do ministerio presidido pelo marquez d'Avila, em que este, segundo o que se lia nas *Farpas*, era «a unica individualidade, activa, agente, movente»:

«O ministerio foi assim composto:

«*Presidente do conselho* — Marquez de Avila e «Bolama;

«*Ministro dos estrangeiros* — Marquez de Avila e «Bolama;

«*Ministro do reino* — Marquez de Avila e Bolama;

«*Ministro da fazenda* — Marquez de Avila e Bo-

«lama, sob o celebre pseudonymo por tantos usado «de — *Carlos Bento da Silva;*

«*Ministro das obras publicas* — Marquez de Avila «e Bolama, sob o supposto nome de — *Visconde de «Chancelleiros;*

«*Ministro da justiça* — Marquez de Avila e Bo«lama, sob o anonymo — *Sá Vargas;*

«*Ministro da guerra* — Marquez de Avila e Bo«lama, sob a denominação inexplicavel de — *José de Moraes Rego.*»

Leia-se agora o que Antonio Ennes escreveu na *Gazeta do povo,* numero atraz citado, onde affirma que «*Farpas* é traducção liberrima de *Guèpes*»:

«Ninguem pensára jámais que entre o sr. mar«quez d'Avila, ministro sumptuoso, e o sr. Thiers, «— figura rachytica que nem é barão — houvesse a «minima analogia.

«Descobriram-n'a os *bandarilheiros* da sociedade «portugueza.

«Vejam.

«Em 1840 — abril — A. Karr, presentindo talvez a «situação politica de Portugal em 1871 e a vocação «gallicista do sr. R. Ortigão, affirmou que no go«verno constituido pelo sr. Thiers *havia um só ho«mem com muitos nomes,* e exprimiu este seu jo«coso pensamento pela fórma seguinte:

«*Présidence du conseil et ministère des affaires «etrangères:*

«Mr. Thiers.

«*Ministère de la guerre:*

«Mr. Thiers *sous le nom de* Mr. de Cubières.

«*Ministère des travaux publics:*

«Mr. Thiers *sous le nom de* Mr. Jaubert.

. . . . . .

«*Ministère du commerce:*

«Mr. Thiers *sous le pseudonyme ridicule de* Mr. «Gouin.

(*Les Guêpes* — avril 1840)

«Em junho de 1871 as *Farpas,* escripto original, «repetem que no ministerio presidido pelo sr. mar«quez d'Avila *ha um só homem com muitos nomes,* «escrevendo:

(Antonio Ennes reproduz, das *Farpas,* o trecho que já atraz fica transcripto e continua:)

«e assim por diante no louvavel intuito de salvar «um pensamento chistoso do olvido em que — sup«punham, — se tinham afundado as *Guèpes.*

«Recommendo este acto de philantropia ao distri«buidor das medalhas *salvatori* para o reino de Por«tugal e Algarves.

«Não se dão só em politica estes pasmosos abal«roamentos d'opiniões. As *Farpas* formam de si um «conceito levemente similhante ao que A. Karr tinha «das suas *Guèpes.*

«Dizia elle:

«*Il n'y a pas en France un seul journal qui ose«rait imprimer en entier dans ses colonnes le pré«sent petit livre.*» (*Guèpes.* Novembro 1839).

«E em maio de 1871 as *Farpas* observavam:

«As breves paginas (vale por *petit livre)* que tu «acabas de percorrer, amigo leitor (originalissimo!) «nenhum jornal portuguez (é mais euphonico do que «nenhum jornal em Portugal) ousaria (cá e lá...) «publical-as integralmente (até o adverbio!) nas suas «columnas, *(dans ses colonnes)*».

Antonio Ennes prosegue, affirmando que poderia fazer mais approximações entre *As Farpas* e *Les Guèpes,* mas que o não faz para que *As Farpas* não

possam dizer-lhe que escreveu um folhetim composto unicamente de textos seus e de Affonso Karr.

A isto responderam frouxamente *As Farpas*, no seu volume IV, referente ao mez de agosto de 1871, pag. 63, o que segue:

«Querendo parecer mau homem, Ennes accusa as «*Farpas* de plagiarem as *Guèpes*. E propõe-se de-«monstrar. Para isto leu as *Guèpes* e leu as *Farpas*. «E que achou? O seguinte:

«1.º Que tendo dito Alphonse Karr que nenhum «periodico do seu tempo publicaria a sua doutrina, «nós asseguramos que os periodicos da nossa época «pensavam exactamente a respeito dos nossos livros «o mesmo que a imprensa franceza sentia ácerca dos «de Karr.

«Segundo o bestunto criticante de Ennes é claris-«simo que, tendo Karr exposto um facto com refe-«rencia aos periodicos seus contemporaneos, qual «era a nossa obrigação para não cairmos em pla-«giato? Ter a respeito dos jornaes com os quaes «concorremos a affirmação de um facto exactamente «contrario ao do redactor das *Guèpes*.

«Quantos dias diz Karr que tem setembro? — «Trinta? — Que havemos nós de dizer a respeito do «numero dos dias que tem setembro? Segundo En-«nes a nossa obrigação improrogavel, obvia, indis-«cutivel, é attestar que o respectivo mez tem cin-«coenta dias.

«2.º e ultimo: Outro sim achou Ennes que, len-«do-se nas *Guèpes* que Thiers, presidente do conse-«lho de ministros, geriu em certa época todas as «pastas do seu gabinete, nós — com um impudor que «obrigou Ennes a cobrir o rosto — dissemos que o «sr. marquez de Avila geria todas as pastas do minis-«terio a que preside!

«E Ennes, cotejando cuidadosamente os nossos li-«vrinhos com os livrinhos de Karr, nada mais «achou de identico entre as nossas palavras e as do «escriptor francez! Por Deus! Mas ha muito mais! «O sr. Ennes pode mandar vir o copo d'agua porque «o prevenimos de que vae cair para traz desmaiado «com a escandalisação do nosso cynismo... Não ha «porém remedio já agora senão mostrar-lhe toda a «nossa hediondez! a verdade, a triste, a dura, a re-«voltante e iniqua verdade, é que em tudo quanto até «hoje temos escripto não ha uma só palavra que al-«gum dos escriptôres que nos precederam não ti-«vesse empregado muito antes de nós.

«Perdeu os sentidos com esta declaração? Não te-«mos culpa nenhuma d'isso: quiz ouvir, ahi tem! «Agora que o sangrem ou que lhe deitem agua fria «pela cabeça abaixo! Não temos que dizer senão «uma coisa:

«Elle assim o quiz».

E nada mais. Ora o trecho atraz transcripto do volume II das *Farpas,* referente á composição do gabinete presidido pelo marquez d'Avila, era da penna de Eça de Queiroz, por isso que vem incluido a paginas 99 e 100 do tomo I de *Uma campanha alegre,* em que se contém a sua collaboração nas *Farpas.* Portanto, a incriminação de plagiario, que se lê no folhetim de Antonio Ennes, tocava-lhe a elle.

N'esse mesmo anno de 1871, foram feitas no *Casino lisbonense* as celebres conferencias democraticas. D'essas prelecções, que tanto ruido causaram, coube a quarta a Eça de Queiroz, que divagou largamente sôbre literatura e arte. Todos ou quasi todos os escriptores que se referem a esta conferencia, asseveram que Eça reproduziu, sem divergencia, o

que Proudhon escrevèra no seu livro *Du principe de l'art et de sa destination sociale.* E como o conferente novel tivesse alludido a tres quadros do pintor Courbet, que Proudhon descreve n'aquelle seu livro, logo censuraram Eça de Queiroz por ter descripto quadros que nunca tinha visto, denunciando, n'essa passagem da sua palestra, e em toda ella, o seu vicio de imitar e de plagiar, pois que se não tinha desviado um ápice do auctor que lèra e que tambem a cada passo seguia nos seus artigos das *Farpas.*

E foi assim, com estes attentados somenos, em que a sua originalidade e a sua independencia de escriptor soffriam, que Eça de Queiroz preparou o terreno para que, ao ser publicado o seu primeiro romance, *O crime do padre Amaro,* aquella especie de critica injusta e ignara que o grande Camillo, depois, no *Eusebio Macario,* chamou «critica de escada abaixo» gritasse logo, barafustando, firmada apenas na similhança de titulos, que o livro era uma imitação servil do romance de Zola, *La faute de l'abbé Mouret.* Ora *O crime do padre Amaro,* escripto em 1871, foi primitivamente publicado na *Revista occidental,* que Anthero de Quental e o sr. Jayme Batalha Reis dirigiram e cujo primeiro fasciculo sahiu do prelo em 15 de fevereiro de 1875. Emilio Zola só n'esse mesmo anno de 1875 fez imprimir *La faute de l'abbé Mouret.* Nunca houve, pois, accusação mais injusta! Repelliu-a energicamente Eça de Queiroz na *Nota* que antecede a nova edição d'aquelle seu romance, publicada em 1880.

No *Primo Bazilio,* a designação de *Paraizo,* dada pelo cynico heroe do romance á casa em que elle e Luiza realizavam os seus encontros amorosos, a muitos pechosos fez lembrar o nome de *Paradou,* que em *La faute de l'abbé Mouret* Zola deu ao an-

tigo parque em que viviam semi-nus, como se fôra no Eden, o padre Mouret e Albina. Tambem no titulo *Prosas barbaras,* que Eça de Queiroz quiz dar aos seus primeiros escriptos colligidos em volume — em que se nota a influencia manifesta de Heine, Gerard de Nerval, Michelet, Baudelaire, e outros, como nota o sr. Jayme Batalha Reis na «Introducção» d'esse livro — alguns viram um plagio da denominação *Poemas barbaros,* com que Leconte de Lisle encabeçou um livro de versos publicado em 1862. N'essas suas primeiras producções, vindas á luz em folhetins da *Gazeta de Portugal,* ha plagios flagrantes. Por exemplo estes: Gerard de Nerval compoz um soneto que começa:

> Je suis le ténébreux, le veuf, l'inconsolé,
> Le Prince d'Aquitaine à la tour abolie...
> Ma seule étoile est morte, et mon Luth constellé
> Porte le soleil noir de la mélancolie!...

Eça de Queiroz, no seu folhetim intitulado *Notas marginaes,* publicado na *Gazeta de Portugal,* de 23 de março de 1866, escreveu: «Eu era o tenebroso, o inconsolavel, o viuvo.» E no mesmo folhetim, mais adeante: «Passamos lentos, desconsolados e alumiados pelo sol negro da melancolia.» Ainda em outro folhetim, *Symphonia de abertura,* ha esta phrase: «Luzia um grande sol, mas negro; o sol da melancolia...»

Em 1879, deu Eça de Queiroz á estampa *O mandarim.* Immediatamente a critica vozeou, em grita ensurdecedora, que o livro era um plagio extreme: a ideia do conto singelo tinha sido inspirada pela celebre hypothese que uns attribuem a Rousseau e outros a Chateaubriand, no *Genio do christianismo,* e consiste n'isto: Se, para se herdar a enorme fortuna d'um individuo, residente nos confins da China,

que nunca se conheceu, de quem jámais se ouviu falar, bastasse comprimir um botão de campainha, com a intenção de lhe dar a morte, sem que alguem o soubesse, quem haveria que não comprimisse o botão? Alem d'isso, como já vi escripto, comparava-se o conto de Eça de Queiroz com outro, tambem intitulado *O mandarim*, publicado pelo escriptor francez Augusto Vitu, em 1860, no seu livro *Contes à dormir debout*. Accrescentava-se que algumas descripções da China eram copiadas por Eça do livro de Julio Verne, *Les tribulations d'un chinois en Chine*.

Depois d'isso, os ataques diminuiram e a má vontade, tão irritantemente manifestada ao brilhante prosador, applacou-se.

Quando, em 1887, appareceu *A reliquia*, os louvores foram geraes. Que me conste, não houve quem se erguesse a accusar o escriptor, bradando que na acção do romance, ou na sua execução, houvera plagios. Mas no silencio d'um gabinete, que ha pouco o fogo lambeu e destruiu, n'aquella casa tragica de S. Miguel de Seide, sôbre a qual parece que ainda hoje pesa a ferrea mão da desgraça, uma penna excelsa traçou as palavras que vão ler-se, algumas das quaes já transcrevi em outro livro meu. Essa inimitavel penna foi a de Camillo Castello-Branco. Escreveu elle, no exemplar da *Reliquia* que lhe pertenceu e eu tive o prazer de compulsar:

«Tirante as descripçoens topographicas de alguns «pontos da Palestina — de certo exageradas por «tintas ficticias — este livro, como romance, é uma «*pochade*, em que todos os caracteres são carica«turas, e armadilhas ás gargalhadas da baixa co«media. Os plagiatos são frequentes.»

A pagina 72 da *Reliquia* — edição de 1887 —, ao

lado d'aquelles periodos hereticos, em que Eça de Queiroz pinta o Raposão, de joelhos, no oratorio da velha tia, julgando ver pregado na cruz, em vez do Christo, o corpo da sua Adelia, a mão nervosa de Camillo escreveu, como se fôra um anathema, a palavra «Plagiato». Os leitores verão mais adeante se na *Reliquia* houve ou não plagios.

Veio depois a publico *A illustre casa de Ramires*. Intercalado na trama banal do romance, em trechos entrecortados, embrechado em varios capitulos, lê-se o magnifico e delicioso conto que o heroe do livro, Gonçalo Ramires, ia a pouco e pouco escrevendo, com destino ás paginas d'uma revista literaria. Esse conto é uma reconstituição notavel das epocas affonsinas, um quadro nitido dos tempos medievaes, cheio de colorido e de brilho, em que perpassam figuras de epopeia, vestidas de ferro, com os morriões empennachados, os montantes a faiscar e as lanças erectas, ameaçadoras e terriveis. Sabe-se em que consiste o entrecho d'esse conto, em que o estylo de Eça de Queiroz refulge com intensa luz. Tructesindo Ramires nega a mão da filha, D. Violante, ao bastardo Lopo de Bayão, o *Claro-Sol*, que, em negra vingança, colhe prisioneiro e ferido, depois de refrega brava, Lourenço Ramires, o filho amado de Tructesindo. Conduzido sôbre umas andas, por quatro besteiros, ao terreiro da velha torre de Santa Ireneia, em cujo eirado o pae alteava a figura imponente, d'ali o de Bayão propoz a Tructesindo a entrega do prisioneiro, se consentido fôsse com Violante o casamento a que aspirava.

— Não, meu pae! — bradou Lourenço Ramires, de sôbre as andas onde os besteiros o mantinham.

— Meu filho antes de mim te respondeu, villão! — rugiu o velho guerreiro, do alto da quadrela.

E logo viu o *Claro-Sol* cravar o punhal agudo na garganta de Lourenço e dar redea ao fouveiro, em arrancada de fugitivo. Sem demora, preparada a hoste, Tructesindo Ramires, depois de beijar a mão gelada do filho, foi-se em perseguição do bando escapadiço. Deu-lhe caça, aprisionou o bastardo de Bayão e amarrando-lhe o alvo corpo nu a um pilar que emergia da negra lagôa conhecida pelo nome de *Pego das bichas*, ali o viu morrer, chupado pelas sanguesugas, que lhe subiam, viscosas e molles, pelas pernas, pelo ventre, pelo peito, até ao rosto, onde as loiras barbas reluziam, orvalhadas pelo frio suor da agonia!

Compare-se agora o episodio culminante do esplendido conto medieval de Eça de Queiroz com o caso bem conhecido do *Castello de Faria*, narrado pelo chronista Fernão Lopes, na sua *Chronica d'El-Rei D. Fernando*, e modernamente por Alexandre Herculano, nas suas *Lendas e narrativas*.

Portugal e Castella andavam em guerra aberta. Do Castello de Faria, que se erguia, arrogante e soberbo, n'uma collina dos arredores de Barcellos, o alcaide e governador, Nuno Gonçalves de Faria, sahiu, com a sua mesnada, a combater os castelhanos, deixando a fortaleza sob a auctoridade de seu filho, Gonçalo Nunes. Vencido e preso, foi o velho alcaide levado pelos vencedores até aos fossos do seu castello, para que d'ali intimasse o filho a render-se. Chamado Gonçalo Nunes, a brados, debruçou-se este das ameias da barbacan e de lá ouviu o pae ordenar-lhe — «sopena de minha bençom», escreveu o chronista — que não entregasse o castello a pessoa alguma, senão a El-Rei ou a quem elle o mandasse entregar por seu certo recado. Com as ultimas palavras de Nuno Gonçalves de Faria expirava-lhe a voz na garganta e com a voz fugia-

lhe a vida, que os de Castella, ás lançadas, lhe arrancaram, na presença do filho, «e nom cobraram porem o castello».

Não é flagrante a similhança entre os dois lances tragicos, embora no caso authentico do Castello de Faria seja o pae de Gonçalo Nunes que, de entre os castelhanos que o manietam, grita ao filho que não entregue a fortaleza, ao passo que no conto, artisticamente entrançado nos capitulos do romance *A illustre casa de Ramires*, é o filho de Tructesindo que, ao sopé da velha torre esburacada, supplica ao pae, que a defende, que não dê a filha ao carrasco odiado e vil que o fez prisioneiro? O leitor prudente que compare e que ajuize. Ponderadas as circumstancias diversas dos dois episodios epicos, o imaginario, de Eça, e o real, contado por Fernão Lopes, a ideia principal é identica.

Mais. Ahi por 1835, ou ainda antes, o grande poeta Alfredo de Musset, que Eça de Queiroz admirava e lia com paixão, teve uma ligação de amizade com Carolina d'Alton Shée, conhecida, por virtude do seu casamento, pelo nome de M.me Jaubert. Era uma pequenina mulher, encantadora, mais graciosa do que bonita, que exercia sôbre o notabilissimo poeta francez uma verdadeira auctoridade espiritual, sem que o sentimento que envolvia os dois passasse alem de um «sentimento sem nome», como ella dizia. A esta M.me Jaubert chamava Alfredo de Musset madrinha, porque ella o tinha baptisado com os nomes de *Prince Café* ou *Prince Phosphore de Cœur volant*. Era *a sua linda madrinha*. Tambem Alfredo de Musset escreveu ao director da *Revista dos dois mundos* as suas *Cartas de Dupuis e Cotonet*, dois bons rapazes de La Ferté-sous-Jouarre.

Abra-se agora *A correspondencia de Fradique Mendes* e lá se encontrarão varias cartas dirigidas

a M.me de *Jouarre,* que o imaginario Fradique tratava sempre por *minha madrinha.*

Tudo isto é vago e incerto? É. Mas — repita-se afoitamente e com clareza —, por desgraça, o terreno estava arroteado pelo proprio romancista para que n'elle bem germinassem, gradas e fartas, as accusações que lhe faziam, relativamente aos seus plagios. A culpa não era d'outro.

Prosigamos.

Ha annos, em um dos raros intervallos de folga que me davam os trabalhos forçados da politica, do parlamento e do jornalismo, para descançar o espirito em recreação que não demandasse estudo attento ou algum esforço, puz-me a ler *Mes mémoires,* de Alexandre Dumas, em que a graça leve e o espirito gaulez do fecundo romancista scintillam em lucilações de tanto brilho, que dão a cada capitulo, para não dizer a cada pagina, dos dez volumes da obra, justificado e especial interesse. De repente, no volume III, capitulo LXXVII, ao virar a pagina 185 — collecção Michel Lévy — deparam-se-me as seguintes palavras, escriptas depois de referencias varias a duas notaveis actrizes francezas:

Il est bon de marquer le point de départ des artistes éminents, grands comédiens ou grands poëtes; c'est là surtout ce que l'on trouvera dans ces mémoires, en grande partie consacrés au développement de l'art en France pendant la moitié du XIXe siècle.

Certes, les événements politiques, eux aussi, y tiendront leur place, mais la place seulement qu'ils doivent y tenir. Il est temps de mettre chaque chose en son lieu et place, et, comme notre siècle est, avant tout, un siècle d'appréciation, il est bon d'apprécier les hommes et les choses.

Mademoiselle Mars et Talma, ces deux grandes gloires artistiques de l'Empire et de la Restauration, vivront encore dans l'esprit du XXe et du XXIe siècle, quand on aura depuis longtemps oublié jusqu'aux noms de ces comédiens politiques qu'on appelle des ministres, et qui, du bout de leurs doigts dédaigneux, leur jetaient la subvention que, chaque année, la Chambre accordait comme une aumône à ces sublimes mendiants.

Qui était ministre en Angleterre, l'année où Shakspeare fit «Othello»?

Qui était gonfalonier à Florence, l'année où Dante écrivit son poëme de «l'Enfer»?

Qui était ministre du roi Hiéron, quand l'auteur de «Prométhée» vint lui demander un asile?

Qui était archonte d'Athènes, lorsque le divin Homère mourut dans l'une des Sporades, vers le milieu du Xe siècle avant Jésus-Christ?

Ora eu tinha lido no prefacio que Eça de Queiroz escreveu para o livro de contos de Bernardo de Pindella, que tem por titulo *Azulejos*, publicado em 1886 — prefacio depois reproduzido nas *Notas contemporaneas* — estes periodos, que não pude deixar de cotejar com os das *Minhas memorias*, de Alexandre Dumas, notando até que Eça nem sequer desprezou a fórma interrogativa, tambem empregada pelo notavel romancista francez:

«A arte é tudo — tudo o resto é nada. Só um livro «é capaz de fazer a eternidade d'um povo. Leonidas «ou Pericles não bastariam para que a velha Gre«cia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos es«piritos: foi-lhe preciso ter Aristophanes e Eschylo. «Tudo é ephemero e òcco nas Sociedades — sobre«tudo o que n'ellas mais nos deslumbra. Podes-me

«tu dizer quem foram no tempo de Shakespeare os «grandes banqueiros e as formosas mulheres?

. . . . . .

«Nada ha mais ruidoso, e que mais vivamente se «saracoteie com um brilho de lantejoulas — do que «a Politica. Por toda essa antiga Europa Real, se «vêem multidões de politiquetes e de politicões en«florados, emplumados, atordoadores, caquerejando «infernalmente, de crista alta. Mas concebes tu a «possibilidade de que d'aqui a cincoenta annos, «quando se estiverem erguendo estatuas a Zola, al«guem se lembre dos Ferry, dos Clemenceau, dos «Canovas, dos Brigth? Podes-me tu dizer quem «eram os ministros do Imperio em 1856, ha apenas «trinta annos, quando Gustave Flaubert escrevia «*Madame Bovary*?»

O leitor dirá se é, ou não, frisante o confronto.

*
* *

É provavel que alguns dos meus leitores conheçam um folheto do dr. João de Meyra, de Guimarães, medico e literato de valor, fallecido ha pouco tempo. A esse folheto, que, segundo julgo, não veio para o mercado, não se tendo, por esse motivo, vulgarizado em demasia, e não sendo, portanto, muito conhecido, deu o auctor o titulo *Influências estrangeiras em Eça de Queiroz*. É uma *separata* da gazeta de Santo Thyrso, *O Ave*, com quinze paginas de formato grande, impressa em Villa Nova de Famalicão, na Typographia Minerva, em 1912. O folheto é curiosissimo e inspira incendido interesse.

Começa o dr. Meyra por notar que as influencias estrangeiras que imperavam no espirito de Eça de

Queiroz, no inicio da sua carreira de escriptor, foram assignaladas pelo sr. Jayme Batalha Reis, na «Introducção» das *Prosas barbaras,* não havendo, todavia, quem apontasse essas influencias relativamente á obra posterior do romancista, na qual um estudo consciencioso e uma comparação cautelosa consentem que se encontre a impressão evidente e indelevel causada pela leitura de alguns auctores; e accrescenta que é necessario fazer o confronto com cuidado, para se não cahir em erro grosseiro, como seria o de suppor que Eça de Queiroz, nas primeiras phrases do seu romance *O primo Bazilio,* plagiou o principio do de Emilio Zola, *La joie de vivre,* publicado depois d'aquelle.

Eça de Queiroz escreveu no *Primo Bazilio:*

«Tinham dado onze horas no *cuco* da sala de jan-
«tar. Jorge fechou o volume de Luiz Figuier que es-
«tivera folheando...»

E Emilio Zola começou assim *La joie de vivre;*

Comme six heures sonnaient au coucou de la salle à manger, Chanteau perdit tout espoir.

Depois de fazer estas transcripções, preparando assim o espirito dos leitores do seu folheto para a benevolencia e levando-os a serem cautos, prudentes, na apreciação dos plagios que vae denunciar, o dr. João de Meyra affirma que Eça de Queiroz nunca praticou o roubo desleal e condemnavel em que se traduz o plagio, limitando-se a «imitar, transportar para o seu estilo as imagens, as ideias ou as expressões de um outro estilo, apresentando de um modo inédito as coisas já ditas, ou aplicando frases feitas a situações inteiramente novas». Em seguida,

estabelece, com transcripções flagrantes, quer de Eça, quer dos auctores em que elle bebêra inspiração, as influencias que esses auctores tiveram na obra do romancista.

No folheto do dr. Meyra, medrado em transcripções, vou respigar algumas, poucas, para as offerecer aqui aos meus leitores. São passagens de diversos livros de Eça de Queiroz, postas em confronto com trechos de varios auctores estrangeiros.

Eil-as:

«... ó leitor, creatura improvisada pòr Deus, obra «má de má argilla, meu semelhante e meu irmão!»
E. de Queiroz — O mandarim, p. 183.

Hypocrite lecteur, mon semblable, mon frère!
Ch. Baudelaire — Les fleurs du mal, p. 81.

«... estas collinas, que eu vira dias antes, em «torno á Cidade Santa, deseccadas por um vento de «abstracção, e brancas, da còr das ossadas...»
E. de Queiroz — A reliquia, p. 197.

... la triste Judée, desséchée comme par un vent brûlant d'abstraction et de mort.
E. Renan — La vie de Jesus, p. 28.

«O Romano é cruel, mas escravo da legalidade.»
E. de Queiroz — A reliquia, p. 221.

Ce Romain est sombre et sévère, mais juste, au plutôt esclave de la légalité.
Petruccelli de la Gattina — Les mémoires de Judas, p. 93.

«Decerto as vossas ameaças não me movem...

«Cesar conhece-me bem... Mas entre nós, para pro-
«veito de Cesar, não deve haver desaccordo.»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 259.

Je ne redoute pas vos accusations contre moi. César me connait. Mais je ne veux pas créer des prétextes de trouble entre nous.

P. de la Gattina — Les mémoires de Judas, p. 446.

«Socega, Gad, outros têm feito milagres! Simão
«de Samaria fez milagres. Fêl-os Apollonius, e fêl-os
«Gabienus... E que são os prodigios do teu galileu
«comparados aos das filhas do Grão Sacerdote Anius,
«e aos do sabio Rabbi Chekiná?... Se o milagre
«prova a divindade, então é divino o peixe Oannes,
«que tem barbatanas de nacar e préga nas margens
«do Euphrates, em noites de lua cheia!»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 225.

Tu as fait des miracles? Athalide, fils de Mercure, Esculape, Hercules, Gabienus, Polycrates, Amphion, Hérès, Orphée, les filles du grand-prêtre Anius, les prêtresses de Diane, de Féronie, d'Hirpicus, Simon de Samarie, Apollonius de Thiane, Auguste, tous les médecins, tous les prêtres de religions étrangères, le cheval Pégase, le poisson Oannès, qui prêchait sur les rivages de l'Eufrate, en on fait, en font autant et d'aussi miraculeux que les tiens.

P. de la Gattina — Les mémoires de Judas, p. 388.

«Antipas, aterrado, offerece-lhe a cidade de Tibe-
«riade, thesouros, as cem aldeias de Genezareth...
«Ella sorriu, olhou a mãe: e outra vez, incerta e ga-
«guejando, pediu a cabeça de Iokanan... Então to-
«dos os convivas, Saducceus, Escribas, homens ri-

«cos da Decapola, mesmo Vitellius e os romanos, «gritaram alegremente: «Tu prometteste, tetrarcha, «tu juraste, tetrarcha!»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 170.

— *Veux tu la ville de Tiberiade?*

— *Non.*

— *Veux tu le lac de Gennezareth aux cent villages?*

— *Non. Je veux ce que je t'ai dit et j'attends.*

Antipas soupira. Un cri unanime s'éleva de la table:

— *Accordé! Accordé! Tout ce qu'elle veut est accordé. Tu l'as juré, tetrarque.*

P. de la Gattina — Les mémoires de Judas, p. 201.

«... onde em caracteres chinezes se desenrolavam «sentenças do Livro Sagrado de Li-Nun «sobre os «deveres das esposas.»

E. de Queiroz — O mandarim, p. 121.

... *se conformer aux préceptes du livre «Li-nun» sur les vertus domestiques, et du livre «Nei tso-pian» sur les devoirs du mariage.*

J. Verne — Les tribulations d'un chinois en Chine, p. 57.

«Aquella era a época em que as pombas emigram «de Pekin... Cada uma traz, para a livrar dos mi-«lhafres, um leve tubo de bambú que o ar faz silvar; «e aquellas nuvens brancas passavam como impel-«lidas d'uma aragem molle, deixando no silencio um «lento e melancolico suspiro, uma ondulação eolia, «que se perdia nos ares pallidos...»

E. de Queiroz — O mandarim, p. 110.

Des pigeons éoliens, munis d'un petit appareil sonore, fixé à leur queue, s'envolèrent et remplirent l'espace d'une harmonie céleste.

J. Verne — Les tribulations d'un chinois en Chine, p. 198.

«Era Alfredo de Musset que dizia nas suas pathe-«ticas estancias á Malibran, que em França, quinze «dias fazem de uma morte recente uma antiga novi-«dade. Talvez, quando é a Malibran que morre: «quer dizer, um gorgeio d'ave que se perde na noite. «Mas, se o que desapparece se chama Gustavo Flau-«bert e é auctor da *Madame Bovary* e da *Educa-«ção sentimental* — quinze dias ou quinze annos po-«dem passar sobre essa perda sem que a dôr enve-«lheça.»

E. de Queiroz — Echos de Paris, p. 11.

Est-il déjà trop tard pour parler encore de Gustave Flaubert? Ce n'est plus «quinze jours» comme au temps de Musset et de la Malibran, qui:

Font d'une mort récente une vieille nouvelle;

en quelques heures tout est dit; on ne parle plus guère de ceux qui s'en vont. A d'autres! Ce temps ci est visiblement très pressé. Pourtant lorsqu'il s'agit d'un écrivain tel que Flaubert, il est bien permis de s'attarder avec son souvenir.

J. Claretie — La vie à Paris, (1880) p. 131.

«A um lado tinhamos, para limpar os dedos, um «bôlo de farinha branco, fino e molle como um panno «de linho.»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 318.

Chacun avait devant soi une galette de pâte molle, pour s'essuyer les doigts.
G. Flaubert — Trois contes, p. 224.

«... o bando sordido dos servos do Templo e dos «sacerdotes miseraveis que são nutridos pelos sobe-«jos dos holocaustos...»
E. de Queiroz — A reliquia, p. 305.

... scribes et valets de prêtres, nourris par le rebut des holocaustes...
G. Flaubert — Trois contes, p. 234.

«... com uma grade baixa d'arame que a defen-«dia dos escorpiões.»
E. de Queiroz — A reliquia, p. 214.

... ses grillages d'airain qui le défendaient en bas des scorpions.
G. Flaubert — Salammbô, p. 2.

«Além d'isso elle vira á porta d'um pagode uma «cabra negra recuar!...»
E. de Queiroz — O mandarim, p. 134.

... j'ai vu dans un temple un bélier noir qui reculait.
G. Flaubert — Salammbô, p. 20.

«As lagrimas rolavam pela sua face, tristes como «a chuva por um muro em ruinas.»
E. de Queiroz — A reliquia, p. 312.

... et des pleurs coulaient sur sa face comme une pluie d'hiver sur une muraille en ruine.
G. Flaubert — Salammbô, p. 131.

«Os dois lictores ergueram ao ar as varas rema-
«tadas n'uma figura d'aguia: o escriba gritou o
«nome de Caio Tiberio: e logo os braços frementes
«se abaixaram, e foi como um terror deante da ma-
«gestade do Povo Romano.»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 249.

Ils plantèrent contre la porte leurs douze faisceaux, des baguettes reliées par une courroie avec une hache dans le milieu. Alors, tous frémirent devant la magesté du peuple romain.

G. Flaubert — *Trois contes,* p. 190.

«Fatmé esperava-nos, magestosa e obesa, envolta
«em véos brancos, com fios de coraes entre as tran-
«ças, os braços nús — tendo cada um a cicatriz es-
«cura de um bubão de peste.»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 152.

Dans une pièce voisine les gardes causaient à voix basse avec la servante, négresse d'Abyssinie qui portait sur les deux bras des traces de pesté.

G. Flaubert — Correspondence, vol. I, p. 284.

«Era uma placa oval d'alabastro tendo gravada
«uma imagem do Templo.»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 265.

... des représentations du temple, creusées dans un bloc d'albâtre.

G. Flaubert — Salammbô, p. 79.

«... Um d'esses Guebros, adoradores do fogo e
«habeis nas artes, que vão descalços até ao Egypto,
«com fachos accesos, salpicar sobre a Esphynge o
«sangue d'um gallo negro.»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 265.

La face couverte d'une voile, et en secouant des flambeaux, il avait jeté un coq noir sur un feu de sandaraque, devant le poitrail du Sphynx.

G. Flaubert — Salammbô, p. 201.

«Quando o meu intestino se alliviava com estam-
«pido — a Humanidade sabia-o pelas gazetas.»

E. de Queiroz — O mandarim, p. 59.

... et quand plein de murènes, de truffes et de pâtés, l'intestin du maître se dégageait avec fracas, l'univers attentif apprenait que César avait dîné!

G. Flaubert — La tentation de saint Antoine, p. 243.

«Osiris com os seus cornos de boi, montava Isis;
«e, entre o estridor das harpas de bronze, ouvia-se
«por todo o Nilo o rugido amoroso da Vacca divina.»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 124.

Dieu à cornes de taureau tu t'étalais sur ma poitrine — et on entendait le mugissement de la vache éternelle!

G. Flaubert — La tentation de saint Antoine, p. 210.

«E a belleza de Venus era como uma condensação
«da belleza da Hellenia.»

E. de Queiroz — A reliquia, p. 125.

Je (Venus) faisais avec ma ceinture tout l'horizon de l'Hellénie.

G. Flaubert — La tentation de saint Antoine, p. 231.

«A sua penitencia, durante vinte annos de claus-
«tro, fôra tão dura e alta que já não temia o tenta-
«dor.»

E. de Queiroz — Contos, p. 141.

... et ma pénitence fut si haute que je n'avais plus peur de Dieu.

G. Flaubert — La tentation de saint Antoine, p. 5.

«Bebado! Elle? Ora essa!... Era cousa que não «podia, era empiteirar-se. Tinha feito o possivel, be-«bido tudo, até agua-raz. Nunca! Não podia...»

E. de Queiroz — Os Maias, vol. I, p. 371.

Moi, disait Foucarmont, j'ai bu de tous les vins imaginables dans les cinq parties du monde... Oh! des liquides extraordinaires, des alcools à vous tuer un homme raide... Eh bien! ça ne m'a jamais rien fait. Je ne peux pas me griser. J'ai essayé, je ne peux pas... Sur les côtes de Coromandel des sauvages nous ont donné je ne sais quel mélange de poivre et de vitriol; ça ne m'a rien fait... Je ne peux pas me griser.

E. Zola — Nana, p. 118-20.

«... parou deante d'elle, e disse sorrindo: — entra «contente na tua morada, que teu filho ha de ser um «grande santo!»

E. de Queiroz — Ultimas paginas, p. 12.

Il s'approcha de son chevet et lui dit, sans desserrer les lèvres: — «Réjouis-toi ô mère! ton fils sera un saint!

G. Flaubert — Trois contes, p. 96.

Paremos aqui.

Deixo sem transcripção muitos outros trechos de Eça de Queiroz, que o dr. João de Meyra, no seu opusculo, verdadeiro auto de corpo de delicto, poz em cotejo com periodos de diversos auctores estrangeiros. Pelos que ficam aqui apontados, poderão os meus

leitores conjecturar se haverá, ou não, em toda a obra de Eça, outras passagens que lhe houvessem sido inspiradas por pensamentos alheios e por palavras e paginas sahidas da penna d'outrem. Estou em me inclinar para a affirmativa.

Póde, comtudo, dizer-se, depois de tudo isto, que o notavel auctor d'essas obras primas que se intitulam *O primo Bazilio* e *O crime do padre Amaro*, não era um escriptor original? De modo nenhum! É possivel que, pelo facto de Eça de Queiroz ter forrageado tantas ideias e phrases em auctores d'outras terras, principalmente de terras de França, o leitor sinta diminuir o fervor do culto em que envolvia o romancista portuguez. Não tem razão. Na sua obra notavel, ha muito que admirar, muito com que nos maravilhemos, deliciando-nos sem receio de não devermos ao talento do brilhante escriptor realista esse espiritual prazer. E depois, se Eça imitou, se Eça foi na esteira de outros auctores, cingindo-se e achegando-se um pouco de mais a elles, a culpa não foi toda sua. Como elle geme, com tristeza, no artigo *O «Francezismo»*, a que tantas vezes me tenho referido, a sua personalidade literaria é «uma das melancholicas obras» da nossa desnacionalisação. Copiou os auctores francezes porque em literatura, na epoca ainda proxima em que elle viveu, «fomos successivamente, em imitação do ganso francez, romanticos, gothicos, satanicos, parnasianos, realistas». Habituou-se assim, Eça de Queiroz, a assimilhar-se, a contrafazer, a seguir (1). É certo que a

---

(1) Na carta dirigida por Eça a Oliveira Martins, em 10 de maio de 1884, publicada na terceira parte d'este livro, escreveu o brilhante prosador:

«Eu mesmo não mereço ser exceptuado da legião melancolica e «servil dos imitadores. Os meus romances no fundo são francezes...»

circumstancia que deixo apontada não o absolve inteiramente da escusada culpa dos seus plagios, mas attenua-lh'a. Aligeira-lh'a e diminue-lh'a em muito, se bem que...

... Se bem que, são tanto mais para lastimar os plagios de Eça de Queiroz, quanto é certo e provado que elle tinha talento de sobra para rebrilhar e refulgir, sem carecer de andar mesquinhamente ao lambisco e ao rebusco dos pensamentos e das phrases alheias. Fez mal n'isto, e esse mal a si proprio principalmente o fez.

Os plagios d'Eça de Queiroz provam o que eu já notei em um anterior capitulo: o admiravel estylista não era um creador, mas sim um observador notabilissimo, dotado d'um grande poder de transmissão, aos seus leitores, do que observava e do que cahia debaixo da sua intelligente analyse. Tão longe levava elle a preoccupação de ser exacto na exteriorisação de tudo o que no seu espirito se photographava, que não punha escrupulos em se apropriar de concepções, de periodos, de phrases alheias, se reconhecia que eram as mais significativas e as mais ajustadas para exprimir o que lhe cachoava no cerebro.

Bem quizera eu não me vèr obrigado a escrever este capitulo. Bem quizera não ter de assignalar os plagios a que Eça de Queiroz algumas vezes se deixou arrastar. Mas a critica tem deveres impreteriveis, que a levam imperiosamente a ser inflexivel como a lei e austera como a justiça. Não me era, pois, permittido rasgar d'este livro as paginas que a meu grande pesar ahi ficam.

CAPITULO V

Eça de Queiroz e Camillo

> ... admiro sem reserva em V. Ex.ª o ardente Satyrico, neto de Quevedo, que põe ao serviço da sua apaixonada misanthropia o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular.
>
> EÇA DE QUEIROZ. *Ultimas paginas.* (Carta a Camillo Castello Branco).

Dois gigantes!

Um, o gigante do verbo escripto: outro, o da ironia scintillante. Camillo, portuguezissimo na sua prosa; Eça, bastantemente estrangeirado. Porquê? O primeiro, lidando sem cessar com os classicos, nunca sahiu de terras nacionaes para pisar o solo d'outros paizes: o segundo, manuseando principalmente livros d'alem fronteiras, passou metade da vida, quasi trinta annos, em chão que não era nosso. Por isso Camillo foi sempre lusitanissimo na sua escripta, e Eça, por assim dizer, foi um escriptor *internacional*. Póde affirmar-se que aquelle, ao sentir os ardores afflictivos da sêde, emborcaria, contente, um copo de verdasco espumoso do seu Minho, emquanto Eça se dessentava beberricando com delicia o exotico *wisky and soda*.

Camillo foi o escriptor portuguez que nos modernos tempos mais aperfeiçoou a nossa lingua e com mais afinco zelou a sua pureza. Nenhum outro attingiu a opulencia, a elevação e a vernaculidade do seu

estylo maravilhoso. Em paginas admiraveis, deixou a marca viva da poderosa garra do seu genio. Eça de Queiroz, educado por auctores francezes, deu á nossa lingua fórmas, relêvos e resaltos novos. No seu estylo, ha o brilho, a elegancia, a precisão e a suavidade que se não encontram em nenhum outro auctor portuguez da escola realista. A sua penna, alumiada pelos clarões do seu talento, deixou, em paginas cheias de graça e de bom humor, sulcos refulgentes de luz.

Nenhum dos dois escriptores era superior ao outro. Eram differentes. Camillo dispunha d'uma imaginação fervente, servida pela acuidade do sentimento e por uma linguagem nobre, rica e luxuriante, como a não teve qualquer outro romancista portuguez. Eça possuia, alem d'um grande poder d'observação, viveza, intuição psychologica, arte e um estylo brilhantissimo, rico em harmonia e pujante de colorido. Se na penna de Camillo relampadejava o sarcasmo que feria, na de Eça espumava a ironia que beliscava. Um ria, o outro sorria. Um era a torrente a cachoar e a rebramir, galgando fraguedos e penhascaes; outro era o veio d'agua a faiscar, a reluzir ao sol, e a deslizar mansamente na macieza de finos relvedos. Aquelle escrevia com pennas arrancadas ás azas possantes das aguias e dos gerifaltes; este, para escrever, enfeitava-se com os alvos punhos de renda de Buffon.

Amavam-se? Não. Temiam-se? Tambem não. Eça de Queiroz, sempre delicado, sempre timido, arreceava-se da penna formidavel de Camillo, que na mão poderosa do auctor do *Eusebio Macario,* guiada pela sua ira incendida, era muito mais para temer do que a clava gigantesca com que Hercules matou a hydra de Lerna? Talvez. Mas Camillo sentia sempre as suas coleras dominadas e vencidas pelo respeito

que lhe inspirava o seu illustre confrade e pelo elevado conceito em que tinha o talento do escriptor realista. Adivinha-se, em mais de um lance, a lucta ingente que no espirito de Camillo se travava para

CAMILLO CASTELLO-BRANCO
Retrato de 1857.

não tratar Eça de Queiroz com aspereza e desamor. Seria só o reconhecimento do valor altissimo d'Eça que paralysava o pulso vigoroso e firme do polemista irreverente e invencivel? Não! Outro motivo, talvez mais forte e mais dominador, que adeante revelarei aos meus leitores, imperava no animo de Camillo, obrigando-o ao commedimento e á paz... armada. Seriam rivalidades de escola que conserva-

vam os dois romancistas sempre de espadas nuas, em permanentes posições de batalha? Póde ser. Mas Eça, o patriarcha da escola naturalista em Portugal, assevera, nas *Ultimas paginas*, que falou constantemente com admiração da obra e dos notaveis meritos de Camillo, e este, que não tinha escola, porque era *elle*, em mais d'uma pagina sua louvou romances do seu collega nas letras. Então?...

O que sobretudo repugnava a Camillo era o modo como Eça de Queiroz imitava, sem necessidade, linguas estrangeiras. Sentia elle o mesmo confrangimento que já dera calafrios a Herculano, a quem muito enjoava a semcerimonia com que o auctor dos *Echos de Paris* abastardava a lingua portugueza. Camillo, educado no convivio dos mestres, não podia conformar-se com as locuções francezas e com os gallicismos de Eça de Queiroz. O seu amor á nossa lingua, tão formosa, tão sonora, que elle tanto engalanou e enriqueceu, não perdoava ao escriptor realista os seus desacatos e a reincidencia em attentados contra a syntaxe. Camillo arrepiava-se e enfurecia-se quando, em meio de paginas soberbas de Eça de Queiroz, notava o torneio francez da phrase ou a desafinação d'um estrangeirismo. E não póde negar-se-lhe razão...

Em Eça, o sentir era outro. Segundo o meu parecer, com maus olhos via elle em Camillo um escarnecedor que fazia gala em achincalhar a escola realista. E não lh'o levava a bem. O auctor da *Corja*, não sei se com perfeita sinceridade, defendia-se d'essa imputação, como se póde ler no «Prefacio» da segunda edição do *Eusebio Macario*, onde o grande romancista escreveu:

«Cumpre-me declarar que eu não intentei ridicula-
«risar a escola realista. Quando appareceram o

«*Crime do Padre Amaro*, o *Primo Bazilio* e os ro-
«mances de Teixeira de Queiroz, admirei-os, e es-
«crevi ingenuamente o testemunho da minha admi-
«ração. Creio que, hoje em dia, novella escripta
«d'outro feitio não vinga.»

Tambem no seu primeiro artigo da ardente polemica sustentada com Alexandre da Conceição, Camillo escreveu o que segue, como póde ler-se no numero das *Ribaltas e gambiarras* de 15 de janeiro de 1881, ou a paginas 395 da *Bohemia do espirito* — primeira edição:

«Assevera o critico que eu, no *Eusebio Macario*,
«tive por *intuito confessado* a pretensão de lançar o
«*ridiculo sobre a escola realista*. O snr. Conceição
«de certo não pode citar phrase minha que o justifi-
que.»

Como conciliar, porem, estes dizeres terminantes do Mestre com o que elle escreveu no «Prefacio» da quinta edição do *Amor de perdição* e no da primeira do *Eusebio Macario*? E vem aqui de molde e a geito transcrever algumas quadras d'uma poesia de Camillo, intitulada *A fidalguinha*, que encontrei no numero de 20 de fevereiro de 1886 da revista politica e literaria *Republicas*. Eil-as:

Sob o docel do mirante,
(Ó Graças prestai-me auxilio!)
via-se a loura menina
a lêr o *Primo Bazilio*.

No seu château solarengo
costuma passar a calma;
— o oxigenio para o corpo,
o *Bazilio* para a alma.

.....

Voltou a face a menina,
carregando o sobrecilio,
e foi lêr o que fizera
no *Paraizo* o Bazilio.

Não comprehendeu, felizmente!
Que o Eça, com grande tino,
quando a Natureza é suja,
usa estylo sibyllino;

de modo que o não percebam
meninas da flôr no viço,
e apenas o entendam velhas
que nada perdem com isso.

Mas.... ainda agora reparo! — porque trago eu o nome de Camillo a este livro, todo dedicado ao desenho, tão imperfeito e tão incorrecto, ai de mim! do romancista que escreveu *O primo Bazilio?* Para que evoco, n'estas paginas descoloridas, a grande figura do auctor genial do *Amor de perdição?*

É que eu desejo cumprir o que a paginas 165 e 166 d'um outro livro meu, de certo já hoje de todo esquecido, *Camillo de perfil*, prometti aos meus leitores: dar-lhes conhecimento de algumas notas de Camillo, relativas á obra de Eça de Queiroz. Já no capitulo I, da primeira parte d'este livro, e no IV, da segunda parte, me reportei a notas de Camillo, referentes a Eça. Vou agora transcrever aqui outras, taes como as copiei de dois livros que pertenceram ao Mestre, cuja mão nervosa os annotou, escrevendo á margem de varios periodos os commentarios que seguem, por todos os titulos interessantissimos. Esses dois livros são *A geração nova* e *A reliquia*.

No seu livro *A geração nova*, José de Sampaio (Bruno) refere-se, no capitulo XIII, intitulado *O romance naturalista*, a Eça de Queiroz e dá a noticia de que elle foi nomeado administrador do concelho

de Leiria, pequena terra de provincia, onde, por varias circumstancias apontadas, conheceu «a falsi-«dade de litteraturas, mentirosas pela convenção.» Camillo, ao lado d'estas palavras, escreveu:

«Sim, foi Leiria q. lhe mostrou a falsid.e das litte-«raturas. Ó gr.de Leiria! Bebo á tua! Deste-nos o «romance naturalista.»

A seguir, Bruno informa, no seu livro, que Eça de Queiroz, voltando de Leiria para Lisboa, «na «falta de occupações obrigadas que lhe tomassem o «tempo, distrahiu-se da monotonia da ociosidade, «escrevendo os folhetins, em que fallámos, para a «*Gazeta de Portugal*. (1)» Camillo annotou estes dizeres de Bruno da seguinte fórma:

«Ria toda a gente dos folhetins em Lx.a O proprio «Antonio Augusto; (2) mal diria q. Eça de Queiroz «tinha o germen de grande escriptor. Disse-m'o a «mim q. facilmente applaudi o profeta.»

Outro livro, pertencente a Camillo, que eu tive a fortuna de folhear, foi *A reliquia*, de Eça de Queiroz — edição de 1887. Logo no ante-rosto, o Mestre, como atraz deixo dito, escreveu o seguinte:

---

(1) Inexacto. Eça de Queiroz, como deixo provado no capitulo II, da primeira parte d'este livro, e no I, d'esta segunda parte, escreveu todos os folhetins que publicou na *Gazeta de Portugal*, em 1866 e 1867, isto é, muito antes de ser nomeado, em 1870, administrador do concelho de Leiria. No seu regresso de Leiria a Lisboa, Eça escreveu *As Farpas*, com Ramalho Ortigão, e não folhetins para a *Gazeta de Portugal*.

(2) Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, fundador e director da *Gazeta de Portugal*, romancista e escriptor notavel.

«Tirante as descripçoens topographicas de alguns «pontos da Palestina — de certo exageradas por «tintas ficticias — este livro, como romance, é uma «*pochade*, em que todos os caracteres são caricatu-«ras, e armadilhas ás gargalhadas da baixa come-«dia. Os plagiatos são frequentes.»

A paginas 161, onde se lê uma carta do Theodorico Raposo á tia Patrocinio das Neves, escripta de Jerusalem, em que rebenta por todas as linhas a hypocrisia do ambicioso aspirante á herança da beata, a quem elle diz que se sente cada vez com mais virtude, que beijou as ricas pedrinhas da Via Dolorosa, que passou a noite a rezar á Senhora do Patrocinio, que todo o mundo em Jerusalem respeita muitissimo, etc., Camillo, á margem d'essa carta, escreveu:

«Quando forçamos a graça, tocamos a semsaboria.»

Mais adeante, a paginas 390, Eça de Queiroz põe o dr. Margaride a dizer estas palavras: « — E fica-lhe «bem ter levantado assim as coisas portuguezas! «observou o dr. Margaride, contente e rufando na «tabaqueira. Direi mais... É acto de patriota... Nem «d'outra maneira procediam os Gamas e os Albu-«querques!» Camillo commentou:

«Note-se q. todos os homens graves d'este roman-«cista são *conselheiros Accacios*. Nunca varia a ca-«ricatura.»

Quando terminou a leitura do romance, que lhe deixou no espirito pessima impressão, Camillo, cri-

ticando-o, escreveu, na ultima pagina, a nota que fielmente copiei:

«Este livro tem duas partes — 1.ª *porcaria*, 2.ª *mas-*
«*sada*. É uma *pochade* á P. de Kock — chalaças hy-
«perbolicam.te inverosimeis — uma vontade despo-
«tica de fazer rir á custa de tudo; mas não é isso
«que o torna um máo livro: é a falta absoluta de
«bom senso e de bom gosto. Pode considerar-se uma
«decadencia, p.r ter sido escripto depois dos *Maias*
«que deve ser melhor.»

*
* *

As notas de Camillo, que ahi ficam transcriptas, provam que elle, no quieto remanso e na inviolabilidade do seu gabinete — sem suppôr ou suspeitar de leve que mais tarde os seus gabos e louvores, ou as suas reprimendas severas, viriam á publicidade, como agora veem — imparcialmente, desapaixonadamente, ora exaltava Eça de Queiroz, ora castigava com aspereza os aleijões de linguagem e os desmandos do escriptor realista. Tambem em mais de um livro seu, Camillo Castello-Branco elogia ou censura obras de Eça de Queiroz. Lembram-me agora, alem das palavras que transcrevi do «Prefacio» da segunda edição do *Eusebio Macario*, estes periodos insertos no *Cancioneiro alegre*, onde, ao fazer a critica do poeta sr. Guerra Junqueiro, depois de informar que este, no numero 7 do *Occidente*, escreveu, a respeito de Eça: — «Infelizmente Eça de Queiroz «não conhece ainda todos os recursos brilhantes de «que póde dispor, manejada por um espirito mo-«derno, a antiga lingua portugueza», Camillo continúa:

«O snr. Eça de Queiroz é mais bizarramente ge-«neroso com o seu amigo que o acoima de escasso «na prosodia. «O grande poeta moderno da penin-«sula» (*Renascença*, pag. 18), escreve com a maior «liberalidade geographica o author d'*O primo Ba-«zilio* — o romance mais doutrinal que ainda sahiu «dos prelos portuguezes.»

Ainda no primeiro artigo de Camillo, da serie que constitue a violentissima querela travada com Alexandre da Conceição, se lêem estes periodos do glorioso romancista:

«Assevera que eu me deixei *obsecar* (queria tal-«vez escrever *obcecar*) por pequenas vaidades de «seita até ao ponto de ter do author do *Primo Ba-«zilio* sómente esta estreita comprehensão: *de que «é apenas um romancista ridiculo*. Não me con-«formo indifferentemente com esta aleivosia, porque «admiro e releio os romances do snr. Eça de Quei-roz.

«No *Cancioneiro Alegre*, pag. 11, digo do *Primo «Bazilio*: «o romance mais doutrinal que ainda sahiu «dos prelos portuguezes». *Doutrinal*, escrevi como «synonimo de *moralisador*. Em minha consciencia «entendo que, se já houve livro que pudesse e de-«vesse salvar uma mulher casada, na aresta do «abysmo, é o *Primo Bazilio*. O snr. Eça de Queiroz «fez esse raro milagre, porque pintou o vicio repul-«sivo e nojento. As mesmas delicias do delicto em-«porcalhou-as, pondo as angustias parallelas com «as torpezas.

. . . . . .

«Isto não me parece que seja, na affirmação le-«viana do sr. Conceição, considerar Eça de Queiroz «*um romancista ridiculo*.»

Mas a reprimenda do Mestre ao brilhante escriptor realista tambem teve a mesma publicidade que haviam recebido os elogios. As admoestações, dirigidas por Camillo a Eça, egualmente foram conhecidas do publico, não se conservando para sempre ignoradas e escondidas nas margens de livros que elle enriquecia com annotações preciosissimas, ou então em cartas particulares — como já li, com menos exactidão e grave injustiça affirmado, a paginas 208 da apreciavel *Historia da litteratura romantica portugueza,* do sr. Fidelino de Figueiredo. Vamos á prova do meu asserto. No *Obulo ás creanças,* referindo-se a José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, pae de Eça, cujo nome tinha incluido em uma longa lista, que intitulou *A procissão dos moribundos,* escreve Camillo:

«A *Reliquia,* essa é uma variegada urdidura de «fios do estylo rendilhado de Edgard Quinet, carto«nado em pedaços do velho scenario burlesco de «Paul de Kock e Crébillon — figurações e tramoias «de peça magica. A alma esplendida do livro, met«tida em corpo assás deformado de gibosidades, é o «sonho da Paixão de Jesus de Nazareth, um 5.º Evan«gelho, sonhado pelo pulha Dom Rapòso, desbra«gado garôto.

«Em que miolos tão reles, hypnotisados em todos «os alcouces d'áquem e d'além mar, o refulgente «phrasista suggeriu um sonho de transcendente as«cese com 150 paginas! Aquelle bigorrilhas, que «nunca teve palavra sincera nem pensamento lim«po, Dom Rapòso, que adormecia ebrio do seu al«coolismo de asneiras e aspirações canalhas, fazia «aquelles somnambulismos messianicos de 150 pa«ginas em 8.º! Que desgraçada ideia romancear «uma novella da Paixão de Christo por conta do

«plangente cantor dos fadinhos da Adelia! A philo-
«sophia racionalista da Peninsula dá isto e mais
«nada para os modernos estudos da Christologia.»

Não termina aqui o trecho de prosa esplendida com que a incomparavel penna de Camillo brindou Eça de Queiroz. Antes, porem, de continuar a transcripção que pretendo fazer, é indispensavel elucidar os meus leitores e expor-lhes os motivos que levaram o Mestre, provocado e cheio de razão, a ser... tão excepcionalmente doce e, apesar de severo, tão extraordinariamente brando. Sim. Contra o seu costume, Camillo foi d'uma suavidade angelica para com o seu camarada na occupação de escrever novellas. E os meus leitores já vão saber porquê.

Na carta que Eça escreveu em Bristol, a 21 de maio de 1886, para anteceder, como prefacio, o romance do sr. Luiz de Magalhães, *O brazileiro Soares*, são innumeras as referencias ironicas por aquelle feitas a Camillo Castello-Branco. Sem, aliás, escrever o nome do auctor de *Onde está a felicidade?*, Eça de Queiroz salpicou a sua carta de transparentes allusões a Camillo. A bem dizer, cada periodo é uma alfinetada a espicaçar o Mestre. Avaliem os leitores por estes excerptos:

«Ha mais de trinta annos, em novella, em drama,
«em poemeto, o Romantismo (ou antes o Maneirismo
«Sentimental que entre nós representou o Romantis-
«mo) tem utilizado o *brazileiro* como a encarnação
«mais engenhosa e a mais comprehensivel da san-
«dice e da materialidade. Sempre que o enredo, como
«se dizia n'esses tempos vetustos em que as Musas
«viviam, necessitava um ser de animalidade infe-
«rior, um boçal ou um grotesco, o Romantismo lá
«tinha no seu poeirento deposito de figuras de pape-

«lão, recortadas pelos Mestres, o *brazileiro* — já en-
«gonçado, já enfardelado, com todos os seus joane-
«tes e todos os seus diamantes, crasso, glutão, ma-
«nhoso, e revelando placidamente na linguagem
«mais bronca os sentimentos mais sordidos.

E adeante, Eça, que tambem ridiculizára o *brazileiro,* nas *Farpas,* como póde ver-se de paginas 97 a 100 do tomo II de *Uma campanha alegre,* escreveu:

«O *brazileiro,* porem, era só nosso, todo nosso,
«d'este solo que pisamos, castiço e mais original-
«mente portuguez que a chalaça e a louça das Cal-
«das. Mais que nacional, era local. Era do Minho,
«como o vinho verde. Ora o Romantismo que sendo
«triste amou sempre essa provincia verde-triste,
«encontrava lá o *brazileiro* constantemente, na feira,
«na romaria, na egreja, na varzea, na villa.»

E ainda mais adeante:

«O bom Romantico não cuida da rua: se é um
«mestre marcha altivamente, com os olhos alçados
«ás nuvens; se é um discipulo segue cautelosa-
«mente, os olhos attentos ás pégadas dos Mestres.
«Extraordinarios estes Romanticos! E bem sym-
«pathicos, — os primeiros, os grandes, os que tinham
«talento e uma veia soberba — com este inspirado,
«magnifico desdem pela natureza, pelos factos, pelo
«real e pelo exacto. Os discipulos, esses, louvado
«seja Nosso Senhor, são bem pêcosinhos, bem cho-
«chinhos!»

Camillo, que lia tudo, leu isto e quedou-se, n'um silencio muito para espantar e grandemente em

desaccôrdo com o seu velho habito de varrer a feira!... Eça de Queiroz, que, pelo visto, andava então em maré de armar pegadilhas, e de implicar com Camillo, escreveu, n'esse mesmo anno de 1886, a 12 de junho, a carta-prefacio do livro de contos, *Azulejos*, de Bernardo de Pindella, e n'essa carta intercalou estes periodos:

«De tal sorte que assistimos a esta cousa pavo-«rosa. Os discipulos do Idealismo, para não serem «de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente «e, com lagrimas represas, besuntam-se tambem de «lòdo! Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de «linho puro, que tão indignadamente nos arguiram «de chafurdarmos n'um lameiro, veem agora pé ante «pé enlabusar-se com a nossa lama! Depois er-«guendo bem alto as capas dos seus livros, onde «escreveram em grossas lettras este lettreiro — *ro-«mance realista* —, parece dizerem ao Publico, com «um sorriso triste na face mascarrada: — «Olhem «tambem para nós, leiam-nos tambem a nós... «Acreditem que tambem somos muitissimo grossei-«ros, e que tambem somos muitissimo sujos!»

Era de mais!... Camillo, a tantas provocações, depois de transcrever o trecho que acabo de copiar, antepondo-lhe estas palavras: — «Aqui está uma «*(aleivosia)* do sr. Eça, do General, que pelo feitio «parece de cabo de esquadra.», respondeu então, com relativa brandura, o que segue e é o complemento do trecho mais atraz transcripto do *Obulo ás creanças*, onde tem o titulo *Commentarios á procissão dos moribundos*, tambem publicado no jornal *Novidades*, de 7 de junho de 1887:

«Deus nos acuda!

«Ora aquillo é comigo. O sr. Eça de Queiroz de-«sembestou aquella frecha apontada ao meu peito «innocente; mas alvejou com o seu olho myope, ou «sacrificou a verdade a umas pittorescas phrases «azedas e já bastante poídas que não valiam a pena «do holocausto.

«Em primeiro logar, eu nunca censurei a pouca «limpeza dos livros do sr. Eça; e, sempre que de «passagem os indiquei, foi para os elogiar incondi-«cionalmente; porque para mim livros sujos são «sómente os mal escriptos. Em segundo logar, ne-«nhuma novella minha se inculca na capa *romance «realista.* Alguem arguiu, com razão, um meu editor «que nos annuncios da 4.ª pagina dos jornaes espe-«cialisava a factura realista da novella. D'ahi pro-«cedeu talvez o equivoco importuno e flagellador do «sr. Eça de Queiroz. Se s. ex.ª me julgasse menos «irracional do que o seu modo de lêr os frontespi-«cios dos meus livros sem os vêr (eu é que vejo «tudo quanto o insigne romancista imprime) duvi-«daria que eu fosse capaz d'essa parvoiçada para «chamar aos meus romances a attenção dos leitores «de s. ex.ª. Crédo! Pois eu precisaria, para ser visto, «de me nivellar com a espadua litteraria do sr. Eça? «Mas, se o fizesse, era essa *a maneira de me tor-«nar invisivel,* como diz a sentença de não sei que «grande sabio... Talvez seja do grande sr. Eça de «Queiroz a sabia sentença.»

E com mais esta transcripção fica demonstrado que não teve razão e foi profundamente injusto o intelligente auctor da *Historia da litteratura romantica portugueza,* já atraz citada, quando, a paginas 208, acoima Camillo de refalsado, apontando para a sua supposta duplicidade literaria, «enco-«miando Eça de Queiroz em publico, ao mesmo tempo

«que o atacava em cartas particulares». Não! Camillo, em uma das notas inéditas e reservadas que atraz se lêem, assevera que facilmente applaudiu a prophecia de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, quando este illustre romancista lhe disse que Eça tinha o germen de grande escriptor. Aqui está o elogio, que elle não esperava que viesse, um dia, a ser conhecido. Em publico, tambem Camillo nem sempre encomiou Eça de Queiroz: os trechos que extrahi do *Obulo ás creanças*, até á saciedade o provam.

Não ficaram sem resposta. Nas *Ultimas paginas* póde ler-se o que Eça replicou a Camillo, sendo muito para deplorar que este nunca tivesse lido essa prosa tão fina e tão arguta, repassada de delicada ironia, incisiva e subtil. A *Carta a Camillo Castello Branco*, sem data, que appareceu entre os papeis inéditos de Eça de Queiroz, segundo o que declaram os editores nos periodos com que abre aquelle livro, sómente veio á publicidade em 1912, quando Camillo já era morto e Eça de Queiroz tambem. Deve ter sido escripta em junho de 1887. Não quero deixar de archivar aqui alguns trechos mais salientes do brilhante e saboroso escripto. Eil-os:

«V. Ex.ª deve conhecer melhor que eu, que sou «distrahido e vivo longe, as capas dos seus livros: «se V. Ex.ª, para attrahir a multidão, n'ellas collou, «ou consentiu que os seus editores collassem, esse «rotulo: *romance realista* — por não poderem legal«mente adornal-as com esse outro mais captivante: «*romance obsceno* — então de certo aquillo é com«sigo. Mas a intransigente verdade me força a con«fessar que, escrevendo esse periodo da carta a Ber«nardo Pindella, eu não pensava no auctor da *Corja*. «Se eu quizesse accusar d'essa abjecta concessão ás

«exigencias da venda um homem que ha trinta annos «é illustre na litteratura portuguesa — teria escripto «o nome todo de V. Ex.ª, sem omittir um só titulo. «Ha personalidades a quem por isso mesmo que são «fortes, se não allude timoratamente e de longe.

. . . . . .

«Eu nunca tive, é certo, a oportunidade deleitavel «de apreciar, nem em copioso artigo, nem sequer em «curta linha, a obra de V. Ex.ª Mas sou meridional, «portanto loquaz. Por vezes, entre amigos e fumando «a *cigarette,* tem vindo «a talho de fouce» conversar «sobre a personalidade litteraria de V. Ex.ª E, lou- «vado seja Apollo auri-nitente! sempre me exprimi «sobre o auctor do *Esqueleto,* d'um modo que é ir- «recusavelmente mais digno d'elle e da sua obra do «que esse outro estranho modo por que o costumam «decantar aquelles que se ufanam, já na palestra, já «na imprensa, de serem seus amigos e seus disci- «pulos.

. . . . . .

«A V. Ex.ª, critico sagaz de si mesmo, melhor com- «pete avaliar o que, n'este valle de prosa e lagrimas, «tem feito para merecer que os seus amigos, como «os amigos de Cesar no dia das Lupercaes, teimem «em lhe enterrar até aos hombros esta dupla e pe- «sada corôa da *vernaculidade* e da *descompos- «tura.*

«A mim só me compete lamentar que a estas mo- «finas proporções tenha sido reduzida, pelo zelo cri- «tico dos seus amigos, a larga individualidade que «nos deu o *Amor de Perdição.* Mas ao mesmo tempo «adquiro o direito de rogar a V. Ex.ª que, quando se «queixar aos ventos e ao Chiado das pessoas que «*implicam comsigo,* como V. Ex.ª diz, ou que *des- «douram a sua gloria,* como eu traduzo, não se «volte para mim e para os meus amigos — mas olhe

«em torno de si para os seus admiradores, e para «dentro de si mesmo, talvez.

. . . . . .

«V. Ex.ª, de lá, d'entre os seus sinceros arvoredos «minhotos, ajanota as suas phrases pelos figurinos «de Filinto Elysio, para me dizer gaguejando, e com «agri-doce generosidade: «O meu caro amigo tem «muito talento, com excepção de escrever muita to-«lice». E eu de cá, mais perfido, porque habito as ci-«dades, grito sem gaguejar, e com polida effusão: «— «E o meu amigo tem ainda muito mais, sem ex-«cepção absolutamente nenhuma».

«É infantil. Antes desperdiçassemos o nosso tem-«po, perseguiçando patriarchalmente, n'este doce calor «de Junho, sob a figueira e a vinha... Mas què! «V. Ex.ª, que estava brincando funebremente, a fa-«zer no soalho, com tochas de phosphoros, uma pro-«cissãosinha de moribundos, ergue-se de repente, «corre para o Publico, mesmo sem tirar o babeiro, «e accusa-me, entre lagrimas de furor, de *estar sem-«pre a implicar comsigo!* Que havia eu de fazer, eu «innocente e justo? Corro tambem para o Publico, «mesmo de jaquetão de trabalho, e brado profusa-«mente com as mãos sobre o peito: «Nunca! É falso! «Jámais impliquei com elle, e não lhe quero senão «bem»!

É uma grande pena que esta prosa, tão deliciosamente ironica, de Eça de Queiroz, não tivesse sido lida por Camillo!... Que resposta lhe daria elle?...

* * *

Já agora, é tempo de fazer conhecer aos meus leitores o forte motivo que, em meu entender, imperou

no animo assomado de Camillo para o impellir a dar mostras de evangelica paciencia, deixando em descanço, ao ler a prosa provocadora de Eça de Queiroz, o fueiro de carvalho cerquinho com que era de seu costume deslombar quem lhe apparecesse na testada com ares impertinentes de brigão. Esse motivo foi, segundo o que ao meu espirito se afigura, o que vou expor.

É bem conhecida a paixão intensa em que se abrazou o coração de Camillo, quando conheceu Anna Placido. Amou-a doidamente, com exagero, com fanatismo, com a exaltação d'um nevropatha. Pensou em morrer, quando a viu casada com Manoel Pinheiro Alves. Fugiu do Porto, vagueou pelo Minho, tentou sahir do paiz, mas a loucura do seu amor arrastava-o sempre para a cidade onde a mulher adorada, ligada a um homem velho, dava tambem combate ao coração, em cujas pulsações estuava, inflammada e ardente, a sua paixão por Camillo. Durou esta lucta dos dois infelizes cèrca de oito annos, até que um dia, exhaustos, cançados de luctar, juntaram-se, amarrando-os o destino um ao outro, com as ferreas cadeias do infortunio. Foi um escandalo!...

O marido ultrajado promoveu, quasi logo, contra os dois, processo judicial, por crime de adulterio. Era então juiz no primeiro districto criminal do Porto o pae de Eça de Queiroz, dr. José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, que occupava esse cargo desde 2 de julho de 1858, tendo desempenhado anteriormente, desde 17 de maio de 1856, as funcções de juiz do segundo districto criminal d'aquella cidade, como já referi no capitulo II da primeira parte d'este livro. Era a esse magistrado integro e probo, que deu sobejas provas de rectidão e de inteireza no celebre processo-crime instaurado, por fabrico de notas fal-

sas, contra o conde do Bolhão, em prol de quem trabalharam influencias poderosissimas — era a esse inflexivel juiz, d'uma austeridade inabalavel e d'uma rigidez inconcussa, que estava entregue a instrucção do processo em que D. Anna Placido e Camillo Castello-Branco eram reus. Pois deu-se por suspeito, em despacho que exarou nos autos a 2 de janeiro de 1860 (1).

A suspeição do dr. Teixeira de Queiroz foi mal acolhida pelo advogado de Manoel Pinheiro Alves, auctor no processo. Desejava o causidico sabedor e intelligente, dr. Alexandre Pinto Coelho de Magalhães, que a causa continuasse entregue a tão douto quanto justo e incorruptivel julgador: por isso requereu, para evitar nullidades, que o juiz jurasse a suspeição. E o dr. Queiroz jurou-a, por despacho de 9 d'aquelle mez. Passou o processo para as mãos do primeiro substituto do juiz, que se deu tambem por suspeito, e indo, o mesmo processo, concluso ao segundo substituto, devolveu-o este ao juiz effectivo, com o fundamento de que diplomas legaes havia que não consentiam aos juizes darem-se por suspeitos em processos-crimes preparatorios, que terminem pelo despacho de pronuncia. O pae de Eça de Queiroz, persistente e testudo, contrapoz a esta razão outras razões, obstinando-se na suspeição que jurára, e, convicto como estava de que seguia a linha recta e imperiosa do dever, respondeu ao aggravo que o advogado do auctor interpoz para a Relação do Porto, sustentando ainda a suspeição.

Por accordam de 27 de janeiro de 1860, a Relação

---

(1) Veja-se, a paginas 276 e seguintes, o interessante livro *Os amores de Camillo*, do sr. Alberto Pimentel, que me forneceu a data d'este despacho e dos que adeante indico.

julgou que ao dr. Teixeira de Queiroz não era permittido lançar-se de suspeito, e compelliu-o a dar andamento ao processo. Em frente d'esse accordam, o pae de Eça de Queiroz pronunciou então, por despacho de 26 de março, D. Anna Placido, sem admissão de fiança, por crime de adulterio, mas — note-se bem! — não indiciou o co-réu Camillo Castello-Branco, estribando-se em que dos autos não constava que houvesse contra elle provas de flagrante delicto, ou outras, derivadas de cartas. D'este despacho, aggravou o advogado do auctor Manoel Pinheiro Alves, sustentando-o o juiz Queiroz. Apreciando o recurso, a Relação do Porto, por accordam de 4 de maio de 1860, determinou que o juiz instructor do processo, em face das provas existentes, pronunciasse o réu Camillo Castello-Branco, visto que n'um crime de adulterio nunca póde haver ré sem, ao seu lado, figurar um réu.

Só então, coagido por este accordam d'um tribunal que lhe era superior, o pae de Eça de Queiroz pronunciou Camillo, por despacho de 5 de maio, tendo-se evidenciado bem claramente a sua intenção e o seu desejo de livrar o romancista do crime que lhe era assacado. Mas não presidiu ao julgamento de D. Anna Placido e de Camillo, que se realizou a 15 de outubro de 1861, com plena absolvição dos dois accusados: poucos dias antes, a 10 de outubro, era transferido, certamente a requerimento seu, para a comarca de Villa Franca de Xira, vizinha de Lisboa. E assim fica provado que o juiz Teixeira de Queiroz, com certeza porque a sua lisa e recta consciencia lhe aconselhava um tal proceder, empregou desmedidos esforços, primeiro, para não intervir no processo em que figurava Camillo como réu, e depois para o livrar da afronta do processo e do opprobrio do julgamento. Não conseguiu o seu

intento, é certo, mas deixou bem assignalada a sua boa vontade.

Camillo era um doente de vontade, um nevrotico, um sentimental, em cujo caracter desigual, variavel, impetuoso — e para bem o apreciar, com imparcialidade e justiça, tem de se attender fatalmente áquella doença — havia traços e predicados de alto valor moral, a apagar impulsos que, por vezes, o faziam chegar a imperdoaveis incorrecções, attenuadas apenas pela sua impressionabilidade de enfermo e pela sua sensibilidade verdadeiramente pathologica. O homem de genio nunca é um ser equilibrado, pautado, regular, como o vulgar dos homens. Muito melhor do que eu o disse o proprio Camillo, referindo-se a Camões e ás estouvanices do grande epico: — «Tem o talento transcendente «crises vertiginosas, doudices sublimes que o extra«viam da pauta do bom viver.» Camillo era assim. Uma virtude, porem, entre outras, o ennobrecia e lhe enflorava o coração, perfumando-lhe a alma apaixonada de romantico: — a gratidão. Camillo era grato e innumeras vezes deu provas de o ser. Para não citar muitos, apontarei apenas dois exemplos.

O primeiro é constituido pelos esforços ingentes que o glorioso escriptor empregou — lucta porfiada em que não esmoreceu! — para livrar da condemnação o seu amigo Vieira de Castro, que sempre a seu lado encontrára, amparando-o e defendendo-o, nas horas de amargura que lhe deu o processo em que foi réu com D. Anna Placido. Escrevendo, implorando, multiplicando-se em diligencias e cuidados, Camillo tentou e repetiu trabalhos sobrehumanos para salvar Vieira de Castro. Quando viu que todo o seu empenho naufragava no mar revolto e encapellado a que o infortunio arremessára o desventurado amigo; quando comprehendeu que a mão de ferro da des-

graça pesava sôbre aquelle que o não tinha desamparado nos dias de provação e de tristeza — com lagrimas e consolações ineffaveis pretendeu suavisar e tornar menos fragoso o caminho asperrimo por onde o condemnado tinha de arrastar-se para o degredo e para a morte! Isto não é adejar de phantasia. Estão escriptos e publicados os documentos e os livros, que comprovam o que ahi deixo affirmado.

Outro exemplo. Em 1872, Camillo, malavindo com El-Rei D. Luiz, por este, ao que se boquejava, não mostrar boa vontade em lhe conceder o titulo de visconde, escreveu um romance, *A infanta capellista*, em que o seu desamor á Casa de Bragança espirrava em todos os capitulos. Ia adeantada a impressão da novella, quando, em março d'aquelle anno, chegou ao Porto o Imperador do Brazil, que logo mostrou desejo de ver Camillo e com elle se entreter em demorada conversa. Mandou, pois, convidar o Mestre para ir ao Hotel do Louvre, onde D. Pedro II se achava hospedado. Camillo, pretextando não sei que doença, recusou com soberbia: o Imperador, menos orgulhoso, foi então a casa do romancista e com elle se demorou em prolongado colloquio. Tanto bastou para que o genial escriptor, grato á deferencia de D. Pedro, mandasse, com prejuizo seu, sustar a impressão, já adeantada, do romance, em que a familia do seu imperial visitante era tratada com pouquissimo carinho — e quando publicou depois a sua obra, com o novo titulo *O carrasco de Victor Hugo José Alves*, Camillo catou-lhe os vituperios, supprimiu-lhe todas as passagens que podessem, embora indirectamente, melindrar o Imperador do Brazil.

Quem assim demonstrou ter coração, quem de tal arte se mostrou capaz de sentir reconhecimento, não podia deixar de ser grato ao juiz honesto que tão insistentemente, por actos successivos, provou

querer livral-o das penas da justiça, sem duvida por estar convicto da não culpabilidade do grande romancista. E foi, a meu ver, com os olhos da alma agradecida postos no magistrado que em 1860 tão dedicadamente o protegeu, que o polemista asperrimo e invencivel, sabedor das provocações com que Eça de Queiroz, filho d'esse magistrado, em 1886 o reptava, deixou passar em silencio as primeiras, e a novos desafios respondeu com palavras que, sahidas da sua penna violenta e contundente, eram brandas, suaves, quasi de carinho e de doçura!

Seria assim? Afigura-se-me que não estou em erro na conjectura, ou hypothese, que deixo formulada. Camillo, não podendo dar ao pae de Eça de Queiroz outras manifestações de gratidão, vergou a sua indole combativa, amarfanhou o seu orgulho indomavel, soffreou a sua arremettida, e mostrou assim o seu agradecimento, poupando-lhe o filho, que, se não tivesse a protegel-o os antecedentes que expuz, estava mettido, por seu mal, com quem, a valer, o deixava estropeado...

* * *

Camillo Castello-Branco nasceu em 1825, justamente vinte annos antes de Eça de Queiroz, nascido em 1845. Cada um d'elles era filho d'um terno romance d'amor... Viveram ambos escrevendo e morreram precisamente dez annos um depois do outro: Camillo em 1890 e Eça em 1900. Foram, um e outro, toda a vida, magros, doentes e myopes. São circumstancias fortuitas, mas tambem são, a bem dizer, coincidencias dignas de nota na vida de dois homens que tão insignes se tornaram e tão notaveis foram na ingrata carreira das letras, que ambos dignificaram e ennobreceram.

Camillo admirava em Eça de Queiroz o escriptor original e vivo, tão faiscante na ironia como brunido no estylo. Por isso lhe chamou, no *Obulo ás creanças,* «o refulgente phrasista». Mas, como já atraz notei, o Mestre não lhe levava a bem os gallicismos e o desrespeito á grammatica, venerada pelos classicos e pelos puristas. Tambem lhe não perdoava os signaes, que por vezes deu, de ignorancia, até de coisas bem vulgares, bem triviaes e bem simples; e, n'esta falta de indulgencia, Camillo emparceirava com Alexandre Herculano, que pasmou ao ler, um dia, no conto de Eça, *Singularidades de uma rapariga loura,* que Villa Real era uma terra do Minho! Quando, uma vez, Camillo deu a provar ao auctor do *Primo Bazilio* um doce favo de mel, Eça de Queiroz mostrou desconhecer a existencia do mel! Não julgue o leitor que esta affirmação é producto da minha esquentada inventiva. Percòrra os folhetins intitulados *Eça de Queiroz,* publicados no *Diario illustrado* de 22 e 23 d'outubro de 1874, transcriptos no tomo XXIII das *Farpas,* de novembro do mesmo anno, e lá verá, com a assignatura de Ramalho Ortigão, estes periodos:

«Queiroz tinha effectivamente n'essa época, uma «grande carencia de conhecimentos praticos. Um «dia, no Minho, Camillo Castello Branco tinha-lhe «dado mel. Elle ficou pasmado de que o mel exis«tisse. Tinha sempre considerado o mel, que nunca «provara senão nas odes do sr. Vidal, como uma «imagem rhetorica, creada por Lucrecio, e que «Plinio adoptara como mera ficção poetica, curiosa «para os naturalistas».

Camillo e Eça de Queiroz, áparte as naturaes rivalidades, provenientes da diversidade do criterio

artistico e literario que os guiava, admiravam-se mutuamente. Assim devia ser: Camillo era um homem de genio; Eça de Queiroz um escriptor de excepcional talento. Os nomes dos dois romancistas, que — não se esqueça esta singularidade — deveram ambos a existencia a um romance sentimental, emparelham-se, nimbados de gloria, refulgindo, entre os primeiros, no cyclo literario que abrange o seculo XIX. Se a Camillo Castello-Branco, em tudo infortunado, a patria ainda não fez a inteira justiça que lhe é devida, Eça de Queiroz teve-a, completa, na consagração d'um monumento.

Bem haja quem lh'o ergueu!

TERCEIRA PARTE

Cartas inéditas

Cartas inéditas d'Eça de Queiroz

> Eis ahi uma maneira de perpetuar as idéas d'um homem que eu afoutamente approvo — publicar-lhe a correspondencia! Ha desde logo esta immensa vantagem: — que o valor das idéas (e portanto a escolha das que devem ficar) não é decidido por aquelle que as concebeu, mas por um grupo de amigos e de criticos, tanto mais livres e mais exigentes no seu julgamento quanto estão julgando um morto que só desejam mostrar ao mundo pelos seus lados superiores e luminosos. Além d'isso uma Correspondencia revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; e isto é inestimavel para aquelles que na terra valeram mais pelo caracter do que pelo talento. Accresce ainda que, se uma obra nem sempre augmenta o peculio do saber humano, uma Correspondencia, reproduzindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar contemporaneo e ambiente, enriquece sempre o thesouro da documentação historica. Temos depois que as cartas d'um homem, sendo o producto quente e vibrante da sua vida, contêm mais ensino que a sua philosophia — que é apenas a creação impessoal do seu espirito.
>
> Eça de Queiroz. *A correspondencia de Fradique Mendes.* (Capitulo VIII).

Vou fechar com chave d'oiro este livro. Bem quizera eu que elle fôsse como que um cofre marchetado e precioso, reluzente de pedrarias, contendo assombrosas maravilhas de belleza. Sei, porem, — ai de mim! — que não passa d'um pobre volume, frouxo e baço, esmaecido e sem vida, em que as unicas paginas luminosas e brilhantes são as que vão seguir-se, enfeitadas com a prosa esmerada, graciosa e rica de Eça de Queiroz.

Cartas inéditas do illustre escriptor são joias raras, flammejantes, a que deu valor incalculavel a magica penna com que foram lapidadas. De bom grado aqui as entrego á justa apreciação dos meus leitores, mercê da permissão que para isso gentilmente me foi dada pela nobre viuva do romancista eximio, ex.ma senhora D. Emilia de Castro Eça de Queiroz, cuja mão patricia peço licença para beijar com todo o respeito e com o mais sincero agradecimento.

Reconhecido, agradeço tambem a amabilidade, tão penhorante, dos felizes possuidores d'estas cartas de Eça de Queiroz, pois lhes devo a alegria de as ver publicadas n'esta minha desmaiada obra, que sem algumas d'essas gemmas literarias seria de escasso e apoucado valor.

Seguem as cartas inéditas, que tive a fortuna de colligir.

I

Ao sr. Visconde de Pindella e ao Conde de Arnoso

1.ª

Grande Hotel do Porto — 30 Agosto 1884

Meu querido Bernardo e querido Vicente

Joias

Depois da nossa memoravel separação em V.ª N.ª de Famalicão (digo memoravel porque a nossa viagem é um dos mais interessantes episodios da historia contemporanea) Ficalho e eu preparamo-nos, segundo as boas tradicções — para dizer mal de vós. Mas, depois de ter torturado o intellecto cahimos ambos na melancolica banalidade de vos chamar *flores* e *perolas*.

O resto da nossa jornada até ao Porto não teve episodios — a não ser encontrarmos um cavalheiro de longa pera grisalha, á Pato, que conhecia todos os detalhes da nossa digressão; a chegada a Pindella, a tarde de versos no paredão de Vianna, e as nossas aventuras nocturnas. Quem lh'o tinha dito? A Fama, a de grandes azas, soprando com as suas cem bochechas nas suas cem cornetas.

No Porto almoçámos, philosophámos, anedoctisámos, e historiámos com Oliveira Martins no seu lindo covil philosophico das Aguas Ferreas. (1) Depois Ficalho partiu — e eu passei a estar doente. Ha tres dias que os meus pobres intestinos se sublevaram, e estou-lhes cahindo em cima (e dentro) com a severa repressão do Bismutho.

Tenho saudades de Pindella. Vejo d'aqui, d'este quarto com vista para a rua de S.ta Catharina, o vosso largo valle verde-negro, a casa em baixo an-

---

(1) No artigo *Um genio que era um santo*, publicado no livro *In memoriam*, referindo-se ás visitas que Anthero de Quental fazia a Oliveira Martins, escreveu Eça de Queiroz:

«Oliveira Martins vivia então na sua linda e recolhida casa das «Aguas-Ferreas. Se já houve em Portugal um delicado e grave retiro «de estudo e de trabalho, sereno, hospitaleiro, superiormente polido «e culto, forte em affeições, fecundo em obras, bello pela consciencia «e pela sciencia, e como que espiritualizado pelas correntes de pensa«mento que n'elle tão livremente circulavam, foi esse da saudosa casa «das Aguas-Ferreas — emquanto não veio bater á porta a Politica, «disfarçada, trazendo sobre a face torpe a mascara nobre do Civismo. «A bibliotheca ficava em baixo, abrigada no silencio propicio de vie«las desertas: ahi viveu Oliveira Martins os seus dias mais doces, e «escreveu os seus livros mais fortes, n'uma regra e concentração de «Benedictino, cortadas ás vezes por tumultuosas inspirações de artista, «como quando ao reviver a *Historia da Republica Romana*, durante «quarenta horas, sem descanço, sustentado a café, elle foi empurrando «com penna magnifica, atravez das ruas de Roma, da porta Carmen«tal ao Capitolio, o triumpho de Paulo Emilio.»

tiquada e grave meia adormecida entre as arvores, e a capellinha a branquejar lá no alto. Vejo o nosso passeio pela matta, o eucalypto com uma data amorosa entalhada por Vicente (e que tu, o dito Vicente, já com um ar sizudo de deputado ás Constituintes dizias ser uma data litteraria, uma data administrativa!!). Vejo-nos sentados no Penedo da Saudade, e o lagosinho esverdinhado cá em baixo, e João, de bibe encarnado, correndo no jardim, como uma papoula viva. Depois á noite, entre os damascos vermelhos do nosso quarto vejo Ramalho, em camisa e sem lunetas, dizendo cousas sobre Shoppenhauer: por que já alta noite, não sei com que fim, nem por que phantasticas razões tivemos uma péga sobre Shoppenhauer.

Este mesmo Ramalho lá está na Foz, folhetinizando. Agora mesmo acaba de me fallar pelo telephone, tentando-me a ir á noite contradançar ao Club! O que indica que este severo critico se lançou no redomoinho dos prazeres da Cantareira. Que a perna lhe seja leve!

Caro Bernardo, ainda estás ahi em Pindella? Atira n'esse caso da minha parte chuva de beijos sobre os teus pequerruchos. E vós ambos ponde aos pés da Snr.ª Viscondessa os meus melhores respeitos — e dae mil lembranças a vosso pae se elle já ahi está. (1)

Abraço apertado a vós ambos, joias, do

Vosso do C.

Eça de Queiroz

---

(1) Quando Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e o conde de Ficalho fizeram á illustre casa de Pindella a visita de que esta encantadora carta dá noticia, tinha curtos mezes de existencia o dr. Vicente Arnoso, actualmente escriptor theatral applaudido e poeta de suave ins-

2.ª

Bristol 28 Agosto 1887

Meu querido Vicente

Perdoa-me só agora vir, tão tarde, agradecer-te as boas, affectuosas palavras que me mandaste por occasião da morte do pobre Alberto. (1) Foi, como podes bem comprehender, um grande golpe para mim, e quasi inesperado por que eu nunca suppuz senão que elle tinha uma pertinaz e severa bron-

---

piração. Os visitantes quizeram vêl-o. O pae, desvanecido, com aquella ternura de que trasbordava o coração do conde de Arnoso, mostrou aos seus tres amigos o pequerrucho, na occasião em que este, jogando com braços e pernas, se debatia com bravura no banho que a ama lhe dava.

Ramalho Ortigão e o conde de Ficalho referiram-se logo á creança com palavras doces e amaveis, que o bondoso pae ouviu, enternecido. Eça de Queiroz envidraçou o olho direito com o monoculo, curvou-se sôbre a tina, fitou longamente o pequenito e permaneceu silencioso.

Sahiram, em seguida, para outra sala, entretendo-se em animada conversa, até que um d'elles notou a ausencia de Eça de Queiroz.

— Onde ficaria encalhado o José Maria?...

— Vae ver, Bernardo.

Foi. E o conde de Arnoso tomou-se de sincera admiração, ao dar com o romancista dobrado sobre a banheira em que o filho esperneava, consolado com o banho delicioso.

— Que fazes, homem de Deus?! ..

— Cala-te! .. — respondeu Eça de Queiroz. — Estou aqui a admirar o teu rapaz, encantado por ter descoberto, emfim, uma creatura mais magra do que eu!...

(1) Alberto Carlos Eça de Queiroz, irmão do romancista. Foi secretario da Junta de Fazenda da provincia de Angola e falleceu em Lisboa, de tuberculose pulmonar, em 5 de julho de 1887. Ficaram ainda vivos: uma irmã do brilhante escriptor, D. Aurora d'Eça de Queiroz, e um irmão, Carlos d'Eça de Queiroz, que depois morreu tambem tuberculoso.

chite. Supponho bem que o sentiste; elle conservava da vossa camaradagem em S. Thomé uma recordação saudosa e cheia de amisade, em que gostava sempre de fallar. Ainda quando aqui esteve em Bristol, o anno passado, estando tambem a Benedicta nos contou longamente os vossos jantares, os vossos cavacos, as vossas risadas no meio da gravidade da administração, a historia d'um certo cavallo branco, etc... E tudo acabou para elle!

Não tenho noticias directas e precisas de ti — mas imagino que estás toleravelmente n'essa placida, gorda, sympathica terra de pastagem e nevoas. Do Bernardo recebo, como todo o mundo, noticias pelas *Novidades*, nas cartas interessantes, e d'uma fina, sympathica singeleza em que elle vae graciosamente contando o seu caminho para Pekin. Deus lhe dê por lá alegria, saude e *succès*. Estas tres cousas excellentes te desejo tambem, certo de resto que as tens, como tão largamente as mereces.

Abraça-te affectuosamente

O teu do C.

Queiroz

3.ª

Paris, 22 Septembro 1891

Querido Vicente

Perdoa-me, com a tua costumada, e já classica, bondade o ter retardado a resposta á tua carta. Mas temos estado aqui tão sobrecarregados d'affazeres, *pró-patria*, que nem o material tempo ha de accudir á pergunta d'um amigo. Essa senhora Faria é aqui conhecida. Pessoa rica e devota, que se interessa muito por essa descoberta da fabricação de *briquettes* com *tourbe*, por que deu dinheiro para a monta-

gem da fabrica, e tem pelo inventor o mais desabalado enthusiasmo. Já me fallou tambem a mim. Mayer (Carlos) e eu fomos ver o inventor e a fabrica. É uma empreza séria, de futuro, e o inventor um homem de genio. Esta é a menor das suas invenções — nem elle se occupa d'ella. Ha um homem de negocios que trata d'esse assumpto, profissionalmente — e a Madame Faria trata d'isso como amadora, e relativamente á exploração da descoberta em Portugal.

Dize a Anselmo (1) que me perdoe tambem — estou reclamando realmente perdões de mais — o não ter respondido á sua boa carta. O caso das salvas dorme agora, por um tempo. Estamos em *pourparlers* tambem com a Hamburger de Amsterdam.

A photographia d'Anselmo em camisa e attitude nobre — um Cid pensativo e em fralda — tem tido um geral *succès*. As damas sobretudo acham extremamente interessante. Que isto todavia não o instigue a tirar a propria camisa, e a fazer *clichés* ainda mais interessantes.

Põe os meus melhores cumprimentos aos pés de tua mulher, beijos á querida pequerrucha, abraço ao bom Anselmo, e outro, muito apertado, para ti do teu do c.

José Maria

4.ª

Paris 29 Junho 1899

Querido Bernardo

Tu és uma Fonte de Favores. Aqui venho com a

---

(1) D. Anselmo de Sousa Botelho, irmão do sr. conde de Villa Real e cunhado do destinatario d'esta carta, sr. visconde de Pindella. D. Anselmo Botelho falleceu em Paris, algum tempo antes de Eça de Queiroz.

minha bilha. O meu caseiro de S.ta Cruz, o famoso José Pinto, o homem das tremendas comesainas, deseja ardentemente uma recommendação para o Juiz de Direito de Campêllo. Campêllo (não sei se com um L se com L L) é a cabeça de comarca d'aquella região serrana. (1) José Pinto tem lá uma demanda. Tal como elle m'a expoz, a Justiça *abunda* na sua causa d'um modo transbordante e quasi oppressivo! Em todo o caso José Pinto, habituado tradiccionalmente á amizade dos Juizes de Campêllo, e não conhecendo este que é novo, está ardendo por travar com elle relações affaveis.

Tu que, como se diz na Biblia, conheces toda a *sorte e condições de gentes*, talvez conheças quem conheça esse Juiz de Direito. (2) Pelo menos podes ahi, em Lisboa, perguntando bem, achar o caminho que leva a esse magistrado. E n'esse caso serias infinitamente gentil se me arranjasses a carta de apresentação e recommendação. O nome todo do meu rendeiro é José Pinto de Sousa.

E tu? Em Cascaes? em Cintra? Tempo aqui horrendo, ora vertendo chammas sobre os pobres corpos nossos, ora ameaçando neve! Eu adoentado, sempre saudoso d'esse Paraiso. E as cadeiras? (3)

---

(1) Campêllo é o nome da pequena villa, séde da comarca de Baião. A esta comarca pertence a freguezia de Santa Cruz do Douro, onde está situada a quinta de Villa Nova, pertencente á esposa de Eça de Queiroz. Á data d'esta carta, era arrendatario d'esta quinta José Pinto de Sousa, a quem largamente me refiro no capitulo III da segunda parte d'este livro.

(2) Em junho de 1899, era juiz de Direito na comarca de Baião o sr. dr. Domingos Rodrigues Ramos, que do seu cargo ali tinha tomado posse em 13 d'outubro de 1898.

(3) A historia d'estas cadeiras é como segue:

Pouco tempo antes da sua morte, Eça de Queiroz veio a Lisboa. Amigo intimo do conde de Arnoso — esse inteiriço caracter de portu-

Mil affectuosas saudades á prima Mathilde, á boa D. Anna, ao João, etc. Abraço do teu

José Maria

II

A Oliveira Martins

1.ª

Meu caro Oliveira Martins

O Guerra Junqueiro e eu tinhamos combinado ir jantar comtigo: não me recordo porem precisamente

---

guez antigo, que foi, talvez, o unico amigo verdadeiro que teve El-Rei D. Carlos — o notavel romancista quiz mimoseal-o, e a alguns amigos, com a leitura da primeira parte, já então completa, do precioso livro *A cidade e as serras*. Reunidos, todos, n'aquelle ninho de encantos que é a casa de S. Domingos á Lapa, Eça de Queiroz começou a ler, n'aquella sua voz tão doce e tão meiga, a prosa magnifica e abundante que da sua penna elegantissima tinha sahido. A meio da leitura, entrou o meu amigo Alfredo Guimarães, o apaixonado e ardente colleccionador de *bric-à-brac*, sempre tão dedicado ao conde de Arnoso. Este pediu-lhe silencio, e Eça continuou a interrompida leitura, que todos escutavam enlevados.

Era um encanto aquella musica deliciosa, que os labios do escriptor brilhante estavam desferindo. De repente, Alfredo Guimarães, não podendo mais conter-se, levanta-se e exclama, enthusiasmado, com espanto de todos:

— Sr. Eça de Queiroz, é tão bello, tão bello, o que ahi está lendo, que eu, que da minha collecção nunca dei nada a ninguem, vou mandar-lhe duas cadeiras do tempo de D. João V!...

A estas cadeiras famosas se refere o romancista n'esta carta, como já em outra, tambem dirigida ao conde de Arnoso e já publicada no *Diario illustrado*, de 16 d'agosto de 1901, alludiu n'estes termos:

«Quando voltaste das costas do Algarve — encostraste de certo os «grossos cartapacios que eu mandei á prima Mathilde. São destinados «a acompanhar, como lastro, as duas cadeiras famosas do Guimarães. «Mas virão ellas jámais, essas cadeiras? São duas realidades com pa«lhinha e pernas? São duas hypotheses com illusão e fumo?»

se era hoje ou ámanhã: manda-me dizer em todo o caso a hora. Eu não tornei a ver o Guerra Junqueiro e por isso te escrevo.

Teu do C.

Queiroz

2.ª

Meu caro Oliveira Martins

Depois de me ter deitado tardissimo — passei uma noite incommodado: ainda procurei levantar-me para ir a tua casa mas vi logo que não levaria lá um conviva supportavel — mas um homem tresnoitado, com o estomago estragado — sem poder comer por doença e sem poder conversar por estupidez.

Eu não vou, penso eu, a Ovar como hontem te disse, de sorte que te verei, espero, o mais breve possivel. Mil saudades ao Batalha.

Teu do C.

Queiroz

3.ª

Meu querido Oliveira Martins

A minha sublevação intestinal tem resistido á repressão conservadora do Bismutho. Preciso por isso um d'esses sugeitos que, no tempo de Molière, frequentavam a sociedade com uma seringa debaixo do braço, e que nós hoje chamamos um *principe da sciencia*. Conheces tu algum bom, — tão bom que distinga realmente o intestino grosso da aorta? O que vem aqui regularmente ao hotel, parece-me ser um *mendigo da ignorancia*.

Se não estiveres em casa, ao receber d'esta, man-

da-me pelo correio, n'um bilhete postal, o nome e adresse do sabio, — para que eu o mande chamar amanhã.

Excellente o Friedlaender! Já tenho a minha estradinha romana, com a sua estalagem, a sua taboleta *A' grande Cegonha,* a sua inscripção convidativa invocando Apollo; e já tenho o aspecto da estrada, com as carrossas de viagem, os arrieiros reunidos, e os pagens favoritos com o rosto coberto d'uma mascara de miga seca de pão, para não soffrerem no assetinado da tez, com a humidade ou com o pó! Grande gente!

Manda o nome do sabio.

Teu do c.

Queiroz

4.ª

Meu querido Oliveira Martins

Estive hontem ainda bastante incommodado; estou agora á espera do meu Doutor; e não creio que possa ainda hoje fazer essa peregrinação de amizade, a Santo Anthero e ao bom Lobo. Pois appeteciame bem esse passeio!

Estou aborrecido com a persistencia d'este incommodo e indignado por ter descoberto que a sua causa está n'estas comidas do Hotel *feitas á franceza.* Sempre a França, e a relles traducção que d'ella fazemos! Tudo isto se deve á revolução de 89; e eu agora sempre que me dirijo ao *Water-Closet,* de calças na mão, vou rosnando as peores pragas contra os Encyclopedistas! Quando voltará este desventuroso paiz á sua tradicção que é o Snr. D. João VI, o padre, o arrieiro, o bello caldo de gallinha, e o rico assado d'espeto, e o patriotico arroz de forno! Mas

não! Querem ser liberaes, philosophos, francezes, polidos, ligeiros... Consequencia: o paiz como tu sabes, e eu com soltura ha oito dias. Irra!

Vè se me mandas outro Friedlaender (que trate do luxo, das bellas-artes, etc.). E se fores á Povoa, dá grande abraço a querido Anthero e a velho amigo Lobo.

Teu do c.

Queiroz

5.ª

Querido Joaquim Pedro

Apesar de ter retardado hontem o meu jantar até ás nove da noite não pude desbastar a minha montanha de prosa. Levar as provas para os areaes da Costa Nova, não é pratico — ó homem pratico! Ha lá de certo a brisa, a vaga, a duna, o infinito e a sardinha, cousas essenciaes para a inspiração: mas falta-me essa outra condição suprema, um quarto isolado com uma mesa de pinho.

Vocês, com tipoia na estação, barco no rio, foguetes á espera e talvez litteratos locaes — não podeis faltar hoje. Eu é que, com todas estas folhas de provas, inumeraveis como as dos bosques, não sei mesmo se poderei ir amanhã, 5.ª feira, a tempo. Não o annuncieis pois positivamente ao nosso querido Luiz Bandarra. Eu para lá me dirijo por toda esta semana. Filho d'Aveiro (1), educado na Costa Nova,

---

(1) Como fica provado no capitulo I d'este livro, Eça de Queiroz nasceu na Povoa de Varzim. Elle proprio, no seu artigo de 14 de dezembro de 1880, intitulado *Brasil e Portugal*, escripto em resposta a outro de Manoel Pinheiro Chagas e publicado nas *Notas contempora-*

quasi peixe da ria, eu não preciso que mandem ao meu encontro caleches e barcaças. Eu sei ir por meu proprio pé ao velho e conhecido *palheiro do José Estevão.* Um telegramma, um mensageiro avisará o author de D. Sebastião (1).

Amanhã, em todo o caso, querendo Deus, saio á noite d'este infecto Porto. Talvez sexta-feira fique na Granja, a respirar o ar puro da verdade social que alli constantemente circula emanado dos espiritos de Mariano (2), Henrique Macedo, e outros reforminhas. Já vês a incertidão dos meus planos. Dá todo este longo recado a Luiz.

Se eu podesse ter amanhã as minhas cousas promptas antes do comboio das duas e meia — unico possivel para chegar á Costa ainda de dia — então realisava a minha visita. D'outro modo só sabado ou domingo.

Abraço o S.to Anthero, sabedor de cousas de philosophia e sonnetista. E abraço para ti.

Queiroz

6.ª

Hotel du Cheval Blanc — Angers, 10 maio 1884

Meu querido Oliveira Martins

A *Revue Universelle* chegou-me aqui a esta minha

---

neas, reconheceu a linda praia do Norte como terra da sua naturalidade.

Denominando-se, n'esta carta, «filho d'Aveiro», Eça quiz, talvez, dizer que a sua familia, os seus avós, e, portanto, elle proprio, eram oriundos do concelho de Aveiro.

(1) Luiz de Magalhães, auctor do poema *D. Sebastião.*

(2) Marianno de Carvalho, qne pertenceu, como Henrique de Macedo, depois conde de Macedo, ao partido reformista, que, em 1876, se fundiu com o partido historico, no celebre «pacto da Granja», fundando-se assim o partido progressista.

boa cidade de Angers, onde tenho estado ao abrigo e longe da rude primavera saxonia. O Ramalho, já dias antes, me tinha escripto que um diabo que assignava Viriato com *h* fazia na *Revue* um esboço do estado presente do romance portuguez, com singular finura critica. A *Revue* chegou-me depois, e na capa, um pouco deteriorada pelas brutalidades postaes, eu não reparei nas iniciaes illustres «O. M.» Nas apreciações sobre a minha pessoa eu sentia uma penna amiga —, mas o prazer de saber que era a tua tive-o só agora, ao receber a tua carta. Eis ahi, querido amigo, a razão do meu ingrato silencio.

Mandando o *Mandarim* ao Mickiewicz tu continuas a tua obra de paternal sollicitude pela minha Fama. A posteridade tem já aqui um bello motivo de lytographia allegorica: no primeiro plano a minha Fama, de babeiro, tropega e mamando no dedo, e tu ajudando-a com as tuas mãos fortes a trepar por um caminho aspero entre as oliveiras da paz e da sciencia; e lá no fundo os contornos vagos d'um Pantheon.

O prologo para o *Mandarim* mandal-o-hei ao Mickiewicz directamente, como tu indicas — apenas me passe uma crise de estupidez e nevoa intellectual com que estou luctando. N'estes periodos, tenho de fazer mentalmente um esforço de quem levanta tonelladas de bronze, para redigir uma carta ao meu alfaiate encommendando-lhe umas calças de verão; e é tal a clareza e precisão com que me exprimo n'essas occasiões, que o alfaiate immediatamente remette-me um casacão de gutta-percha.

A tua carta de Viriatho é, alem do que diz de mim, excellente em todos os pontos; a nossa arte e a nossa litteratura vem-nos feita de França pelo paquete, e custa-nos carissima com os direitos d'alfandega. Eu mesmo não mereço ser exceptuado da legião melan-

colica e servil dos imitadores. Os meus romances no fundo são francezes; como eu sou em quasi tudo um francez — excepto n'um certo fundo sincero de tristeza lyrica, que é uma caracteristica portugueza, n'um gosto depravado pelo *fadinho,* e no justo amor do bacalhau de cebolada. Em tudo o mais francez, de provincia. Nem podia ser d'outro modo: já no pateo da Universidade, já no largo do Rocio eu fui educado, e eduquei-me a mim mesmo, com livros francezes, ideias francezas, modos de dizer francezes, sentimentos francezes, e ideaes francezes. (1)

. . . . . .

Da gente portugueza conheço apenas a alta-burguezia de Lisboa — que é franceza, e que ha-de pensar á franceza se algum dia vier a pensar. Como é feito por dentro o portuguez de Guimarães, e de Chaves? Não sei. O *Padre Amaro* é mais adivinhado que observado. E por probidade d'artista eu tenho uma ideia de me limitar a escrever contos para creanças e vidas dos grandes Santos.

O que me consola é que todas as nações se vão desnacionalisando; e que tudo tende a uma unidade commum como o preço das estampilhas. Dentro em pouco ha de haver um só typo d'homens, em toda a

---

(1) No seu artigo *O «Francezismo»*, publicado nas *Ultimas paginas,* Eça de Queiroz, depois de expender este mesmo conceito, escreve:

«Mas para que hei-de continuar? Não quero escrever uma pagina «de memorias. Apenas mostrar, typicamente, como eu, toda a minha «geração (exceptuando espiritos superiores, como Anthero de Quen«tal ou Oliveira Martins) nos tinhamos tornado fatalmente francezes «no meio d'uma sociedade que se afrancezava e que, por toda a parte, «desde as creações do Estado até ao gosto dos individuos, rompera «com a tradição nacional, despindo-se de todo o traje portuguez, para «se cobrir — pensando, legislando, escrevendo, ensinando, vivendo, «cosinhando — de trapos vindos da França!»

Europa, com o mesmo feitio moral, as mesmas phrases, e o mesmo córte de barba. E o typo escolhido ha de ser o francez, que é, por excellencia, *l'homme moyen,* sem excessos no bom ou no mau, de temperatura temperada, e feito de dózes eguaes. Os meus romances, que são por ora francezes, serão então nacionaes — n'aquella pequenina porção dos volumes que restar da traça, essa suprema critica.

. . . . . .

Em que andas tu trabalhando agora? Que faz o doce mestre Anthero? Dá-lhe por mim o abraço da fraternidade. Eu continuo com os «Maias», essa vasta *machine,* com proporções enfadonhamente monumentaes de pintura *a fresco,* toda trabalhada em tons pardos, pomposa e vã, e que me ha de talvez valer o nome de Miguel Angelo da semsaboria. Mas emfim!... O nosso Luiz de Magalhães que me mande o livro alado. Abraço do

Teu do c.

Eça de Queiroz

7.ª

Bristol Agosto 1887

Meu querido Joaquim Pedro

Tenho tido varias vezes o desejo de te escrever — para cavaquear; mas não me tem sobrado o tempo, nem essa disposição epistolar que tanta gloria rendeu a Cicero e á Sevigné. E hoje limito-me a quatro linhas, com aquella concisão que deve ter uma pergunta nitida reclamando uma resposta nitida.

O que ha do nosso jornal, do jornal O'Neil? Se o plano permanece — em que estado d'adiantamento

ou d'atrazo se acha? É a minha presença ainda considerada necessaria? E se é como vão os Poderes Publicos permittir ahi a minha estada?... São por fim umas poucas de perguntas — mas realmente uma só: temos jornal?

Eu desejo infinitamente estar fixado *là dessus* por motivos de conveniencia particular, arranjos de casa, etc.: responde pois com brevidade, e com toda a porção *de certeza* de que possas dispôr.

Ha dias recebi uma carta de Seguier, poeta e consul, em que me diz que, por circumstancias *inverosimeis mas reaes* se acha proprietario d'um grande jornal (ou de meios de o fundar) que pela descripção parece o nosso! Mesmas ambições, mesmo formato, mesmo *eclat*, mesma litteratura, e na cadeira da direcção politica — o nosso Pinheiro Chagas. É o nosso jornal — nos arraiaes romanticos. Pareceu-me comprehender que á fundação d'este tremendo orgão rethorico presidio sobre tudo o sentimento de que um jornal *á Figaro*, é em Lisboa uma soberba especulação. Supponho que o bom Seguier recebeu um capital e em logar de comprar inscripções ou de o pôr nos fundos turcos, funda um *Gil-Blas* da Baixa. Elle mesmo de resto confessa, com bom humôr, que a cousa lhe *parece inverosimil*, mas que é forçado a acreditar na sua *realidade* visto ter já comprado maquinas, alugado casa de redacção, etc. Elle rival não se m'affigura terrivel. É o *Correio da Manhã* vestido nos armazens da *Belle Jardinière*.

Cá tenho lido os teus *perfis parlamentares*. Excellentes. A superior e risonha bonhomia com que são feitos é de muito bom gosto e muito habil. De cada *perfilado* fazes, fatalmente, um amigo.

E como vae a Politica? Responde ás minhas perguntas porque eu tenho pressa de *savoir à quoi*

m'en tenir. Mando esta para a *Provincia* como *adresse* mais central e seguro.

Um bom e forte abraço do

Teu do c.

Queiroz

8.ª

Bristol 6 Julho 1888

Meu querido Joaquim Pedro

Perdoa não te ter respondido sobre a *Fradiquice*. Não era má a idea de a publicar em folhetim supplementar, — ainda que dous folhetins no mesmo numero desfeião terrivelmente a paginação. Mas ha melhor. É publical-a simplesmente quando quizeres e como quizeres. Nem comprehendo a pretenciosa pieguice com que eu exigia que tudo fosse impresso a seguir — para não interromper a *profunda emoção* que devia dar a *obra-prima!* Forte asneira! Zola (que escreveu o *Germinal!*) está publicando, n'uma Revista que apparece *uma vez por semana*, um livro, da mais fina e delicada analyse! E estava eu, pulga da Arte, a *faire des façons* e a ter exquisitices por causa das minhas grossas imagens! Publica, menino, publica quando quizeres! Uma vez cada semana, no primeiro artigo, já se vê, ou, por causa do Publico, que entre nós tem a attenção menos *soutenue*, cada cinco dias, parece-me excellente. De cinco em cinco dias então é como ouro sobre azul.

Isto de resto habilita-me a fazer a seguinte suggestão. Mariano Pina que esteve aqui comigo (e da nossa conversa sahio, ou vae sahir, se Deus quizer, uma cousa consideravel em que te está marcado um *beau rôle*) disse-me *en passant* que o *Reporter*

tem um material de composição, em typo sobretudo, muito grande, maior que os jornaes francezes. Não é pois difficil, penso eu, nem empata typo, que me mandes de cada artigo uma prova. O meu fim é evitar que se produzam repetições de palavras, más separações de paragraphos, etc., etc. — imperfeições grosseiras que se podem evitar n'um só artigo de 15 tiras de papel, mas que não é possivel *catar* n'uma vasta massa de original como esta. Está entendido, mais que entendido, que n'estas provas eu não alteraria *uma só linha*. Procura fazer isto.

Em quanto a preço não ha occasião *pour traiter en gros*. Nem por um ceitil menos das duas libras eu escreverei um primeiro artigo semanal para um jornal que é propriedade de banqueiros, capitalistas e outras especies, que, se não me illude o meu Proudhon (eu ainda vou em Proudhon) vivem do trabalho alheio, inclusivé, n'este caso do teu proprio. E ainda penso fazer grande favor a essa *finançalha*. Ella não depende de mim, antes pelo contrario! Mas, se eu estivesse no teu caso — não lhes escrevia uma linha sem que me cobrissem cada letra com uma placa de 500 rs. — Responde logo, sobre tudo isto, para eu remetter prosa. Ácerca do plano Pinico, fallarei mais detalhadamente se Deus quizer. (1)

Graças sem fim pela reclame aos *Maias*.

É generoso e grande!

teu do c.

Queiroz

---

(1) Este plano era a publicação da *Revista de Portugal*. Em carta escripta em Notting Hill, Londres, datada de 15 d'agosto de 1888 e dirigida a Oliveira Martins — que não é aqui publicada por tratar de assumptos particulares e muito intimos — escreve Eça de Queiroz:

«Tu perguntavas-me, ha tempo, qual era esse plano em que eu te

9.ª

Rue de Berri Paris 22 Outubro 1888

Meu querido Joaquim Pedro

Desde a ultima vez que te escrevi, tantas cousas se tem passado — que, para conversar largamente, ou ainda curtamente, sobre ellas, necessitaria o *in-folio*. Parece-me pois preferivel para evitar melancolias philosophicas ou facecias violentas, deixal-as em decoroso silencio. A uma só preciso alludir, á tua sahida do *Reporter*. Eu previ-a, logo que aqui me disseram que o objectivo de todas as artes do Mariano, ultimamente, era *fazer-te calar!* Conseguio. E vê tu, querido Joaquim Pedro, as vantagens da Democracia, que tanto escarneces. Ha cem annos, dado o mesmo Mariano, com o mesmo objectivo, estavas a esta hora no fundo d'uma masmorra. Assim estás regalado, ao canto do lume, — e com *a voz cada vez mais forte*. A Democracia portanto *a du bon*.

Logo que soube a tua sahida do *Reporter* pensei em te escrever, dizendo que tinhas á tua ordem, para tudo, e como cousa tua, a *Revista* — essa *Revista* por que tens mostrado tanto scepticismo! Depois reflecti que tu mesmo deverias ter pensado que

---

«destinava *un beau rôle*. É uma Revista—uma grande Revista, nas pro-«porções da *Revista dos Dous-Mundos*, uma obra de caracter nacional, «que possivelmente seria lançada pela casa Chardron, e que certas con-«dições especiaes de *imprimerie*, nos obrigam a imprimir em Paris. Eu «sou o director d'essa *grosse machine*, e tu terias n'ella um logar que «não se limitaria ao de collaborador. Eu desejo fazer d'essa publica-«ção, querendo Deus, uma verdadeira obra nacional, collaborada por «tudo o que ha de melhor, em todas as especialidades, e mostrando «que Portugal *não é tão estupido como por aqui se pensa*.»

desde que eu tinha um jornal — tinhas tu tambem um jornal, e que a offerta era pois uma muito desnecessaria cerimonia.

O tempo, porem, chegou de dizeres, com a possivel precisão, o que queres fazer na *Revista* — ou de dizeres que não queres fazer nada. Quando digo *nada* excluo, está claro, critica, historia e litteratura — por que n'isso, queiras ou não queiras, pela amizade ou pela violencia, com caricias, ou a ferros, hei de extrahir de ti prosa. Dizendo *nada* referia-me á *politica*. Em politica a *Revista* tem duas secções: uma revista politica do mez, e a famosa *Lettre pour l'étranger*. Queres-te espojar n'alguma d'estas secções? Queres inventar uma secção? Queres ter simplesmente um numero de paginas reservado — onde te espolinhes? Ordena.

Como proveito, a *Revista* não convida excessivamente. Em todo o caso eu calculei que (para a nossa panelinha, Anthero, Ramalho, etc.), a pagina deveria ser paga a 2$500 rs. — typo grosso. Todo o mundo me diz que é decente.

Como influencia — não sei o que a *Revista* alcançará. Talvez *zero*. Talvez uma certa authoridade no Caffé Martinho. Talvez verdadeiro predominio em Avintes! E quem sabe? Que ella tenha 10:000 leitores, e é talvez uma Força. Depende isso dos romances que publicar.

Em todo o caso, como convivencia, não has de estar mal na *Revista*. Hei de procurar que estejamos sempre *en bonne compagnie*. O papel pelo menos ha de ser bom; e conto que seja bem feita a policia do estylo.

Nada d'isto te seduz?

Os editores sentem-se enthusiasmados. Eu começo a crêr, que o papelucho pode ter futuro. E seja como fôr os nomes dos amigos — vou-os eu estampando no *Prospecto*, — o teu á frente.

Em S.to Anthero não me fio: mas pelo menos, o Prologo da *Revista,* o introito solemne, ha-de-se-lhe arrancar.

Carlinhos tem grande fé na *Revista*. Quero fazer para o segundo numero um estudo sobre ti — como homem, companheiro intimo. Has-de tirar para isso um retrato. Já vês que começo a ter qualidades de Director — entre outras a *cabotinage.*

Escreve, portanto, e depressa, e recebe um longo e apertado abraço do

teu do c.

José Maria

10.a

16 Rue de Berri Paris 18 Novembro 1888

Meu querido Joaquim Pedro

Mil agradecimentos por todos os teus passos — postaes e convidantes — em prol da Revista. Desejo mais um serviço: — que escrevas ao Jayme de Magalhães Lima, que não sei que parte do Universo habita. Á ultima noticia que d'elle deram os jornaes estava dentro de Tolstoï. Lembra-me tambem de convidar — o Visconde de Chancelleiros. Que te parece? Tem elle alguma cousa no ventre — alem de pilherias para uso dos Pares? Se pensas que é util, tu, seu amigo segundo supponho, podias mandar-lhe duas regras. Tambem não sei onde habita.

Em quanto á carta do Moniz Barretto — nada sei de mudanças a fazer no pessoal do consulado. Não creio que as haja, nem que o Ministerio jámais tivesse pensado em as fazer. Nenhuma indicação d'isso me foi dada — e supponho que o Moniz Barretto foi mal informado, ou se equivocou com outro

consulado, ou fez obra por um boato a que não corresponde nenhuma realidade. Eu pelo menos nada sei — nem creio que nada haja.

Carlinhos vae partir. Elle te fallará da *Revista*. Leva tambem um plano de jornal diario.

Que te parece d'estes dois para a *Revista* — D. Antonio da Costa, e Oliveira Marreca? São escriptores, especialistas, apenas nomes — ou nem nomes são?

Responde e acceita apertado abraço do

teu do c.

José Maria

11.ª

16 Rue de Berri Dezembro 24 1888

Meu querido Joaquim Pedro

Começo por mencionar a tua nomeação para o commando da *Regie* — sem saber todavia a natureza e a quantidade dos parabens que te devo dar. Pelo que aqui ouvi, tomo como certo que se fez um apêllo ao teu patriotismo para salvares essa instituição que *degringolava:* — e isto é excellente para ti e para os teus amigos. Mas tambem me dizem que o logar é mesquinhamente retribuido, de fortes responsabilidades e tão trabalhoso que impede outras occupações: — e isto é mau para a litteratura e para ti. De sorte que me reservo para graduar o abraço, mais tarde, quando tiver mais exacta noção do que é essa «administração da regie.»

O fim d'esta é pedir-te que, *sem a menor demora*, me arranjes o numero do *Reporter* em que vem o folhetim, ou antes o Capitulo II do «Fradique» — o

que começa — *Toda essa noite meditei phrases para dizer a Fradique,* etc., — e que o remettas, apenas arranjado, ao

João Diniz

Typographia «Teixeira»

Cancella Velha Porto.

Está-se a imprimir lá o «Fradique» e descubro que se me extraviou esse numero. Sè, a este respeito, expedito.

Está-se tambem a imprimir o Prospecto da *Revista.* É um documento consideravel — dez paginas de prosa em que começo por provar ao Paiz que d'assignar a *Revista* lhe podem resultar todas as prosperidades que um paiz é susceptivel de gozar — e em que termino por o ameaçar com catastrophes (perda d'independencia, etc.) se elle não assignar! Considero este *Prospecto* bom — mas tenho ás vezes uma desconfiança de ter n'elle passado alem de todos os limites. Vou por isso pedir a Genelioux — ou ao mesmo João Diniz — que te mandem uma prova. Sobre essa prova, á margem, tu, aguçando um lapis e o intellecto, farás as tuas observações, já marcando aquillo que te pareça excessivo, — já fazendo alguma emenda na distribuição e classificação das materias, quando descobrires falta, superabundancia, impraticabilidade, ou alguma cousa *d'anti-scientifico:* — se de passagem te accudir alguma phrase *bonita* (apesar de lá não escassearem) acrescenta-a, que diabo! É sempre bom.

Responde e abraço do teu

do C.

José Maria

A tal prova apenas examinada remette-m'a logo, sem tardar, para meu modelo.

12.ª

Paris 18 Julho 1889

Querido Joaquim Pedro

Soubemos, ao mesmo tempo aqui, que estavas doente e que estavas já bom. Parece que fizeste o mesmo que D. Duarte (resultado de más leituras) trabalhando muito tempo sem comer. Não te aconselho, *por pudor*, o que os medicos aconselhavam ao filho de D. João; mas aconselho-te o systema do Homem sem egual (refiro-me, está claro, ao papá Hugo) que trabalhava tendo ao lado uma tigella cheia de ovos quentes, que ia croquant. A proposito de papá Hugo — fomos hoje o Batalha e eu visitar a casa-templo, onde elle habitou. Em holocausto ao Mestre, rosnamos contra ti algumas injurias acres. Ha n'esta casa uma interessante particularidade: um dos *guias* ou *ciceronis*, vae levando a gente atravez das salas, de resto extremamente interessantes, e inspiradoras de muita devoção, — até um cubiculo, onde, como uma aranha no seu buraco, está um sujeito risonho que sollicita mansamente o forasteiro, ou antes o peregrino, a que assigne a *Edition Nationale* das obras do Mestre. Não menciono isto — senão para que apprendas a admirar o grande espirito pratico d'esta grande patria franceza.

Abraço-te querido Joaquim Pedro, pelo que tens feito pela *Revista*. O Gayo diz-me que tem encontrado em ti appoio e bom conselho. Continua-lh'os por amor de mim. Eu creio que a *Revista* poderá ir, coxeando, por ahi alem, durante um certo tempo — até que se affirme, *droite sur les pieds* ou que eu a converta pouco a pouco, n'um verdadeiro *Magazine*

das familias, com muito romance, viagens, biographias, vulgarisações scientificas, etc. Vamos a ver. Eu, e o Genelioux, consideramos estes primeiros numeros, como uma experiencia *in anima vili*. A experiencia dirá se é possivel manter a publicação como *Revista*, se devemos definitivamente transformal-a n'uma *Magazine des Familles*. *En attendant* é preciso, para que a experiencia seja conscienciosamente feita — que os numeros sejam o mais litterarios que a nossa terra permitta. Os teus *Filhos* são de primeira ordem. Genelioux escreve-me hoje dizendo, perguntando, se eu tratei comtigo para publicares na *Revista* toda a obra. Não tratamos nada, mas espero que a dês toda para lá. Podias mesmo talvez contractar com o Genelioux a edição em Livro — a não ser que estejas preso ao Bertrand para todas as tuas obras. Das paginas que deste para a *Revista* (dos *Filhos*) cabem-te se bem me lembro umas 10 libras. Não tenho presente a folha de pagamento de collaboração, para este 1.º numero — mas creio que é isto. Não é muito, mas para o paiz tambem não é minimo. Tudo isso creio que é pago no Ferin, dentro da primeira quinzena da publicação do numero. Gayo te dirá.

Ennes escreveu-me dizendo que não podia acceitar o fazer a chronica politica — por que a Politica está uma tal sordida vergonha, tão baixa e minuscula, que tendo elle já quasi vergonha de se occupar d'ella no jornal, não se sente com animo de a trazer ainda, assim suja e relles, para as paginas d'uma *Revista* decente. Não sei se esta razão é a razão real. Escrevi portanto ao Gonsalves. Carlos está em Vichy, e não se pode contar com a actividade d'elle Espero que Gonsalves me faça a chronica para este mez.

Escreve-me pela volta do correio, dizendo-me

quem pode ahi em Lisboa, tratar com authoridade a questão de «Lourenço Marques», na *Revista*. Queria tambem um bom artigo sobre as *Eleições:* — quem o poderá fazer?

Se Santo Anthero ahi está abraça-o muito por mim. Tu acceita abraço egualmente affectuoso do

teu

José Maria

13.ª

Paris 27 Agosto 1889

Querido Joaquim Pedro

Deixa-me implorar-te myriades de perdões, por não ter respondido á tua ultima carta — *affairé* como tenho estado, com toda a sorte de cousas consulares e *revistaes*. Em primeiro logar, agora, respondo ás tuas observações sobre pecunia. Não sei se introduzes algum erro na contagem do que te era devido pelo ultimo numero de Julho. Eu marquei-te a pagina a 2$000 rs. É o que por agora, n'estes começos, a *Revista* deve pagar aos bons. Se porem achas pouco, queixa-te, e eu verei se a bolsa se pode abrir com mais largueza. Genelioux é quem paga, mas sou eu que marco as quantias — por que vês d'ahi as asneiras que fariam os Editores, se a elles competisse avaliar a remuneração de cada artigo. Para mim mesmo é essencialmente embaraçador: — e se tu, com mais experiencia de jornaes e de administrações, me quizesses fazer ahi uma tabella, enorme favor me farias. Mas o que deve regular essa tabella, e qual a sua base? O merito dos escriptores? A sua popularidade? O genero em que trabalham? Não sei dizer. O que se faz em Inglaterra é contractar

com cada escriptor, individualmente — um artigo por tanto. Mas isso em Portugal seria difficil..... O que eu tenho feito até aqui tambem não pode continuar, porque apesar de ter dous preços (2$000 rs; e 1$200 rs.), estou fazendo pagar ao Chardron semsaborias pelo seu quintuplo valor, e pagando de menos, como consequencia, artigos que são bons. Vê tu se achas um systema — oh creador de Systemas!

Os *Filhos* são uma bella obra: este segundo numero tem cousas de todo o ponto excellentes: é talvez o mais interessante (para o gran publico) e sympathico livro que tens feito. E é um livro moral: por que pintando, com belleza e amor, cousas nobres e fortes, elevas para ellas os espiritos e fazel-as amar.

Este segundo numero porem, aqui entre nós, tirando os *Filhos* estava semsabor. A Chronica do Gonsalves era pessima e de pessimo gosto. Eu estou com idea de suprimir as chronicas — substituindo-as, por um artigo geral de *Notas do Mez*. O que hoje são chronicas podiam ser convertidas em dous artigos sobre o facto dominante — um da politica externa, outro da interna. Esses artigos teriam um nome, um titulo tirado do assumpto. Dava á Revista um ar mais *cheio* e *variado*. Qual é a tua opinião?

Por aqui nada de novo. Esteve cá Luiz Söveral, e fizemos um jantar de *vencidos*, com bacalhau, na *Maison d'or*. Depois houveram cantigas e danças. Agora está cá o Principe. Subimos com elle á Torre Eiffel — e, *nent* (?) *licet* exclamamos: — «é esplendido!» A torre não dá para mais do que para uma exclamação — mas essa é de dever, e não lh'a regateamos.

Dize se sempre te decides a vir a esta capital dos Povos, — e sobretudo de Seine-et-Oise.

Dá abraços aos amigos e recebe tu, com os nos-

sos cumprimentos para a Sr.ª D. Victoria, um forte e carinhoso abraço do teu

José Maria

14.ª

Paris 16 Outubro 1889

Querido Joaquim Pedro

Recebemos a noticia de que El-Rei está morrendo. A *Revista* deve, creio eu, ter sobre esse successo tres artigos:

Um geral, de sentimento, que me reservo.

Outro (não pensas assim?) sobre o Principe Real, sobre o futuro Rei, que vou pedir ao Carlos Valbom.

Um outro, mais serio, que deve ser um estudo historico sobre o Rei defuncto. Este peço-t'o a ti, querido amigo. Vês bem que podes fazer esse artigo de grave cortezia, sem tocar na politica que caracterisou o reinado. Conheceste o Rei. Podes ter sobre elle, como homem e como Rei, cinco ou seis paginas solemnes e magnificas.

Não vejo razões para que digas que *não*. No entanto para meu governo telegrapha-me uma resposta — um simples *sim* ou *não*. Explicações as darás por escripto.

Se for *sim*, como espero, escreve logo o artigo, e manda-o logo ao Gayo, para o remetter a Genelioux. Nada impede, n'um caso d'estes, que alem dos *Filhos* venha na *Revista* outro artigo teu.

Abraça-te, com carinho

o teu do c.

José Maria

15.ª

Paris 28 Janeiro 1890 (1)

Querido Joaquim Pedro

Não tenho noticias tuas desde o ultimo reinado. Ia quasi a dizer desde o reinado do Mestre d'Aviz.

Desde então muita cousa tem passado. Aqui por casa doenças. Ahi pelo paiz, crises. Por cá, graças a Deus, vamos todos melhor. Em quanto ao Paiz não sei se vae melhor; e o meu pesar tem sido não estar ahi para conversar comtigo, a sós, e portas fechadas. Estou-te a ver, na tua poltrona, de manta nos joelhos, sorrindo, e esfregando de vagar as mãos, como um philosopho e um velho historiador que ha dous mil annos frequenta e conhece os homens. Eu que os não conheço tão bem como tu, ou que, como romancista, os conheço só individualmente, e que alem d'isso só sei do que ahi se passa atravez do *Tempo* e das *Novidades,* fontes unicas da minha informação, — mas estou certo do que deva pensar d'esse renascimento do Patriotismo, esses gritos, esses crepes sobre a face de Camões, esses apêllos ás Academias do mundo, esses renunciamentos heroicos das casimiras e do ferro forjado, essas joias offerecidas á Patria pelas senhoras, essas pateadas aos Burnays e Mozers, esse resurgir d'uma ideia collectiva, toda essa barafunda sentimental e verbosa em que o estudante de lyceu e o negociante de

---

(1) Esta carta, como pela data se vê, foi escripta poucos dias depois do *ultimatum* da Inglaterra, de 11 de janeiro de 1890, e refere-se aos acontecimentos que em Portugal se deram a seguir a esse triste facto historico.

retalho me parecem tomar de repente o commando do velho Galeão Portuguez. E esta carta é quasi sobretudo para que me digas o que devo pensar, e em tres ou quatro traços, me dês a *real realidade das cousas,* como diz o nosso Fradique.

O Carlos Valbom, que me escreveu ha dias, affirma que isso ahi está *medonho* e *perigoso.* Eu não sei porquê, affigura-se-me que, alem d'isso, deve estar comico. Esse intelligente patriotismo que leva os jornaes a não querer receber mais *periodicos inglezes* (!!), os professores a não querer ensinar mais o inglez, os empresarios a não querer que nos seus theatros entrem inglezes, os proprietarios de Hoteis a não querer que nos seus quartos se alojem inglezes — parece-me uma invenção do inglez Dickens. E' d'um comico frio e funebre. Por outro lado ha cousas sinceras e tocantes... *Je m'y perds.* O que se me affigura mais natural — é que o Paiz foi atravessado por um sentimento vivo e forte, e que, como o Paiz está n'uma perfeita anarchia d'ideas, esse sentimento tomou em geral uma expressão despropositada.

Em todo o caso parece-me que Portugal está n'um mau momento; e (perdoa o jogo de palavras) seria talvez o bom momento para se fazer ouvir uma voz de bom senso e de verdade. Por que não levantas tu essa voz? Não supponhas que te venho pedir *de la copie. J'en ai!* A *Revista* está atascada de original. (Assim elle se imprimisse e sahisse!) Mas penso que, com o teu nome por baixo, ou *sem o teu nome,* uma serie d'artigos, que pozessem bem claramente o problema, era um serviço publico, d'esses a que ninguem se pode eximir, desde que tem o dom superior de os poder prestar. Nunca, creio eu, houve, antes d'este, um momento em que Portugal moderno estivesse tão accordado e attento. E' impossivel que

não haja algumas centenas d'homens, que sincera e lealmente desejem saber o *que se deve fazer;* e que queiram sinceramente *fazer o que se deve.* E' estes que convinha esclarecer. O Paiz parece-me agora, n'este instante, um espirito que accorda estremunhado e que olha em redor, procurando um caminho: é esse caminho que alguem lhe deve indicar. O que tu me poderás dizer é que não ha caminho nenhum aberto a mostrar-lhe, e que não ha senão *des culs-de-sac,* onde ha o esbarrar de ventas. Mas não creio. E' impossivel que Portugal agora não tenha melhor a fazer senão ir nomear uma *maioria regeneradora,* pelo costumado processo, e depois ficar á espera que chegue o momento de nomear pelo mesmo processo a *maioria progressista.* Ou a minha ingenuidade é grande — ou ha de certo alguns milhares d'homens em Portugal que desejam outra cousa — sem saberem o quê.

Em todo o caso, eu, por mim, desejava *algumas linhas d'esclarecimentos:* — e peço-t'as para quando tenhas «vagar e papel de mais».

Como sabes o nosso Anthero resurgiu para a vida activa atravez da philosophia. Temos d'elle um primeiro artigo n'este numero da *Revista* — que sahirá, não sei quando, mas ainda n'este seculo. E' extraordinario! Está todo o original na imprensa desde o fim do mez passado! Parece que a culpa foi do Ramalho! A culpa (segundo o G...) é sempre d'alguem que lhe está sempre, n'esse momento em que elle escreve, *fazendo cabellos brancos.* Não sei se tens tambem concorrido para as cans d'esse moço.

Agora um assumpto particular. Escrevi ao Carlos, pedindo-lhe que vigiasse para o caso do nosso amigo F... recomeçar, com este ministerio as suas intrigas, e tentar outra nova e grotesca *questão do Consulado de Paris.* Não me parece que o Serpa ou Hintze tenham

empenho em ressuscitar esse caso; mas a politica é movida por cordeis tão sordidos, que tudo é possivel, desde que não faltam as mãos sordidas para os puxar. Carlos Valbom respondeu-me que não serão más algumas precauções — e entre outras, fallar ao Mayer, intimo do Hintze. Tu porem estás de bem com Gregos e Troyanos, e ninguem melhor e mais authorisado para tomar qualquer medida que a prudencia e a amizade te indiquem. Podes mesmo fallar com o Mayer. Podes tambem fallar sobre isso com Ficalho. E em todo o caso podes sobretudo esclarecer-te e esclarecer-me. Deixo isso ao teu senso e amizade.

Isto não quer dizer que eu não tenha desejo de recolher á minha Patria: mas isso é difficil, por questões orçamentaes; e, a ficar na carreira, então desejo ficar em Paris. Se Vocês todavia, homens poderosos, podessem arranjar ahi um nicho ao vosso amigo ha tantos annos exilado, terieis feito obra amiga e santa! Era necessario porem descobrir o nicho! E depois arranjar do nosso bom amigo o Rei, que eu fosse plantado no nicho! E dizer que, se eu tivesse nascido dos Pyrineus para cá, e dado romances ao *Petit Journal* possuiria talvez 60:000 francos de renda! A proposito de romances: o *Primo Bazilio,* esse *fait-Lisbonne,* foi traduzido em inglez, allemão, suecco e hollandez, n'estes ultimos seis mezes! Que atroz injustiça para o pobre *Padre Amaro!* O traductor inglez do *Primo Bazilio* cortou-lhe todas as scenas em que os amantes se encontram, e em geral, supprimio o adulterio! Deu-lhe alem d'isso o nome *Dragon's Teeth!!* E o livro teve, em Inglaterra e na America *une bonne presse.*

Perdoa esta longa epistola. Escreve tu tambem.

A Emilia em quanto o não faz escrevendo pessoalmente, encarrega-me de agradecer á Sr.ª D. Victo-

ria a sua muito amavel carta de sentimentos. Mas ella mesma lhe exprimira brevemente o seu reconhecimento — e eu limito-me a pedir-te que apresentes á Sr.ª D. Victoria os meus cumprimentos, e a mandar-te um longo e apertado abraço.

Teu do c.

José Maria

16.ª

Paris 28 Agosto 1890

Meu querido Joaquim Pedro

Deixa-me primeiro dar-te algumas noticias minhas. Tenho estado doente. Primeiramente estomago — e depois, um incommodo, um abcesso n'aquelle sitio em que se levam os pontapés, que me veio surprehender n'uma pequena praia da Normandia, onde estava sorvendo o iodo dos mares. Recolhi a Paris, — e ainda adoentado, venho massar-te por causa de uma abominavel historia de caixotes, contendo pratas, louças, livros, etc., que a Alfandega do Porto não me quer deixar passar para cá, sem que eu pague uma somma enorme de direitos de exportação! Tinha pedido ahi ao Carlos que se occupasse d'este caso — isto é, que obtivesse do Ministro da Fazenda uma ordem para que os caixotes sahissem livremente. Mandei-lhe depois, d'aqui, a este respeito, vendo que elle nada *obtivera,* ou *fizera* — cartas e telegrammas. O Carlos teve a amabilidade de guardar um silencio magestoso!

Escrevi então para o Porto. E não fiquei pouco surprehendido quando me dizem de lá que o F...

mostrava pouca vontade de fazer a mercê — *desde que ella lhe era pedida pelo Carlos!* Isto foi dito, pedindo o informador *segredo.* Creio portanto que, tambem t'o devo pedir a ti. Mas, se assim é, que miseria!

Emfim o Malheiro Dias aconselha-me que faça um requerimento e que o mande apresentar ao F... por pessoa mais *grata* que o nosso Carlos. Mas quem? Eu não conheço os amigos do F...! Mando-te pois o requerimento, para que tu, com a tua usual bondade, e o teu incomparavel tacto, trates de arranjar ahi isso, e me soltes esses caixotes, que a Alfandega, sob pretexto que elles conteem objectos de commercio (!) não quer largar sem que por meu lado eu largue uns poucos de centos de mil réis! Peço-te que trates isso urgentemente por que os caixotes alem de terem pratas e louças, teem roupa d'inverno minha, livros, até provas e manuscriptos, cuja ausencia me faz grande falta.

Estou um pouco fatigado, senão contar-te-hia alguns casos engraçados, sobre a *nossa Politica d'aqui,* a respeito de tratado, imprensa, emprestimo D. Miguel, etc.

Escreve — dize o que houver. Falla de ti sobretudo — e, se não te affligir muito, da Patria.

Os meus respeitos á Sr.ª D. Victoria. Abraço ao Ramalho. E outro muito apertado e carinhoso para ti do teu

José Maria

Foi o Malheiro Dias (da Alfandega do Porto) quem enviou o modelo do requerimento. Tu saberás quem é a pessoa competente, *o compadre,* para arrancar ao F... a *ordem — ordem* que se dá todos os dias, em casos como o meu como cousa corrente.

17.ª

Paris 2 Setembro 1890

Querido Joaquim Pedro

Mandei-te um telegramma, para que dirigisses o requerimento — não ao Ministerio — mas directamente ao Augusto Dias, á Alfandega do Porto. Uma explicação confusa do meu cunhado foi a causa do engano. Perdôa a seccante sécca.

A *Revista,* por motivos que, contados, parecerião d'uma comedia de quiproquós, á antiga moda hespanhola, — renasce, depois de ter estado como morta, uns mezes, e renasce com redobrado vigor. Apéllo para a tua caridade e para a tua prosa. Vê se me podes dar um artigo genial seja sobre Politica, seja sobre Historia, seja sobre Cousa Nenhuma, — essa outra sciencia tão cultivada em Portugal... Serio, serio, meu querido Joaquim, preciso um artigo teu. Que te parece d'umas 20 paginas sobre o Imperador Guilherme? Um artigo colonial não sei se te conviria. A analyse do Tratado já a tens feito no *Tempo*... Emfim tu de certo saberás melhor que eu o que te convem — ou o que te entretem.

Acabamos agora de saber que El-Rei está doente. É o caso, realmente, de dizer com profunda sinceridade, e de dentro do coração — *Dominé salvum fac regem!*

Escreve. Conta o que ha, e deixa-me entrever a promessa d'um artigo para outubro, se Deus quizer.

Os meus respeitos á Sr.ª D. Victoria.

teu do c.

José Maria

18.ª

7 Outubro 1890

Querido Joaquim Pedro

Não tenho querido escrever-te sobre o pedido que motiva esta epistola para não te perturbar, na attenção que tu, se não já por interesse pessoal ao menos por curiosidade historica, deves ter tido toda occupada e fixada na crise. Mas hoje leio em telegrammas que o Martens Ferrão, depois de dez dias de politiquice no vazio, recolhe a Roma. Temos pois aberta uma segunda crise. São provaveis outros dez dias de politiquice no vazio. A crise perde todo o seu viço e novidade. Torna-se um estado normal. Cada um volta ao seu ram-ram —, e, suppondo-te livre e disponivel, não hesito em te occupar do meu caso.

Trata-se «como sempre da Alfandega (assim diz Fradique) fonte perenne das minhas amarguras...» Mas tu conheces a historia. São os meus caixotes! Se bem te lembras havia um requerimento a entregar na Alfandega do Porto pedindo livre passagem, (como bagagem pessoal) para esses desventurados fardos. O requerimento foi entregue ao Malheiro Dias. Este bom e austero amigo, depois de estudar a questão, deu sobre ella uma informação muito favoravel. Munido d'essa informação o requerimento subiu ao Ministerio da Fazenda... Mas ahi encalhou! Não houve mais noticias d'elle. E agora Malheiro Dias manda-me dizer que o unico meio de apressar a solução d'este caso é pedir directamente ao Ministro da Fazenda que *dê sem demora um despacho* — despacho que não pode deixar de ser favoravel, em vista da favoravel informação da Alfan-

dega do Porto. Mas quem é o Ministro da Fazenda? Ainda ha Ministro da Fazenda? Ainda ha Fazenda? Tu, que estás perto, se não dentro dos acontecimentos, poderás talvez responder a estas interrogações temerosas. E o que de certo poderás fazer é arranjar que o Ministro, ou a sombra do Ministro, ou o quer que seja que se ache á testa d'esse Ministerio dê o despacho, o simples despacho d'expediente, a mera assignatura, a mera garatuja, — que é necessaria para que os meus caixotes venhão!

E tu não imaginas como eu necessito d'elles. É facto que veem lá meia duzia de talheres de prata, e quatro porcelanas, que não são essenciaes para a minha existencia; mas vem lá tambem n'esses caixotes, querido Joaquim Pedro, todo o meu enxoval d'inverno, desde flanellas até paletots! E aqui o frio começa a picar! Se elles tardam eu terei de me fazer um enxoval inteiro d'inverno, como um chefe negro que chegasse de Machona! Apieda-te pois d'esta situação — e procura arrancar a essa Repartição, ou a esse Ministro, seja o Ministro passado, seja o Ministro futuro, o despacho bemdito, que me traga os meus agazalhos! (1)

---

(1) No capitulo II da *Correspondencia de Fradique Mendes*, Eça de Queiroz dá conta do encalhe na alfandega portugueza, de um caixote em que vinha, de Paris, a mumia de Pentaour, chronista de Ramézes II, com que Fradique desejava presentear uma senhora ingleza: não sabendo quaes eram os direitos applicaveis a uma resequida e negra mumia, a alfandega deteve-a, sendo preciso um pedido formal ao ministro da Fazenda, para este a deixar entrar livremente.

Não seria a detenção dos caixotes de Eça de Queiroz, na alfandega do Porto, referida n'esta carta e nas duas anteriores, que sugeriu ao romancista aquelle episodio phantasiado? — Quer-me parecer que sim, afigurando-se-me que a observação que deixo indicada é mais uma prova de que os livros de Eça estão cheios de passagens fundadas em factos da vida real, de que elle foi testemunha.

Em quanto á Causa Publica que te direi? Nada comprehendo do que se está ahi passando. O conhecimento que ahi ganhei, na Primavera, dos factores politicos não é bastante já para me explicar a anarchia actual. Deve ahi haver factores novos, novos elementos de decomposição que me escapam. Em todo o caso não vejo senão uma solução simplista — uma Tyrannia. É necessario um *sabre* tendo ao lado um *pensamento*. Tu és capaz de ser o homem que *pensa* — mas onde está o homem que *acutila*? Em antigas cavaqueiras fallamos por vezes do Rei. Mas é elle um *homem*? Ou é elle simplesmente um *sceptro*? A situação parece-me medonha. Não creio que haja ministerio capaz de a salvar. Mesmo se tu, por patriotismo, entrasses n'um Ministerio — terias tu *tes coudées franches*?

Se tiveres vagar, escreve-me sobre este caso. Dize tambem se posso contar com algum artigo teu para a *Revista*, sobre esta atroz situação. E em todo o caso não te esqueças do meu pedido sobre os caixotes — que me são tão urgentemente necessarios.

Os meus respeitos á Sr.ª D. Victoria, e largo e affectuoso abraço

do teu do c.

José Maria

III

A Antonio Ennes

1.ª

Ex.mo Sr. Antonio Ennes

Recebo uma carta de V. Ex.ª, datada de 6. Respondo que meu irmão, o Sr. Alberto de Queiroz, tem

individualidade propria, juizo proprio, actos proprios, responsabilidade propria. Escreve na *Revolução*, eu traço alguns artigos nas *Farpas*, elle responde pelos seus escriptos, eu respondo pelas minhas paginas. A *Revolução*, como V. Ex.ª comprehende, não é orgão, nem supplemento, nem commentario das *Farpas*. V. Ex.ª acreditará de certo, pela experiencia, que as *Farpas* dizem sempre, claramente, sem meias palavras, com a maior impassibilidade, os seus juizos e interpretações.

Meu irmão, o Sr. Alberto de Queiroz, tendo a responsabilidade dos seus actos tem a original determinação d'elles, não se inspira das minhas ideas, sympathias ou interesses. As *Farpas* por seu lado teem ainda bastante virilidade, para precisarem ir appoiar-se ás pennas alheias.

Por todas as palavras que digo ou escrevo, respondo inteiramente e por todos os modos; pelas palavras que escrevem os meus amigos, os meus parentes, os meus conhecidos ou os meus visinhos, é claro que respondem elles. E como as *Farpas* (que respondem collectivamente pelo que escrevem) não abdicão em meu irmão o seu direito de fallar, meu irmão, o Sr. Alberto de Queiroz, não abdica n'ellas a responsabilidade do que escreve.

Em quanto a declarar se acho na vida de V. Ex.ª algum facto que lhe deva ser imputado como desairoso — respondo claramente que não. Conheço-o apenas de vista, Ex.mo Sr.: sei apenas de tradicção que V. Ex.ª escreveu um folheto radical, não li a maior parte dos seus folhetins sobre as *Farpas*, por que de Julho a Outubro estive nas provincias do norte, onde não li a *Gazeta;* nunca ouvi deante de mim apreciar a individualidade de V. Ex.ª: de tal sorte, que estou, a respeito de V. Ex.ª, na mais inteira falta de juizos: não tendo portanto, nada,

nem nada sabendo que possa ser para V. Ex.ª desairoso. Communicarei ao Sr. Ramalho Ortigão a carta de V. Ex.ª

Fico inteiramente á ordem de V. Ex.ª

J. M. Eça de Queiroz (1)

2.ª

16, Rue de Berri Paris 1 de Novembro de 1888

Ex.mo Sr. e presado collega

A Casa «Chardron», do Porto, vae editar uma

---

(1) Esta carta de Eça de Queiroz não tem data, mas foi, com absoluta certeza, escripta a 6 de novembro de 1871, como vou demonstrar, referindo os factos que a motivaram.

Em 18 de junho de 1871, publicou-se o primeiro volume da chronica mensal da politica das letras e dos costumes, *As Farpas*. Antonio Ennes, o jornalista brilhante, que mais tarde havia de fundar *O Dia*, em folhetim da *Gazeta do povo*, de 29 de junho do referido anno, recebeu a nova publicação na ponta aguda da sua penna, fazendo-lhe critica acerba e mordaz. Largamente, minuciosamente, o illustre escriptor escalpellizava os processos de criticar de Eça de Queiroz e de Ramalho Ortigão. O numero 2 das *Farpas*, referente a junho, mas lançado a publico em 16 de julho de 1871, respondia, em breves palavras agridoces, ao folhetim da *Gazeta do povo*, o que fez com que no alludido jornal — numeros de 25 e 26 de julho —, em folhetins assignados por Antonio Ennes, a critica ao segundo volume das *Farpas* fôsse mais acerada e mais viva. No terceiro numero das *Farpas*, de julho, sahido a 17 d'agosto, lá vinha a réplica. Antonio Ennes era tratado com pouca doçura, em quatro paginas sarcasticas do pamphleto satyrizante.

Seguiu-se a resposta de Antonio Ennes, na *Gazeta do povo*, em folhetins de 26 e 27 d'agosto. No primeiro, Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz eram apreciados pouco amoravelmente; no segundo, a prosa, a moral e a critica dos folhetos por elles redigidos eram aspera-

grande publicação mensal, uma Revista, a *Revista de Portugal*, de que eu sou o director — ou antes a que eu estou encarregado de organisar a collaboração.

Supponho, pelos elementos que se tem reunido, que a *Revista*, materialmente, e como volume typographico, estará ao par das publicações congeneres de Londres e de Paris: e eu por mim desejo, desde que me liguei a esta tentativa que a *Revista* litterariamente seja honrosa para o nosso paiz e para a nossa litteratura. Para isso, procuro reunir na sua collaboração todos os escriptores que representem com brilho e authoridade alguma das feições diversas do nosso movimento intellectual. O nome de V. Ex.ª deveria achar-se, e muito em evidencia, n'essa lista de collaboradores, e o fim d'estas linhas

---

mente fustigadas, sobresahindo, alem d'isso, a accusação terrivel de que *As Farpas* de 1871 plagiavam impudentemente *Les guêpes*, que Affonso Karr publicára em 1840.

Então é que foram ellas! .. No tomo quarto das *Farpas*, respeitante ao mez d'agosto e publicado em 1 d'outubro de 1871, a penna de Eça de Queiroz—evidentemente foi elle quem sustentou com Antonio Ennes esta polemica azeda e violenta—coriscou, impiedosa, retorquindo á agressão com a agressão, ao doesto com as mais aguçadas e pungentes ironias. Da accusação tremenda de ter plagiado *Les guêpes*, Eça defendia-se frouxamente, como já atraz se viu.

A 12 d'outubro, em folhetim da *Gazeta do povo*, Antonio Ennes voltava á estacada: e foi bordoada de fazer sangue no amplo costado de Ramalho Ortigão e na esgrouviada figura de Eça de Queiroz.

Nova tareia em Antonio Ennes, no quinto numero das *Farpas*, relativo a setembro de 1871 e vindo a publico em 28 d'outubro. Nova tunda de Antonio Ennes nos redactores das *Farpas*, estampada na *Gazeta do povo*, de 1 de novembro. Incidentemente, o irmão de Eça de Queiroz — Alberto de Queiroz —, que na *Revolução de setembro* publicára anteriormente alguns folhetins, em que se referia elogiosamente ás *Farpas*, soffria tambem as zargunchadas de Antonio Ennes, que, como o *leit-motiv* d'uma opera lyrica, repetia, no fim de cada periodo, que *As Farpas* tinham plagiado *Les guêpes*, plagiado *Les guê-*

é perguntar a V. Ex.ª se me quer dar o prazer e a honra de o vêr entre esta Pleiade, que supponho será larga e brilhante.

Da *Revista*, sua organisação, divisas de secções, intuitos, turnos de collaboração, etc. V. Ex.ª terá mais detalhada noticia pelo *Prospecto* que deve ser brevemente publicado: e como justamente o rol dos collaboradores deve ser um dos traços interessantes d'esse *Prospecto*, eu considerava como um favor pessoal toda a brevidade que V. Ex.ª quizesse amavelmente dar á sua resposta.

A remuneração a dar aos collaboradores, não está ainda, creio eu, definitivamente fixada; sei já porem, que, em eguaes proporções ella é trez ou quatro vezes mais larga, que a dos jornaes mais generosos.

---

pes, plagiado *Les guêpes*. Alberto de Queiroz, magoado, escreveu na *Revolução de setembro*, de 4 de novembro de 1871, sem assignatura, um artigo tão violento, contra Antonio Ennes, que obrigou este illustre jornalista, em 6 d'esse mez, a dirigir a Eça de Queiroz uma carta, a que este deu, no mesmo dia 6, a resposta que acima vae na integra reproduzida.

Passados dias, em 10 de novembro, Antonio Ennes enviou á *Revolução de setembro* outra carta — que tambem foi publicada na *Gazeta do povo*, de 14 de novembro — em que, depois de se referir áquella resposta que recebeu de Eça de Queiroz, em 6 d'esse mez, era acre e desabrido, relativamente ao irmão do critico das *Farpas*. A resposta de Alberto de Queiroz, na *Revolução de setembro*, numero de 15 de novembro, foi brevissima e pouco aspera. Egualmente breve, ainda que um tanto dura, foi a referencia do volume sexto das *Farpas*, de outubro de 1871, a Antonio Ennes.

Assim terminou a desagradavel polemica, durante mezes travada entre Antonio Ennes e Eça de Queiroz. Este, annos volvidos, fez plena e completa justiça ao seu illustre adversario, convidando-o para collaborador da *Revista de Portugal* e mostrando pelas suas brilhantes qualidades de jornalista e de escriptor a admiração que as duas outras cartas inéditas, que n'este meu livro torno publicas, manifestamente revelam.

Aproveito, com alegria, esta opportunidade para affirmar a V. Ex.ª a estima com que sou

De V. Ex.ª collega m.to admirador e dedicado

Eça de Queiroz

3.ª

Paris 4 Julho 1889. 35 Rue de Berri

Ex.mo Snr. e meu presado collega

Acabo de saber que V. Ex.ª, com uma bondade e condescendencia, que me penhorou profundamente, se teria promptificado, se o tempo materialmente lh'o permittisse a escrever a chronica politica para o 1.º numero da nossa Revista; — e que mesmo deixára entrever ao Manoel Gayo a esperança de o termos definitivamente como redactor d'essa secção. Esta derradeira noticia deu-me a mais viva satisfação. Seria para a *Revista* uma grande honra, para os leitores d'ella uma positiva vantagem moral e intellectual, e para mim um verdadeiro descanço, que essa secção por vezes delicada estivesse nas mãos d'um homem do seu talento e do seu caracter. Constantemente pensei em V. Ex.ª para essa secção. Mas não ousei pedir-lhe essa collaboração regular, sabendo, pelo Carlos Valbom e por outros, que sobre V. Ex.ª pesava diariamente quasi todo o trabalho do *Dia*. Quantas vezes porem se me foram os olhos nos superiores artigos d'esse feliz jornal! E agora que o Manoel Gayo me communica a boa nova, venho precipitadamente rogar a V. Ex.ª que mantenha os bons desejos que nos manifestou, e que conceda á *Revista* a inestimavel vantagem de o ter como seu redactor effectivo.

Esperando o alto favor da sua resposta, peço que creia meu caro collega nos sentimentos de perfeita estima com que sou

De V. Ex.ª

Confrade m.to obg.do e dedicado

Eça de Queiroz

Seria para mim um prazer que de vez em quando me chegasse aqui o *Dia.*

IV

Ao sr. Conde de Sabugosa

1.ª

16 Rue de Berri. Paris 31 Outubro 1888

Meu caro Conde de Sabugosa

Nunca lhe agradeci o seu affectuoso telegramma de «parabens» que me mandou para Londres, não por ingrato esquecimento, mas por que já começava então esta mudança material e moral de Inglaterra para França que me tem tão tyrannicamente occupado e circundado, sem me deixar um instante em que me possa escapar a cavaqueiar com um amigo. E ainda hoje estas regras não são de vagarosa e livre conversa, mas apressadas, urgentes, seccas quasi de negocio. Felizmente são de negocio de Litteratura e de espirito.

V. sabe, ou não sabe, que me encontro director de uma Revista, uma cousa consideravel chamada *Revista de Portugal* que a casa Chardron vae editar. Pretendo entre outros fins, reunir n'essa *Revista*

alem dos collaboradores especiaes, um grupo de amigos e delicados, d'aquelles com quem é um prazer alem de collaborar, jantar. Quer V. meu caro Conde de Sabugosa ser d'esta panellinha d'alta Litteratura? Os deveres que se lhe impõe são ligeiros — um fino e burilado artigo de vez em quando, alguma graciosa estrophe aqui e alem, muita amizade pela *Revista* e alguma pelo seu Director. Por seu turno a *Revista*, essa, imprime o artigo e a estrophe no melhor typo que a Inglaterra funde, sobre o melhor papel que a Allemanha fabrica: e respeitosamente resvala na mão do author um punhado d'oiro. Voilà!

Está entendido, não é verdade? Mande-me pois a sua authorisação para que o inscreva como collaborador no *Prospecto*, que deve sahir dentro em pouco e por onde V. saberá em detalhe a organisação da Revista, as suas differentes secções, disposição, etc. Na Revista V. encontra todos os nossos amigos desde Bernardo o Pekinez (1), até Martins o Subtil (2). É como a mesa do Tavares ou do Bragança — com a differença do champagne extra-dry, não ser servido em copos mas em phrases!

Um abraço, meu caro Sabugosa do seu muito dedicado

Eça de Queiroz

2.ª

Paris 21 Julho 1889

Meu caro Sabugosa

Parabens pelo seu elegante, erudito, e interessante

---

(1) Bernardo de Pindella, depois conde de Arnoso, então em Pekin.
(2) Oliveira Martins.

artigo (1). Foi aqui *très-goûté*. O bocado de dialogo, ao entrar a Côrte, é excellente: — e lembro-me que Você me pode dar, depois das *Touradas*, alguns delicados e interessantes estudos das Côrtes dos Nossos Reis, tratados assim, por processos meio d'historia, e meio de romance. A novella historica é um genero abominavel: mas a monographia historica, tratada como a sua *touradas de Xabregas* — avivada aqui e alem por um trecho de dialogo, um traço de paisagem, um detalhe de trages ou de velhos costumes no feitio de romance, é um genero encantador. Eu gostava muito que a *Revista* desse algumas d'essas monographias — e V. podia fazer n'esse genero cousas delicadas e serias. A historia intima do passado, sobretudo de Côrte, ganha muito em ser contada por uma *plume de gentilhomme*.

Os pagamentos dos artigos são feitos pelo correspondente da Livraria Chardron, em Lisboa, que é o Ferin. Mas o Manoel Gayo o avisará d'esse detalhe importante.

É necessario procurar fazer uma boa *Revista*. Não se esqueçam Vocês ahi que não estão escrevendo para jornaes de Lisboa, que vivem um instante e morrem no Chiado. A Revista é mandada aos principaes jornaes e Revistas da Europa — e cá por fóra sabe-se mais portuguez do que nós imaginamos. Portanto — é largar do melhor!

Ainda ha dias eu soube que o *Primo Bazilio* foi traduzido em inglez. E ao que parece com sucesso por que dous grandes jornaes litterarios de Londres dedicam-lhe artigos importantes e favoraveis. Ora a Revista é mandada a toda esta gente. Já veem,

---

(1) «Toiradas em Portugal», publicado na *Revista de Portugal*, numeros 1 e 2.

Vocês, que é necessario trabalhar bem. E olhe que o estrangeiro é *très-friand* de monographias historicas.

Ponha os meus respeitos aos pés da Sr.ª Condessa, e beije os seus lindos filhos.

Abraço affectuoso

do seu

Eça de Queiroz

V

Ao sr. Eugenio de Castro

1.ª

«Paris 21 Fevereiro 1896

Ex.mo Sr.

Deve V. Ex.ª estar admirado, se n'isso demorou o seu pensamento, de eu não ter respondido á tão amavel carta em que V. Ex.ª me propoz a publicação d'um conto meu, a *Rapariga Loura* (1), na Bibliotheca Internacional. Como porem V. Ex.ª n'essa mesma carta, me annunciava a remessa, (como specimen) do 1.º volume d'essa collecção, eu deprehendi que, na idea mesmo de V. Ex.ª, eu só poderia e deveria tomar uma decisão depois de verificar a natureza e importancia da *Bibliotheca*. Ora esse exemplar annunciado por V. Ex.ª nunca appareceu. E foi assim que, esperando por esse lado, e levado depois pelos affazeres d'uma vida occupada, eu deixei es-

---

(1) Aliás, *Singularidades de uma rapariga loura*, conto que foi publicado pelo *Diario de noticias*, no *Brinde* por este jornal offerecido aos seus assignantes, em 1873.

corregar todas estas semanas em silencio. Não quero porem que V. Ex.ª pense, por mais tempo, que houve, da minha parte, desattenção ou indifferença: e se V. Ex.ª ainda conserva algum interesse por esse projecto, eu só espero, para considerar os desejos de V. Ex.ª, que o Editor me envie um exemplar da Bibliotheca. Devo porem dizer, desde já, que não tornei a ler, nem sequer a avistar essa *Rapariga Loura,* desde que ella appareceu, ha mais de vinte annos, no *Diario de Noticias,* e estou receando que esse trabalho, assim desenterrado, necessite muita limpeza e muito concerto. Creia V. Ex.ª na estima e consideração com que sou

De V. Ex.ª
m.to att.o e resp.or

Eça de Queiroz

2.ª

Paris 9 Janeiro 1897

Meu Ex.mo amigo

Recebi a sua carta: tambem lhe desejo, sinceramente, um anno venturoso e fecundo.

E' infelizmente certo que morreu o Moniz Barreto: não é exacto, porem, como disseram os jornaes, que elle fosse o correspondente do *Jornal do Commercio.* Nunca, na realidade, o foi. Era um collaborador politico, com ordenado fixo: — mas essa mesma collaboração *cessara já desde Maio* ou Junho do anno passado. O *Jornal do Commercio* reunio esses serviços de collaboração e correspondencia, e, para os obter mais regulares e dedicados, mandou expressamente do Brazil um dos seus redactores, que se estabeleceu permanentemente em Paris, e que é o sr. Roberto de Mesquita. E' pois um logar que já está completamente preenchido — e ha quasi um anno!

Tambem não é exacto que o Eduardo Prado seja o Director do *Jornal do Commercio!* Nunca o foi. Em tempos, quando o velho Villeneuve vendeu o *Jornal*, o Prado, durante um curto periodo, representou em Paris a Empreza nova que se formára. Mas já lá vão annos! E hoje o Prado não tem a menor ingerencia, nem creio que a menor influencia no *Jornal*. O meu amigo decerto confundio com outro periodico, de que o Prado é realmente director e proprietario, o *Commercio de S. Paulo*. Mas essa é uma pequena folha local, de propaganda monarchica, que creio eu, sahe apenas duas vezes por semana, e que não tem, nem nunca sonhou ter um correspondente na Europa.

Já vê pois o meu amigo que, sobre todos os pontos relacionados com o seu desejo, estava muito imperfeitamente informado.

Recebi a este respeito cartas do Bernardo e de Santo Amaro. Não eram necessarias para que eu me interessasse vivamente pelo seu pedido: e só espero que me dê sempre a occasião e o prazer de lhe ser util. Sou, com toda a consideração

De V. Ex.ª
m.to att.o e dedicado

Eça de Queiroz

VI

Ao sr. Manoel Gayo

1.ª

Paris 26 Julho 1889

Meu caro amigo

Ainda bem que se poude arranjar sem as *Minas* que eu desejo para o numero que segue. Diga-me

como vamos d'artigos para esse: — eu, se Deus quizer, dou artigo, e as *Minas*.

Se ainda é tempo mande imprimir, na capa da *Revista*, no interior, a lista que envio de collaboradores brazileiros.

Seu muito amigo

Eça de Queiroz (1)

2.ª

Paris 16 Septembro 1889

Meu caro amigo

Remetto essas poesias das quaes escolherá duas (a não querer publicar as tres) para o numero de Outubro. São d'um poeta brazileiro. A que se intitula *Psalmo* parece-me um pouco extravagante. — e é talvez a supprimir. As outras duas são muito acceitaveis. Devem ir sob o titulo geral — *Poetas brazileiros*, — como (mas esqueci de lh'o dizer) a poesia do Nunes d'Arce devia ir sob a designação — *Poetas Hespanhoes*.

Por este correio mando ao Genelioux (2) um artigo, que penso fará sensação no Brazil, sobre a Crise da Politica Brazileira. E' d'um rapaz d'alta posição, muito intelligente, e muito conhecido no Brazil. Não sei que porção d'original dará. Genelioux o informará.

---

(1) Estas dezaseis cartas inéditas, do auctor da *Correspondencia de Fradique Mendes*, foram todas dirigidas ao meu velho amigo dr. Manoel da Silva Gayo, poeta e escriptor illustre, quando este, em virtude de convite feito por Eça de Queiroz, exerceu as funcções de secretario da *Revista de Portugal*. As *Minas*, a que se referem algumas cartas, é o romance *As minas de Salomão*, que Eça de Queiroz traduziu.

(2) Um dos editores que succederam a Ernesto Chardron.

Ainda não recebi o numero de Septembro.

Desejo saber o que temos para Outubro. Devem ir *Minas:* eu já mandei *Fradique:* este artigo de *Politica Brazileira* deve ir tambem, e, se possivel, no logar d'honra. Não sei se ainda temos para Outubro — Filhos de D. João II.

Creia-me,

Sempre muito dedicado

Eça de Queiroz

3.ª

Paris 23 Septembro 1889

Meu caro amigo

Mande hoje a conta de pagamentos para o numero de Septembro. Ao remette-l'a ao Genelioux peço-lhe que lhe diga que eu desejo que a minha conta como redactor, seja á parte, dos contractos que tenho com elle como director da *Revista.* Isto é desejo ser pago como outro qualquer redactor, no fim do mez, quando se paga aos outros. Isto simplifica tudo mais, e põe ordem nas nossas contas. Portanto, elle, ou o amigo devem remetter-me uns tantos mil reis.

A' pressa, com a maior estima,

Seu m.to dedicado

Eça de Queiroz

4.ª

Paris 6 Outubro 1889

Caro amigo

Mando hoje para o Porto um artigo — *Notas do Mez.* Veja com Genelioux com que o publique n'este numero *malgré tout.* Escreva-lhe logo. Se com effeito

o artigo tiver d'apparecer, annuncie, com *tapage* esta nova secção que se assemelha ás *Farpas*. Não diga nem particularmente que eu sou o author. Assigno «João Gomes» — aquelle velho soldado, que dizia, no conselho sobre a jornada de Ceuta — *Russos alem!*

A chronica politica, e estrangeira, são supprimidas — por esta nova secção.

A' pressa,

Seu m.to amigo

Eça de Queiroz

5.a

Paris 16 Outubro 1889

Meu caro amigo

Ia escrever-lhe sobre a *Revista*, em virtude d'uma carta que me dirigio o Genelioux — quando me chega o fasciculo de Outubro. Vem atroz; e assim parece-me que estamos destruindo a sangue frio a publicação. A suppressão das *Cartas de Fradique* é um erro e uma inconveniencia. Não foi erro menor não fazer entrar as *Notas do Mez*. A falta d'um *boletim bibliographico* é tambem sensivel, etc., etc.

Não quero insistir porem. O que tenho por hoje a pedir-lhe é que diga logo nas *Novidades*, e faça reproduzir no *Tempo* — o seguinte:

«Que se pode julgar pelas iniciaes E. Q. que firmam a traducção das *Minas* que sou eu o traductor. Que isto porem não é exacto. Que eu apenas revejo o trabalho, e que a traducção, excellente de resto, é obra de outra pessoa.»

A idea do Genelioux de, sem authoridade minha, me fazer assignar a traducção — é phantastica. Espero escrever-lhe mais d'espaço.

Seu m.to amigo

Eça de Queiroz

6.ª

Paris 16 Outubro 1889

Meu amigo

Em additamento á carta que lhe escrevi esta manhã, sobre o caso das minhas iniciaes assignando as *Minas* — reflecti, e parece-me que o desmentido, tal como lh'o indiquei, vae confuso, e pode dar logar a uma interpretação errada.

Aqui está como deve ser redigido:

Minas de Salomão

Foi por um equivoco que a traducção d'este admiravel romance de Rider Haggard, que tem causado sensação na *Revista de Portugal* — veio assignada com as iniciaes — E. Q. — que pareceriam ser as do Sr. Eça de Queiroz. O director da *Revista* apenas revio a traducção. Não é o author d'ella. O equivoco proveio de terem na typographia da *Revista* reconhecido nas leves correcções litterarias, a lettra do Sr. Eça de Queiroz, e de ter sido o original remettido por elle. A traducção, aliás excellente, é feita em Inglaterra.

Deve ser isto pouco mais ou menos.

Seu m.to amigo

Eça de Queiroz

7.ª

Paris 22 Outubro 1889

Meu caro amigo

Recebo a sua carta. O Genelioux com effeito parece que intervem na organisação dos numeros — mais dictatorialmente do que lhe é permittido pela

nossa convenção. Elle naturalmente desculpa-se com o facto de que os artigos chegam á ultima hora — e de que tem de attender ás conveniencias de impressão, etc. No emtanto tal desculpa não logra para o caso da suppressão das *Cartas de Fradique,* e da mutilação dos *Filhos.*

Os artigos de que me manda noticia são todos interessantes — com excepção do que versa sobre a «lingoa Concani», que me parece muito especial. Eu já mandei para este proximo numero *Cartas,* e *Minas;* alem d'isso devo remetter um curto artigo sobre a morte do Rei; e o Genelioux já lá tem as *Notas do Mez* passado que, com excepção de duas ou tres, conservão actualidade, e podem ser reportadas a este mez.

Em folha solta lhe envio (para remetter ao Genelioux, querendo) o summario que penso será o melhor — e a que o Genelioux deve obedecer.

O artigo do Cyrillo era muito crú *et la mère n'en permettrait pas la lecture à sa fille.* O do Lino era excessivamente secco, d'uma especialidade muito particular e (aqui para nós) entremeado de certas observações, cujo tom ligeiro não convem a um estudo critico de *Revista.*

Tem razão no que diz. A *Revista* está sendo estragada pelo Genelioux. Talvez não fosse mau (quando passe esta preoccupação da morte do Rei) dar um pequeno *suelto* no *Tempo,* ou n'outro jornal, em que, com mansas palavras, se alluda á *Revista* não manter *aquella excellente organisação litteraria* que promettera no Programma, e que ao principio tivera... Isto se o Genelioux persistir nos seus maleficios.

Creia-me m.to amigo dedicado

Eça de Queiroz

8.ª

Paris 10 Novembro 1889

Meu caro amigo

É preciso pensar na organisação do numero que vem. Para impedir que no Porto comecem por imprimir algum artigo que lá tenhão e deem por tanto ao numero um feitio e ordem que não convenha, torna-se necessario estabelecer a regra de que todos os artigos devem ser mandados para o Porto, tanto quanto possivel simultaneamente, e com a designação da ordem por que devem ser collocados. Se tivessemos feito isto de começo, melhor nos teria sido. Era impossivel até aqui por causa da falta d'original. Agora que elle, se não abunda, é pelo menos mais frequente devemos procurar manter esta regra. Para lhe dar desde já um começo d'applicação, peço-lhe que me diga *por telegrapho* que artigos tem ahi, e que numero de paginas pode dar cada um. Deve mencionar só os artigos que *tenha na mão,* não os que tenha só promettidos. E em quanto ao numero de paginas é facil para o calculo pelo numero de palavras d'uma pagina cheia da *Revista,* e pelo numero de palavras d'uma tira do artigo que se quer calcular: tendo-se o numero de palavras em ambos, vê-se logo quantas tiras do artigo podem fazer uma pagina da *Revista.* É um calculo que chega muito proximamente á exactidão. No caso em que deva entrar o Conto do Luiz de Magalhães, é necessario saber que espaço elle toma — e para isso informe-se com o Luiz — para eu saber que original posso dar. Peço-lhe n'isto brevidade.

Creia-me sempre

Seu m.to dedicado

Eça de Queiroz

9.ª

Paris 19 Novembro 1889

Meu caro amigo

Tenho debalde esperado o telegramma que lhe pedia na minha ultima carta endereçada ás *Novidades*. Concluo que a não recebeu. Escrevo-lhe agora para sua casa — esperando todavia, que o meu amigo e os que lhe são caros, se achem já em boa e sã disposição.

O ultimo numero da *Revista* traz a parte das *Minas* estragada por um corte brusco, estupido, phantastico no meio d'um dialogo! Prova este novo caso que a *Revista* não pode ter um unico numero decente — em quanto a sua organisação estiver nas mãos do Genelioux. (Era este o assumpto d'essa carta que o amigo não recebeu). Urge pois, e já se deveria ter feito ha muito, impedir o Genelioux de ter a minima intervenção na confecção do numero. Para isto é necessario mandar-lhe o numero *todo feito*, e *todo calculado* nas suas proporções de modo que elle não tenha mais que passal-o para as mãos dos impressores. Isto não é difficil. Basta apenas ter sempre na mão alguns artigos; e saber o numero exacto de paginas que cada um dará no fasciculo. É aqui, n'este ponto, que se devem exercer as funcções do meu amigo: e com franqueza lhe digo que n'este ponto não se tem feito tudo o que se deveria fazer. Permitta-me pois, que, uma vez mais e com toda a clareza que posso, lhe marque um plano geral, uma regra geral, para chegarmos a poder organisar, *ahi em Lisboa*, numeros toleraveis, evitando a intervenção do Porto.

Em *primeiro* logar, nenhum artigo deve ser mandado directamente ao Genelioux, nem mesmo os

artigos escriptos no Porto. E devem d'esta regra ser avisados todos os collaboradores. Todo o artigo deve vir ás suas mãos, e d'ellas, só d'ellas, ir para as do Genelioux.

Em *segundo* logar o meu amigo de todo o artigo que receba, me deve mandar logo nota, dizendo o assumpto, e a quantidade de paginas que elle dará na *Revista.* Para fazer este calculo já lhe mandei (na carta que, segundo vejo, não lhe chegou ás mãos) uma regra. Repito-a agora. Basta contar o numero de palavras que tem uma pagina da *Revista* (já contei mas não me lembra o numero exacto) e depois contar o numero de palavras d'uma das tiras do artigo que se quer calcular, e pela multiplicação do numero de tiras saber o numero total de palavras que tem o artigo: em seguida dividir este total pelo numero de palavras d'uma pagina da *Revista:* e desde logo se obtem o numero exacto de paginas que dará o artigo. Por exemplo: A pagina da Revista tem 300 palavras. Vem um artigo de 20 tiras. Conta-se uma d'essas tiras, por palavra, e dá 90 palavras. 20 tiras a 90 palavras cada uma dá um total de 1.800 palavras. Tem pois o artigo 1.800 palavras. Dividindo 1.800 por 300 (numero de palavras d'uma pagina da *Revista*) dá 6 — Portanto o artigo em questão dá *seis* paginas. Este calculo, sae sempre quasi exacto.

Em *terceiro* logar, tendo-me o amigo informado dos artigos que lá tem, e do seu numero de paginas, eu, calculando aqui os artigos que por meu lado tenho e o numero de paginas de cada um — posso, por carta, ou por telegrapho, dizer-lhe que artigos deve mandar para o Porto. O amigo manda d'ahi os seus artigos, eu mando d'aqui os meus: e ambas essas remessas encontrando-se no Porto, com razoavel antecedencia, formam o numero completo,

(completo como artigos e como paginas) que o Genelioux tem simplesmente a mandar imprimir.

Cumpridas com exactidão estas regras, podemos chegar a fazer alguma cousa decente: não se cumprindo, abandonando tudo ao acaso e á mercê do Genelioux, a *Revista* está estragada e perdida.

Demos portanto já execução a esta regra. Mande-me dizer por *telegrapho* que artigos tem na *mão* e que numero de paginas dá cada um. Eu verei d'aqui, querendo Deus, que porção de *Minas* e de *Fradique* deve entrar, e organisaremos já este proximo numero, pelo plano adoptado. Conto com o seu zelo, no cumprimento d'estas regras — d'onde depende a Revista.

Creia-me sempre

Seu m.to am.o

Eça de Queiroz

10.a

Paris 3 Dezembro 1889

Meu caro amigo

Espero que esta carta o encontre emfim completamente restabelecido. Ser-me-ha uma satisfação sabel-o.

Infelizmente, como diz, as nossas cartas cruzam-se, e já para este numero, o meu amigo, mandando para o Porto *todo* o original que tinha, em logar de mandar *só o necessario,* combinado comigo — vae dar logar a que o Genelioux faça confusão. Já mesmo me parece que a fez: — por que hoje ainda não recebi as provas das *Cartas de Fradique,* e estou com receio que elle as supprima para por o romance do Fialho ou Deus sabe o que. Ora esta interrupção de

estudos e trabalhos em via de publicação desnorteam e desgostam o leitor.

O Genelioux escreveu-me muito desanimado com o resultado da *Revista*, e fallando mesmo na possivel necessidade de a suspender. Algumas das queixas d'elle, não se pode negar que são fundadas. Eu vou discutir este caso com elle — por que é minha opinião e desejo que a *Revista* se mantenha por algum tempo mais. Mas n'esse caso teremos de tomar outro caminho differente d'aquelle em que temos *pataugé*.

Diga-me o que tem ahi para Janeiro. Ramalho escreve-me dizendo que vae dar um artigo. O Anselmo d'Andrade tambem prometteu um trabalho sobre a *Exposição* mas receio que falte. José de Sousa Monteiro devia entregar-lhe versos e um artigo. Dê-me conta de tudo, e pelo amor de Deus não mande nada para o Porto sem termos combinado.

Creia-me sempre

Seu m.to dedicado

Eça de Queiroz

11.a

Paris 8 Janeiro 1890

Meu caro amigo

Tenho estado ha tres semanas doente, e sem me poder occupar de negocios. Remetto a folha de pagamento do numero passado. Para o numero de Janeiro mandei *Cartas Fradique* que dão umas 10 a 12 paginas: *Minas* que devem dar umas 18 a 20 e tenciono mandar umas 6 *folhas*, digo paginas de *Notas*, se Deus quizer.

O artigo do Magalhães Lima parece-me muito

grande. Se for necessario que o cortem ao meio. Avise d'isso o Chardron. O corte deve ser indicado pelo proprio author. Creia-me, seu

M.to dedicado

Eça de Queiroz

Telegraphou-se ao Genelioux perguntando se uma *chronica sobre o Brazil* ainda ia a tempo. Não tivemos resposta. Essa chronica dava 6 a 8 paginas.

E. Queiroz

Recommende a Genelioux que não publique mais a lista dos Correspondentes Brazileiros.

12.a

Paris 8 Janeiro 1890

Meu caro amigo

Recebi a sua carta, explicando o seu telegramma — que tanto me surprehendêra.

Vejo que tem o proposito de se separar mais tarde ou mais cedo da *Revista* — e que devo considerar esse facto como consumado. Mas permitta-me que faça uma reflexão. Se os seus motivos são os que indica na ultima parte da sua carta — a difficuldade de conciliar as occupações da *Revista* com as occupações do seu novo cargo — então comprehendo a sua resolução e só tenho a agradecer a sua franqueza.

Mas se os seus motivos são a *vaga* desconfiança de que eu exprimi a *vagos* amigos um *vago* descon-

tentamento dos seus serviços — consinta então que eu lhe diga que á sua decisão falta uma base séria. Estamos então em presença, não de factos, mas de *can-cans;* e *can-cans* nunca devem ser os motores das nossas acções.

Creio, que por vezes disse, aqui, a amigos, que nem eu tenho geito para Director, nem o amigo para Secretario, nem o Genelioux para Editor da *Revista:* — por que a todos tres faltava aquelle espirito de iniciativa, de invenção, de tenacidade, que em geral falta a Portuguezes (o Genelioux está totalmente *aportuguezado)* e sem o qual nenhuma empreza consegue implantar-se n'um meio que lhe seja adverso. Isto, decerto, o disse, por que o pensava. Mas exprimir *directamente* e *exclusivamente* a seu respeito, falta de confiança ou descontentamento dos seus serviços — nunca o fiz.

Agradeço de resto os termos tão cordiaes e amigos, com que me communica a sua decisão. E como a não supponho dictada por um sentimento d'opposição a mim ou á *Revista,* acceito o offerecimento que me faz, de a continuar a dirigir — com a condição de que esses serviços sejam, como até aqui, remunerados. Não me negará de certo acceitar esta condição. Eu tenciono, querendo Deus, ir a Portugal, dentro d'algumas semanas — e então poderemos mais descançadamente regularisar as nossas relações. As relações *d'affaires* — quero dizer — porque as particulares essas não podem senão ficar mais estreitas e affectuosas.

N'estas condições permitto-me pois pedir-lhe que tanto quanto possivel procure activar a publicação de Fevereiro. Eu vou escrever ao Genelioux — e por a limpo esta questão de *falta de typo,* que parece ser o grande contratempo para a nossa *Revista,* e que a sel-o, faz cahir sobre o Genelioux que me en-

ganou, toda a responsabilidade dos atrazos que tanto nos prejudicam.

Creia-me, sempre, e atravez de tudo,

Seu muito dedicado

Eça de Queiroz (1)

Recebo o *Tempo*, com o artigo sobre a *Revista*:— e pergunto a mim mesmo, se não foi esse artigo que deu causa á sua decisão! Elle está com effeito mal redigido:—e procurando salvar a responsabilidade dos Editores e do Director, não resalva com sufficiente clareza, como devia, a responsabilidade do Secretario. A culpa foi minha. Foi um estupido *lapso*. Acceite por elle as minhas desculpas.

E. de Queiroz

13.ª

Paris 17 Janeiro 1890

Meu caro amigo

Peço-lhe que pela volta do correio me diga o que ha para o numero de Fevereiro. O Anthero devia ter mandado a primeira parte do artigo. Ha tambem o Conto (não sei se é conto, se começo de romance, peço m'esclareça) do Fialho. De resto tenho *Fradique, Minas* e *Notas*. D'esta vez não vão *notas do*

---

(1) Esta carta é resposta ao telegramma e á carta em que o sr. dr. Manoel Gayo, melindrado por suppôr que Eça de Queiroz o julgava menos diligente no exercicio do seu cargo de secretario da *Revista de Portugal*, e convencido de que ao grande escriptor fôra insinuado que elle não teria, na verdade, tanta solicitude pela *Revista* como era para desejar—pedia para ser dispensado de exercer as suas difficeis funcções, em que tinha sido sempre exemplarmente cuidadoso.

mez. Eram todas sobre o Conflicto Anglo-portuguez; e o remate inesperado que elle teve tornava inconveniente a publicação d'essas notas. Não havia de resto tempo de compor outras. A *actualidade* n'este numero de Janeiro vae representada por uma *Chronica sobre o Brazil*.

Creia-me sempre seu

m.to dedicado

Eça de Queiroz

P. S. Tudo o que tiver peço vá mandando para o Porto, para ir compondo a vêr se apressamos a sahida do numero de Fevereiro.

14.a

Paris 21 Janeiro 1890

Meu caro amigo

Estou esperando pela sua resposta sobre a composição e organisação do numero de Fevereiro.

Se por acaso ahi houver alguma manifestação de qualquer ordem a que se associem *todos os jornaes* não deixe de representar a *Revista de Portugal*. (1)

Creia-me sempre

Seu m.to dedicado

Eça de Queiroz

15.a

Paris 25 Janeiro 1890

Meu caro amigo

Recebi a sua carta. As informações que eu pedia não eram sobre o numero 7 que deve ter sahido, ou

(1) Eça de Queiroz referia-se a qualquer manifestação da imprensa contra a Inglaterra, por virtude do *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890.

está para sahir — mas sobre o n.º 8, o qual é necessario começar a imprimir, e sobre o qual não tenho o menor esclarecimento. O atrazo d'este numero é medonho. Se eu soubesse que seria tão grande teria escripto algumas curtas notas sobre o *Conflicto anglo-portuguez*. É pena, grande pena, que a *Revista* saia em plena preoccupação d'esse caso, — sem a elle sequer alludir. Penso mesmo que seria talvez conveniente publicar no fim do fasciculo se ainda fôr a tempo uma nota concebida pouco mais ou menos n'estes termos:

«O presente numero da *Revista* que inesperadas «circumstancias forçaram a publicar com maior «atrazo, achando-se preparado e composto na sua «quasi totalidade desde o começo do mez de Janeiro «não poderia referir-se aos graves acontecimentos «que hoje preoccupam o espirito publico, senão em «paginas supplementares e em resumos apressados. «A critica reflectida d'esses acontecimentos fica pois «reservada para o numero de Fevereiro, onde ella, «de resto, por ordem chronologica tem o seu ade- «quado logar.»

Se esta nota já não fôr a tempo para apparecer na *Revista,* ao fim da Revista, ou no interior da capa (frontespicio) devia ser, (com outra redacção) publicada nos jornaes.

Creia-me sempre

M.to seu dedicado

Eça de Queiroz

16.ª

Porto 15 Abril 1890

Meu caro amigo

Uma infinidade d'affazeres tem-me impedido de lhe escrever, desde que aqui cheguei. E agora faço-o

para lhe annunciar as transformações que se deram na organisação geral da *Revista*.

Encontrei aqui este negocio em plena difficuldade. O prejuizo que elle estava dando não podia ser, segundo os bons principios de commercio, sustentado por mais tempo pela casa Genelioux. E por outro lado o dinheiro já compromettido, e a quasi certeza de que o negocio n'um proximo futuro, se tornaria bom, não permittiam abandonal-o. N'este embaraço havia apenas uma media solução — que era reformar-se o contracto que havia entre mim e o Genelioux e proceder-se a uma serie de prudentes economias, que esse velho contracto, se se mantivesse de pé, não permittia. Assim se fez. Eu hoje nada tenho a intervir na administração ou organisação da Revista. Sou meramente um director que vigia a collaboração, e que collabora tambem. Genelioux e Lugan tornam-se tudo — editores, administradores, organisadores, e *secretarios* da Revista. Sob este novo plano, elles entenderam que o dever d'economia lhes impunha a necessidade de supprimir o *secretariado*. Creio que já lh'o communicaram. Mas á communicação d'elles eu desejava accrescentar esta explicação. Eu lamento-o por que me seria grato que a *Revista* proseguisse, intacta, com a organisação e o pessoal com que fôra fundada. Mas parece que isso era impossivel. E essa impossibilidade foi-me provada tão evidentemente que eu proprio tive de consentir na reforma do contracto e em consideraveis sacrificios d'interesses.

Ora assim como eu fico fiel á *Revista*, espero que o meu amigo continue a considerar-se n'ella em sua casa, e a appoial-a com a sua collaboração.

Em Lisboa, se Deus quizer, fallaremos mais detalhadamente.

O seu boletim não teve logar no numero passado — vae n'este.

Creia-me sempre

Seu muito dedicado

Eça de Queiroz

ANTONIO CABRAL
Auctor d'este livro modesto.

INDICE

Pag.

Prefacio..... 7

PRIMEIRA PARTE

A vida

Capitulo I — Onde nasceu Eça de Queiroz?.. 15
» II — Eça de Queiroz em Coimbra.... 33
» III — Pela vida alem..... 93
» IV — Os vencidos da vida..... 151
» V — O vencedor da morte..... 177

SEGUNDA PARTE

A obra

Capitulo I — Mãos á obra..... 193
» II — O mysterio da estrada de Cintra. 243
» III — A cidade e as serras..... 277
» IV — Os plagios d'Eça de Queiroz.... 301
» V — Eça de Queiroz e Camillo..... 333

TERCEIRA PARTE

Cartas inéditas

Pag.

Ao sr. Visconde de Pindella e ao conde de Arnoso 362
A Oliveira Martins 369
A Antonio Ennes 399
Ao sr. Conde de Sabugosa 405
Ao sr. Eugenio de Castro 408
Ao sr. Manoel Gayo 410

ERRATAS

Confiando da intelligencia do leitor a emenda d'algumas, notam-se apenas as seguintes:

A pag. 45, linha 20.ª, onde se lê «pertencerem», leia-se «pertenceram».

A pag. 120, linha 20.ª, onde se lê «permaneceu», leia-se «permanecem».

A pag. 290, linha 5.ª, onde se lê «ferassissimo», leia-se «feracissimo».

Obras do mesmo auctor, anteriormente publicadas:

O' Fabia que fôste Fabia!.... peça em 3 actos, representada pelo curso do 5.º anno juridico de 1885 a 1886—1 volume.

Relatorio e propostas de lei sôbre as nossas colonias (1909)—1 volume.

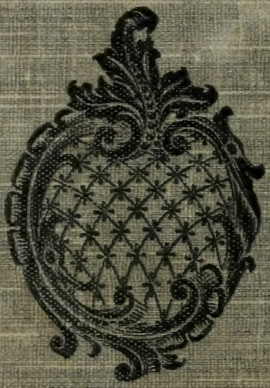
Camillo de perfil (1914)—1 volume.

PQ
9261
E3Z634
1916

Cabral, Antonio
Eça de Queiroz

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



"A Editora," ERC.